

• U



C •

FLUC FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

*Pela mão de Isabel – Passos para um turismo ibérico*

**Ficha Técnica:**

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>Mosteiro de Santa Clara-a-Velha – Pela mão de Isabel – Passos para um turismo ibérico</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Camila Lisita Rezende</b>
<b>Orientador/a</b>	<b>Doutora Maria de Lurdes Craveiro</b>
<b>Coorientador/a</b>	<b>Dra. Zulmira Gonçalves</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em História de Arte, Património e Turismo Cultural</b>
<b>Área científica</b>	<b>História</b>
<b>Data</b>	<b>2015</b>

## **Agradecimentos**

À minha ilustre orientadora Prof. Doutora Maria de Lurdes Craveiro e, ainda, à Doutora Zulmira Gonçalves, reconhecendo a imensa sabedoria e sensibilidade das mesmas e a oportunidade de ter recebido os ensinamentos e experiências que compartilharam.

## **Sinopse**

O escopo do projeto em tela é averiguar e apresentar os caminhos percorridos pela Rainha Santa Isabel durante a sua trajetória de vida, uma vez que se pode entender que a mesma conduziu inúmeras vezes o destino do país, com suas ações arrojadas, construindo igrejas, mosteiros, hospitais, praticando obras filantrópicas, especialmente em relação aos mais necessitados, e, ao mesmo tempo, apaziguando conflitos internos e externos. Uma diplomata que não poupou esforços para centralizar nas mãos de D. Dinis, bem como nas suas, a condução e a gestão sociopolítica e econômica de seu reino. As suas vastas rendas e propriedades garantiram o futuro de muitas das entidades após a sua morte. As atividades desenvolvidas por D. Isabel de Aragão potencializaram o desenvolvimento e crescimento de múltiplas províncias, aldeias essas que, presentemente, guardam as suas histórias orais, bem como os seus beneméritos nos monumentos e obras construídas. Uma mulher cujos caminhos merecem ser cursados uma vez, e outras vezes mais, lembrando os seus feitos.

As lendas ultrapassam fronteiras. As orações também.

**Palavras- chave:** Isabel – Rainha – Santa – Portugal – Itinerários – Turismo

## **Abstract**

The scope of the presented project is to ascertain and present the paths taken by Queen Saint Isabel during her life trajectory, as it can be understood that it conducted several times the destiny of the country, with her bold actions, building churches, monasteries, hospitals, practicing philanthropic works, especially with regard to the poorest and needy, and at the same time appeasing internal and external conflicts. A diplomat who spared no effort to centralize in the hands of D. Dinis, and in her own hands as well, the leading and the socio-political and economic management of their kingdom. Her vast income and property guaranteed the future of many entities after her death. The activities developed by Isabel de Aragão potentiated the development and growth of multiple provinces, those villages who currently keep her oral histories, as well as her benefactors on the monuments and works built. A woman whose paths deserve to be routed once, and once more, recalling her achievements.

The legends go beyond borders. The prayers too.

**Key words:** Isabel - Queen - Saint - Portugal - Itineraries - Tourism

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>PARTE I .....</b>	<b>4</b>
<b>1 O MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA: CARACTERIZAÇÃO .....</b>	<b>4</b>
1.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	4
1.2 ERA MEDIEVAL: A PROPAGAÇÃO DA ORDEM DOS FRADES MENORES .....	8
1.3 LOCALIZAÇÃO DO MOSTEIRO.....	11
1.4 ASPECTOS DA ARQUITETURA MEDIEVAL DO MOSTEIRO .....	14
1.5 ESPAÇOS.....	17
1.6 A VIDA NO MOSTEIRO .....	19
<b>PARTE II.....</b>	<b>22</b>
<b>2. RAINHA SANTA.....</b>	<b>22</b>
2.1 VIDA E LEGADOS .....	22
2.2 AS ASSÍDUAS DISPUTAS ENTRE D. DINIS E SEUS FILHOS BASTARDOS E LEGÍTIMO ...	27
2.3 A RAINHA SANTA: O EXÍLIO IMPOSTO POR SEU MARIDO, D. DINIS.....	28
2.4 O PÓS-MORTE DE D. DINIS .....	28
2.5 UMA VIDA MISSIONÁRIA .....	29
2.6 OS MILAGRES E A RELIGIOSIDADE .....	30
<b>PARTE III .....</b>	<b>34</b>
<b>3. O MOSTEIRO NA ACTUALIDADE .....</b>	<b>34</b>
3.1 CONJUNTURA SOCIOPOLÍTICA E FINANCEIRA .....	34
3.2 AMPLIAÇÃO DE VISITAS: MEDIDAS POSSÍVEIS .....	39
<b>PARTE IV.....</b>	<b>41</b>
<b>4. ESTÁGIO DESENVOLVIDO .....</b>	<b>41</b>
4.1. ATIVIDADES JUNTO AO MOSTEIRO .....	41
4.2 RESUMO DO PROJETO .....	42
4.3 JUSTIFICATIVA .....	43
4.4 O TURISMO EM PORTUGAL .....	43
4.5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-BIBLIOGRÁFICA .....	48
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>214</b>

## INTRODUÇÃO

O Relatório em tela foi elaborado no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra. O estágio, como meta conclusiva do curso, decorreu no período de 17 de novembro de 2014 a 17 de maio de 2015, no recinto do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, com uma parceria entre as duas instituições.

O Mosteiro, centrado à Rua das Parreiras, na Freguesia de Santa Clara, cidade de Coimbra, entre a Quinta das Lágrimas e o Portugal dos Pequeninos, é um importante núcleo cultural de referência no país, mormente a região Centro. Valorizado com diversas premiações, chegou a receber condecoração como melhor museu do país.

A escolha do local para a realização do estágio decorreu das expectativas da mestranda em conhecer de perto a realidade desse sítio mítico, um património cultural de alta significação, que reproduz um dos grandes momentos da história lusa, nos aspectos sociopolítico e religioso, além de representar um modelo da arquitetura gótica.

*A priori*, teve-se como desígnio contextualizar de forma clara e concisa o Mosteiro de Santa Clara a Velha, tecendo considerações acerca de sua importância histórica, contemporaneidade, bem como divulgação de seu património e coleções que nele se inserem.

Após o desenrolar das pesquisas bibliográficas atinentes ao tema e registrando-se o corpo de ideias concebido a partir de informações obtidas junto aos funcionários e igualmente à Direção do Mosteiro constatou-se a necessidade de formular táticas de divulgação do espaço através de instrumentos que propulsionassem o número de visitas ao local e, ao mesmo tempo, fortalecessem o resguardo dos bens colocados sob a proteção desta entidade. Emerge daí a disposição de abrir caminhos no sentido de ampliar a conscientização e a participação da comunidade neste processo.

Anote-se que um dos recursos utilizados é a estratégia em *marketing*, adotada por vários institutos. Valendo-se dos pressupostos de que o turismo religioso tem um grande nicho no país, torna-se compreensível o fato de a figura da Rainha Santa Isabel despertar interesse público. Essa realidade, observada a partir da detecção da existência de inúmeros *sites* e publicações relativos à história e as práticas religiosas de D. Isabel, é o testemunho de que a sua vida e legado podem ter forte influência em roteiros turísticos, não apenas religioso, mas nas suas mais diversas modalidades, como o patrimonial cultural e o monumental.

Nesse sentido, em reunião com a Diretora, deliberou-se o tema e designou-se a elaboração de projeto destinado a traçar uma rota dos caminhos percorridos pela Rainha Santa, que possa concorrer como circuito turístico pelas paragens que D. Isabel atravessou como soberana, idealizadora da construção de conventos e hospitais, e como defensora dos mais carentes, tendo por meta primordial contribuir com o acréscimo de receitas naquele setor, além de corroborar na manutenção do património cultural em questão.

Para estabelecer o roteiro delineou-se, por meio do estudo bibliográfico, a sua trajetória, abrangendo os locais de estada do governo régio, aqueles nos quais teria exercitado suas ações, escrito cartas paradiversificados destinos, além das aldeias e províncias que contam suas lendas, ou, ainda, paragens em que foi homenageada com monumentos e obras de arte.

É parte do projeto a confecção de uma cartilha destinada à distribuição junto a postos de turismo, hotéis, companhias aéreas, agências de turismo, estações de comboio e de autocarros, e, ainda, em igrejas, museus, instituições monásticas e acadêmicas, cujo modelo foi delineado em peça anexa. Observe-se a proposta de uma capa sugestiva e o conteúdo interior com um breve histórico de D. Isabel, um mapa com o trajeto, acompanhado de imagens das cidades, vilas ou lugares, monumentos, obras de arte ou temas ligados à vida da Rainha Santa.

A propositura deste itinerário foi ideada no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha partindo do princípio que a sua notoriedade se deve ao fato de Isabel de Aragão ter fundado, se dedicado e vivido ali após a morte de D. Dinis, escolhendo-o como local para abrigar o seu túmulo. A imagem santa e icônica trouxe riqueza para a história das terras lusas e o projeto significa um investimento que pode beneficiar não apenas a cidade de Coimbra, mas todas aquelas que fizeram parte do itinerário, senão mesmo Portugal como um todo.

A justificativa para a concretização do trabalho tem a sua fundamentação teórico metodológica baseada na concepção de Emily Durkheim, tomando os fatos sociais como algo que merece ser estudado como elemento de matéria sociológica. Os feitos de D. Isabel registrados na sua biografia, possibilitam a averiguação desses fatos sociais tomados em conjuntos, facilitando a compreensão da vida da Rainha Santa. O material teórico abrange, além dos livros e documentos históricos, índices estatísticos. São referências de peso para a adoção do projeto, justificando-o como um passo assertivo na oferta de subsídios para o desenvolvimento do turismo religioso, cultural e patrimonial de Portugal.

O Relatório foi dividido em quatro partes. Na primeira, exibe-se uma caracterização do Mosteiro com localização, referenciais históricos, arquitetura gótica diferenciada, bem como o contributo de D. Isabel na sua manutenção, destacando-se, igualmente, a importância da disseminação da Ordem das Clarissas no contexto religioso e social lusitano.

Na segunda parte, esboça-se um pequeno relato acerca da vida e legados de D. Isabel, como Rainha, esposa, mãe e missionária, sempre atenta aos propósitos de paz, a quem são atribuídos, por lendas e histórias e milagres.

Na terceira parte, procura-se situar o Mosteiro, mencionando os seus aspectos sociopolíticos e financeiros contemporâneos e evidenciando algumas considerações para incentivar visitas à instituição como fator preponderante na obtenção de divisas, dentre as quais, o Projeto Pela Mão de Isabel – passos para um turismo ibérico.

Em um quarto momento, comenta-se sobre as atividades desenvolvidas pela estagiária junto ao Mosteiro sobressaindo-se o referido Projeto, do qual é apresentado um breve resumo e, também, justificativas de teor bibliográfico e estatístico, com dados relativos ao turismo em Portugal.

Na síntese conclusiva destaca-se os lugares que fizeram parte da história, bem como discorre acerca do significado material e simbólico dos itinerários percorridos, que, por sua vez, tornam-se parte inerente ao projeto.



## PARTE I

### 1 O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha: caracterização

#### 1.1 Breve contextualização

A história do Mosteiro, assim como de outros inúmeros monumentos de Portugal, reflete a evolução do conceito de património cultural, bem como o imperativo da sua salvaguarda pela sociedade e pelo governo. Torna-se irrefutável, nesse contexto, a memória da Rainha Santa Isabel, homenageada no feriado do dia 4 de julho, e cujo corpo se encontra preservado em um túmulo de prata e cristal, no interior do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, tendo-se tornado na notável refundadora e moradora do convento, designado, hoje, como Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

O referido monumento se avulta pela arquitetura gótica mendicante, sendo na contemporaneidade reconhecido pelo seu valor memorial e, sobretudo, marcado pela figura mítica da Rainha Santa. O mosteiro de Santa Clara *“não é estático (...). Este monumento foi submetido, desde a sua construção, a múltiplas transformações que alteraram fisicamente a sua aparência, a sua conceção inicial e as funções que assumiu.*

*A história de cada monumento é feita de momentos. Nasce no momento da construção primitiva do edifício, continuando a ser feita nos nossos dias”*<sup>1</sup>.

Ao longo das eras, a edificação de mosteiros, igrejas, hospitais e demais instituições, representaram a iniciativa de membros das casas reais e da nobreza. Segundo Teresa Mourão<sup>2</sup>, *“a fundação do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha foi fruto desse empenho cristão ligado a uma igreja que, com uma particular incidência durante a Idade Média, dotou Portugal e toda a Europa de parte representativa do seu património cultural. Fruto de devoção, os edifícios religiosos não são geralmente criados como monumentos históricos, excetuando quando são edificados com uma finalidade comemorativa e efeméride de uma ação ou pessoa concreta. (...) Foi fundado com dupla finalidade imediata – de acolher uma comunidade religiosa de clarissas- e mediata e altamente simbólica – de zelar pela vida espiritual da comunidade do seu tempo”*.

---

<sup>1</sup> Mourão, Teresa da Paz Sanches de Miranda. *Entre murmúrios e orações...*, p. 32.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

Registre-se que a fundação primitiva do Mosteiro, em 1286, teve como empreendedora Dona Mor Dias, uma senhora advinda da classe nobre. Havia a mesma se recolhido, em 1250, no convento feminino do Mosteiro de Santa Cruz, em São João das Donas, sem nunca pôrem, abandonar a sua condição de leiga, em virtude de não querer se subjugar a qualquer ordem ou profissão<sup>3</sup>.

No seu testamento, Dona Mor Dias designou, como herdeiros legítimos dos seus bens, os crúzios, e manifestou o desejo de ser enterrada no convento de Santa Cruz. No entanto, entre os anos de 1277 e 1283, Dona Mor Dias modificou a sua vontade, passando a designar o Mosteiro de São Francisco como sua última morada, denotando seus ideais franciscanos. Nesse intervalo, D. Mor Dias fundou um convento feminino dedicado a Jesus Cristo, à Virgem, a Santa Isabel de Hungria e a Santa Clara.

Note-se que, tempos depois, D. Mor decidiu estabelecer o Mosteiro da Ordem de Santa Clara na margem esquerda do Rio Mondego, tendo obtido autorização para tal apenas no dia 13 de abril de 1283 e, na ausência do bispo de Coimbra, a autorização foi concedida pelo vigário-geral da diocese, D. João Martins de Soalhães.

A escolha de tal localização se deveu, possivelmente, em razão da proximidade do Mosteiro de São Francisco, ao qual mais tarde, viria a abonar apoio e assistência eclesiástica.

Digno de nota é o fato de que houve contestação por parte do Mosteiro de Santa Cruz quanto a essa construção, afirmando que o erário e os bens de Dona Mor passariam para aquele em construção. Apesar de relutar na persecução do seu projeto, a obra, no dia 2 de janeiro de 1287, foi transposta para a Ordem de Santa Clara.

Ressalte-se que as primeiras comunidades se instalaram nas adjacências do mosteiro, cujas senhoras teriam vindo provavelmente de São João das Donas. Diante dos sucessivos tumultos, o Mosteiro de Santa Cruz solicita a excomunhão de Dona Mor, cujo pedido fora diferido através de decisão sancionada e executada pelo bispo de Coimbra. Sabe-se que mesmo depois do falecimento de Dona Mor Dias e, pelo fato de ver assentado o mosteiro sob tutela do bispo de Lisboa, os crúzios reclamaram convencionalmente alegando que o corpo da mesma deveria ser sepultado no Mosteiro de Santa Cruz. Em 18 de janeiro de 1307, o bispo de Lisboa transferiu para a Rainha D. Isabel a responsabilidade de conservação e proteção do Mosteiro.

---

<sup>3</sup> *Mosteiro de Santa Clara de Coimbra – Do convento à ruína, da ruína à contemporaneidade*. Monografia. Edição: Direção Regional de Cultura do Centro, 2008, p.19.

O desfecho da história se concretiza com a morte de Dona Mor Dias, em 1302, cuja aspiração foi satisfeita, sendo a mesma sepultada na Igreja do Mosteiro que havia mandado erguer.

Um acordo<sup>4</sup> celebrado em 2 de dezembro de 1311 determina a extinção do Mosteiro de Santa Clara e a atribuição dos bens de Dona Mor ao Mosteiro de Santa Cruz. As freiras nele instaladas retornam aos locais de suas procedências.

A Rainha Dona Isabel, inconformada com tais resolutivas, procura investir no antigo projeto de Dona Mor, e requer ao Papa uma nova fundação do Mosteiro, cujo alvará é outorgado em 10 de abril de 1314. Para incrementar o projeto, Dona Isabel agencia outras áreas adjacentes para arquitetar um edifício mais grandioso, uma vez que, naquele momento, a mandatária era uma rainha. Na data de 24 de julho de 1317 algumas clarissas, vindas de Zamora, já se alojavam.<sup>5</sup>

De acordo com Teresa Mourão (2004:32) este convento “*foi destinado pela rainha para sua sepultura e recolhimento de viuvez, pelo que fez construir, adjacente aos edifícios monásticos, um Paço, onde viveu os últimos anos de sua vida e onde se desenrolaria, no reinado seguinte, o drama de Inês de Castro*”<sup>6</sup>. Completa António Pimentel (1994:5) que Dona Inês seria sepultada sob as lajes da igreja deste mosteiro, “*antes que D. Pedro a fizesse exumar e transportar para o sumptuoso túmulo que lhe reservara, junto ao seu, na Real Abadia de Alcobaça*”<sup>7</sup>.

Nas imediações do Paço da Rainha (um espaço de clausura, confinante à Igreja e ao Claustro) foi erigido um hospício que tinha por intento auxiliar os pobres, assim como um cemitério e uma capela.

A nova igreja do mosteiro foi sagrada pelo bispo de Coimbra em 8 de junho de 1330, contando com a presença real. Mostrou-se nítida a alegria de D. Isabel com o novo Mosteiro que se decidiu a modificar as disposições testamentárias no que tange a ser sepultada no Mosteiro de Alcobaça, em favor do Mosteiro de Santa Clara, o qual contou com um novo túmulo de pedra, encomendado a Mestre Pêro, um escultor vindo de Aragão.

---

<sup>4</sup> Acordo de 1311 – estipulou que os cruzados ficavam com a maioria dos bens e os Franciscanos obtinham as instalações do primitivo mosteiro, juntamente com a igreja e um campo próximo. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/login?ru=apoio/artigos/\\$mosteiro-de-santa-clara-a-velha](https://www.infopedia.pt/login?ru=apoio/artigos/$mosteiro-de-santa-clara-a-velha). Acesso em 15/08/201.

<sup>5</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa)* (reprodução fac-similada da edição de 1891-1894, pp.68-84). Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1993, p.46.

<sup>6</sup> Mourão, Teresa da Paz Sanches de Miranda. *Entre murmúrios e orações...*, p. 32.

<sup>7</sup> Pimentel, António Filipe. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Das origens aos presentes trabalhos de recuperação*, in: Munda, número 27, Coimbra: GAAC, 1994, p. 25.

Entretanto, no ano seguinte, o Mosteiro foi alvo de uma inundação catastrófica provocada pelas águas do Rio Mondego em uma de suas cheias, deixando o túmulo submerso. A esse respeito, António Pimentel<sup>8</sup> elucida que este evento, aliado ao fato do mausoléu causar embaraço na nave central, induziu a rainha a ordenar a construção de uma capela, a meia altura da igreja, erguendo um piso superior ao nível das águas, sendo que esse piso se desdobraria por todo o interior da igreja, tanto na área reservada às freiras e noviças quanto naquela destinada aos fiéis, apesar de seccionado em sintonia com o original.

Quanto às cheias do Rio Mondego, Teresa Mourão<sup>9</sup> assevera que, com o decorrer do século XV, as inundações invadiram o convento “*de forma cíclica (...) e, no século seguinte, a água tornou-se um elemento permanente*”. Nos idos do século XVI, estas inundações induziram as freiras a abandonarem a parte inferior do edifício, praticamente submerso. O Claustro se tornou um tanque de água, uma verdadeira “*cisterna viva que nem no verão se seca*”<sup>10</sup> conforme alude Frei Esperança. Logo, com a Ruína do Paço da Rainha em 1559, seguida da do hospício, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha refletiu, nos dizeres de Vasconcelos<sup>11</sup>, a decadência total.

As constantes inundações provenientes das cheias do rio abalaram a estrutura física do mosteiro tendo o mesmo que ser interditado. Segundo consta no Inventário Artístico de Portugal referente à Cidade de Coimbra, “*desde o fim do séc. XVI a situação das religiosas no convento velho tornou-se intolerável; no princípio do séc. XVII, como foi dito já se dividiu a igreja com um segundo pavimento, ficando inundada a parte inferior, e cisternas seriam os claustros na maior parte do ano*”<sup>12</sup>.

O Inventário reporta ainda que no Reino de D. João IV foi ordenada a mudança do Mosteiro de Santa Clara-a-velha para o Monte da Esperança. Para impedir novos riscos em relação ao volume das águas do rio, o convento “*ficou (...) não no ponto mais alto da colina, mas numa prega paralela, que breve sulco torrencial destaca, e que era conhecida por Monte Esperança. Assentou o comprido dormitório na cumeada e a igreja com o*

---

<sup>8</sup> Pimentel, António Filipe. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra...*, p. 8.

<sup>9</sup> Mourão, Teresa da Paz Sanches de Miranda. *Entre murmúrios e orações...*, p. 32.

<sup>10</sup> Esperança, Frei Manuel da. *História Seráfica da Ordem dos frades menores de São Francisco na Província de Portugal*, vol. II, 2ª parte, Livro VI, Lisboa, 1996, pág. 36.

<sup>11</sup> Vasconcelos, António Garcia Ribeiro de. *D. Isabel de Aragão: Rainha de Portugal*. Ilustrações de Marques Abreu, in: 4º de 48 II., págs. b. Gravuras, Porto, 1930, pp. 163-174; 210.

<sup>12</sup> Correia, Vergílio. Gonçalves, Nogueira. *Inventário Artístico de Portugal*. Cidade de Coimbra, Academia Nacional de Belas Artes, 1947, p. 75.

*amplo claustro no começo da depressão, aonde ainda esta mal se acentuava.”*<sup>13</sup> A primeira pedra foi lançada a 3 de julho de 1649 e em 1677 “*pôs se em condição para mudarem as religiosas*”<sup>14</sup>.

O projeto foi elaborado pelo engenheiro-mor do Reino, o frade beneditino João Turriano<sup>15</sup>, tendo sido, possivelmente, o primeiro mestre-de-obras Domingos Freitas. A obra foi bastante onerosa e lenta, sendo necessária a intervenção do rei D. Pedro, em 1669, para que os trabalhos fossem adiantados, uma vez que as religiosas viviam em péssimas condições no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

Apesar da mudança das irmãs Clarissas no ano de 1677, o convento veio a ser consagrado em 1696. Ressalte-se a transladação do corpo da rainha Santa Isabel do antigo túmulo de pedra alocado no Coro Baixo do Mosteiro para um túmulo de vidro instalado no Coro Alto de Santa Clara-a-Nova. Em uma cerimônia realizada no dia 3 de julho daquele ano foram proferidas as seguintes palavras: “*Sendo dedicada à rainha Santa Isabel de Portugal*”<sup>16</sup>. Em virtude desta dedicação deveria chamar-se mosteiro de Santa Isabel, contudo, o costume impôs o título de Santa Clara.

Dona Isabel de Aragão faleceu em Estremoz a 4 de julho de 1336, tendo sido o seu corpo trasladado em cortejo real até o Mosteiro de Santa Clara, onde se encontrava o seu túmulo, cuja construção foi ordenada em vida. Desde logo ocorreu um enorme e verdadeiro projeto de santificação da Rainha. A sua canonização se deu em 25 de maio de 1625, pelo Papa Urbano VIII.

## **1.2 Era Medieval: a propagação da Ordem dos Frades Menores**

Segundo Pato Macedo “*as angústias espirituais dos laicos urbanos numa sociedade em mudança, a dos inícios do século XIII, captadas por São Francisco de*

---

<sup>13</sup> Correia, V., Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal...*, p. 76.

<sup>14</sup> *Ibidem*.

<sup>15</sup> João Turriano nasceu em Portugal, no ano de 1611 e faleceu em 1689. Era filho de D. Maria Manoel e Leonardo Turriano, cuja profissão era arquiteto. Trabalhou como engenheiro mor para o Reino de Portugal durante o reinado de Felipe II de Castela. Foram confiadas a ele as seguintes obras: Capelas-Mores das Sés de Viseu e Leiria, Mosteiro de Alcobaça, Igreja nova de Santo Tirso e as hospedarias e dormitórios do mosteiro beneditino de Semide e das Iglezinhas de Lisboa, de Odivelas, da Estrela e de Travanca. Por fim, se tornou professor da Universidade de Coimbra.

<sup>16</sup> Coelho, Maria Helena da Cruz. *Esboço sobre a vida e obra de rainha Santa Isabel*, Coimbra, In: Revista Monumento, p. 25.

*Assis, fizeram emanar a Ordem dos Frades Menores, rapidamente espalhada por toda a Europa*<sup>17</sup>.

Na visão de Augustine Thompson, São Francisco de Assis nasceu na cidade de Assis, na Itália, provavelmente no ano de 1181 (ou 1182). Filho de um mercador de tecidos, tirou todos os proveitos de sua condição social vivendo entre os amigos boêmios até o fim da sua adolescência. “*Por volta do ano de 1195, quando deveria ter aproximadamente 14 anos, Francisco começou a trabalhar como aprendiz no negócio do pai (...). É provável que tenha chegado a viajar com o pai para a França, com o intuito de adquirir tecidos*”<sup>18</sup>. Mas a tentativa foi malograda. Para o contexto histórico do período, um mercador não representava uma profissão honrosa, pois os seus ganhos eram advindos de altos juros, para além de que a usura, para o cristianismo europeu, era classificada como heresia. Sonhou então, com as honras militares. Aos vinte anos alistou-se no exército do *condottiero* Gualtieri de Brienne que combatia pelo papa, mas em Spoleto teve um sonho que o deslocou para a vida religiosa.

Thompson descreve as criações de São Francisco, tendo sido ele o responsável pela Ordem dos Frades Menores, iniciada mediante a autorização do Papa Inocêncio III, que permitia a Francisco e a onze de seus companheiros tornaram-se pregadores itinerantes. A sede da Ordem, localizada na capela de Porciúncula de Santa Maria dos Anjos, próxima a Assis, estava superlotada de candidatos ao sacerdócio. Para suprir a necessidade do espaço foi aberto outro convento em Bolonha.

Um fato interessante entre os pregadores itinerantes foi que poucos, dentre eles, tomaram as ordens sacras. São Francisco de Assis, por exemplo, nunca foi sacerdote. Em 1212, ele fundou juntamente com a sua fiel amiga Santa Clara, a Ordem das Damas Pobres ou Clarissas<sup>19</sup>. Em 1217, o movimento franciscano começou a se desenvolver como uma ordem religiosa. O número de membros tornou-se grandioso e as suas ramificações se expandiram por toda a Itália e fora dela. O mosteiro de Santa Clara foi o primeiro a chegar a Portugal.

Os seguidores dos franciscanos foram se espalhando rapidamente pela Europa e logo chegaram ao extremo ocidental da Península Ibérica. Portugal não iria se afastar deste movimento de renovação da vida regular, uma vez que os franciscanos estavam

---

<sup>17</sup> Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra Singular Mosteiro Mendicante*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento), 2006, p. 17.

<sup>18</sup> Thompson, Augustine. *São Francisco de Assis*, Lisboa, Casa das letras, 2012, p. 26.

<sup>19</sup> Thompson *apud* “*Clare of Assisi: Early Documents: The Lady*”. Organizado por Regis Armstrong, Nova Iorque: New City, 2006, p. 38.

inseridos no território de Portugal desde o século XIII. Henrique Rema<sup>20</sup> ratifica a peregrinação de São Francisco a Compostela em 1214, utilizando a rota de Portugal, embora existam algumas obscuridades quanto a esse tema. Salienta José Garcia Oro<sup>21</sup> que direcionar-se à Espanha, naqueles tempos, significava “*penetrar num mundo singular em que existia todo o tipo de contrastes. Mas nunca lhe faltaram duas direções claras: Santiago e o Islão*”.

Registre-se que as fundações de mosteiros de clarissas, em consonância com Pato Macedo<sup>22</sup> se principiaram posteriormente desde a metade do século XIII até o final deste século, notando-se a criação de quatro mosteiros, incluindo o de Santa Clara, em Coimbra, no ano de 1286.

A Ordem de Santa Clara, segundo Teresa Mourão<sup>23</sup>, foi fundada em 1212, obtendo a designação em função do nome de sua fundadora, Clara. Em coerência com a Ordem dos franciscanos, as clarissas tiveram por princípio despojar-se dos bens materiais como meio para uma purificação individual e de remissão dos pecados da sociedade. O Mosteiro de Santa Clara adaptou-se aos caracteres descritos, mas observou algumas diferenças como a renúncia ao exercício de pregação, típica dos homens da ordem dos franciscanos, adaptando-se as reclusas a uma vida afastada da sociedade, o que era considerada a forma de vida mais adequada para as mulheres<sup>24</sup>.

A primeira comunidade de clarissas, cuja abadessa era Clara de Assis, sucedeu no Mosteiro de São Damião. Mais tarde, o movimento se espalhou por toda a Europa. As casas das clarissas eram adjacentes aos mosteiros franciscanos de onde recebiam auxílio concernente à sua direção espiritual. Enfatize-se que as clarissas se fixaram em Portugal a partir de 1258, após três anos decorridos desde a canonização de Clara de Assis, tendo alicerçado um mosteiro em Lamego que fora transferido mais tarde para Santarém. Essas freiras clarissas viveram na clausura, quase sem contato com o mundo exterior, relegando os bens terrenos. Embora tenham feito votos de pobreza como os franciscanos não

---

<sup>20</sup> Rema, Henrique Pinto. *Implantacion del Franciscanismo en Portugal*”, *El Franciscanismo en la Peninsula Iberica, Balance y Perspectivas*, Actas do I Congresso Internacional AHEF, Barcelona, 2003, ed. De Maria de Mar Graña Cid, Barcelona, G.B.G. Editora, 2005, p. 213.

<sup>21</sup> Rema, Henrique Pinto. *Los Frailes Menores en la Hispania Medieval Proceso de Asentamiento, El Franciscanismo en la Peninsula Iberica. Balance y Perspectivas*, Actas do I Congresso Internacional AHEF, Barcelona, 2003, ed. De Maria de Mar Graña Cid, Barcelona, G.B.G. Editora, 2005, p. 201.

<sup>22</sup> Macedo, Pato *apud* António Montes Moreira. *Breve Histórico das Clarissas em Portugal, Congresso Internacional Las Clarisas en España y Portugal*, Salamanca, 1993, 2 – Actas, Madrid, vol. 1, pp. 211-217.

<sup>23</sup> Mourão, Teresa da Paz Sanches de Miranda. *Entre murmúrios e orações...*, p. 48.

<sup>24</sup> Núñez, Clara Rodriguez. *El Conventualismo feminino: las Clarissas, in Espiritualidade y Franciscanismo*, Semana de Estudios Medievales, pp. 87-100.

puderam abraçar as ordens medicantes, uma vez que eram mulheres e não estavam autorizadas a viver de caridade. Possuíam os seus dotes que eram absorvidos pelos gastos no mosteiro, garantindo a sua própria sobrevivência e a daquela comunidade, de acordo com documentos dos séculos XVI e XVII<sup>25</sup>.

“*Os mosteiros de feiras são o único tipo de edifício da Europa Medieval e clássica no qual o partido tipológico resultou de questões de género*”<sup>26</sup>. Na realidade, nas plantas das igrejas de clarissas, encontra-se a necessidade de manter a comunidade feminina preservada dos contactos exteriores<sup>27</sup>.

Em Coimbra, a comunidade de clarissas constituiu-se, inicialmente, sob os contornos idealizados pela nobre senhora Dona Mor Dias, primeira fundadora do Mosteiro de Santa Clara.

### **1.3 Localização do Mosteiro**

O sítio limítrofe à cidade de Coimbra, escolhido para fixar o primeiro mosteiro de clarissas reunia um conjunto de fatores geográficos, topográficos, económicos, sociais, políticos e até espirituais, que tiveram repercussão determinante e concorreram de modo decisivo para a sua história. Foi nas cidades, junto de uma sociedade nova e em oposição ao clero regular tradicional que vivia opulentamente em lugares retirados, que os mosteiros mendicantes difundiram o culto evangélico da humildade, da pobreza e da caridade.

A margem esquerda do Mondego, em frente à colina onde se ergueu a cidade, dispunha aparentemente no final do século XIII as condições ideais para a fixação de um mosteiro feminino de clausura, o que conjugado à coincidência de Dona Mor Dias possuir terras na localidade teria sido relevante para a sua seleção.

Destaque-se a implantação dos mosteiros de Santa Ana e São Francisco nas imediações do local escolhido, a proximidade da urbe, a doação privilegiada, a circunvizinhança da rede viária que ligava as duas metades do país e também conectava

---

<sup>25</sup> Lalanda, Maria Margarida de Sá Nogueira. *A admissão aos mosteiros de clarissas da ilha de S. Miguel (séculos XVI e XVII)*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987, p. 113.

<sup>26</sup> Gomes, Paulo Varela, *A fachada pseudo-frontal nas igrejas monásticas femininas portuguesas*, Conversa à volta dos Conventos, Vírginia Frois, coordenação da edição, Évora, Casa do Sul Editora, 2002.

<sup>27</sup> Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra Singular Mosteiro Mendicante*, Coimbra, Impressões e Soluções, 2006, p. 89.



o litoral ao interior, aliada à abundância de recursos naturais e uma paisagem variada, com choupas, salgueiros, oliveiras, laranjeiras e vinhas.

A localização do Mosteiro diante das principais vias de comunicação viria a revelar-se um fator de capital importância para a sua prosperidade, porquanto permitia acesso aos proventos das propriedades que possuía em locais dispersos por todo o reino. Situava-se perto da ponte, na baixa da cidade, nas cercanias dos conventos de São Francisco da Ponte e do convento de Santa Ana ligado à Santa Cruz. A abundância de água assumiu particular relevo na casa do Mosteiro.

O Mosteiro começou a ser provido de água transportada da via. Porém, D. Isabel, em 1326, celebrou um contrato com o Mosteiro de Santa Cruz para que cedesse a água de duas fontes, delineadas próximas uma da outra, cujas nascentes localizavam-se numa propriedade daquele mosteiro, designada de Pombal, adjacente à cerca do Mosteiro de Santa Clara. A água foi conduzida até o mesmo através de um aqueduto de alvenaria. Uma vez dentro da cerca, o cano que transportava a água dividia-se em dois, dirigindo-se um para as dependências monásticas e outro para o Paço da Rainha.

O emprego dos edifícios monásticos de um calcário dolomítico de tom creme que a comunidade geológica nomeia “camadas de Coimbra” terá sido extraída da pedreira do Bordalo, na margem esquerda do Mondego distante uma légua do Mosteiro. Revelava-se de fácil manuseio no caso de trabalho e, ainda, de simplificado transporte.

Apesar da estratégia na escolha do local, positivo em muitos pontos, o Mosteiro encontrou problemas quando, em 1331, foi inundado pelas águas do Mondego. Iniciava-se, assim, um dos fatores que mais haveria de influenciar a história do convento. A construção das diversas dependências monásticas foi executada em paralelo com as cheias sazonais do rio, o que obrigou a sucessivas mudanças na utilização dos pavimentos. No final do século XVI, a vida no mosteiro era já impraticável e décadas depois, em 1677, deu-se o definitivo abandono, com a passagem das religiosas para o novo convento de Santa Clara, num local ligeiramente mais alto da mesma margem direita do Mondego. Após o abandono, o mosteiro e o seu entorno deram lugar a uma exploração agrícola, passando a parte superior do convento a ser utilizada como habitação, palheiro e currais.

No início do século XX foi classificado como Monumento Nacional – através do Decreto de 16 de Junho de 1910 – e sujeito a extensa campanha de obras de restauro por iniciativa da DGEMN (Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais) a partir da década de 1930. Ainda assim, o conjunto continuou a ser vítima das águas do rio. Nesse espaço desocupado, imerso nos sedimentos que apenas deixavam visível a parte

superior da igreja, criou-se uma imagem de ruína que se manteve até a década de 1990. Em 1991, foi iniciado um projeto de recuperação e valorização do local sob a coordenação do Arqueólogo Artur Côrte-Real.

O sítio abriga, hoje, uma campanha arqueológica que permite conhecer grande parte do antigo mosteiro gótico. Ela iniciou-se em fevereiro de 1995, consistindo na desobstrução das partes alagadas. Os achados arqueológicos foram de importância significativa, transformando esta intervenção numa campanha de referência no campo da Arqueologia Medieval, de acordo com a Direção Geral do Património Cultural do Governo de Portugal.

Particularmente importante foi a identificação do claustro original – um dos dois referidos no século XVI –, localizado a Sul da igreja e conservado, em altura, até ao arranque do sistema de abobadamento<sup>28</sup>. “*A construção desta estrutura foi, com certeza, posterior à da igreja e deverá corresponder, com grande probabilidade, ao período de direcção de Estêvão Domingues*”<sup>29</sup>. Tal como a igreja apresenta certas características únicas, como a planta trapezoidal irregular. “*A igreja é um dos poucos templos góticos completamente abobados. Compõe-se de três naves de sete tramos, sem transepto, e capela-mor tripartida de ábside poligonal. A semelhança desta solução para com o grande projecto do Mosteiro de Alcobaça não tem passado despercebida à maioria dos autores que se dedicaram a este edifício*”<sup>30</sup>.

No Mosteiro de Santa Clara-a-Velha conserva-se a memória de D. Isabel de Aragão. Nas suas imediações existiu o Paço da Rainha, do qual se guardam alguns vestígios materiais. Do interior da igreja, mais concretamente do seu coro-alto – uma construção de recurso face às cheias do Mondego – procede o túmulo gótico de D. Isabel, hoje em Santa Clara-a-Nova.

Na atualidade, Coimbra, capital do Distrito de Coimbra, situada na região central de Portugal, na sub-região do Baixo Mondego e da Beira Litoral, é apreciada a nível mundial em razão da histórica Universidade de Coimbra, fundada em 1290, a mais antiga e uma das maiores de Portugal. Ademais, possui infraestruturas significativas, organizações e empresas de grande porte, estabelecidas em uma posição estratégica, bem

---

<sup>28</sup> Corte-Real, Artur Manuel de Castro; Santos, Paulo Cesar Barreto A. Dos; Mourão, Teresa. *Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Intervenção arqueológica - 1995-1999*. Apresentação preliminar dos resultados, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. III, pp. 9-29.

<sup>29</sup> Corte-Real, Artur Manuel de Castro; Macedo Francisco Pato de. *Le cloître de Sainte-Claire-l'Ancienne de Coimbra (XIV<sup>e</sup> siècle)*, Revue de l'art, n°133, 2001, pp.19-28

<sup>30</sup> Dias, Pedro. *A arquitetura gótica portuguesa*. Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 87.

ao centro do país. Referendada como Capital Nacional da Cultura em 2003, essa localidade, uma das mais antigas urbes nacionais, tem um passado de glórias incontestável no que toca aos nomes que nela viveram e deixaram marcadas as suas contribuições, além de possuir um rico patrimônio cultural, destacando-se o Mosteiro de Santa Clara- a-Velha, objeto de estudo do presente relatório.

#### **1.4 Aspectos da arquitetura medieval do Mosteiro**

O Mosteiro de Santa Clara é versado por uma arquitetura “gótica mendicante”, tratando-se de um modelo peculiar adotado na Idade Média. Essa terminologia se difundiu tendo em conta o tipo de arquitetura, visando identificar edificações religiosas que cingiam os modelos das ordens mendicantes no país. A construção do Mosteiro se torna relevante, uma vez que está centrada em um período de transformações dos padrões de construção, valorizando o gótico e as necessidades advindas das freiras em questão.

Quando da escolha do terreno para a edificação do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, o sítio parecia ser o ideal. Entretanto, o tempo iria demonstrar que as cheias do Mondego seriam capazes de reverter a história. O mosteiro delongou cerca de duas décadas para ser erguido e teve evidentes alterações de projetos e distintas campanhas de obras no decorrer das eras. Estas alterações de projeto tiveram como consequência assimetrias a falta de esquadria de alinhamento e de perpendicularidade. Lembre-se que se ensartou nessa obra um novo sistema estrutural, formas originais e gosto estético, que singularizaram o templo no conjunto da arquitetura dos mendicantes e do gótico em Portugal.

Com o crescimento da Ordem de São Francisco e de São Domingos por toda a Europa, o século XIII imprime uma arquitetura *sui generis* das ordens mendicantes. O gótico, que havia surgido no norte da França, se esparrama pelo continente Europeu. As edificações estão voltadas para as formas básicas e sem excessos decorativos da arquitetura gótica, então comum, sobressaindo a simplicidade, humildade e pobreza defendida pelos mesmos. A Basílica de São Francisco de Assis, na Itália, pode ser considerada um dos primeiros exemplos da aplicação destes ideais à arquitetura iniciada em 1228. Diversas Igrejas foram construídas pelas ordens mendicantes em Florença e Bolonha, dentre outros lugares, e o gosto pela arquitetura modesta prevaleceu ao longo do tempo.

Observe-se que vários conventos franciscanos e dominicanos foram construídos por todo o país, notadamente durante o reinado de Dom Dinis I (1279- 1325). A Igreja de Santa Maria do Olival erguida pelos cavaleiros da Ordem dos Templários em meados do século XIII em Tomar, pode ser citada como modelo para essas edificações. Outra influência para a arquitetura mendicante foi a austeridade artística da Ordem de Cister, representada em Portugal pelo Mosteiro de Alcobaça.

Verifica-se, de um modo geral, que as igrejas mendicantes seguiam o esquema: corpo de três naves e cinco tramos, coberto por teto de madeira; transepto saliente; cabeceira coberta por abóbada de cruzaria de ogivas com três ou cinco capelas escalonadas. Os espaços internos são claramente delineados no exterior: a fachada principal possui um corpo central mais alto (correspondendo à nave central) com empena triangular e rosácea ao centro<sup>31</sup>.

Em Portugal, o modelo gótico se difundiu por todos o país. Além das igrejas das ordens de franciscanos e dominicanos, a arquitetura mendicante foi aplicada na construção dos templos cistercienses (Ordem de Cister, conjugada aos beneditinos) e carmelitas, a exemplo do Convento de Santa Maria de Almoester em Santarém (cisterciense feminino), do Mosteiro de São Dinis de Odivelas (cisterciense feminino) e do Convento do Carmo de Lisboa (Ordem do Carmo).

Extrai-se dessa realidade que o gótico disseminou-se por meio das ordens religiosas mendicantes (franciscanos, agostinhos, carmelitas e dominicanos) que fundaram vários conventos em centros urbanos portugueses ao longo dos séculos XIII e XIV. Esse estilo arquitetônico representou uma “*significativa mudança nos sistemas construtivos, coincidente com um momento do gosto e da sensibilidade religiosa que são, a seu modo, reflexo de um estado de civilização*”<sup>32</sup>.

O cuidado na construção desses mosteiros parece revelar as necessidades de serem concebidos como conventos de clausura, adaptando espaços funcionais. Em relação ao Mosteiro de Santa-Clara-a-Velha, percebe-se essas acomodações até mesmo para o túmulo da Rainha, erguido em pedra, que foi arquitetado por um renomado mestre. “*Considerando que a igreja, quando foi sagrada em 1330, se encontrava concluída, apenas depois dessa data terão avançado as obras do claustro. Ora, em 1331, o mestre Estevão Domingues sucedeu no estaleiro de Santa Clara, ao arquiteto régio Domingos Domingues, portanto, para ser este mestre a dar o arranque à construção, esta só pode*

---

<sup>31</sup> Revista Estudos/Património. n. 2, IPPAR, 2002, p. 11.

<sup>32</sup> Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra...*, p. 254.

*ter começado nesse ano e não encontramos documentação abonatória para o poder confirmar (...)*<sup>33</sup>. Embora permaneçam dúvidas quanto à construção do claustro, certo é que foram obras que definiram a posteridade.

O modelo gótico se consolida em território nacional nos séculos XII a XIV, época em que se pode verificar “*a formação de novos centros de poder: as primeiras monarquias, as grandes cidades, o clero, as classes ‘novas’ e ricas dos comerciantes e banqueiros*”<sup>34</sup>. Comparado aos castelos construídos anteriormente, o castelo gótico em Portugal tinha mais torres, frequentemente de segmento circular ou semicircular (o que ampliava a resistência a projéteis), e as torres de menagem propendiam a ser poligonais. A partir do século XIV, as torres de menagem superaram seus tamanhos e tornaram-se mais sofisticadas, com abóbadas de cruzaria de ogivas e elementos como lareiras, tornando-as mais habitáveis.

Existem divergências entre os estudiosos com relação à autoria desse tipo de construção. Gozzoli<sup>35</sup> defende que essas características certamente não se deveriam aos godos, sobretudo por serem pagãos, enquanto Bracons discorda e entende que seriam o reflexo da arte dos godos que acostumados a destruir se viram diante da necessidade de contruírem suas fortalezas “*cobrando as abóbadas com arcos ogivas*”<sup>36</sup>.

Na verdade, o gótico revelou uma nova forma de pensar, de perceber o mundo, nas referências artísticas e culturais, vislumbrando o fim do feudalismo, o aparecimento das urbes e a centralização do clero. É notório o destaque, nesse modelo, dos vitrais que transpunham a luz do alto, em alusão ao divino.

A arquitetura gótica foi o modelo proeminente em Portugal nos últimos séculos da Idade Média. Assim como em outras nações europeias, aos poucos substituiu a arquitetura românica entre os séculos XII e XIII. Essa evolução desvenda que não é possível conhecer um período sem conhecer a arquitetura, tal como afirma Pato Macedo<sup>37</sup>: “*as obras arquitetônicas são, apesar de tudo, testemunhos permanentes e verdadeiros da história e fontes fidedignas das condições criativas da época em que foram edificadas, pelo caráter irrepitível da arquitetura e pela íntima ligação que esta estabelece com a sua época*”.

---

<sup>33</sup> Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra...*, p. 270.

<sup>34</sup> Gozzoli, Maria Cristina. *Como reconhecer a Arte Gótica*. Lisboa Editora, 1978, p. 70.

<sup>35</sup> *Ibidem*.

<sup>36</sup> Bracons, José. *Saber Ver a Arte Gótica*. São Paulo: Martins, 1992, p. 87.

<sup>37</sup> Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra...*, p. 254.

## 1.5 Espaços

O Mosteiro de Santa Clara envolvia, dentre outros espaços, uma sala de “Profundis”, sala do capítulo, o lavatório ou lavabo, o claustro de Alcobaça, o claustro (posterior à igreja, 1331-1336, ano em que morre Isabel de Aragão), câmara do Tesouro, igreja cabeceira, campanário ou torre sineira, o Corpo da Igreja (constituído por 3 naves e sete tramos desprovidos de transepto, o que o afasta da planimetria, clássica nos templos das ordens mendicantes). Nessa construção advém a separação do coro monástico, seccionando fieis e laicos. Somam-se, ainda, o arcossólio, em uma área recuada na parede, onde se insere um túmulo, e a rosácea, como elemento arquitetônico ornamental, frequente no seu apogeu em catedrais durante a era gótica<sup>38</sup>.

O Adro da Igreja, delimitado pela Porta da Cadeia, funcionava como acesso para adentrar ao Mosteiro, atravessando a Porta dos Fieis, e era também empregado como local de sepultamento das freiras, ou ainda, das suas superiores e benfeitoras do mesmo<sup>39</sup>.

A Igreja monástica, atribuída ao arquiteto régio Domingos Domingues, é detentora de uma singularidade tipológica que a afasta, tanto em planta quanto em alçado e em sistema de cobertura, das mais características igrejas construídas pelos mendicantes. Distingue-se de forma original das restantes igrejas góticas de seu tempo pela ausência de transepto, pela elevação das três naves quase à mesma altura e pelo abobadamento integral. A igreja, erguida na Idade Média, revela uma parede dividindo o local do coro, no qual as clarissas participavam das missas e das dogmáticas religiosas, e a zona da igreja em si, onde o público poderia assistir a missa rezada pelo sacerdote.

O dormitório está situado no lado ocidental do claustro, possuindo entre cinco à sete fileiras de celas. Este número surgiu no século XVI quando se descobriu que as janelas pintadas nas paredes poderiam representar essa quantidade de dormitórios, de acordo com a pintura de Baldi. Para o adro central do pátio estavam voltadas quase todas as divisões do cenóbio.

O Claustro trata-se de espaço organizativo no qual o integrado conventual gira ao seu redor revelando-se como um dos principais locais do Mosteiro, onde as freiras podiam tomar sol, escapando do frio de suas clausuras, circular, meditar e orar, e usufruir de um pouco de entretenimento com alguma leitura. Observe-se que nesse sítio há uma

---

<sup>38</sup> Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra...*, p. 254.

<sup>39</sup> *Mosteiro de Santa Clara de Coimbra – Do convento à ruína...*, p. 19.

representação ideológica do Mosteiro. Símbolos e significados tomam conta do claustro abarrotado de mistificação. Releve-se um tanque envolto em quatro fontes, cercado de diversas floreiras, lembrando o Paraíso. Ademais, a água abundante destinava-se ao seu uso pelas enclausuradas. A Rainha Santa Isabel teria adquirido da Quinta das Lágrimas duas fontes para abastecer o convento. Em consonância com os estudiosos, esse é o maior claustro de Portugal, tendo 54 metros de comprimento. Talvez o fato de ter sido erguido sob as ordens da Rainha que nele pretendia passar os seus dias após a morte do seu marido, o Rei D. Dinis, e, ainda, ter disposto em seu testamento que esse Mosteiro deveria ser a sua última morada, é possível e viável que essas medidas se justifiquem para abonar um maior conforto às monjas ali presentes, tendo sido as de Zamora, seu país natal, as primeiras que o habitaram.

No refeitório, seguindo os moldes tradicionais dos mosteiros da época, o espaço desenhava as mesas ao redor das paredes. Como o silêncio deveria ser mantido praticamente durante o tempo integral pelas noviças é provável que esta disposição das mesas garantisse da melhor forma o cumprimento das ordens conventuais, induzindo as mesmas a manterem-se caladas e evitando que as mesmas ficassem de frente umas para as outras. Do refeitório que existia tão-somente restou em uma lateral, um tanque de formato quadricular encoberto de azulejos, datados do século XVI.

A sala do capítulo representa um dos poucos locais onde havia interação entre as freiras. Este local era utilizado para vários usos como a realização da eleição de abadessa, a discussão dos assuntos relacionados à comunidade, transmissão dos ensinamentos dogmáticos do convento, a realização da sua profissão de fé e a confissão pública dos seus erros e pecados.

O Paço da Rainha teria sido a habitação real de D. Isabel. Sabe-se que ela dispôs em testamento que os seus descendentes poderiam nele pernoitar mediante autorização do rei e da abadessa. Com uma vista privilegiada, avarandado e voltado para um pátio, fazia ligação com o hospício que ela quisera construir. O prédio desmoronou no ano de 1559.

O Hospício, adjacente ao Paço da Rainha, em posição frontal a ele, seria de grande valia para os desamparados, funcionando como abrigo e fornecendo-lhes os cuidados necessários. Para receber os benefícios era exigida uma idade mínima que deveria ser superior a 50 anos, estando destinado a 15 homens e a 15 mulheres, tendo desabado na mesma época que o Paço da Rainha.

## 1.6 A vida no Mosteiro

O Mosteiro, inicialmente idealizado por D. Mór Dias, nasceu com o objetivo de abrigar as clarissas (freiras da Ordem de Santa Clara, cuja orientação era a vida dentro da clausura e na contemplação, com o ideal de pobreza evangélica), confraria que se estendeu rapidamente por toda a Europa, tendo igualmente chegado a Portugal. Isabel de Aragão, a Rainha Santa, que passou grande parte de sua vida em oração e em ajuda aos pobres, teve especial participação na manutenção do local. D. Isabel recolheu-se ao Mosteiro tomando o hábito das Clarissas mas não fazendo os votos, o que lhe permitia manter a sua fortuna que usava para a caridade. Fez o seu testamento em 1328, nele tendo deixado expressa a sua vontade em ser sepultada no Mosteiro, legando bens e recursos para a construção de uma capela, para as obras do convento e para o mantimento das Donas.

A regra da Ordem de Santa Clara, tendo por princípio a castidade, a obediência, a clausura, foi instituída pelo Papa Urbano IV, nos idos de 1263, designando as freiras de clarissas. *“Chama a atenção que ele não tenha escolhido a Regra de Santa Clara, certamente por considerá-la pouco jurídica e pela questão da pobreza”*<sup>40</sup><sup>41</sup>.

As motivações para ingressar em um Mosteiro eram a vocação religiosa e a vontade de levar uma vida de humildade e de total separação do mundo e a proximidade de Deus. Algumas adentravam por motivos econômicos, embora o dote fosse inferior ao do casamento. Outras mais levavam em consideração a vertente educativa e formativa dos estudos sociais elevados e/ou de proteção em relação a problemas e insegurança do mundo secular. As clarissas optavam pelo conforto e segurança na velhice, adentrando o

---

<sup>40</sup> Disponível em:

[http://www.centrofranciscano.org.br/index.php?option=com\\_fontes&view=leitura&id=1137&parent\\_id=1134](http://www.centrofranciscano.org.br/index.php?option=com_fontes&view=leitura&id=1137&parent_id=1134). Acesso em 26/04/2015.

<sup>41</sup> Acerca da Regra de Urbano IV, extrai-se de sua Carta: “(...) E a vós, nessa variedade de nomes, foram concedidos pela Sé Apostólica privilégios, indulgências e cartas; e tanto pelo Papa Gregório, de feliz memória, nosso predecessor, então bispo de Óstia e encarregado de cuidar de vossa Ordem, quanto por outros foram dadas diversas Regras e Formas de Vida, a cujas observâncias algumas de vós se obrigaram solenemente. (...) Por isso, diletas filhas no Senhor, foi-nos suplicado com humildade que cuidássemos de vos dar um nome certo e, libertando-vos das diversidades de observâncias e votos, concedêssemos uma forma determinada de viver, para livrar vossas consciências de qualquer tipo de escrúpulo. (...) Por isso, seguindo o conselho de nossos irmãos, decretamos que daqui em diante, como acreditamos firmemente, seja chamada uniformemente de Ordem de Santa Clara, determinando que as imunidades, liberdades, privilégios, indulgências e todas as cartas que a vós ou à mesma Ordem foram concedidas pela referida Sé Apostólica, qualquer que seja o nome com que tenham sido concedidos, tenham a força da mesma firmeza e assim as possais usar em tudo, como se tivessem sido dados desde o começo sob esse título e esse nome (...)”.

Disponível

em:

[http://www.centrofranciscano.org.br/index.php?option=com\\_fontes&view=leitura&id=1137&parent\\_id=1134](http://www.centrofranciscano.org.br/index.php?option=com_fontes&view=leitura&id=1137&parent_id=1134). Acesso em 26/04/2015.



mosteiro, não sendo exigido o celibato, a exemplo de D. Mor Dias e a Rainha Santa que não o abraçaram.

A comunidade era dirigida pela abadessa e os cargos de eleição livre pelas professoras, sendo vitalício até 1531. Freiras professoras, freiras de coro e véu preto, possuíam assento no cadeiral que era típico na nobreza/ burguesia. As freiras conversas eram de origem mais humilde, freiras leigas ou servidoras, numa grande rotina conventual, cuidando das roupas, da confecção de calçados e das tarefas na cozinha.

Enclausuradas, essas tão-somente se percebiam diante da prerrogativa de contatar os familiares, postos sob à grade do locutório ou parlatório, mediante licença prévia da abadessa, em horas determinadas e com a vigilância de pelo menos de duas outras irmãs. O silêncio era uma constante, exceto dentre os enfermos ou quando a abadessa liberasse. Com relação a assuntos administrativos e econômicos do mosteiro, as grades separavam o procurador, vedor ou tabelião. A grade da comunhão servia de assistência religiosa para sacramentos e confissão<sup>42</sup>. Havia um relacionamento institucional e hierárquico dentro do convento e deste com o exterior e com a tutela masculina. As clarissas, ao contrário dos franciscanos, não podiam viver da mendicância ou da administração dos sacramentos. De acordo com a Regra de Urbano IV, essas detinham os seus próprios bens e dotes para se sustentarem<sup>43</sup>.

Quanto à admissão no noviciado, as freiras se reuniam em capítulo para votar a entrada da futura freira, sendo convencionado o montante do noviciado e do dote a pagar, bem como das peças de enfermaria e sacristia. As noviças deveriam cortar o cabelo, deixar as roupas seculares e manter uma veste simples com um véu branco. Estas passavam um ano a ser instruídas por uma mestra que as preparavam para profissão da fé, conforme dispunha a regra do Papa Urbano IV.

As noviças passavam grande parte do seu tempo dentro dos dormitórios, tendo sido estes alicerçados antes do claustro e contemporaneamente com a igreja, numa época em que ainda não havia celas separadas. Pedro João Perdinhão afirma que existiam cinco fileiras de quartos (deveria ter mais de 150 celas). Em 1669, o pintor italiano Baldi pintou, na longa fachada do dormitório, mais de 30 pequenas janelas. Se cada uma corresponder a uma cela e se a parte visível for uma ala, pode-se presumir que Perpinhão se deteve ao

---

<sup>42</sup> *Mosteiro de Santa Clara de Coimbra...*, p. 19.

<sup>43</sup> Disponível em:

[http://www.centrofranciscano.org.br/index.php?option=com\\_fontes&view=leitura&id=1137&parent\\_id=1134](http://www.centrofranciscano.org.br/index.php?option=com_fontes&view=leitura&id=1137&parent_id=1134). Acesso em 26/03/2015.

número correto de celas. Segundo a pintura de Baldi, a cobertura seria quase idêntica à da igreja, sendo o dormitório situado no piso superior ao qual se acedia por escadas nos tramos angulares da nave poente do claustro. Este era coberto por um telhado de duas águas, com duas chaminés por razões de aquecimento ou de práticas culinárias. É ainda provável que existisse um bobadamento pétreo no dormitório. No entanto, grande parte do dormitória foi desmantelada para custear as obras do novo Mosteiro e para financiar a Universidade<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> Estrela, Jorge. *Viagem de Cosme III de Médicis em Portugal no ano de 1669*. Editora: Fundação Mário Soares, 2013, p.15.

## Parte II

### 2. Rainha Santa

#### 2. 1 Vida e legados

O presente capítulo tem por objetivo apresentar e avaliar à luz bibliográfica a importância da vida e trajetórias da Rainha Santa Isabel, tanto em Portugal quanto na Espanha. O enfoque tem por pretexto evidenciar através de metodologia analítica as possibilidades de se traçar metas para estabelecer um itinerário oficial dos percursos feitos durante toda a sua vida de dedicação aos mais desprovidos em Portugal. Ergueu hospitais, casas de apoio, proporcionou o desenvolvimento para as aldeias mais longínquas, tendo-se revelado, ainda, um fenômeno na diplomacia herdada de seu pai, embora “*inflexível, contundente e obstinada*”<sup>45</sup> nos momentos devidos e uma devota irrepreensível à Ordem das Clarissas.

As pesquisas que fundamentam a maioria dos livros escritos sobre a Rainha Santa Isabel estão consolidadas na narrativa da “Lenda” que se apresenta anônima e sem data de edição. Segundo Sousa<sup>46</sup> existe a probabilidade de que a mesma seja da autoria do historiador e cronista Damião de Gois, embora Pero-Sanz<sup>47</sup> acredite que deva ter sido redigido por Frei Salvado, Bispo de Lamego. Para Sousa admitir tal possibilidade quanto à autoria de Damião Gois, reflete uma ressalva: “*esse só poderia ter elaborado durante os anos em que desempenhou o cargo de Guarda-mor da Torre do Tombo*”<sup>48</sup>.

“*A popularidade que alcançou em vida, pelas beneficências e as ações políticas, em prol da paz dos reinos serviram e servem para a preservação de sua memória e para a construção da sua hagiografia. Entretanto, a pesquisa sobre a sua história depara-se com certa dificuldade para a demarcação de fronteira entre os gêneros, biografia e hagiografia, já que muitas vezes, a vida da rainha é submergida pela vida da santa. Nesse sentido, as diferentes narrações sobre a existência da Rainha Santa possibilitam muitas abordagens, sobretudo, pelo amplo volume de fontes existentes*”. Desta forma, muitas vezes ao levantar os itinerários percorridos por D. Isabel, ocorre uma certa dificuldade ao

---

<sup>45</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal*. Aletheia Editores. Lisboa, 2014, p. 17.

<sup>46</sup> Sousa, Tereza Andrade e. *Lenda da Rainha D. Isabel (Códice Iluminado 223 da Biblioteca Nacional). Introdução e leitura crítica*. Separata da Revista da Biblioteca Nacional (S.2, v.2 -1), 1987, p. 32.

<sup>47</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 17.

<sup>48</sup> Sousa, Tereza Andrade e. *Lenda da Rainha D. Isabel...*, p. 33.

tentar separar as figuras de rainha e de santa, sendo que vários relatos tidos como verdade, acabam pertencendo ao imaginário coletivo, às lendas<sup>49</sup>.

Existem várias controvérsias no que tange à data e local em que terá nascido a Rainha Santa, sendo apontados como possíveis locais Barcelona ou Saragoça e como possíveis datas 1270 ou 1271<sup>50</sup>. O nome da Rainha Santa foi em homenagem à sua tia-avó Santa Isabel de Hungria, que foi santificada em 27 de maio de 1235<sup>51</sup>.

Confia a autora Maria José Cunha<sup>52</sup> que ela possa ter morado algum tempo no mosteiro feminino de Sigena, em Huesca, Aragão. A sua infância terá sofrido influências da sua tia-avó Isabel de Hungria que, tal como ela, demonstrou despreendimento das riquezas terrenas, além da admiração aos ensinamentos de São Francisco de Assis. Acrescenta Nemésio que ainda em criança já lhe eram atribuídos “*o gosto das esmolas, das rezas e dos jejuns*”<sup>53</sup>. Lembre-se que em Saragoça foi contruída, após sua morte, em 1706, a igreja de Santa Isabel de Portugal.

A Rainha das terras lusas e Isabel de Aragão, como bem explana Pero-Sanz “*representa uma das magníficas dádivas que o esplêndido século XIII proporcionou à Igreja e à humanidade*”<sup>54</sup>. Uma mulher que gerou não apenas a admiração dos seus compatriotas como se travestiu em lendas por todos os confins. A união de Portugal e Espanha se tornou um dos mais representativos poderes do século XIII, cujo tempo não conseguiu apagar suas marcas.

As núpcias com Dom Dinis fortaleceram esse domínio ibérico<sup>55</sup>. Foi no palácio real de Barcelona que a infanta contraiu matrimônio com o rei Dinis de Portugal, a 11 de fevereiro de 1281, embora apenas se tivessem encontrado pessoalmente um ano mais tarde.

Recebeu como dote de casamento “*as vilas de Óbidos, Abrantes e Porto de Mós. Como arras, entregava-lhe os castelos de Vila Viçosa, Monforte, Sintra, Ourém, Feira, Gaia, La SOUSA, Tereza Andrade e Lenda da Rainha D. Isabel (Códice Iluminado 223 da Biblioteca Nacional (1987). Introdução e leitura crítica. Separata da Revista da*

---

<sup>49</sup> Gimenez, José Carlos. Rainha Santa Isabel: A (Re) Construção De uma Construção de uma Hagiografia. In *Revista Mosaico*, v. 6, n. 2, pp. 195-203, jul. /dez. 2013.

<sup>50</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração*. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2012, p. 16; Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor. *Dom Diniz*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores (Col. Reis de Portugal), 2005, p. 197.

<sup>51</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 31.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>53</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 10.

<sup>54</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 5.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 9; Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa*. Lisboa: Texto Editores, 2011, p. 19.

*Biblioteca Nacional. S.2, v.2 (1). Nóbrega, Santo Estevão de Chaves, Monforte de Rio-livre, Portel e Montalegre. E em igual título adjudicava-lhe dez mil libras das quais, por morte de Dinis, ela poderia dispor ou testar*<sup>56</sup>.

D. Isabel viajou desde Barcelona em companhia de seu pai D. Pedro III, se despedindo em Valência da rainha, seguindo “até a Daroca, na fronteira com Castela, onde teve, ainda, a companhia do irmão mais velho, o infante D. Afonso”<sup>57</sup>. Depois de cruzar o Rio Ebro, chegou a Bragança, tendo sido recepcionada pelo cunhado D. Afonso. Dona Isabel revelou-se surpreendida com as belezas do caminho, inclusive de Vila-Flor. Uma longa jornada pela travessia do Douro para chegar a Trancoso, “Uma rainha nascida em terras distantes e fadada, desde o berço, para destinos misteriosos”<sup>58</sup>. Uma mulher e Rainha tão jovem que pela sua maturidade haveria de encantar, em 1287, os monges em Alfaizerão.

Para dar maior conforto à Rainha, a corte “transferiu-se primeiramente para a vizinha cidade da Guarda, onde em meados de Setembro, ainda se encontravam os reis. Em 26 desse mesmo mês estavam em Viseu. E, tendo passado por Alva e Reigoso, antes de 15 de outubro chegaram a Coimbra, que virá a ser uma das sedes relativamente estáveis da coroa, no âmbito da contínua itinerância régia. Costuma afirmar-se que a entrada solene do cortejo na cidade arrancou do mosteiro de Celas”, sendo recebidos em cortejo pelos moradores, até o Paço de Alcáçova<sup>59</sup>, onde permaneceram até 1282. No pensamento de Nemésio<sup>60</sup>, além de Viseu, ter-se-iam encaminhado para outras terras vizinhas, enquanto vindimavam no Dão. As estadias régias variavam, de acordo com o autor, entre Lisboa, Coimbra, Leiria e Santarém. Maria José Cunha<sup>61</sup> inclui nessa rota transcorrida por D. Isabel, a vila de Avelãs, antes de se estabelecer em Coimbra, tendo permanecido durante um ano, evadindo do frio da Beira.

Pero-Sanz elucida acerca dos locais de onde se originariam as maiores missivas, ou seja, as cartas que D. Isabel teria escrito sinalizando a sua trajetória: “13, em Santarém. Seguidamente vem Coimbra, com 11, e Lisboa, com 9. Foram redigidas duas cartas em cada um dos seguintes lugares: Elvas, Frielas, Pinhel, Torres Vedras e Salvaterra. Além disso, expediu pelo menos uma carta de Badajoz, Beja, Estremoz, Fonte do Sabugo,

---

<sup>56</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 25.

<sup>57</sup> Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor. *Dom Diniz...*, p. 199.

<sup>58</sup> Cidraes, Maria Lourdes. *Os painéis da Rainha. (Capela da Rainha Santa Isabel, do Castelo de Estremoz. Edições Colibri/Câmara Municipal de Estremoz. Lisboa, 2005, p. 176.*

<sup>59</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 35-40.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>61</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 47.

*Guimarães, Alenquer, Leiria e Vila Viçosa. Ainda que, evidentemente, se trate de uma amostragem ínfima, permite adivinhar a fadiga que percorrer as residências reais da época pressupunha*<sup>62</sup>. Além destes locais, admite-se que tanto o rei D. Dinis quanto a Rainha Santa teriam preferência por Santarém, Leiria, Coimbra e Lisboa<sup>63</sup>.

Muitas lendas envolvem a vida da Rainha Santa à exemplo da lenda de Santa Iria, a do milagre das rosas, a de um salvamento de uma criança naufraga, sendo este último sido retratado na capela de Estremoz, local onde a Rainha Santa faleceu, e outras capelas como a de Pataias, Cegodim, Leiria (Amor), Pinhal e Pontevel.

Os itinerários percorridos pela rainha D. Isabel foram muitos, desde acompanhar o esposo nas suas jornadas até a intervenção no apaziguamento de conflitos, principalmente entre Castela e Portugal, cujo encontro se deu no Sabugal. Para tanto, D. Dinis e D. Isabel partiram de Lisboa em finais de maio, tendo passado por Alenquer, Torres Vedras, Moita, Óbidos, Alfeizerão, Alcobaça, Leiria, Coimbra, Gouveia e Guarda.

Maria de Lurdes Cidraes revela que “*como estes, outros nomes de povoações são associados à presença ou a memórias de D. Isabel: Ansião, Almoster, Sangalhos, Cartaxo, Vila Flor, Pataias e também esta cidade de Odivelas (...)*”<sup>64</sup>. D. Dinis mostrava-se um rei sábio, culto e sensível. Sabia gerir não somente os seus súditos, bem como aminizava as contendas, despontando-se também diplomático em muitas questões, sobretudo nas relativas aos nobres, conduzindo o descontentamento dos mesmos com muita perspicácia, controlando-os, avançando quando podia e cedendo quando necessário. Era notória a sua força convergindo ora para interesses do clero, ora da nobreza, porém, sustentando as rédeas de seu reinado. Em 1282, promulgou a primeira lei de desamortização dos bens do clero, seguindo-se mais duas em 1286. Em 1283, revogou as doações feitas aos nobres e, em 1284, iniciou as inquirições.

Depois de algumas viagens, a Rainha ficou grávida de uma menina, que veio a se chamar Constança, nascendo a três de janeiro de 1290, em Beja. A comemoração ocorreu em Alfeizerão com inúmeras festas e presentes, tais como, colheitas e a própria Vila de Sintra.

Diga-se que a coroa portuguesa assinou, em Alcanizes, um tratado importante com a coroa castelhana. Rezava o acordo que D. Dinis apoiaria a Fernando IV como rei de

---

<sup>62</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 41.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 42; Cunha, Maria José (2012). *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 53.

<sup>64</sup> Cidraes, M. Lourdes. *O Mito da Rainha Santa – uma tradição popular e religiosa*. Revista Lusitana (Nova Série) n<sup>o</sup>s 19-21, Lisboa, Ed. Colibri, 2004, pp. 31-80.

Castela. Esse episódio levou a novas desavenças entre ele e o seu irmão, tendo em vista que o mesmo queria a proclamação do infante D. João, seu consogro e seu genro –O Torto – para que este reinasse em Castela. Em 1299, Afonso reuniu as suas tropas em Portalegre, permanecendo desde maio até outubro. Diante das ameaças, D. Dinis escreveu o seu testamento, tendo conferido poderes a D. Isabel, inclusive como tutora de seus filhos Constança e Afonso.

Registre-se que D. Dinis e D. Isabel se deslocaram para os confins de Zamora, em um grande feito do rei, e não menos da sua esposa, sendo esse o Tratado de Alcanizes, estabelecendo os limites fronteiriços entre Castela e Portugal, assinalando a concretização do compromisso matrimonial entre o rei castelhano e Constança de Portugal, de oito anos de idade. A filha de Dinis e Isabel, D. Constança permaneceu em Castela, oportunidade em que Dona Isabel se conduz para a fronteira de Fuente Guinaldo ao enalço da sua filha. Seguir para Castela e Aragão representou uma alegria para a rainha que assim pôde rever as suas terras e sua família.

D. Isabel repetidamente exibiu um papel preponderante nas negociações que tiveram fim em 1300, tendo conseguido fazer com que o irmão de D. Dinis renunciasse a Portalegre e Marvão, que constituíam fronteiras estratégicas da Espanha, bem como Arronches, legado de seu pai, em troca de Sintra e Ourem, além de Vila de Vide. Satisfeito com as conversações, o rei doa à esposa as terras de Leiria. Isabel absorvia-se com a paz do reino, não encerrando adversidades com o cunhado<sup>65</sup>.

Anote-se que, em 1283, D. Isabel concretizou os seus anseios de fundar e dotar um mosteiro de Clarissas, obtendo licença eclesiástica, sendo colocada a primeira pedra três anos mais tarde. Esse foi consagrado à Santa Clara e à Santa Isabel da Hungria. A Rainha Santa realizou muitas obras sociais, amparando os mais miseráveis. Ademais, desse mosteiro de Odivelas, de Santa Clara e o de Santa Isabel, que detinha um hospital em anexo, em Guarda, contribuiu com a Igreja e financiou o Hospital dos Inocentes de Santarém, destinado a crianças abandonadas<sup>66</sup>.

À suas expensas ergueu dois mosteiros: o das Clarissas em Coimbra e o de Almoester, de freiras cistercienses, em Santarém<sup>67</sup>. A edificação do segundo foi iniciada pela senhora Beringueira Ayres que, conhecendo a generosidade da rainha, procurou envolvê-la no seu projeto. A fundadora faleceu antes de concluir a obra. D. Isabel assumiu

---

<sup>65</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 69.

<sup>66</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 115.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p. 119.

a construção do claustro, da enfermaria e de outras dependências. Certas vezes a Santa visitava o mosteiro e o benfeitorizava com donativos substanciais. No segundo testamento recomendou expressamente ao rei, seu filho, e aos seus descendentes, que velassem por este mosteiro<sup>68</sup>.

A propósito, alguns estudiosos divergem quanto ao uso ou não do hábito de religiosa, por parte de D. Isabel. Para Manuel da Esperança<sup>69</sup> essa é uma das grandes incertezas que se tem quanto à vida da Rainha Santa. António Vasconcelos<sup>70</sup> afiança que o testamento deixado pela Rainha evidenciava a sua vontade em vestir o hábito das clarissas, depois da morte do marido, sem contudo, professar a fé como freira. Embora, a Cúria Romana, no ano de 1615, tenha ignorado essas disposições testamentárias, enunciando que D. Isabel havia professado a sua fé como religiosa.

Figanière recorda que “*o género de vida era, toda via, muito commum naquellas eras de viva fé, em que sinceramente se julgava ganhar o céu reprimindo os sentimentos e maltratando o corpo, já de per si sujeito a tantos e tão duros achaques*”<sup>71</sup>.

## **2.2 As assíduas disputas entre D. Dinis e seus filhos bastardos e legítimo**

Das exequíveis infidelidades de D. Dinis I nasceu um filho bastardo, homónimo de Afonso, apelidado Sanches. Com as generosidades concedidas ao mesmo, o seu herdeiro legítimo, D. Afonso, demonstrou-se descontente com o tratamento especial dado àquele. Em 1298, o rei havia designado, em testamento, que D. Isabel fosse a legítima tutora do enteado. Certamente havia uma simpatia de D. Sanches por Santa Isabel, uma vez que fundara um Mosteiro de Clarissas, em Vila do Conde, aos moldes dela, o que resultou em vários conflitos entre este e seu pai, tendo a Rainha Santa interferido de forma apaziguadora em episódios distintos.

---

<sup>68</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 119.

<sup>69</sup> Esperança, Manuel da. *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de São Francisco na Província de Portugal...*, p. 272.

<sup>70</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, p. 102.

<sup>71</sup> Figanière, Frederico Francisco de la. *Memórias das Rainhas de Portugal. Textos biográficos*. Lisboa, Typhographia Universal, 1856, p. 198.



### **2.3 A Rainha Santa: o exílio imposto por seu marido, D. Dinis**

A rainha Isabel, embora tenha sofrido por ter sido exilada em Alenquer, jamais quis revoltar-se contra o rei, mesmo tendo recebido apoio por parte de alguns cavaleiros. “*D. Isabel obedeceu resignada*”<sup>72</sup>, embora com os equívocos de D. Diniz que faziam recair sobre ela calúnias acerca de atos que não teria cometido, como auxiliar o filho nas disputas contra o próprio pai, unindo-se a bandidos que guardavam<sup>73</sup> a sua segurança. Muitas lendas sucederam durante este afastamento. Em 1323, a rainha viu-se envolvida novamente em conflitos entre o marido e seu filho, tendo partido para Alvalade no lombo de uma mula, sem seus cavaleiros para acudir o confronto, tendo como pretexto recordar as promessas feitas em Pombal por D. Afonso acerca do respeito ao pai. Tal fato foi pintado artisticamente na Capela da Rainha Santa, no Castelo de Estremoz.

Esses confrontos, ocorridos entre 1320 e 1324, tratam da contraposição do rei ao futuro Afonso IV. Este pensava que D. Dinis, apoiado pelos nobres e pelos seus conselheiros, almejava dar o trono a Afonso Sanches. Mais do que um confronto entre pai e filho essa contenda revelou-se num confronto entre mais abastados e menos privilegiados. Após ter falecido, D. Dinis foi sucedido, em 1325, por seu filho legítimo, Afonso IV de Portugal, apesar da oposição do seu favorito, o filho natural Afonso Sanches. Após ter adoecido, em 1324, o rei D. Dinis solicitou que fosse transferido para Santarém e obteve a ajuda de Isabel e do filho.

### **2.4 O pós-morte de D. Dinis**

Após o falecimento do rei, em 7 de janeiro de 1325, D. Afonso e a maior parte da corte dirigiram-se para Lisboa, tendo a rainha ficado uns tempos no Paço Real do mosteiro de Odivelas, não podendo se afastar das localidades para cumprir os últimos desejos do rei, em testamento. Anote-se que D. Dinis se mostrou um monarca de ideais progressistas durante os 46 anos de sua regência<sup>74</sup>.

Depois de cumprir as obrigações testamentárias, a Rainha Santa abandonou as terras lusas atravessando o Douro, passando a Raia do Minho para adentrar a Galícia, e se dirigindo a Santiago de Compostela. Faltando uma légua para chegar, a Catedral de

---

<sup>72</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 74.

<sup>73</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 54.

<sup>74</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 78.

Santiago podia ser avistada. Ao chegar depôs as suas armas e símbolos, tanto de Portugal quanto da Espanha, passando a caminhar a pé em peregrinação. No dia de São Tiago, a Rainha Santa entregou os seus régios presentes à igreja, em sinal da sua fé. “A peregrinação era entendida como um exercício espiritual, sob a forma de jornada, em cuja essência se encontrava um aspecto ascético, porquanto submetia o peregrino às privações, perigos e sofrimentos de viagem (...)”<sup>75</sup>.

D. Isabel havia adquirido alguns terrenos adjacentes ao Mosteiro de Santa Clara e Santa Isabel, a exemplo do Mosteiro de Santa Ana das Celas das Pontes. Em consonância com vários estudiosos da temática, até 1330 a Rainha se dedicou a concluir as obras do Mosteiro de Santa Clara, bem como se atentou em deixar rendas para as noviças do convento tendo para tanto adquirido, em 1327, propriedades em Miranda que mais tarde foram ampliadas com imóveis em Porto de Mós.

## 2.5 Uma vida missionária

Afonso IV estava descontente com as infidelidades de Afonso XI e as humilhações de D. Maria, sua filha. A gota d’água foi a autorização do casamento de D. Pedro com D. Constança Manuel, uma vez que a consequência seria o maior poderio de D. João Manuel, em Castela, colocando Portugal em risco. D. Isabel partiu de Coimbra para apaziguar os conflitos tendo em vista a ameaça de Afonso IV em invadir Castela a partir de Estremoz, exigindo a saída de D. Constança.

Em 1336, sai de Coimbra e vai a Estremoz em mais uma missão de paz, provavelmente a última de sua vida terrena. A rainha, embora debilitada e face às condições de calor intenso do verão, não se abateu<sup>76</sup> e prosseguiu a sua viagem cruzando 260 quilómetros de distância. Abeirou-se em Estremoz completamente exausta e doente, ficando acamada desde o 1º de julho.

Com idade avançada e um trajeto árduo, novamente sobre uma mula arriada para chegar a Estremoz, D. Isabel penou, principalmente por causa de um tumor que lhe tomava o braço. Seus cavaleiros ansiavam que se fizesse uma pausa na travessia, mas “a mula da Rainha era andeira” e não quietava<sup>77</sup>. A mesma, veio a falecer em 4 de julho de

---

<sup>75</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 82.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 96.

<sup>77</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 76.

1336, tendo antes se confessando e comungando na capela e após se ter despedido dos entres queridos, se pôs a rezar.

*“Até à sua morte promoveu uma série de obras pias fundando ou ajudando à fundação de hospitais (Coimbra, Santarém, Leiria), asilos e albergarias (Leiria, Odivelas), mosteiros, capelas (Convento da Trindade em Lisboa, claustro em Alcobaça, capelas em Leiria e Óbidos). Deixou em testamento grandes legados a muitas destas instituições. Foi sepultada por sua vontade no Convento de Santa Clara e, no século XVII, o seu corpo foi trasladado para o novo mosteiro fundado por D. João IV em substituição do antigo, ameaçado pelas águas do Mondego, e depositada num cofre de prata e cristal”<sup>78</sup>.*

## **2.6 Os milagres e a Religiosidade**

Na denominada Idade das Trevas, muitos mitos foram criados, especificamente em torno da religiosidade, da condição feminina, das supertições de que “a Igreja Católica controlava corações e mentes”. Se de um lado havia mesmo essas ideias, de outro, *“tal imagem não se sustenta na documentação e a historiografia contemporânea já percebeu isso, pelo menos desde a obra que Regine Pernoud escreveu em 1977, Pour en finir avec le Moyen Age. O historiador Peter Dendle, por exemplo, acredita que esta imagem que se aplica à Idade Média poderia ser aplicada para vários outros períodos da história. Ele aponta que não é somente na Idade Média que houve uma forte influência da religião, podemos perceber isso, por exemplo, na comunidade do Qumran, que deixou os pergaminhos do Mar Morto, e até mesmo nos dias atuais. A religião sempre esteve presente na história e aplicar essas denominações somente para a Idade Média seria um grande equívoco. Dendle explica que a impressão de uma sociedade predominantemente religiosa é devido sobretudo ao fato de que a infraestrutura da Igreja estava envolvida na administração de boa parte das funções sociais e culturais do período (os meios jurídicos, a medicina, festivais, registros financeiros etc) deixando nos documentos escritos uma forte marca religiosa, mas isso, de forma alguma, significa que estes eventos*

---

<sup>78</sup> Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$rainha-santa-isabel](http://www.infopedia.pt/$rainha-santa-isabel). Acesso em 05/05/2015.

*eram atividades espirituais, que seus participantes acreditavam nisso, ou muito menos que a Igreja controlava a vida das pessoas.”*<sup>79</sup>

Além do mais, é preciso alertar que embora a mulher apareça sempre como uma figura submissa na Idade Média, e muitas das vezes por não haver documentos assinados pelo sexo feminino, o que não é suporte eficiente para tal afirmação, ela ocupa papéis em determinados momentos, relevantes, como acontece com a Rainha Santa. Não se pode, além do mais estabelecer esse parametro apenas para as mulheres, pois também seria difícil apurar a quantidade de homens analfabetos. “*As mulheres envolvidas com alguma atividade comercial, por exemplo, eram frequentemente expostas à situações que exigiam o letramento e, frequentemente, elas eram alfabetizadas. Com a grande demanda do comércio, a alfabetização tornou-se necessária, principalmente a habilidade com os números, fazendo surgir, assim, várias mulheres mercantis, que sabiam lidar tanto com as letras quanto com os números, no mesmo nível ou até mesmo superior ao dos homens*”<sup>80</sup>.

O cortejo fúnebre seguiu para Coimbra aquiescendo o testamento da Rainha. Durou sete dias consecutivos, segundo descreve o texto anônimo do século XIV conhecido como Lenda ou Relação. André Vauchez informa que assim “*desde cedo, a tradição isabelina integrou o tópico hagiográfico do perfume como prova de santidade, manifestado na integridade do corpo incorrupto, corpo que será exposto e venerado enquanto objeto sacralizado de um ritual que visa à eficácia do culto*”<sup>81</sup>.

Além dos feitos em vida, D. Isabel também alcançou graças após falecer. Os seus restos mortais ao serem transportados para Coimbra ao invés de exalarem odores esperados em virtude da doença, disseminaram adversamente, “*a melhor fragrância e perfume que os homens puderam apreciar, quem se aproximasse do ataúde, dizia que tão nobre odor nunca ninguém tinha visto*”<sup>82</sup>. O corpo não apresentava sinais de decomposição. Vasconcelos<sup>83</sup> alega que outros milagres foram registrados.

Ressalte-se que a Rainha Santa concedeu diversos favores significativos que foram alcançados pela intercessão dela durante os 15 dias que se seguiram ao seu

---

<sup>79</sup> Dos Santos, Dominique Vieira Coelho; Wackerhage, Camila Michele. *Educação, santidade e sexualidade na Idade Média: uma leitura da Legenda Aurea de Jacopo de Varazze*. Disponível em: <http://hottopos.com/notand32/05dominique.pdf>. Acesso em 05/05/2015.

<sup>80</sup> Conrad-O’briain, Helen. Were Women Able to Read and Write in the Middle Ages? In: Harris, Stephen J.; Grigsby, Bryon L. (Eds.). *Misconceptions About the Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2008, p. 236.

<sup>81</sup> Vauchez, André. O Santo. In: *O Homem Medieval*, (dir.). Jacques Le Golf, 1987, pp. 211-230.

<sup>82</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 187.

<sup>83</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, p. 54.

sepultamento: cegos voltaram a enxergar, houve regresso de entes queridos, libertação de presos, e outros que foram se multiplicando e transformando em santuário a tumba da rainha. Os documentos certificativos de milagres foram reunidos por Dom Frei Salvado, Bispo de Lamego e confessor de D. Isabel. Registre-se que decorreu uma aparição da santíssima Virgem Maria à Rainha Santa quando doente.<sup>84</sup>

Várias crenças foram criadas em torno de Santa Isabel após sua canonização em 1625. Vasconcelos<sup>85</sup> relata que surgem práticas mais recentes quanto ao culto à rainha. Cita que até mesmo raspas das pedras do seu túmulo teriam sido usadas para curar os enfermos. Também o pão oferecido à santa teria uma parte reservada para ser dissolvida em água e dada aos doentes, sem contar, todavia, o azeite da lâmpada de sua câmara mortuária e as flores do sepulcro transformadas em óleo empregado nas curas. Diante da aniquilação do exército português na África, o rosto da estátua de D. Isabel, em sua esfinge, teria jorrado um grande suor<sup>86</sup>.

Pelo “*alvará de 12 de dezembro de 1647 el-rei D. João IV ordenou a mudança do convento para o vizinho Monte Esperança, cujo nome lhe vinha da ermida de Nossa Senhora da Esperança, que nele estava situada*”<sup>87</sup>. O projeto foi elaborado pelo engenheiro-mor do Reino, o frade beneditino João Turriano, e, possivelmente, o primeiro mestre-de-obras teria sido Domingos Freitas. A obra foi bastante onerosa e lenta sendo necessária a intervenção do Rei. D. Pedro em 1669 para que os trabalhos fossem adiantados devido às péssimas condições em que viviam as religiosas ainda no Mosteiro de Santa Clara a Velha.

A notícia da morte de D. Isabel certamente se espalhou por todos os reinos. Era reconhecida como uma mulher de coragem e bondade, uma mãe e esposa fidedigna, uma rainha voltada para a paz e o bem-estar de seus súditos. A causa da sua morte gera controvérsias, podendo ter sido uma fístula no braço, uma infecção na corrente sanguínea, ou mesmo a peste. Seguindo o desejo da Rainha Santa, D. Afonso IV fez o traslado dos restos mortais para Coimbra, onde pretendia ser sepultada. “*A entrada em Coimbra deu-se durante a tarde do dia 11 de julho, uma quinta-feira, oito dias após sua morte em Estremoz*”<sup>88</sup>.

---

<sup>84</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 186.

<sup>85</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, pp. 100-111.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>87</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, p. 89.

<sup>88</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 100.

O culto à Rainha Santa Isabel recrusdeceu por inúmeros vilarejos portugueses logo após sua morte e nos anos que se seguiram. O homem medieval reconhecia a intervenção de Deus na ordem da natureza e atribuía diversos acontecimentos a desígnios divinos. Na hierarquia de intercessores junto ao pai, a Virgem Maria ocupava o local de maior prestígio, conseguindo obter qualquer milagre. Os milagres estendiam-se aos domínios em que o homem sentia de forma mais abrupta sua fragilidade, com ênfase nas doenças e suas possíveis curas. Desta forma, apegava-se largamente a relíquias que, ao serem tocadas, poderiam conceder uma graça ou a personagens que ofereceriam o alento procurado em situações difíceis. Quanto sucesso não alcançaram os reis taumaturgos, associados à cura das escrófulas, inflamações terríveis que assolavam os indivíduos. A rainha santa poderia figura, então, como uma interlocutora entre os portugueses e a Virgem Maria que levaria os pedidos ao próprio Deus, com grande possibilidade de êxito na concessão. Esta representaria também o lado fraternal e materno, instituído especialmente às damas deste período. Para além do plano geral, conquistava-se, no plano local, uma intercessora que bem conhecia as necessidades e urgências da região. O sucesso atribuído à Rainha, no tocante aos milagres executados desvela a mentalidade de um homem medieval que, vivendo o ‘hoje’, projeta-se sempre em direção ao futuro extraterreno. Entretanto, diferente da contemporaneidade, céu, inferno, Deus e Diabo não eram categorias distantes e abstratas e sim, realidades concretas que, cedo ou tarde chegariam. Levar a vida na certeza de que a salvação eterna chegaria e, talvez com o auxílio da própria Rainha Santa, patrona dos seus conterrâneos.

Ressalvamos a transladação do corpo da rainha Santa Isabel do antigo túmulo de pedra alocado no Coro Baixo do Mosteiro para um túmulo de vidro instalado no Coro Alto de Santa Clara-a-Nova. Em uma cerimônia realizada no dia 3 de julho deste ano foram proferidas as seguintes palavras: “*Sendo dedicada a rainha Santa Isabel de Portugal*”. “*Em virtude desta dedicação deveria chamar-se – mosteiro de Santa Isabel, contudo o costume impôs o título de Santa Clara*”. “*Conservou-se neste túmulo o corpo da Rainha Santa desde sexta-feira 12 de julho de 1336, até á quarta-feira, 27 de outubro de 1677, em que foi extraído, a fim de ser dois dias depois solenemente trasladado com a comunidade clarissa para o novo mosteiro*”<sup>89</sup>.

---

<sup>89</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, p. 32.

## **PARTE III**

### **3. O Mosteiro na actualidade**

#### **3.1 Conjuntura sociopolítica e financeira**

O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha se situa na freguesia de Santa Clara, município de Coimbra, passagem obrigatória para os turistas que escolhem o centro para suas visitas. O espaço abriga, além do monumento histórico que atravessa uma fase de recuperação, um edifício que alberga o Centro Interpretativo aberto ao público a 18 de abril de 2009.

Nota-se uma vista panorâmica estratégica, na qual se pode vislumbrar toda a área, com destaque para a parte descoberta da igreja e do claustro. Voltada para a igreja encontra-se uma cafeteria onde o turista pode desfrutar das refeições, bem como da doçaria conventual. A cafeteria está concessionada à Quinta das Lágrimas nas adjacências, tendo sido essa a paragem de caça da família real portuguesa desde pelo menos o século XIV. O local representa um atrativo aos visitantes que transformam o Centro Interpretativo em ponto de deslocação habitual através da fidelização de clientes que, desta forma, se tornam frequentadores da programação cultural.

Nas redondezas da cafeteria existe uma loja de artigos exclusivos, onde encontram-se à venda publicações e itens de *merchandising* com uma linha própria do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (cadernos; lápis; vestuário e acessórios; ourivesaria e joalheria), bem como diversos livros referentes à história do Mosteiro, da Rainha Santa e da cidade de Coimbra.

As receitas do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, como espaço cultural, provêm da venda de ingressos ou bilhetes, do lucro obtido através da loja, da concessão da cafeteria, da cedência onerosa de espaços e, por último, dos serviços nele prestados. A cedência de espaços tem como objetivo dinamizar culturalmente e promover a divulgação do Mosteiro nas suas diversas extensões, de forma que se constitua num retorno financeiro que contribua para a sua manutenção.

O Mosteiro promove visitas guiadas e temáticas levando em consideração a realização de marcação prévia. Os horários estão assim definidos: de Maio a Setembro, das 10h às 19h; de Outubro a Abril, das 10h às 18h (sendo que em Abril abre aos fins-de-semana até 19h). Encerra às segundas-feiras e nos feriados de 1º de Janeiro, Domingo de Páscoa, 1º de Maio e 25 de Dezembro. Os bilhetes possuem o valor de 5.00 €, havendo desconto para estudantes e seniores, ao custo de 2,50 €. A entrada é gratuita para crianças

até 10 anos e no primeiro domingo de cada mês. Destaque-se a acessibilidade aos portadores de deficiência. Para os turistas que não estão de veículo próprio ou locado, os autocarros tornam o passeio viável pelas linhas: 6, 14, 14T, 20, 31.

O percurso do visitante no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha engloba a visita às ruínas, acesso à exposição de espólio arqueológico conventual, exibição de filmes e modelação virtual. Audioguias estão disponibilizadas em quatro idiomas: Português, Inglês, Francês e Espanhol. No Centro Interpretativo, a visita percorre a exposição “Freiras e Donas de Santa Clara”: arqueologia da clausura, exposição ancorada nos testemunhos materiais da vivência quotidiana das clarissas, exibição de objetos requintados dentre porcelanas e faianças, vidros e adornos pessoais, como simples fusos, agulhas e dedais, sendo amparada com suportes audiovisuais e painéis de interpretação.

Nesse percurso pelo Centro Interpretativo pode-se desfrutar dos ensinamentos de dois documentários. O primeiro sobrevivendo acerca da fundação e da história do convento e, um segundo, evidenciando o abandono do mosteiro e o seu difícil resgate para a contemporaneidade.

No caminho até as ruínas do Mosteiro pode-se observar o campanário que atende às instalações de sua configuração original. Depois de uma intervenção arqueológica em grande escala e a valorização de todo o espaço da antiga cerca monástica, esta proporciona uma inesquecível viagem ao passado, lembrando os seus primórdios, quando da edificação ordenada por D. Isabel de Aragão, a Rainha Santa, nos idos de 1314.

No coro repara-se uma modelação virtual que revela uma prossecução das transformações na arquitetura monástica consequentes da acomodação da comunidade de clarissas em virtude das inundações temerárias do rio Mondego ocorridas ao longo dos tempos. Outros pontos de interesse para o passeio se referem à horta monástica centralizada no paço da Rainha, extensão que agrega o passado conventual e a agricultura biológica, num projeto resultante da investigação de fontes históricas, documentais e arqueológicas.

O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, cenário de inúmeros eventos e fatos decorridos desde a Idade Média, é palco de várias conjunturas: peças teatrais, exposições e manifestações artísticas, mostras culturais, filmagens, entre outras, consubstanciando-se, assim, num centro cultural aberto para a cidade de Coimbra e o mundo.

Relativamente à obtenção de capital, vale lembrar que no ano de 2012 foi assinalada uma ligeira quebra de afluências de visitantes com relação ao período anterior, ou seja, 2011, levando-se em cômputo a crise econômica que envolve o país. O pico de



bilheteria verificou-se no mês de abril, tendo o menor número de visitas se registado nos meses de Janeiro, Novembro e Dezembro, devido, principalmente, às baixas temperaturas e humidade saliente que se fazem sentir nesses meses.

Tomando em consideração o balanço e registro de atividades do ano de 2013, percebe-se que os números de visitantes são em grande proporção de portugueses. Esses continuam a preponderar sobre os não-residentes. O maior número de visitas foi no mês de Maio, Agosto, Junho e Abril. A época que obteve menores índices de visita, direcionou para o mês de janeiro.

Ressalte-se que houve um aumento no número de visitantes em confrontação ao ano de 2012. Em 2013, recebeu 39289 visitantes, enquanto que no ano anterior constatamos apenas 37290 visitantes. O número de acréscimos de turistas pode ter sido ocasionado por uma leve redução da crise, bem como as propagandas governamentais induzindo o turismo interno e igualmente as campanhas que despertaram os turistas não residentes a visitarem Portugal. Neste ano, a bilheteria atingiu um montante de 68.167.00 euros, validando a ideia de que sua abertura ao público seja um fator de mais-valia.

Computou-se que aproximadamente 16% dos visitantes são turistas estrangeiros, destacando-se os vizinhos espanhóis e, sequencialmente, os brasileiros, franceses e italianos. Em ordem aleatória, seguem-se os ingleses, holandeses, alemães, belgas, suecos, suíços, finlandeses, noruegueses, israelenses, americanos, canadenses, austríacos, entre outros. Assim sendo, o Mosteiro tem a maioria de seu público composto por turistas residentes, fato concreto que suscita a necessidade de ampliação do *marketing*, com divulgação nas redes sociais, nos cenários nacional e internacional, inclusive instituindo publicidade nos aeroportos de chegada do exterior, ressaltando as potencialidades culturais da cidade de Coimbra e, nomeadamente, a construção monástica como um rico património.

É inequívoco observar que o Mosteiro não retrata apenas o lazer/ entretenimento, estando igualmente voltado para a investigação científica. Nesses termos, desenvolvem-se atividades nesse campo, respondendo anualmente ao Inquérito ao Potencial Científico e Tecnológico Nacional (IPCTN) – instrumento oficial de contabilização dos recursos humanos e da despesa em I&D (Investigação e Desenvolvimento), seguindo critérios acordados a nível europeu pelo EUROSTAT (Gabinete de Estatísticas da União Europeia) e em articulação com a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico). Pelos técnicos do Mosteiro foram concretizados trabalhos

de inventariação e estudo de materiais arqueológicos, sendo esses de suma importância para revitalizar o mesmo e registrar a história de Coimbra e de Portugal.

Com relação ao trabalho desenvolvido no Centro saliente-se que a Direção da entidade direciona esforços no sentido de divulgar o local traçando metas para o seu incremento. A valorização do património tem sido um dos alvos relevantes para assegurar a memória coletiva não apenas de Coimbra, mas, sobretudo, de Portugal, ensejando a história da Rainha Santa, Dona Isabel de Aragão, que, por seus atos de benevolência e de apaziguadora de conflitos, transformou-se em um ícone nacional. Acrescente-se que a santificação da Rainha Isabel extrapolou fronteiras e hoje os turistas buscam conhecer os recantos por onde ela viveu e conduziu o destino das terras lusas, com o rei D. Dinis.

O progresso do Mosteiro enquanto património pode ser constatado na cooperação com instituições e entidades acadêmicas, através da integração do trabalho estagiário junto à equipe de funcionários do Centro, envolvendo atividades múltiplas e labores válidos para a aprendizagem e o refinamento de competências, designadamente, nas áreas de atendimento ao público, animação turística e socioeducativa, e a divulgação do sítio com o objetivo de aumentar o número de turistas.

Vários programas culturais são oferecidos pelo Mosteiro, a exemplo dos seminários sobre o património, sessões de música, palestras, exposições e oficinas pedagógicas. A difusão é feita via *media* virtual, através da rede *Facebook*, *sites* (como o *agenda7* e *eventosdecoimbra.com*) e *flyers* enviados por *e-mail* para hotéis, associações e agências de turismo. Outro meio utilizado é o de publicações em jornais e revistas.

Constata-se na página do *Facebook* inúmeras ofertas de informações acerca do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, tais como, o horário de funcionamento, o endereço, o valor das entradas, o *e-mail* para contato, o número de telefone, etc. Em 2015, somaram-se 10.740 visualizações com gosto na referida página. Outros *sites* nas redes sociais, principalmente os de turismo, incluem o Mosteiro como um dos atrativos da cidade de Coimbra, destacando-se a história da Rainha Santa Isabel.

A administração oportuniza também a interação com os turistas por meio do Livro de Visitas que consta na portaria do edifício, concentrando nele a expectativa de *feedback* dos visitantes. Nele, registra-se um retorno positivo, onde há pretensão de muitos em voltar ao sítio ou indicá-lo, adotando aspectos como beleza e singularidade, arquitetura e, sobretudo, importância histórica e religiosa, impregnadas em cada parede, em cada piso, em cada recanto em que a Rainha D. Isabel terá cruzado.

Frise-se que, por outro lado, há reclamações pertinentes à distância entre o Centro e a Igreja do Mosteiro. Embora esta seja facilmente visualizada, o trajeto tem que ser percorrido pelo turista na entrada e também na saída, sendo necessário o seu regresso à portaria para abandonar o sítio. Retoma-se, neste caso, a busca de soluções que contribuam para facilitar a visita, face à dificuldade encontrada.

Apesar de todo o empenho e dos trabalhos desenvolvidos pelos funcionários no mosteiro, com um olhar mais observador, pudemos em algumas oportunidades perceber o pouco cuidado com a relva, demorando certo tempo para ser novamente aparada, causando uma impressão de ausência de zelo. Com relação às pedras (partes do Claustro) que se encontram na entrada principal do Mosteiro, também acontece uma “desordem visual”, pois podem ser vistas de forma negativa pelo turista, que ao adentrar, não sabe exatamente do que se trata, e portanto, acaba por deixar transparecer uma ideia de “entulhos organizados”. Embora haja um projeto para o melhor direcionamento das atividades, e um entendimento consequente das mesmas, até o momento em que finalizamos o estágio, não houve andamento nessas questões. Ideia extraordinária do Prof. Doutor Pato Macedo foi a criação de um cd digital (com a contribuição dos trabalhadores do Mosteiro) que poderia ser destinado à visualização pelos turistas, para que melhor compreendessem a história daquelas pedras que ali estão naquele local, bem como mais informações sobre o mosteiro, bem como uma recriação digital do Claustro e da Igreja do mesmo. Várias outras criações podem advir de estudos dos pesquisadores, da comunidade académica no sentido de ofertar contribuições para melhor entendimento do passado que lhe é inerente, para além da figura da Rainha Santa, tido como monumento nacional. Assevere-se que a faina desses profissionais por uma melhor compreensão das perspectivas sócio-históricas e culturais do Mosteiro acaba por conclamar a atenção da sociedade para as várias finalidades, sobretudo desse museu em questão, tomando em computo sua função social.

O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha tem em sua história muitas premiações incluindo a de eleição de melhor museu português. Esse factor contribui também para incentivar a sua procura por parte dos visitantes. É importante destacar que os trabalhos desenvolvidos não contam apenas com seus funcionários mas também estudiosos que se dedicam intensamente para velar pelo passado, mas também lançar novos olhares acerca das atividades artísticas e culturais que o mosteiro abriga. O próprio prédio em si tem uma arquitetura distinguida. Ter noção da importância desse património é desvendar a mente humana em um momento especial de sua criatividade, de seus valores, de sua história. Esse

turismo por nós proposto é consequência dessa conscientização que deve contar com o apoio das políticas públicas, da sociedade e sobretudo dos profissionais dos diversos ramos da Academia.

O trabalho realizado na recuperação do mosteiro medieval de Santa Clara-a-Velha auferiu três prémios em dois anos, destacando-se dois internacionais e um deles concedido, em Espanha, pela Junta de Castela e Leão. Foi conferido o prémio internacional ao restauro do mosteiro de Santa Clara-a-Velha, sendo que foram sublinhadas as dimensões fundamentais da intervenção no monumento, cuja gestão é da responsabilidade direta da DRCC desde 2007.

*“Foram alvos de exposição, os prémios AR&PA, que reconhecem o trabalho de pessoas e instituições em favor da conservação, investigação e intervenção em bens integrantes do património histórico. No âmbito da VII Bienal de Restauro e Gestão do Património, o Prémio Internacional distinguiu o restauro do mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, na margem esquerda do rio Mondego. Esta distinção abrange um sublinhado muito especial para a importância histórica do imóvel medieval, além da valorização da reinvenção arquitetónica do espaço e da sua importância para o ordenamento urbano da cidade, bem como a qualidade interdisciplinar da intervenção patrimonial que ali está a ser desenvolvida pelos poderes públicos.”<sup>90</sup>*

### **3.2 Ampliação de visitas: medidas possíveis**

Apesar da visível burocracia que move o destino dos patrimónios culturais, ainda que haja esforço contínuo para a sua preservação, foi possível observar durante o estágio realizado pela mestranda que existem meios admissíveis para ampliar a visitação aos museus e sítios arqueológicos, em especial às ruínas do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, que traduzam maior rentabilidade para a gestão desse espaço.

Faz parte dessa possibilidade buscar uma maior aproximação com a comunidade envolvente, proporcionando oportunidades à mesma de conhecer e participar dessa história que é inerente à vida da população conimbricense e, assim, desencadear uma progressiva colaboração. Outra medida provável seria aproveitar os espaços para interação cognitiva, em especial, ampliando as parcerias com instituições de ensino, incitando as crianças e os jovens a se interessarem para a temática, como meio de

---

<sup>90</sup> Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/recuperacao-do-mosteiro-de-santa-claraavelha-premiada-tres-vezes-desde-o-ano-passado-1466493>. Acesso em 10/05/2015.

resguardar o passado e criar uma mentalidade que se pressupõe estar centrada na função social museológica, preservando a sua memória para o futuro.

Os mecanismos de acção devem passar sobretudo pelas instituições de investigação e ciência. É aí que se constrói a imagem de um espaço e se perspectivam linhas de atuação.

Neste contexto, eu, Camila Rezende, inscrita no curso de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, delinee o projeto *Pela mão de Isabel*, onde trata dos itinerários percorridos pela Rainha Santa, detectando os locais que ela teria cruzado, imbuindo as suas marcas em terras lusitanas e contiguidades. Esbocei assim, uma lista, descritiva dos lugares, com referências históricas, religiosas e lendárias, através de pesquisa bibliográfica, no intuito de atrair milhares de indivíduos residentes, bem como dos quatro cantos do mundo, a participar de um turismo religioso e igualmente monumental/patrimonial, acompanhando e repetindo o roteiro executado por Santa Isabel.

Tomando-se em cômputo a quantidade de católicos existentes e que perpetraram esse tipo de viagem, somando-se, todavia, os devotos da Rainha Santa Isabel, pode-se antecipar que a viabilização do projeto permitiria um considerável acréscimo na rentabilidade turística que somaria veementemente em todo esse contexto de preservação do património cultural. O projeto, para resultar satisfatório, abarcaria parcerias entre os municípios, entidades escolásticas, igrejas, agências de turismo, sociedade, governo, empregando *marketing* nos empreendimentos a serem criados. A consciência da função social que esteve na origem do Mosteiro através do trabalho profícuo da Rainha Santa e que imperativamente deve ser mantida, encontra no projeto *Pela mão de Isabel* uma possibilidade de ampliação de recursos, os quais podem ser destinados à preservação da memória coletiva.

## **PARTE IV**

### **4. Estágio desenvolvido**

#### **4.1. Atividades junto ao Mosteiro**

O estágio realizado no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, no período que compreende entre 17 de novembro de 2014 e 17 de maio de 2015 abona a oportunidade de conhecer de perto a história da Rainha Santa Isabel, a sua trajetória de vida e de compreender a relevância desse edifício secular, cuja construção esteve sob a sua guarda. Um prédio que ultrapassa as fronteiras do arquitetónico para alcançar abrangência na marcha social, política e histórica de Portugal.

Tecer considerações acerca do Mosteiro é trazer à tona lembranças do monumento gótico, local que a Rainha Santa Isabel escolheu para a sua última morada. Um sítio que resistiu às inúmeras inundações provocadas pela elevação da água do Rio Mondego em consequência das intempéries, incitando ao trabalho árduo das noviças, que encerra em suas paredes recordações de um tempo em que a Rainha Santa cumpria os seus itinerários régios ao longo de todo o país, construindo hospitais, casas de apoio, se solidarizando com os mais necessitados, velando pelos bons costumes e colocando a paz em meio a tantas guerras travadas.

O período do estágio corroborou na compreensão do valor patrimonial e social do Mosteiro, com relevância para a sua biografia cronológica, os feitos nele sucedidos e a sua ligação incontroversa com os destinos de Portugal. Nas atividades desenvolvidas junto à Direção, aos funcionários e prestadores de serviços do Centro, pode-se distinguir as peças teatrais ali apresentadas; os filmes acerca da história que o envolve; o manuseio e conhecimento de documentos de acentuada importância histórica; as palestras; a leitura de obras na biblioteca que resultaram em sinopses ou resenhas críticas, reforçando o aprendizado.

Nesta conjuntura, por iniciativa das orientadoras, a mestranda desenvolveu o projeto *Pela Mão de Isabel – Os itinerários da Rainha Santa: passos para um turismo ibérico*, na certeza de que o mesmo poderá contribuir para abrir novos caminhos que descortinem um turismo fortalecido, sobretudo na região centro de Portugal.

## 4.2 Resumo do Projeto

O escopo do projeto *Pela mão de Isabel* – Os itinerários da Rainha Santa: passos para um turismo ibérico é averiguar e apresentar os caminhos percorridos pela Rainha Santa Isabel durante a sua trajetória de vida, conduzindo inúmeras vezes o destino do país, valendo-se não somente das suas orações e jejuns, contudo, de suas ações arrojadas, construindo igrejas, mosteiros, hospitais, praticando obras filantrópicas e apaziguando conflitos internos e externos. Esse caminho, que começou a ser percorrido por seus devotos, peregrinos e outras milhares de pessoas, pode representar um acréscimo significativo no turismo enquanto fonte de renda, não apenas para as vilas, lugares e cidades que se situam ao longo desse caminho, mas para Portugal no cenário internacional.

Isabel de Aragão foi uma diplomata que não poupou esforços para centralizar nas mãos de D. Dinis, bem como nas suas, a condução e a gestão sociopolítica e econômica de seus reinos. As diligências da Rainha Santa potencializaram o crescimento de múltiplas províncias dos confins lusos, aldeias que guardam as suas histórias orais e os seus beneméritos esculpidos nos monumentos e obras construídas.

Esse contexto de veneração e adoração relativamente à Rainha Santa se mostra fator de potencialização do turismo ibérico. Uma mulher cujos caminhos merecem ser cursados uma vez, e outras vezes mais, relembrando os seus feitos. As lendas ultrapassam fronteiras, as orações também. Considera-se que ainda que sobrevenham divergências quanto aos itinerários que possa ter cruzado, sobretudo nas suas duas viagens em direção a Santiago de Compostela, o certo é que nas terras lusitanas esta haveria passado por mais de 100 vilas ou lugares. Uma Rainha que por si mesma decidiu conhecer de perto a vida de seus súditos e assumir as suas posses, sendo bastante jovem quando se desposou com D. Dinis.

Esse estudo tem a pretensão de traçar um itinerário que possa justificar um turismo não apenas religioso, mas para além disso estar voltado para a apreciação dos monumentos e a sua devida conservação, além de estar relacionado a um turismo rural, preservando as aldeias existentes e o seu entorno natural e patrimonial.

### 4.3 Justificativa

Considere-se que a crise em Portugal, desde a última década, parece ser um preâmbulo para um novo turismo em Portugal com possibilidades de revitalização do tecido socioeconômico e político cultural. Lembre-se que nas décadas de 70 e 80 este instituto surgiu como alternativa, sobretudo no interior do país, para minimizar o empobrecimento das sociedades rurais nas suas buscas por soluções urgentes. Embora a origem do turismo remonte à uma data longínqua, diga-se que este foi ganhando contornos mais reluzentes, considerando-se o redescobrimto de um mundo sustentável, bem como a salvaguarda do património.

Deste modo, o projeto se justifica diante da eloquência que sustenta essa porta. Apesar das dificuldades temporárias e atemporais para arregimentar interesses múltiplos, o traçado final resgata o propósito primordial de dinamizar o potencial turístico.

### 4.4 O turismo em Portugal

De acordo com as Estatísticas do Turismo projetadas pelo INE (Instituto Nacional de Estatística), o ano de 2010 despontou com uma recente trajetória no turismo que até então estava em baixa com a crise instaurada na Europa desde 2008. *“Assim, todas as principais potências econômicas registraram um crescimento real do PIB, quando no ano anterior só no conjunto das ‘Economias emergentes e em desenvolvimento’ tal se verificou. As medidas de contenção da crise mundial originaram que, em termos globais, se progredisse de uma situação inaudita nos tempos mais recentes: de quebra real do PIB (-0,5%) para um crescimento de 5% em 2010”*<sup>91</sup>, tendo Portugal ocupado o 37º lugar na lista dos países mais procurados pelos turistas. O saldo final na balança turística chegou a 4.658 milhões de euros, com valor superior ao ano de 2009, em 11%, assumindo a 26ª posição no ranking mundial em termos de receitas turísticas em 2010.

Anote-se que a procura turística em Portugal, referente a 2006 e 2007, cresceu cerca de 10% em cada modalidade. Os subsídios do INE (p.75/76) expressam que em 2008, a demanda ficou em torno dos 2%, acostando-se a 6% negativos no ano posterior. Em 2009 voltou a subir e, em 2010, o Consumo do Turismo no Território Económico-CTTE mediu um aumento de 7,9% o que rendeu quase 16 milhões de euros (INE: 2010).

---

<sup>91</sup> Relatório de estatísticas do Turismo projetadas pelo INE, 2010.



O turismo receptor cobriu mais da metade do turismo no país. Os mercados emissores de fluxos monetários turísticos não tiveram oscilações expressivas em números. Em termos de destino favorito, os turistas que elegeram Portugal foram os mesmos que o escolheram em 2010, destacando-se o Reino Unido, França, Espanha e Alemanha, que juntos perfizeram mais da metade da receita angariada pelo turismo nacional. Segundo o INE (2010), no quesito dos meses escolhidos para desfrutar dessa modalidade de viagem, sejam europeus ou não, foram maio, na dianteira, seguido de junho, agosto e setembro, estando estes bem próximos.

O INE (2010) avalia que os motivos categóricos da deslocação humana são: lazer, férias e recreio, tendo alcançado a casa de 2,8 milhões de indivíduos, no ano de 2010. O pretexto que aparece em proporção menor que aquele primeiro é a visita a amigos ou familiares abrangendo aproximadamente 1,8 milhões de residentes a tráfegarem. Outras 377 mil pessoas se movimentaram em viagens por ensejos profissionais ou de negócios, predominando o sexo masculino, com 62,8%. Quanto aos turistas residentes, são as mulheres quem viajam mais (51,7%). No total, excluindo as viagens de negócios, as mulheres vencem com 53,5% aos homens com 51,5%. Recorde-se que, quantitativamente, o sexo feminino prevalece na população lusitana.

Os relatórios do INE (2010) apuraram que o turismo perpetrado com o intuito de lazer, recreio e férias abocanharam 48,6% (51,2% em 2009), com 7,5 milhões de deslocamentos. Os 39,2% do total se adequam em viagens designadas a visitas a familiares e amigos realizadas pelos residentes, atingindo seis milhões de transposições. Tendo como destino principal o próprio país, o transporte mais utilizado foi o terrestre em 97,6% dos casos, auferindo a casa dos 88,2%, com automóveis particulares. (2010:30). O Instituto Nacional de Estatística abalança que os turistas residentes abraçaram as campanhas publicitárias que instigaram as viagens locais. Seus destinos foram praticamente os mesmos.

Em 2013, as receitas com o turismo, de forma análoga, aumentaram, mais precisamente, importaram um crescimento de 7,5%, com 644,1 milhões a mais do que em 2012, perfazendo o total de 9,2 mil milhões de euros. O *site* do Ministério do Turismo exhibe os dados oficiais afirmando que *“no ano de 2013 finalizou com 14,4 milhões de hóspedes que traduziram um crescimento homólogo de 4,2% (+586 mil).*

*Maioritariamente estrangeiros (55% do total, ou seja, 8,3 milhões), este mercado aumentou 8,3% (+638,9 mil)”<sup>92</sup>.*

É importante ressaltar que o turismo religioso em Portugal está intimamente relacionado com as festas e fatos religiosos dos sítios receptores dos fluxos turísticos e tem por motivação fundamental a fé, a crença em algo maior, em algo espiritual. Diga-se que o turismo religioso abarca não só a visita a locais sagrados como também a participação em rituais de culto e as peregrinações volvidas para motivos religiosos. De acordo com os dados oficiais, Portugal alcança já a casa dos 10 por cento na movimentação turística neste item. Note-se que a Espanha, EUA, Brasil, França, Alemanha e Itália estão entre os principais países emissores do turismo religioso tendo como destino Portugal, verificando-se que 75% do património material e imaterial lusitano é religioso.

O turismo religioso pelo país aponta para uma identidade cultural e religiosa *sui generis*, com uma uniformidade singular dos monumentos, a riqueza das lendas e tradições, a caracterização artística e histórica das vilas e cidades que tiveram profunda influência na época de D. Dinis, tendo a Rainha Santa estado presente na gestão régia e contribuído para o progresso de Portugal.

Essa modalidade de turismo vem sendo discutida em Portugal, sendo vista como produto estratégico no qual se verifica a diversidade do património religioso, despontando em muito a identidade portuguesa, os seus costumes e tradições, tanto na expressão quantitativa como qualitativa e representando a perspectiva de um enriquecimento não apenas religioso como também cultural por parte do turista que pode usufruir deste legado, seja ele residente ou não.

Ademais dessa modalidade de turismo, outras como o turismo rural, monumental, cultural, devem ser estimulados como meios eficientes para gerar emprego, rendas, valorização do património material e imaterial, tendo a participação ativa da comunidade, dos operadores do turismo, das políticas públicas, mas sobretudo da comunidade académica que por meio de suas experiências podem traçar caminhos que tragam menos impactos negativos no seu processo de desenvolvimento.

---

<sup>92</sup>

Disponível

em:

<http://www.turimodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/proturismo/estat%C3%ADsticas/an%C3%a1lisesestat%C3%ADsticas/osresultadosdoturismo/anexos/4.%C2%ba%20trim%20e%20ano%202013%20-%20Os%20resultados%20do%20turismo.pdf>. Acesso em 20/05/2015

Expõe Silva que “27% dos colaboradores ao serviço nos empreendimentos turísticos têm formação específica em Hotelaria e Turismo. Pousadas e hotéis de quatro estrelas detêm o maior número de colaboradores com formação em Hotelaria e Turismo (respectivamente 31% e 29%)<sup>93</sup>”. Dos dados do INE (2010) se infere que praticamente metade dos colaboradores no serviço dos empreendimentos turísticos tem apenas o 9º ano do ensino básico, ou seja, um nível baixo de escolaridade. A conclusão das pesquisas é de que as pousadas auferem destacadas potencialidades na quantidade de cooperadores com grau de licenciatura ou grau superior (14,7%), localizando-se no Norte e no Centro do país os que possuem escolaridade superior (14%).

Esses dados têm relevância significativa para que se possa compreender que o turismo em Portugal tem potenciais para se desenvolver, sendo irrefutável aproveitar-se de alguns nichos ainda pouco explorados para criar empregos, *marketing* que atraia os turistas para esses sítios, geração de rendas e divisas, evitando mesmo o despovoamento de algumas regiões nos interiores menores, dando à população local a chance de melhores condições de vida. Os itinerários da Rainha Santa permitem à Portugal a valorização de suas lendas e cultura, dos seus feitos que marcaram a história pátria, mas que, contudo, representam o resgate de um património mundial, cujas memórias devem ser lembradas.

De acordo com Santana e Estévez o turismo é “*el movimiento de gente a destinos fuera de su lugar habitual de trabajo y residencia, las actividades realizadas durante su estancia en estos destinos y los servicios creados para atender sus necesidades*”<sup>94</sup>. Dentre as várias definições de turismo destaque-se as Recomendações da Organização Mundial de Turismo/ Nações Unidas Sobre Estatísticas de Turismo, como sendo “*as actividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos do que vivem por um período de tempo inferior a um ano consecutivo com fins de lazer, negócios e outros*”<sup>95</sup>.

Destaque-se que na Idade Média, o turismo religioso, nas suas origens, já teria sido praticado pela Rainha Santa Isabel, nas suas peregrinações, mormente a Santiago de Compostela. Peregrinações estas que já haviam sido iniciadas desde a descoberta da

---

<sup>93</sup> Silva, André. *UC. História e Geografia de Portugal II*. Geografia de Portugal – Características Geomorfológicas do Território: Unidades Geomorfológicas Regionais. Geografia de Portugal 2 IPS – ESSE ME12C Síntese do relevo Português: Disponível em: [http://www.geografia7.com/uploads/3/1/4/8/3148044/geomorfologia\\_de\\_Portugal.pdf](http://www.geografia7.com/uploads/3/1/4/8/3148044/geomorfologia_de_Portugal.pdf). Acesso em 05/03/2014.

<sup>94</sup> Santana, Agustín y Esteves, Fernando. *Antropología del turismo*. (En Prat, Joan y Martínez, Ángel. *Ensayos de antropología cultural*. Homenaje a Claudio Esteva-Fabregat). Barcelona: Ariel, 1996, p. 288.

<sup>95</sup> Recomendações da Organização Mundial de Turismo/ Nações Unidas Sobre Estatísticas de Turismo, 2010.

tumba do Santo, desde 1814, com viajantes de toda a Europa embora em proporção reduzida.

Deste modo, os itinerários propostos têm como base o estudo bibliográfico. As fontes pesquisadas foram utilizadas como informações primordiais, uma vez que as mesmas tão-somente seriam possíveis nesse contexto, tomando em conta que uma observação direta dos fatos não mais seria possível.

Vários *sites* das redes sociais pesquisados mostraram a efervescência existente em devoção à Rainha Santa, sobressaindo inúmeras orações, requerendo a intercessão da mesma nas homilias contra a pobreza, em favor de bons casamentos, além da reiteração da fé. Versam sobre elementos que hoje vêm legitimar a religiosidade fervorosa, não apenas em Portugal, com fulcro nestes detalhes, mas ainda nas histórias e lendas advindas de outros lugares.

O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha não representa tão somente o turismo religioso, mesmo que grande parte dos visitantes demonstrem interesse pelo corpo incorrupto da Rainha Santa, se encontra em Santa Clara-a-Nova em uma caixa de prata; tal fator não deve ser associado exclusivamente com a religião, mas com a curiosidade do ser humano por se tratar de um milagre reconhecido pelo Vaticano. Muitos desses visitantes buscam maiores conhecimentos acerca de toda a sua trajetória enquanto rainha, sobretudo no que se refere à sua vida no antigo Mosteiro. Além disto, os turistas revelam que têm em consideração, além da religião, pela arte e pela história, especialmente os detalhes sobre as religiosas no convento: o que faziam, como se portavam, quais as regras a serem seguidas etc. Mais especificamente querem conhecer o que restou do magnífico espaço que foi praticamente inundado pelas cheias do Mondego.

O turismo religioso que interfere em Santa Clara, muito embora tenha acentuadas perspectivas sobre a figura e o imaginário coletivo no tocante à Rainha Santa, denotando propriedades como o fervor místico e contemplativo, conduz, ainda, a uma perspectiva contraditória na qual tantas vezes Santa Isabel ocupa um plano secundário quando, o turista, se volta para o Mosteiro buscando descortinar um passado de glórias em solo lusitano, via uma arquitetura bela e objetos de arte imponentes.

Esse turismo religioso percorre, então, ao enalço de um turismo religioso conventual, com precedentes da culinária antiga e dos doces tradicionais, das histórias marcadas em cada canto, seja pelo amor que envolveu Pedro e Inês, seja pelas esculturais fontes, símbolos, e representações que compõem aquele espaço. Assim, não se pode afirmar que o turismo religioso em Santa Clara tem em sua composição elementos que

resgatam apenas o simbolismo da Rainha Santa. Portanto, esse ponto de vista, o turismo arraigado no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova incorpora diversos fatores que são expressivos para atrair os turistas, assim como sua própria arquitetura, sendo elencada como património nacional.

Nessa conjuntura, o papel das instituições sociais, e sobretudo dos vários campos do conhecimento científico pode desvendar o que ainda está por vir para que o Mosteiro de Santa Clara alcance outros degraus acerca de sua importância mundial. O turismo que passa por essa instituição, embora com traços evidentemente religiosos, sobrepõe-se muito a ele, ultrapassando fronteiras que tão-somente os cientistas são capazes de redimensionar, tanto no referente à transcendência cultural, o aditamento de legitimação de um espaço, que se traduz numa evolução histórica de Coimbra, e de Portugal.

A contribuição que os operadores do turismo e a sociedade podem conceber a esse espaço museológicos são consideráveis, contudo, centra-se nos estudiosos e pesquisadores das comunidades acadêmicas com o encargo de conduzir para os novos destinos museológicos. Se os conjuntos escultóricos que compõem o local revelam grande qualidade estética, se as obras sacras que lhe pertencem são dignas de admiração, se a figura da Rainha Santa tem levado a tanta fervor, se as tradições conventuais chamam a atenção dos turistas, se os trabalhos árduos de várias entidades turísticas têm contribuído para despertar para as visitas ao Mosteiro, assevere-se que não devem estar dissociadas dos esforços das instituições de investigação e da ciência. São esses profissionais competentes que podem delinear vindouras facetas acerca da construção da imagem museológica e sua dinâmica, perspectivando-se linhas de atuação, não apenas na sua preservação, mas sobretudo, na sua reconstrução.

#### **4.5 Fundamentação teórico-bibliográfica**

Registre-se que apesar de os fatos e detalhes sobre a vida da santa terem sofrido uma reelaboração pelos próprios informantes, contêm subsídios suficientes apreendidos pelas obras bibliográficas, muitas das vezes baseadas em documentos, permitindo conduzir ao traçado desse projeto que sugere os itinerários de Dona Isabel de Aragão.

Todos estes episódios sociais devem ser confirmados no pensamento de Durkheim: *“As coisas sociais só se realizam através dos homens, elas são o produto da atividade humana, portanto parecem não ser outra coisa senão a realização de ideias inatas ou não, que trazemos em nós, se não aplicação destas ideias às diversas*

*circunstâncias que acompanham as relações dos homens entre si*”. Alega ainda que “os detalhes da vida social excedem por todos os lados a consciência, esta não tem uma percepção suficientemente forte desses detalhes para sentir a sua realidade (...) mas se os detalhes, se as formas concretas e particulares nos escapam, pelo menos nós representamos os aspectos mais gerais da existência coletiva de maneira genérica e aproximada, e são precisamente essas representações esquemáticas e sumárias que constituem as pré noções de que nos servimos para as práticas correntes da vida. Não podemos pensar em pôr em dúvida a existência delas, uma vez que a percebemos ao mesmo tempo que a nossa. Elas não apenas estão em nós como também, sendo um produto de experiências repetidas, obtêm de repetição – e do hábito resultante – uma espécie de ascendência e autoridade”<sup>96</sup>.

Partilhamos com Lucien Goldmann a ideia de que o verdadeiro criador é o grupo social: “(...) o grupo social constitui um processo de estruturação que elabora nas consciências de seus membros as tendências afetivas, intelectuais e práticas no sentido de uma resposta coerente aos problemas que suas relações com a natureza e suas relações inter-humanas formulam”<sup>97</sup>.

A base conceitual empregada autoriza traçar as perspectivas do itinerário de Santa Isabel depositando-se no turismo (não apenas religioso) expectativas para alargar aspectos socioeconômicos e políticos de todo Portugal, ultrapassando as fronteiras para um turismo Ibérico. A metodologia empregada, neste caso, bem como alicerce sobre o qual ele se assenta, conduz a apresentar e arrazoar sobre os aspectos teóricos associados para prosseguir com exposição do projeto em tela, nas variantes presentes e nas intersecções basais.

Os itinerários da Rainha Santa aqui alvitados envolvem significados amplos relativos à história de Portugal, à mentalidade do seu povo e às formas com que esse turismo está condicionado a muitos fatores, mormente à função social que deve ser verificada nos bens patrimoniais materiais e imateriais visando a sua conservação para as gerações futuras.

*Pela mão de Isabel* é um projeto que tem todas as condições para ser viabilizado: a história existe, tal como essas paragens. É capital incrementar o turismo voltado para esta temática, desnudando caminhos para a integração de várias comunidades no processo

---

<sup>96</sup> Durkheim, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 19.

<sup>97</sup> Lucien Goldmann. *Sociologia do romance*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1967, p. 206.

político e econômico do país, uma vez que se preservaria o que Roger Chartier<sup>98</sup> chamaria História das Mentalidades, na verdade, uma história do arcabouço de crenças e de valores que são adequados a uma época ou a um grupo ou, segundo Duby essa história reflete as ideias que os homens concebem da sua configuração de existência e que comandam “*de forma imperativa a organização e o destino dos grupos humanos*”<sup>99</sup>.

---

<sup>98</sup> Roger Chartier. *Formação social e habitus: uma leitura de Norbert Elias* (In a História Cultural), Lisboa: Difel, 1990, pp. 91-119.

<sup>99</sup> Duby, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Edições 70, 1971, p. 95.

## CONCLUSÃO

Pensou-se no presente Relatório a caracterização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, situando-o desde a sua idealização até os dias de hoje, no intuito de observar o contexto que o circundou ao longo desses mais de 700 anos de existência, atentando-se ao fato do conjunto monástico despontar como um dos principais cenários da vida sociopolítica e religiosa de Portugal e ter sido escolhido, pela Rainha Santa Isabel, como o local de sua última morada.

Foi na Idade Média, em meio à dispersão da Ordem franciscana, que ela se dispôs a recriar e a manter a instituição, onde pode realizar benesses aos mais necessitados.

Das pesquisas, apreendeu-se que D. Isabel de Aragão iniciou logo cedo, após casar-se com D. Dinis, uma importante ação diplomática como mediadora nas divergências do rei de Portugal, tendo notabilizado-se também como intercessora junto aos reis e rainhas de Castela e Aragão, sempre com o objetivo de oferecer acordos de paz como solução aos enfrentamentos bélicos, principalmente por meio de alianças matrimoniais entre os filhos e essas mesmas casas régias. Consciente do seu papel, a Rainha manteve intensas correspondências por meio de cartas levadas por mensageiros de sua confiança aos reinos peninsulares e às autoridades eclesiásticas. Tais documentos tornaram-se referência histórica dos locais por onde ela passou, tendo sido úteis, portanto, na valoração do projeto resultante deste estágio.

Adentrando no acervo bibliográfico pesquisado, destaque-se uma das primeiras obras literárias que difundiu a Rainha como ser excepcional e que, de certa maneira, continua exercendo influência como paradigma da santidade de Isabel. O volume mostra a vida, a diplomacia, os momentos finais da sua vida e os seus milagres. Vale salientar a sua personalidade franciscana da baixa Idade Média, que atuou intensamente nos projetos sociais e religiosos ao promover a distribuição de esmolas, ao construir albergues, orfanatos, hospitais e casas para abrigar religiosos. Mas não poder-se-ia deixar de comentar sobre as suas ações realizadas após a morte de D. Dinis, onde ela dividiu-se entre o exercício religioso e a diplomacia para solucionar as divergências entre Portugal, Castela e Aragão<sup>100</sup>.

---

<sup>100</sup> Museu Machado de Castro (Coimbra), ed. de Frei Francisco Brandão. “Relaçam da vida da gloriosa Santa Isabel, Rainha de Portugal”, *Monarquia Lusitana*, 6ª parte, 1672; ed. de José Joaquim Nunes. *Vida e milagres de D. Isabel, Rainha de Portugal*, *Bol. da Academia das Ciências*, Classe de Letras, LXIII, 1920.



A vida e os legados de D. Isabel estão intimamente ligados ao Mosteiro, fato esse que reafirmou o propósito de apresentar um trabalho que pudesse contribuir na manutenção desta memória coletiva e, ao mesmo tempo, ser um instrumento de divulgação do património cultural, gerando incentivos para potencializar o investimento no turismo local e nacional, favorecendo a economia do país como um todo. Aduza-se a isto o fato desse potencial atravessar fronteiras, em especial para interagir com um turismo ibérico, justificando-se esta afirmação ao rememorar que a Rainha Santa nasceu em Saragoça, na Espanha, e que empreendeu viagem a Santiago de Compostela, possivelmente adentrando em outras paragens.

Todas as localidades despontadas pelo estudo realizado e descritas no projeto, fazem parte da trajetória político-histórica e religiosa, bem como estão impregnadas no imaginário coletivo da sociedade, tendo como pressuposto as lendas, tradições e beneméritos que D. Isabel terá transmitido. Tomando tais fatores em consideração, tem-se que é possível traçar uma rota de sua trajetória, senão a mais complexa, aquela mais viável em termos de reconhecimento dos bens patrimoniais que são extremamente significativos para o país. Contribui para essa escolha uma linha traçada no mapa, que seja transitável à peregrinação. Os destinos selecionados revelam as possibilidades de um turismo ibérico, somando esforços não apenas por parte de Portugal, como também de parcerias com algumas cidades da Espanha.

Torna-se irrefragável que os itinerários cogentes sejam, em Portugal: Alenquer, associado ao seu exílio; Estremoz, local onde a rainha faleceu; Trancoso, no qual se realizou as bodas com D. Dinis; Odivelas, lugar em que está sepultado o rei; Coimbra, local onde está o seu corpo santo, em um túmulo de cristal e prata, mais precisamente no Mosteiro de Santa Clara a Nova; pelas terras de Bragança, sítio em que se constatou diversos episódios com relação à rainha Santa; Santarém (com opção de Salvaterra de Magos, Dornes, Cartaxo), bem como Leiria. Na Espanha, não se pode afastar Barcelona, Saragoça, Santiago de Compostela. Esse seria um trajeto mínimo para fundar esse turismo com base na história que se nos revela acerca da Rainha Santa.

No que toque ao roteiro preestabelecido do projeto, pode-se retirar da experiência a importância dos patrimónios culturais de cada localidade, assim como da luta diária para a sua preservação, o que requer tempo, dedicação, persistência e financiamento. Conscientizar sobre essa realidade é fundamental, considerando-se que a coletividade desempenha um papel inovador neste processo, onde é tanto emissora quanto receptora

dos benefícios advindos de um turismo cultural. Portanto, conclui-se que cooperar é permitir o desenvolvimento, o conhecimento e a manutenção da memória coletiva.

Trazer à tona possibilidades de incremento ao turismo instituindo-se um trajeto, seja de ordem mítica, cultural ou histórica, dos caminhos percorridos por Santa Isabel, é avançar em direção a uma rentabilidade significativa, pois cria oportunidades e gera empregos. Em moldes idênticos ao do caminho jacobeu, atrai milhares de turistas, peregrinos ou não.

A atividade turística está ligada ao cotidiano das pessoas. Neste contexto torna possível impactar a convivência na sociedade, seja direta ou indiretamente. *“A significância de cada impacto identificado pode variar de acordo com suas causas, como também por sua severidade, probabilidade de ocorrência e custos para revitalização do ambiente. São considerados impactos todos aqueles fatores resultantes de atividades, produtos ou serviços, que podem mudar ou descaracterizar o meio ambiente, podendo ser os mesmos de cunho positivo ou negativo<sup>101</sup>”*.

Os impactos positivos potencialmente tratam-se daqueles voltados para a questão econômica e social local, ensaiando significativa geração de renda, conservação de alguns recursos tidos como atrativos turísticos, educação e equidade social, e que podem ser alcançados por meio do desenvolvimento sustentável da atividade turística. No caso dos impactos negativos referem-se aos que prejudicam as áreas naturais em razão do mau uso, bem como os patrimônios ou a própria vida da comunidade, seus costumes e tradições, além de outros elementos.

A propósito, essa ingerência cultural está diretamente relacionada aos impactos sociais, problemática esta proveniente da atividade turística, que pode de certo modo manejar o comportamento social até então praticado. Se por um lado a globalização colabora na divulgação e sob certo prisma para a proteção de patrimônios, por exemplo, no que tange ao comportamento humano torna-se influenciável. Quer dizer, a globalização tende a homogeneizar padrões culturais, ensejando muitas vezes na perda de identidade numa escala micro ou macrosociológica.

A comunidade Acadêmica tem a finalidade precípua de indicar caminhos para a sociedade uma vez que tem seus experimentos e práticas muito além dos conhecimentos

---

<sup>101</sup> Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/28303/turismo-pode-causar-danos-ao-meio-ambiente-sociedade-e-a-cultura-local-Turismo-pode-causar-danos-ao-meio-ambiente-sociedade-e-a-cultura-local>. Artigo por Colunista Portal - Educação - segunda-feira, 21 de janeiro de 2013. Acesso em 15/10/2015.

da maioria dos membros de uma sociedade. Pode ela influenciar para que a sociedade, embora sendo responsável pela qualidade de suas relações, opte por querer ou não determinada atividade incluída diretamente em seu cotidiano. Porém o que tem ocorrido, muitas vezes, é totalmente o contrário, onde localidades de forte potencial têm se tornado “laboratórios de experimentos turísticos”, realizados muitas vezes por gestores despreparados.

Tomando em cômputo as possibilidades de o turismo reunir condições para aprimorar a renda local, muitos gestores e empresários buscam o seu desenvolvimento, no entanto, pode acontecer que nem sempre a população esteja de acordo com tal resultado, justamente pela interferência na cultura, e a necessidade da mudança de hábitos cotidianos que muitas vezes é consequente. Um impacto bastante visível na sociedade é a mudança de comportamento e perda de seu sossego em prol dos turistas. É nessa conjuntura que a Academia pode, sem sombra de dúvidas, despertar para novos olhares, e quebrar paradigmas que já não condizem com a sociedade hodierna, a exemplo de deixar protegidos monumentos arquitetônicos, paisagísticos, património natural e outros.

*“Os impactos do desenvolvimento turístico sobre o património natural e cultural são percebidos local, regional, nacional e internacionalmente. A intensidade dos impactos, tanto positivos como negativos, pode apresentar-se nesses diferentes níveis. Em alguns casos, os impactos não são relevantes e, em outros, comprometem as condições de vida ou a atratividade das localidades turísticas.”*<sup>102</sup>

Entende-se então que o papel da Academia é crucial para a conscientização coletiva, cabendo a ela a união de ideias, intenções afins e capacitação qualificada levando sempre em cômputo não apenas o bem-estar ambiental, todavia, a função social do turismo que deve contemplar parâmetros econômicos, culturais, sociais, e minimizar os seus impactos contraproducentes. Sabendo existir aspectos positivos, mas também negativos, estudos preexistentes das várias áreas do conhecimento se fazer urgentes na aplicação desse projeto. Uma vez entendendo que predominam os efeitos otimizados, pelas razões expostas, como geração de rendas e oportunidades de empregos, bem como salvaguarda do património material e imaterial de Portugal, basta que os cientistas, sobretudo da Universidade de Coimbra, cinjam esse projeto que versa não especificamente sobre área do turismo, mas se sobrepõe a ela, com um olhar mais

---

<sup>102</sup> Ruschmann, Dóris. *Turismo e planejamento sustentável - a proteção do meio ambiente*. Campinas, SP: Papyrus, 1997, p. 37.

refinado sobre a valoração de nosso património, sobretudo monumental, no intuito de levá-lo mais além, para sua concretização efetiva e duradoura.

Cantava em versos Fernando Pessoa que “*Para viajar basta existir*”. Adentrar Portugal, tomando esta rota, é tornar um sonho realizável. Para os que nele nasceram e vivem é um desvanecimento constante no olhar ao passado, não tão longínquo, cujos nomes de indivíduos de grandes feitos, inclusive o de D. Isabel, a Rainha Santa, podem ser realçados e que, em momento algum, se desvencilha da história do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

Confirmou-se, por rigorosos estudos bibliográficos, a imagem de valor que a Rainha Santa detém diante de seus fiéis e devotos e, todavia, muito além disso, registrou-se insofismável ousadia na luta por um mundo mais igualitário, justo, digno e de paz. Uma soberana que soube conduzir os destinos do seu País, ao lado de D. Dinis, sem perder as virtudes de mãe e esposa. Mas, a despeito dos protótipos que foram assimilados em torno dela, é presumível abranger a sua retidão em vida e os milagres alcançados após a sua morte, o que teria ensejado a sua canonização.

A narrativa e a análise dos trajetos perpetrados por D. Isabel, na Idade Média, podem colaborar, face a uma perspectiva turística, para desvendar a cultura portuguesa, os vestígios de sua regência real, manifestar uma visível sincronia com o turismo religioso e o fervor de um dos locais mais secularizados da Europa, que tem um espólio rico de bens patrimoniais, materiais e imateriais. Ao longo do texto apresentamos os percursos da rainha D. Isabel como uma probabilidade para incrementar o turismo, instituindo uma rota que abraça a história e está profundamente relacionada com a constituição das bases da organização social portuguesa, partindo do pressuposto do número representativo de católicos no país. A pretensão foi avaliar a importância da Rainha Santa neste contexto, ainda que, em muitos casos explicitados, as lendas se mostrem imbuídas no imaginário coletivo.

*Pela mão de Isabel* engloba, como projeto, não apenas um turismo de residentes, mas também de não residentes, incluindo o Brasil, por suas relações intrínsecas com Portugal, de países-irmãos, e cuja existência os aproxima, uma vez que a nação brasileira granjeia o primeiro posto mundial quanto ao número de católicos: 126,7 milhões, expressando 65% da sua população. Esses índices sancionam a viabilidade de um turismo em parceria.

Assentiu-se, através do estágio junto a essa instituição, um crescimento não apenas cultural, porém, angariou-se reforço no dever de ser responsável por velar, de

algum modo, para que os bens patrimoniais de uma nação, quiçá do mundo, sejam protegidos e valorizados. É daqui que parte o intento do projeto *Pela mão de Isabel* que redimensiona o alcance do Mosteiro enquanto património cultural, incluindo um percurso que o desvenda como o ponto extremo, haja visto que foi mantido por Santa Isabel e nele estiveram depositados os seus restos mortais até a trasladação para o Mosteiro de Santa Clara – a Nova. Vale dizer que essa somatória de ações é capaz de ensejar um caminho diferenciado.

*Pela mão de Isabel* é um instrumento possível para o início dessa trajetória. Conforme diria José Saramago: “A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: ‘Não há mais o que ver’, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre”<sup>103</sup>.

---

<sup>103</sup> Saramago, José. *Viagem a Portugal*. Lisboa, ed. Circulo de Leitores, 1981. 18.ed, Lisboa: Caminho, 1995, p. 387.

## **ANEXO**

## **Pela mão de Isabel.**

*Os itinerários da Rainha Santa: passos para um turismo ibérico.*

Universidade de Coimbra

Faculdade de Letras –FLUC

Mestrado em História da Arte, Patrimônio e Turismo Cultural

Orientadora: Doutora Maria de Lurdes Craveiro

Parceria com o Mosteiro de Santa Clara

Orientadora: Dra. Zulmira Cândida Gonçalves.

Mestranda: Camila Lisita Rezende

Projeto: Criação dos Itinerários da Rainha Santa

Coimbra, maio de 2015.

## **Pela mão de Isabel. *Os itinerários da Rainha Santa: passos para um turismo ibérico.***

### **Sinopse:**

O escopo do projeto em tela é averiguar e apresentar os caminhos percorridos pela Rainha Santa Isabel durante a sua trajetória de vida, entendendo-se, nesse contexto, que a mesma geriu inúmeras vezes o destino do país, valendo-se não somente das suas orações e jejuns, entretanto, de suas ações arrojadas, construindo igrejas, mosteiros, hospitais, praticando obras filantrópicas, sobretudo com relação aos mais carentes e necessitados, entretanto, ao mesmo tempo, apaziguando conflitos internos e externos.

Uma diplomata que não poupou esforços para centralizar nas mãos do rei D. Dinis, seu esposo, bem como nas suas, a condução e a gestão sociopolítica e econômica de seus reinos. As suas vastas rendas e propriedades garantiram o futuro de muitas das entidades erguidas sob suas determinações, mesmo após sua morte. As atividades perpetradas por D. Isabel de Aragão potencializaram o desenvolvimento e o crescimento de múltiplas províncias dos confins lusos, aldeias essas que, presentemente, guardam suas histórias orais, mas igualmente seus beneméritos nos monumentos e obras contruídas. Uma mulher cujos itinerários merecem ser cursados uma vez, e outras vezes mais, lembrando seus feitos, sob aspecto turístico.

As lendas ultrapassam fronteiras. As orações também.

**Palavras- chave:** Isabel -rainha- santa- Portugal- itinerários- turismo



### **Oração a Rainha Santa Isabel - Para preservar da pobreza**

Gloriosa Rainha Santa Isabel, venho pedir-Vos a Vossa proteção, a vós que nunca deixastes de atender a todos que recorriam ao Vosso bondoso coração.

O amor de Jesus inflamava o Vosso espírito do mal, ardente amor cristão, levando-Vos à prática diária da caridade, dando amparo a todos os que recorriam a vós Santa Isabel, Rainha de Portugal.

Cheio de confiança no Vosso poder e merecimento perante o Altíssimo, eu Vos peço, dignai-Vos proteger-me a mim e à minha família contra as incertezas da existência.

Peço-Vos, Senhora, que estejamos, eu e a minha família, amparados pela Vossa proteção e que possamos sempre estar ao abrigo de privações e de embaraços, que jamais, com a graça de Deus e com o Vosso auxílio, não falte o pão e o alimento à nossa mesa.

*Rezar um Pai Nosso e três Ave Marias.*

### **Oração a Santa Isabel de Portugal**

Querida Santa Isabel, Rainha Santa, fiel discípula de Santa Clara e de São Francisco, ajuda-nos a viver a nossa vocação, acolhendo com amor o chamado de Deus para doarmos inteiramente a Ele. Tu que viveste tantas e tão fortes vicissitudes, mas lutaste para realizar a reconciliação e o perdão nos corações, mostra-nos o caminho da paz e da serenidade. Ajuda-nos a unir as responsabilidades com um empenho intenso na vida de oração, como tu, que soubeste verdadeiramente o que é o essencial. Ensina-nos a buscar as realidades divinas com um coração pleno de ardor, no abandono à Fé e à Esperança. Amém!

### **Novena à Rainha Santa Isabel de Portugal: Mensageira da Paz nos Lares**

1.º dia: Santa Milagrosa

(. .). Óh incomparável Rainha Santa,  
adornada de milagres na vida e na morte (...)

2.º dia: Filha Exemplaríssima

(. . .) Óh Gloriosa Rainha Santa, modelo de mocidade  
que tão sabiamente soubestes desprezar as vaidades do mundo (...)

3.º dia: Esposa Heroica

(. . .) Óh Taumaturga Santa Isabel, Consoladora dos casados (...)

4.º dia: Poderosa Santa

(. . .) Óh Poderosa Rainha Santa,

que em paga de vossa penitências e obras de Caridade

mereceste de Deus o divino poder de operar estrepitosos milagres (...)

5.º dia: Anjo de Caridade

(...) Óh Excelentíssima Apostola de Caridade,

que fundastes conventos, colégios e igrejas

6.º dia: Mensageira da Paz (...)

7.º dia: Espelho das Viúvas

(. . .) Óh incomparável e Santa Rainha, (...)

8.º dia: Luz das Mulheres Piedosas

(. . .) Óh Viva Luz de santidade, Rainha Santa Isabel,

9.º dia: Adornada de Milagres, em Vida e na Morte

(. . .) Com júbilo no coração, com a certeza de sermos atendidos,

vimos a Vós, ó bondosa e carinhosa mãe,

consoladora de todas as aflições (...).

A figura da Rainha Santa Isabel se ergue em grande parte do imaginário coletivo. Todavia, não pretende esse estudo reconstruir, em momento algum a sua hagiografia, conceituando essa como um tipo de biografia consistindo na descrição da vida de algum santo, beato e servos de Deus proclamados por algumas igrejas cristãs, sobretudo pela Igreja Católica, pela sua vida e pela prática de bondade, altruísmo.

Seria tarefa árdua e complexa delimitar uma fronteira rígida entre as particularidades vividas por Isabel de Aragão (1271-1336) na condição de Rainha, bem como as virtudes de santidade que lhe foram adjudicadas. Se por um lado, as biografias, os sermões, as próprias hagiografias contribuíram para a concretização de sua canonização, por outro, as suas ações políticas também lhe são inerentes, inseparáveis por natureza da sua capacidade de agir ou pensar, tanto no que diz respeito à figura da mulher, quanto à da santa que traz dentro de si e se revela nas suas complacências.

Os paradigmas da Idade Média basicamente estão voltados para a Escolástica. Entende-se por essa designação, do latim *scholasticus*, e este por sua vez do grego *σχολαστικός* (que pertence à escola, instruído), como o método de pensamento crítico dominante no ensino nas universidades medievais europeias de cerca de 1100 a 1500. A

escolástica nasceu nas escolas monásticas cristãs, conforme ensina Steven P. Marone<sup>104</sup>, visando conciliar a fé cristã com um sistema de pensamento racional, especialmente o da filosofia grega. Teria marcado essa época a *Summa Theologica*, de Tomás de Aquino, com acentuada ênfase na dialética para ampliar o conhecimento por inferência, ou seja, conhecimento adquirido por meio da razão ou por alguns argumentos e resolver contradições. Em outras palavras, ensejando uma certa autonomia à razão na busca de respostas.

Desta feita a Idade Média é permeada por valores notadamente cristãos. A escolástica surgiu da necessidade de responder às exigências da fé, ensinada pela Igreja, considerada então como a guardiã dos valores espirituais e morais de toda a Cristandade. Por assim dizer, responsável pela unidade de toda a Europa, que comungava da mesma fé. Essa linha vai do começo do século IX até ao fim do século XVI, ou seja, até ao fim da Idade Média. Esse pensamento cristão deve o seu nome às artes ensinadas na altura pelos académicos (escolásticos) nas escolas medievais.

*“A explicação para o que leva os grandes deste mundo a criar mosteiros é considerado o gesto mais eloquente para exprimir o grande fervor religioso da Idade Média. Alcançar a salvação é a ambição legítima e fundamental de qualquer um, porque o medo do Além é então partilhado por todos os fieis. No momento da morte, o medo a que Jacques LeGoff chama “O grande espantinho da Idade Média” torna-se ainda mais pesado”*<sup>105</sup>.

Tecidas essas considerações apenas para proporcionar uma maior compreensão acerca desses valores adotados pela Idade Média, atravessada pelo pensamento escolástico, harmonizando fé e razão, às vezes uma se sobrepondo à outra. Nesse contexto, aprofundar na reflexão, fixando os alicerces sobre a Bíblia, ou os chamados ‘Santo Padre’ vislumbrava uma dinâmica de entendimento voltada em muito para a fé e a santidade. Não nos interessa discutir tais pensamentos e escolas historiográficas ou filosóficas e se levantamos a questão é tão somente para entender que, antes de tudo, Isabel de Aragão era mulher, destinada a ser submissa de algum modo, a ser mãe e esposa dedicada. Ao mesmo tempo Santa.

A trajetória de Isabel de Aragão lhe confere valor histórico inestimável, uma qualidade de estimativa positiva que se sobrepõe às eras chegando aos dias atuais, não

---

<sup>104</sup> Marone, Steven P. "Medieval philosophy in context". In: *A. S. McGrade*, ed., *The Cambridge Companion to Medieval Philosophy*, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

<sup>105</sup> Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra...*, p. 117.

apenas como Rainha ou Santa, mormente a mulher que ultrapassou barreiras, que legou a Portugal uma história digna de ser recontada, de ser visitada, e ser perpetuada via um turismo que resgate os pontos principais dessa jornada, incluindo: patrimônio natural como Vila Flor pertencente à Região Norte e sub-região do Alto Trás-os-Montes, onde a jovem rainha ficou deslumbrada com a quantidade de flores por onde andava quando se dirigia ao Douro. O turismo religioso no qual se pode observar as talhas douradas esculpidas pelas mãos dos grandes mestres, ou as figuras santas pintadas com fervor, incrustadas nas paredes das igrejas. O turismo cultural espalhado pelos quatro cantos de Portugal, desvelando monumentos, complexos arquitetônicos ou símbolos de natureza histórica, além de eventos artísticos/culturais/religiosos, educativos, informativos ou de natureza acadêmica. *“A palavra monumento tem a sua origem latina em” moneo” que significa fazer pensar, trazer à memória, daí que a sua primeira função seja a reflexão, a evocação. Tal obriga a responder à questão básica de saber o que o torna peculiar e de como o seu carácter especial deve ser conservado, visto que, para valorizar um monumento, é prioritário compreender a essência da sua singularidade.”*<sup>106</sup>

Um turismo que resgate e divulgue o que se tem de melhor, a exemplo da Cidade do Conhecimento, Coimbra, historicamente conhecida em razão da Universidade de Coimbra, uma das maiores de Portugal, fundada, em 1290, por D. Dinis. Banhada pelo Mondego, cantado em verso e prosa por imortais poetas, chegou a ser capital do Reino. A história da Rainha Santa muitas e muitas vezes se cruza com a do local. Foi ela a responsável em levar adiante o projeto de Dona Mor Dias que teria fundado uma casa de clarissas e depois obteve licença para construir em 1283 um mosteiro dedicado a Santa Clara e a Santa Isabel da Hungria, cujo projeto foi interrompido pelos religiosos de Santa Cruz: o Mosteiro de Santa Clara a Velha, dedicando grande parte de sua vida.

Portanto, embora com as variadas e sucessivas versões, sobretudo espiritualizadas, que se apresentam acerca da vida da Rainha Santa a mais contundente é a que se nos mostra hoje: a possibilidade efetiva de um novo olhar sobre o turismo, traçando um itinerário pelas mãos daquela que construiu um passado de glórias, ressaltando que afastamos qualquer hipótese nesse estudo objetivando intensificar a religiosidade local. Abre-nos, irrefutavelmente, expectativas para desenvolver um turismo mais complexo, abrangendo modalidades distintas, na azáfama não exclusivamente de velar por acontecimentos pretéritos ou descortinar o futuro, entretanto

---

<sup>106</sup> Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra...*, p. 105.

vivenciar estreitamente a nossa realidade, tecendo-lhe um contemplar mais crítico, mais refinado, convocando a comunidade científica, acadêmica nos seus vastos ramos do conhecimento a compor esse projeto, acreditando nele. Contribuir com o traçar de metas para viabilizá-lo.

Muito tem se elaborado em prol do turismo, designando-o como o conjunto de atividades que envolvem o deslocamento de pessoas de um lugar para outro, seja ele doméstico ou internacional a exemplo das recentes legislações outorgadas, em janeiro de 2015, estabelecendo alterações a serem observadas pelos operadores de vários tipos de turismo, conquanto não caiba aqui discuti-las. Do mesmo modo é razoável a infraestrutura de hotéis, acomodações, transportes e outros. Não poderia se escusar desta lista a gama de publicidades de empresas privadas, nomeadamente em *sites da internet*.

Nesse contexto, aspiramos contribuir para despertar a sociedade, o governo e em especial bradar pela participação dos pesquisadores nesse processo democrático de composição de alternativas para fazer progredir o turismo nacional, quiçá ibérico, colocando a temática na pauta de discussões, com o propósito de procurar e encontrar soluções para o seu desenvolvimento incidindo em uma maior entrada de divisas, alargando o consumo, a produção de bens e serviços e especialmente a necessidade de criação de novos empregos. Contudo, é preciso sopesar os impactos que esse turismo pode acarretar no que tange à modalidade rural, cultural ou qualquer outra. Esses impactos por vezes negativos podem ser prevenidos com a experiência inequívoca da Academia.

Fator ainda relevante é que o turismo pode auxiliar na minimização do êxodo rural, do despovoamento e do esvaziamento das zonas rurais, das aldeias, se bem estruturado. Estimular os jovens a investir seus estudos nessas áreas evitando o deslocamento para as cidades em busca de chances, que tantas vezes não encontram, é meta precípua. Assim, *Pela mão de Isabel* segue-se os primeiros passos rumo ao vivenciar, contemplar e desfrutar da construção de um novo e possível turismo, quebrando paradigmas existentes, a exemplo de que o mesmo deveria se encaixar em uma tipificação específica.

Considera-se que ainda que calhem dissensões quanto aos itinerários que a Rainha Santa Isabel possa ter cursado, notadamente nas suas duas viagens, conforme afixam alguns estudiosos, em direção a Santiago de Compostela, o certo é que nas terras lusitanas teria cruzado mais de 100 vilas ou lugarejos. Uma Rainha que por si mesma deliberou conhecer de perto a vida de seus súditos e assumir as suas posses, conquanto bastante jovem quando se desposou de D. Dinis.

Reiterando esse estudo tem a pretensão de traçar um itinerário que possa justificar um turismo bem além do religioso, orientado para a apreciação dos monumentos e sua devida conservação, e, ainda, estar atrelado a um turismo rural, preservando as aldeias existentes e o seu entorno natural, patrimonial material e imaterial.

Registre-se que esse trabalho foi desenvolvido pela mestranda Camila Lisita Rezende, do curso de História da Arte, Patrimônio e Turismo Cultural, da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Dra. Zulmira Cândida Gonçalves, Diretora do Mosteiro de Santa Clara a Velha e a orientadora da FLUC, Professora Doutora Maria de Lurdes Craveiro. A elas, o meu mais intenso agradecimento pela sabedoria transmitida e ademais, a oportunidade ao compartilhar essa criação.

## PARTE I

### 1. Considerações sobre o turismo em Portugal: uma justificativa para o projeto

A crise em Portugal, na última década, parece ser um preâmbulo para um novo turismo como possibilidades de revitalização do tecido socioeconômico e político cultural. Lembre-se que nas décadas de 70 e 80 este instituto jurídico se nos mostra como alternativa, sobretudo no interior do país, para minimizar o empobrecimento das sociedades rurais nas suas buscas por soluções urgentes. Embora a origem do turismo tenha se remontado há muito mais tempo diga-se que foi no século XXI que ele ganhou contornos mais reluzentes. O redescobrimto de um mundo sustentável, bem como a salvaguarda do patrimônio material e imaterial, natural e monumental deve ser levado em apreço, garantindo para as gerações vindouras a memória viva do passado.

De acordo com as estatísticas do Turismo 2010, projetadas pelo Instituto Nacional de Estatística, sobreveio uma recente trajetória no turismo que até então estava em baixa com a crise instaurada na Europa desde 2008. *“Assim, todas as principais potências econômicas registraram um crescimento real do PIB, quando no ano anterior só no conjunto das ‘Economias emergentes e em desenvolvimento’ tal se verificou. As medidas de contenção da crise mundial originaram que, em termos globais, se progredisse de uma situação inaudita nos tempos mais recentes: de quebra real do PIB (-0,5%) para um crescimento de 5% em 2010”*, tendo Portugal ocupado o 37º lugar na lista dos países mais procurados pelos turistas. O saldo final na balança turística chegou a 4.658 milhões de euros, com valor superior ao ano de 2009, em 11%, assumindo a 26ª posição no *ranking* mundial em termos de receitas turísticas em 2010.

Anote-se que a procura turística em Portugal, referente a 2006 e 2007 cresceu cerca de 10% em cada modalidade. Os subsídios do INE expressam que em 2008 a demanda ficou em torno dos 2%, acostando-se a 6% negativos no ano posterior. Em 2009 voltou a subir, e em 2010 o Consumo do Turismo no Território Económico- CTTE mediu um aumento de 7,9% o que rendeu quase 16 milhões de euros<sup>107</sup>.

O turismo receptor cobriu mais da metade do turismo no país. Os mercados emissores de fluxos monetários turísticos não tiveram oscilações expressivas em números. Em termos de destino favorito, os turistas que elegeram Portugal foram os

---

<sup>107</sup> Instituto Nacional de Estatística. Estatísticas do Turismo, 2010, pp. 75-76.

mesmos em 2010, destacando-se Reino Unido, França, Espanha e Alemanha, que atrelados perfizeram mais da metade da receita angariada pelo turismo nacional. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2010), no quesito meses selecionados para desfrutar dessa modalidade de viagem, sejam europeus ou não, foram maio, na dianteira, seguido de junho, agosto e setembro bem próximos.

O Instituto Nacional de Estatística avalia que o motivo categórico da deslocação humana é o lazer alcançando a casa de 2,8 milhões de indivíduos, no ano de 2010. O pretexto que aparece em proporção menor que aquele primeiro é a visita a amigos ou familiares abrangendo aproximadamente 1,8 milhões de residentes a trafegarem. Outras 377 mil pessoas se movimentaram em viagens por ensejos profissionais ou de negócios, predominando o sexo masculino, com 62,8%. As mulheres residentes viajam mais, sendo 51,7% e, os homens, 48,3%. No total, excluindo as viagens de negócios, as mulheres vencem com 53,5% versus 51,5% dos homens. Recorde-se que, quantitativamente, o sexo feminino prevalece na população lusitana<sup>108</sup>.

Os relatórios apuraram que o turismo perpetrado com o intuito de lazer atingiu 48,6% (51,2% em 2009), com 7,5 milhões de deslocamentos. Os 39,2% do total se adequam em viagens designadas a visitas a familiares e amigos e que foram concretizadas pelos residentes, atingindo seis milhões de transposições. Tendo como destino principal o próprio país, o transporte mais utilizado foi o terrestre em 97,6% dos casos, auferindo a casa dos 88,2% com automóveis particulares<sup>109</sup>.

A análise conclui que 60% do total de dormidas são captadas pelos hotéis, que subiram 7,2% em 2010. No entanto, ocorre uma colaboração das demais categorias nesta evolução, com 18,3% para os de cinco estrelas e 15,4% para os de uma e duas estrelas. Os documentos pontuam que *“as pousadas registraram um acréscimo homólogo de 3,6% e os hotéis-apartamentos de 2,9%. Nestes, as unidades de quatro e cinco estrelas cresceram, em termos de dormidas, respectivamente 8,5% e 9,1%, resultados que compensaram a evolução negativa das de três e duas estrelas (-10,3%). Os aldeamentos turísticos não apresentaram flutuações sensíveis no dígito de dormidas (+0,4%), enquanto os apartamentos turísticos as reduziram em 5,6%, relativamente ao ano anterior”*<sup>110</sup>.

---

<sup>108</sup> Instituto Nacional de Estatística. Estatísticas do Turismo, 2010, pp. 75-76.

<sup>109</sup> *Ibidem*, pp. 28-30.

<sup>110</sup> *Ibidem*, p. 40.



Constatou-se nos dados estatísticos do INE que as dormidas de residentes foram elevadas neste referido período em 4,1%, num total de 13,8 milhões de dormidas. Estes indicativos procedem na região de Lisboa com 9,6%; Alentejo, 7,2%; Algarve, 5,1%; Açores, 3,9%, enquanto o Norte manteve constância relativizada de 0,8% negativo, bem como a Madeira, 2,6% em queda. O relatório do Instituto Nacional de Estatística abalança que os turistas residentes abraçaram as campanhas publicitárias que instigaram as viagens locais. Seus destinos foram praticamente os mesmos. A opção escolhida, para a maioria das dormidas, diz respeito aos hotéis, que monopolizaram 60% do total, sendo 42,9% para os de quatro estrelas, 32,5% para os de três. Remanescendo para os hotéis-apartamentos (flats) 11% dos pernoites de residentes, com uma fatia de 62,2% para os de categoria quatro estrelas<sup>111</sup>.

Expõe Silva “27% dos colaboradores ao serviço nos empreendimentos turísticos têm formação específica em Hotelaria e Turismo. Pousadas e hotéis de quatro estrelas detêm o maior número de colaboradores com formação em Hotelaria e Turismo (respectivamente 31% e 29%”<sup>112</sup>. Dos dados do INE (2010) se infere que praticamente metade dos colaboradores no serviço dos empreendimentos turísticos tem o 9º ano do ensino básico. Um nível baixo de escolaridade. A conclusão das pesquisas é de que as pousadas auferem destacadas potencialidades na quantidade de cooperadores com grau de licenciatura ou superior (14,7%), localizando-se no Norte e no Centro do país os que encerram escolaridade superior (14%).

Silva esclarece que a média de tempo desses indivíduos, neste serviço específico, é de 10 anos, com as pousadas sobressaindo-se nesse quesito. Silva diz que 72% dos colaboradores são efetivos, e que os hotéis três estrelas, situados na região Norte granjeiam 79% nesses termos. Efetividade que decorre até da necessidade de manter o funcionário, uma vez que falta mão de obra especializada<sup>113</sup>.

Esses dados têm relevância significativa para que se possa compreender que o turismo em Portugal tem potenciais para se desenvolver, sendo irrefutável aproveitar-se de alguns nichos ainda pouco explorados para criar empregos, *marketing* que atraia os turistas para esses sítios, geração de rendas e divisas, evitando mesmo o despovoamento

---

<sup>111</sup> Instituto Nacional de Estatística. Estatísticas do Turismo, 2010, p. 42.

<sup>112</sup> Silva, André. UC. História e Geografia de Portugal II. Geografia de Portugal - *Características Geomorfológicas do Território: Unidades Geomorfológicas Regionais*. Geografia de Portugal 2 IPS-ESE ME12C Síntese do relevo português, p. 8. Disponível em: [http://www.geografia7.com/uploads/3/1/4/8/3148044/geomorfologia\\_de\\_portugal.pdf](http://www.geografia7.com/uploads/3/1/4/8/3148044/geomorfologia_de_portugal.pdf). Acesso em 05/03/2014.

<sup>113</sup> *Ibidem*, pp. 4-8.

de algumas regiões nos interiores menores, dando à população local a chance de melhores condições de vida. Os itinerários da Rainha Santa permitem não apenas a valorização de suas lendas e cultura, dos feitos heroicos que marcaram a história do país. Contudo, representam o resgate de um patrimônio mundial cujas memórias devem ser tidas em consideração.

De acordo com Santana e Estévez, o turismo é *“el movimiento de gente a destinos fuera de su lugar habitual de trabajo y residència, las actividades realizadas durante su estancia en estos destinos y los servicios creados para atender sus necesidades (tradução: “o movimento de pessoas para destinos fora do seu local de trabalho habitual e de residência, as atividades realizadas durante a sua estadia nestes destinos e serviços criados para atender às suas necessidades”)*. Dentre as várias definições de turismo avulte-se as Recomendações da Organização Mundial de Turismo/ Nações Unidas Sobre Estatísticas de Turismo, como sendo *“as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos do que vivem por um período de tempo inferior a um ano consecutivo com fins de lazer, negócios e outros”*<sup>114</sup>.

Na Idade Média o turismo religioso, nos seus germes, teria sido praticado pela Rainha Santa Isabel, nas suas peregrinações religiosas, mormente a Santiago de Compostela. Peregrinações estas que se principiaram com a descoberta da tumba do Santo, desde 814, perpetradas por viajantes de toda a Europa, embora em proporção reduzida.

Deste modo, os itinerários propostos têm como base o estudo bibliográfico. As fontes pesquisadas foram empregues como subsídios primordiais, uma vez que as mesmas tão somente seriam possíveis nesse contexto, tomando em conta que uma observação direta dos fatos não mais seria possível.

Vários *sites* das redes sociais despontam a efervescência existente em devoção à Rainha Santa, sobressaindo inúmeras orações, requerendo a intercessão da mesma nas homilias contra a pobreza, em favor de bons casamentos, além da reiteração da fé. Versam sobre elementos que presentemente vêm corroborar a devoção fervorosa a ela, muito além das fronteiras de Portugal, com fulcro nestes detalhes, revelando se em histórias e lendas. Registre-se que apesar dos fatos sobre a vida da santa terem sofrido uma reelaboração pelos próprios informantes, contêm subsídios suficientes apreendidos pelas obras

---

<sup>114</sup> Santana, Agustín y Esteves, Fernando. Antropología del turismo. (En Prat, Joan y Martínez, Ángel. *Ensayos de antropología cultural...*, pp. 286-296.

bibliográficas, muitas das vezes baseadas em documentos, permitindo conduzir ao traçado desse projeto que sugere os itinerários de Dona Isabel de Aragão.

Todos estes episódios sociais devem ser confirmados no pensamento de Durkheim, *“As coisas sociais só se realizam através dos homens, elas são o produto da atividade humana, portanto parecem não ser outra coisa senão a realização de ideias inatas ou não, que trazemos em nós, se não aplicação destas ideias às diversas circunstâncias que acompanham as relações dos homens entre si”*<sup>115</sup>.

Alega ainda que *“os detalhes da vida social excedem por todos os lados a consciência, esta não tem uma percepção suficientemente forte desses detalhes para sentir a sua realidade (...) mas se os detalhes, se as formas concretas e particulares nos escapam, pelo menos nós representamos os aspectos mais gerais da existência coletiva de maneira genérica e aproximada, e são precisamente essas representações esquemáticas e sumárias que constituem as pré noções de que nos servimos para as práticas correntes da vida. Não podemos pensar em pôr em dúvida a existência delas, uma vez que a percebemos ao mesmo tempo que a nossa. Elas não apenas estão em nós como também, sendo um produto de experiências repetidas, obtêm de repetição – e do hábito resultante – uma espécie de ascendência e autoridade”*<sup>116</sup>.

Assim sendo a sociedade fala de si mesmo; diz como ela é e como se constitui através dos fatos sociais e tomaremos como tal as obras bibliográficas mais representativas. Partilhamos com Lucien Goldmann a ideia de que o verdadeiro criador é o grupo social: *“(...) o grupo social constitui um processo de estruturação que elabora nas consciências de seus membros as tendências afetivas, intelectuais e práticas no sentido de uma resposta coerente aos problemas que suas relações com a natureza e suas relações inter-humanas formulam”*<sup>117</sup>.

A base conceitual empregada autoriza traçar as perspectivas do itinerário de Santa Isabel depositando-se no turismo (não apenas religioso) expectativas para alargar aspectos socioeconômicos e políticos de todo Portugal, ultrapassando as fronteiras para um turismo Ibérico. A metodologia empregada, neste caso, bem como alicerce sobre o qual ele se assenta nos conduz a apresentar e arrazoar sobre os aspectos teóricos

---

<sup>115</sup> Durkheim, Emile. *As regras do método sociológico*. Tradução de Paulo Neves, 2ed., São Paulo: Martins Fontes, p. 18.

<sup>116</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>117</sup> Goldmann, Lucien. *Sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, p. 206.

associados para prosseguir com exposição do projeto em tela, nas variantes presentes e nas intersecções basais.

Os itinerários da Rainha Santa, aqui alvitados, envolvem significados amplos relativos à história de Portugal, a mentalidade do seu povo e as formas com que esse turismo está condicionado a muitos fatores, mormente à função social que deve ser verificada nos bens patrimoniais materiais e imateriais visando a sua conservação para as gerações futuras.

*Pela mão de Isabel* é um projeto que tem todas as condições para ser viabilizado: a história existe e também essas paragens. É capital incrementar um turismo que possibilite desnudar caminhos para a integração de múltiplas comunidades no processo político e econômico do país, uma vez que se preservaria o que Roger Chartier<sup>118</sup> chamaria História das Mentalidades, na verdade, uma história do arcabouço de crenças e de valores que são adequados a uma época ou a um grupo ou, segundo Duby, essa história reflete as ideias que os homens concebem da sua configuração de existência e que comandam “*de forma imperativa a organização e o destino dos grupos humanos*”<sup>119</sup>.

Investir no turismo é fundamental para o crescimento econômico. Em 2013, as receitas com o turismo, de forma análoga, sobem, ou seja, importam um crescimento de 7,5%, com 644,1 milhões a mais do que em 2012, perfazendo o total de 9,2 mil milhões de euros. O *site* do Ministério do Turismo exhibe os dados oficiais afirmando que “no ano de 2013 finalizou com 14,4 milhões de hóspedes que traduziram um crescimento homólogo de 4,2% (+586 mil). Maioritariamente estrangeiros (55% do total, ou seja, 8,3 milhões), este mercado aumentou 8,3% (+638,9 mil)”<sup>120</sup>.

O turismo religioso em Portugal está intimamente relacionado com as festas e fatos religiosos dos sítios receptores dos fluxos turísticos e tem por motivação fundamental a fé, a crença em algo maior, espiritual. Diga-se que o turismo religioso abarca a visita a locais sagrados, participação em rituais de culto, peregrinações volvidas para motivos religiosos. De acordo os dados oficiais Portugal já alcança a casa dos 10 por cento na movimentação turística neste item. Note-se que a Espanha, EUA, Brasil, França,

---

<sup>118</sup> Chartier, Roger. Formação social e habitus: uma leitura de Norberto Elias. In: *A história cultural*. pp. 91-119, (Original 1985). Lisboa: Difel, 1990.

<sup>119</sup> Duby, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Edições setenta, 1971, p. 60.

<sup>120</sup> Silva, André. UC(a). História e Geografia de Portugal II. Geografia de Portugal - *Características Geomorfológicas do Território: Unidades Geomorfológicas Regionais* (Geografia de Portugal 2 IPS-ESE ME12C Síntese do relevo português), Disponível em: [http://www.geografia7.com/uploads/3/1/4/8/3148044/geomorfologia\\_de\\_portugal.pdf](http://www.geografia7.com/uploads/3/1/4/8/3148044/geomorfologia_de_portugal.pdf) . Acesso em 05/03/2014.

Alemanha e Itália estão entre os principais países emissores do turismo religioso tendo como destino Portugal, verificando-se que 75% do patrimônio material e imaterial lusitano é religioso.

O turismo religioso nos quatro cantos do país aponta para uma identidade cultural e religiosa *sui generis*, com uma identidade singular dos monumentos, a riqueza das lendas e tradições, a caracterização artística e histórica das vilas e cidades que tiveram profunda influência na época de D. Dinis, cuja Rainha Santa esteve presente na gestão régia.

Essa modalidade de turismo vem sendo discutida, em Portugal, sendo vista como produto estratégico no qual se verifica a diversidade do patrimônio religioso, material e imaterial despontando em muito a identidade portuguesa, seus costumes e tradições, tanto na expressão quantitativa e qualitativa; representando a perspectiva de um enriquecimento não apenas religioso, todavia cultural, por parte do turista que pode usufruir deste legado, seja ele residente ou não residente.

Além dessa modalidade, outras, como turismo rural, devem ser tidas em consideração, pois que, sobretudo a zona rural, mormente as aldeias incidem em um processo de desertificação, com os jovens abandonando o campo em detrimento da cidade. Manter o jovem nas suas origens dando-lhe condições para desenvolver os seus potenciais e ao mesmo tempo tentar implantar um turismo que traga mais benefícios do que impactos não positivos deve ser preocupação da Academia uma vez que as políticas públicas não são satisfatórias nessa área.

O turismo cultural destacando a visita a monumentos, complexos arquitetônicos ou símbolos de natureza histórica, e do mesmo modo eventos artísticos/culturais/religiosos, educativos, informativos ou de natureza acadêmica possibilitam a proteção dos patrimônios, do mesmo modo facultam uma nova discussão acerca dessa arquitetura construída soberbamente na Idade Média. Se por um lado garante uma maior proteção desses bens materiais e imateriais, é certo que a cada momento haverá uma descoberta na interpretação dos mesmos enriquecendo a história e valorando-os como elementos de criação intelectual e artística de um povo.

## **2. Vida e morte da Rainha Santa**

O presente estudo tem por objetivo apresentar e avaliar à luz bibliográfica a importância da vida e trajetória da Rainha Santa Isabel, tanto em Portugal quanto na

Espanha. O enfoque tem por pretexto evidenciar, por meio de metodologia analítica as possibilidades de se traçar metas para estabelecer um itinerário oficial dos percursos feitos durante toda a sua vida de dedicação aos mais desprovidos, de apaziguadora de conflitos familiares e políticos, de empreendedora bem-sucedida. Dona de um coração valente e bondoso ergueu hospitais, casas de apoio, proporcionou o desenvolvimento para as aldeias mais longínquas, tendo-se revelado, ainda, um fenômeno na diplomacia herdada de seu pai, embora “*inflexível, contundente e obstinada*”<sup>121</sup> nos momentos devidos, e uma devota irrepreensível à ordem das Clarissas.

As pesquisas que fundamentam a maioria dos livros escritos sobre a Rainha Santa Isabel estão consolidadas na narrativa a *Lenda* que se apresenta anônima e sem data de edição. Segundo Sousa<sup>122</sup>, existe probabilidades de que a mesma seja de autoria do historiador e cronista Damião de Gois, embora Pero-Sanz<sup>123</sup> acredite que deva ter sido redigido por Frei Salvado, Bispo de Lamego. Para Sousa, admitir tal possibilidade quanto à autoria de Damião Gois, reflete uma ressalva: “*esse só poderia ter elaborado durante os anos em que desempenhou o cargo de Guarda-mor da Torre do Tombo*”<sup>124</sup>. Consequentemente, então, entre os anos de 1548 e 1557.

Explica Pero-Sanz que não é clara a posição quanto à data em que teria nascido D. Isabel. “*Deixando de parte a exatidão do dia, parece quase certo que a infanta havia nascido no ano de 1270. A sua biografia mais antiga, digna de grande crédito para os especialistas, assinala dois anos distintos. Por um lado, diz que nasceu em 1271; e, por outro, afirma que tinha nove anos quando morreu o rei Afonso III de Portugal (ou seja, em 1279). Provavelmente, esta segunda datação será mais certa*”<sup>125</sup>. Poderia, mesmo ter nascido em 1269 no inverno do hemisfério norte, entre 21 de dezembro ou 21 de março do ano seguinte<sup>126</sup>. Para Pizarro<sup>127</sup> a época mais provável seria o ano de 1271. Nemésio<sup>128</sup> estabelece uma margem maior de cômputo asseverando que seria entre 1269 e 1270. D. Isabel tinha dois irmãos mais velhos. Ela governaria Sicília, Barcelona, Aragão e o condado de Barcelona.

---

<sup>121</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 19.

<sup>122</sup> Sousa, Tereza Andrade e. *Lenda da Rainha D. Isabel...*, p. 24.

<sup>123</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 31.

<sup>124</sup> Sousa, Tereza Andrade e. *Lenda da Rainha D. Isabel...*, p. 33.

<sup>125</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 10.

<sup>126</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 31.

<sup>127</sup> Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor. *Dom Diniz...*, p. 56.

<sup>128</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 10.

A Rainha Santa nasceu em Aragão, embora Saragoça tenha reclamado “o privilégio de ser sua terra natal”, sendo o lugar de sua morada provavelmente o antigo palácio mouro da Alfajería. Há ainda muito por saber a respeito da infância e da educação que teria recebido<sup>129</sup>. O seu nome foi em homenagem à sua tia-avó, Santa Isabel e Hungria que foi santificada em 27 de maio de 1235<sup>130</sup>.

É possível que D. Isabel tenha tido alguma ama, uma vez que sua família desfrutava de alguns recursos. Alguns estudiosos salientam que a rainha teria vivido durante algum tempo com o avô em Saragoça, e outros acreditam que em Barcelona. Confia essa autora<sup>131</sup> que ela poderia ter morado algum tempo no mosteiro feminino de Sigena, em Huesca, Aragão. A sua infância teria sofrido influências da sua tia-avó Isabel de Hungria, consagrada santa, e como ela, também demonstrava despreendimento das riquezas terrenas, além da admiração aos ensinamentos de São Francisco de Assis. Adiciona Nemésio que quando criança já lhe eram atribuídos “o gosto das esmolas, das rezas e dos jejuns”<sup>132</sup>. Lembre-se que em Saragoça foi contruída, após sua morte, em 1706, a igreja de Santa Isabel de Portugal.

A Rainha das terras lusas, e igualmente Isabel de Aragão, como bem explana Pero-Sanz “representa uma das magníficas dádivas que o esplêndido século XIII proporcionou à Igreja e à humanidade”<sup>133</sup>. Uma mulher que gerou não apenas a admiração dos seus compatriotas, bem como se travestiu em lendas por todos os confins. A união de Portugal e Espanha se torna um dos mais representativos poderes do século XIII cujo tempo não conseguiu apagar suas marcas. “Em 1212, com a batalha de Navas de Tolosa, concluía-se praticamente a reconquista de Castela (substituiu o emirato nazarí de Granada enquanto serviu como porta de entrada para o ouro procedente de África); e, em 1249, a de Portugal”<sup>134</sup>. Fato esse que teria levado à queda do domínio muçulmânico na Península Ibérica.

As núpcias com Dom Dinis novamente fortaleceria esse domínio ibérico<sup>135</sup>. O rei, filho de Afonso III e a sua segunda esposa D. Beatriz, nasceu em Lisboa, em 9 de outubro de 1261, e ocupou o trono antes de 18 anos de idade. Em 12 de novembro de 1280, ele já teria concedido procuração para autorizar o próprio casamento com D. Isabel

---

<sup>129</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 11-13.

<sup>130</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 31.

<sup>131</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>132</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 10.

<sup>133</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 5.

<sup>134</sup> *Ibidem*.

<sup>135</sup> *Ibidem*, p. 9.

de Aragão. No mesmo sentido, explana Nemésio<sup>136</sup>. Diga-se que a confirmação do consentimento, por parte de D. Dinis teria ocorrido em abril de 1281<sup>137</sup>. Foi no palácio real de Barcelona a infanta, então, contraiu matrimônio com o rei Dinis de Portugal, a 11 de fevereiro de 1281, embora apenas um ano mais tarde, os mesmos se encontrariam pessoalmente. *“A obediente infanta assumiu como própria a decisão dos seus pais, decisão esta talvez para eles rotineira, mas não para Isabel. (...) Ainda que só tivesse onze ou doze anos, estava consciente do passo que dava”*<sup>138</sup>. Foi uma cerimônia pomposa, digna da realeza<sup>139</sup>.

Note-se que o casamento por procuração ensejava que os nubentes de viva voz aceitassem e assinassem os termos por seus procuradores. Estando D. Dinis a cercar o Castelo de Vide, ali mesmo teria se dado o cerimonial necessário para o casamento, assegurado por Isabel, em Barcelona, cerca de dois meses anteriormente feito. Deu-lhe de presente de casamento *“as vilas de Óbidos, Abrantes e Porto de Mós. Como arras, entregava-lhe os castelos de Vila Viçosa, Monforte, Sintra, Ourém, Feira, Gaia, Lanhoso, Nóbrega, Santo Estevão de Chaves, Monforte de Rio-livre, Portel e Montalegre. E em igual título adjudicava-lhe dez mil libras das quais, por morte de Dinis, ela poderia dispor ou testar”*<sup>140</sup>.

D. Isabel ao se colocar em viagem sai de Barcelona em companhia de seu pai, D. Pedro III, se despedindo em Valência, com a rainha seguindo *“até a Daroca, na fronteira com Castela, teve, ainda a companhia do irmão mais velho, o infante D. Afonso. Em território castelhano receberam homenagens de D. Sancho, que lhes assegurou a segurança da travessia e encarregou o irmão D. Jaime de o representar e os acompanhar durante a travessia de Castela em direção à fronteira portuguesa”*<sup>141</sup>.

Registre-se que foi D. Afonso, cunhado da rainha de Portugal quem a teria recebido com todas as honras, na cidade de Bragança, com uma imensa comitiva que demonstrava a alegria real de D. Dinis com o casamento, havendo concedido maiores dotes que os outros pretendentes. Membros do clero e da nobreza se faziam presentes<sup>142</sup>. D. Isabel admirava-se dos novos lugares que estava percorrendo, tão diferentes da sua terra natalícia. Provavelmente, ainda nos seus jovens anos, prontamente vislumbrava as

---

<sup>136</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 19.

<sup>137</sup> Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor. *Dom Diniz...*, p. 67.

<sup>138</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 23.

<sup>139</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 40.

<sup>140</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 25.

<sup>141</sup> Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor. *Dom Diniz...*, p. 70.

<sup>142</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 45.



suas obrigações e as terras que iria governar. “*A gente de Trás-os-Montes descobria os olhos da rainha com vidraças ao longe com umas luzinhas dentro (...)*”<sup>143</sup>. “*Uma rainha nascida em terras distantes e fadada, desde o berço para destinos misteriosos.*”<sup>144</sup>

Note-se que o mesmo cunhado, D. Afonso, que lhe havia recepcionado para fazer as honras em nome do rei D. Dinis, agora se confrontava com ele, o que teria chegado ao conhecimento de D. Pedro de Aragão e a sua filha D. Isabel, em maio de 1281, da batalha travada no Castelo de Vide. Era grande a tristeza de D. Isabel ao perceber tal fato, tendo buscado soluções para amenizar os conflitos. “*Nestas circunstâncias, previu-se que D. Isabel viajasse para Portugal por volta do São Miguel (29-IX-1281) (...) Mas os caminhos eram muito incertos e perigosos com as agitações que se desencadeavam em Castela. Em tais condições, revelava-se pouco segura a viagem por mar, ideia que não foi avante, dada a complexidade de tal procedimento. (...) Nos primeiros meses de 1282 clarificava-se o panorama castelhano e as rotas terrestres pareciam mais seguras, uma vez que D. Sancho controlava a maior parte do território. E a D. Pedro de Aragão urgia concluir o itinerário matrimonial de D. Isabel.*”<sup>145</sup>

Conta Pero-Sanz<sup>146</sup> que a expedição destinada a escoltar a infanta D. Isabel se colocou a caminho rumo a Portugal, no mês de maio, tendo chegado às adjacências da foz do rio Ebro, sendo um dos maiores da Espanha e da Península Ibérica, com nascedouro na cordilheira Cantábrica, local em que a Rainha Santa se despediu de seu patriarca D. Pedro. Assinale-se que, para sua proteção, face aos locais perigosos daqueles trajetos, D. Isabel teve a companhia do seu irmão progenitor D. Afonso, homónimo de seu cunhado, nos domínios de Aragão. “*A 6 de Maio passaram por Teruel e a 12 encontravam-se em Daroca. Ao chegarem à raia de Castela, o infante aragonês despediu-se da irmã. (...) O trajeto castelhano pelo vale do Douro era longo e de hospedagem quase sempre inadequada. (...) Nos começos de Junho chegaram a Portugal, por terras de Bragança (...) Tudo indica que a rainha e seu séquito fizeram uma breve pausa para repouso no convento de São Francisco, em Bragança. (...) Ao atravessar Trás-os-Montes, Isabel observou que tudo estava em flore assegura uma lenda que veio daí o nome da localidade de Vila-Flor. Depois de descer ao Douro e de o atravessar, os viajantes tiveram de subir de novo para se dirigirem a Trancoso, onde os*

---

<sup>143</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 26.

<sup>144</sup> Cidraes, Maria Lourdes. Se bem se lembra nos lembrando (Memórias de Isabel e Dinis. In: *Nemésio, Nemésios. Um Saber Plural*. Universidade de Lisboa, Edições Colibri, 2002, p. 174.

<sup>145</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 29.

<sup>146</sup> *Ibidem*, p. 30.

*aguardavam finalmente D. Dinis e sua corte. Nas termas próximas de Trancoso conserva-se ainda hoje uma banheira de mármore em que, segundo reza a lenda, se teria banhado Isabel antes de entrar na vila”<sup>147</sup>.*

Existe divergências quanto a Trancoso ter sido o local de celebração das Bodas de D. Dinis e D. Isabel uma vez que estavam casados, por procuração, há mais de ano. Certo é que essa vila incorporava os dotes de D. Isabel. Foram vários dias de festejos em comemoração à união dos nubentes, até a partida do bispo de Valência, D. Geralda de Santa Fé e os demais expedicionários, que retornaram à Aragão, embora aqueles ficassem em Trancoso até finais de Julho (1282). Esse local lhe foi doado pelo rei. *“Isabel já tinha rendas em Óbidos, Abrantes e Porto de Mós”* e mais as seiscentas libras que viriam de Trancoso<sup>148</sup>. A cerimônia do casamento religioso, em consonância a Cunha<sup>149</sup> e Nemésio<sup>150</sup> se realizou na capela de São Bartolomeu, que estava localizada no exterior das muralhas da localidade. Argumenta-se que a data seria no dia de São João Batista levando em conta a sua religiosidade.

Para dar maior conforto à Rainha a corte *“transferiu-se primeiramente para a vizinha cidade da Guarda, onde em meados de Setembro, ainda se encontravam os reis. Em 26 desse mesmo mês estavam em Viseu. E, tendo passado por Alva e Reigoso, antes de 15 de outubro chegaram a Coimbra, que virá a ser uma das sedes relativamente estáveis da coroa, no âmbito da contínua itinerância régia. Costuma afirmar-se que a entrada solene do cortejo na cidade arrancou do mosteiro de Celas”<sup>151</sup>*, sendo recebidos em cortejo pelos moradores, até o Paço de Alcáçova, onde permaneceram até 1282. No pensamento de Nemésio<sup>152</sup> além de Viseu, se encaminharam para outras terras vizinhas, enquanto vindimavam no Dão. As estadias régias variavam, de acordo com o autor, em Lisboa, Coimbra, Leiria, Santarém. Cunha<sup>153</sup> inclui nessa rota transcorrida por D. Isabel, a vila de Avelãs, antes de se estabelecer em Coimbra, tendo permanecido todo o ano, evadindo do frio da Beira.

Pero-Sanz esclarece que *“desde os finais de 1284 o nome de Isabel começará a aparecer em documentos assinados pelo rei. Há historiadores que veem nisso um indício de que já teriam coabitado especificamente como marido e mulher, quando esta*

---

<sup>147</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 30-31.

<sup>148</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 32.

<sup>149</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 45.

<sup>150</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 29.

<sup>151</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 25 e 30.

<sup>152</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 30.

<sup>153</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 47.

*completou catorze anos. A menção da rainha em tais escritos não exigia forçosamente a sua presença pessoal na localidade em que D. Dinis outorgava cada documento. Pelo contrário, as cartas pessoais da própria Rainha Santa são inequívocas. Não são muitas as que chegaram até nós, pouco mais de cinquenta. Mas, dado o caráter aleatório da sua conservação, talvez sirvam para quantificar proporcionalmente as estadias de Isabel”<sup>154</sup>.*

O autor elucida, porém, que os locais de onde ter-se-iam originado as maiores missivas seriam: “13, em Santarém. Seguidamente vem Coimbra, com 11, e Lisboa, com 9. Foram redigidas duas cartas em cada um dos seguintes lugares: Elvas, Frielas, Pinhel, Torres Vedras e Salvaterra. Além disso, expediu pelo menos uma carta de Badajoz, Beja, Estremoz, Fonte do Sabugo, Guimarães, Alenquer, Leiria e Vila Viçosa. Ainda que, evidentemente, se trate de uma amostragem ínfima, permite adivinhar a fadiga que percorrer as residências reais da época pressupunha”<sup>155</sup>.

Levando em cômputo a observação de vários autores, tem-se que o Rei D. Dinis possuía certo apreço ou preferência por Santarém, devido a vários motivos, incluso, suprir os seus desejos numa região de abastada produtividade, caça e pesca. “*Está documentado que pelo menos D. Dinis se encontrava em Santarém no dia 6 de março de 1284. Em janeiro de 1285, procedentes de Lisboa, chegavam, para passar uma temporada na mesma vila, tanto o rei como D. Isabel*”<sup>156</sup>. Registra Cunha<sup>157</sup> que D. Dinis tinha simpatia por Leiria, Coimbra, Santarém e Lisboa e assim estava ao lado de D. Isabel, muitas vezes, nesses sítios com o reino itinerante.

A lenda de Santa Iria, nascida em Nabância, conexa da atual cidade de Tomar, menciona que certo nobre daquela terra teria se apaixonado por Iria, que o desprezou. Insatisfeito, Britaldo teria encomendado seu assassinato, atirando o corpo ao Tejo, criando a lenda a partir do momento em que as areias foram o invólucro para a incorruptibilidade do mesmo. A fábula envolve o mistério de um túmulo no fundo do rio. Tal mitologia teria reinventado outra lenda acerca da Rainha Santa, que no século XVI, seis séculos e meio ulteriormente, em peregrinação ao local em que morreu a mártir, para rezar nas margens do Tejo, em Santarém, presenciou as águas se apartarem, identicamente ao incidido com o Mar Vermelho, podendo ela caminhar, sem se molhar, até o sepulcro de Santa Iria.

---

<sup>154</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 41.

<sup>155</sup> *Ibidem*.

<sup>156</sup> *Ibidem*, p. 42.

<sup>157</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 43.

Para que ficasse perpetuado para sempre tal milagre, a Rainha Santa aí mandou colocar um padrão que, ainda hoje, se encontra no ponto: o padrão de Santa Iria, na Ribeira de Santarém. Além do mais, é imaginável que D. Isabel, nessa ocasião, salvou uma criança, quando as águas do Tejo se fecharam e ela ordenara que se abrissem, retirando-a com vida. Feitio esse retratado, em painel de azulejos, na capela de Estremoz na qual a Rainha Santa faleceu.

Outras lendas aparecem como, por exemplo, a do milagre das rosas, em que os pães e esmolos se demudam em flores, diante do rei, quando a monarca detinha os mantimentos destinados aos pobres, ocultos em seu manto. Isto em pleno inverno, época em que não florescem as mesmas. Embora alguns digam que eram moedas. É provável que Isabel assim tivesse agido quando era bem jovem. *“Isabel far-se-á santa por obra da graça, correspondida com grande amor a Deus e ao próximo, por meio das suas tarefas como esposa, mãe e rainha.”*<sup>158</sup>

Os itinerários percorridos pela rainha D. Isabel foram muitos, desde acompanhar o esposo nas suas jornadas até a intervenção no apaziguamento de conflitos, mormente, entre Castela e Portugal, cujo encontro se deu no Sabugal. Para tanto, partiu de Lisboa, D. Dinis e D. Isabel, em finais de maio tendo passado por Alenquer, Torres Vedras, Moita, Óbidos, Alfeizerão, Alcobaça, Leiria, Coimbra, Gouveia e Guarda.

Maria de Lurdes Cidraes revela que *“como estes, outros nomes de povoações são associados à presença ou a memórias de D. Isabel: Ansião, Almoester, Sangalhos, Cartaxo, Vila Flor, Pataias e também esta cidade de Odivelas. Ansião recorda um velho ancião protegido pela rainha; Almoester teve a sua origem no mosteiro que foi começado a construir em memória do milagre de Santarém, por uma dama da rainha, tendo sido concluído por D. Isabel. Os outros topónimos teriam tido origem numa exclamação da rainha, ao ouvir o canto de gaios ou de cartaxos ou ao avistar os campos em flor. Uma pequena lenda explica a formação do topónimo Pataias: indo a rainha de viagem com as suas aias as rodas da carruagem enterraram-se nas terras arenosas (noutra versão na lama de um ribeiro). Logo a rainha ordenou às suas damas, saindo da carruagem: “à pata aias”. Odivelas recorda duas lendas. Segundo a primeira, o topónimo teria origem numa exclamação magoada da rainha, ao perceber as saídas noturnas de D. Dinis: “oh! Ides vê-las”*<sup>159</sup>, a segunda é relativa à construção do mosteiro que teria sido erguido por

---

<sup>158</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 47.

<sup>159</sup> Cidraes, Maria Lourdes. Se bem se lembra nos lembrando (Memórias de Isabel e Dinis. In: *Nemésio, Nemésios. Um Saber Plural...*, p. 177.

D. Dinis, em ação de graças por ter sido milagrosamente salvo quando fora atacado por um urso durante uma caçada na zona de Monte Real. Desta lenda ficou o registo num dos suportes do túmulo do rei.

D. Dinis revelava-se um rei sábio, culto e sensível. Sabia gerir não somente seus súditos, bem como relativizava as contendas, despontando-se também diplomático, em muitas questões, especialmente, relativas aos nobres, conduzindo o descontentamento dos mesmos com muita perspicácia, controlando-os, avançando quando podia e cedendo quando necessário, sob pressões. Era notória sua força convergindo ora para interesses do clero, ora da nobreza, porém, sustentando as rédeas de seu reinado. Em 1282, promulgou a primeira lei de desamortização dos bens do clero, seguindo-se mais duas em 1286. Em 1283 revogou doações feitas a nobres e em 1284 iniciou as inquirições.

Um rei estrategista, que sustentava seus desígnios, todavia trocava suas táticas para alcançar o pretendido. Tanto o clero quanto os nobres haviam percebido seus poderes reduzidos. *“Os funcionários régios, sobrejuizes, ouvidores, meirinhos foram entrando a desempenhar as suas funções nas terras senhoriais, substituindo-os, e o poder do monarca saiu fortalecido. O poder do monarca era o poder do Estado. Houve momentos de tensão, mas conflito armado só com o seu irmão Afonso e com seu filho e herdeiro, D. Afonso. Nos dois casos o rei venceu e retribuiu com generosidade, que essa era uma das suas grandezas e a habitual forma de mostrar a sua majestade. Um vencedor que dá mais do que o vencido merece, engrandece-se aos olhos de todos. E o rei sabia-o e praticava-o”*<sup>160</sup>.

Os monges Cister, de Alcobaça, anotam que D. Isabel tinha maturidade além dos seus poucos anos, e era uma pessoa serena, com decoro e atitudes coerentes. Essas constatações foram evidenciadas, em 1287, em um dos deslocamentos dela com a comitiva real *“em viagem de Lisboa para Coimbra, da localidade de Alfeizerão, rumaram ao mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (primordial durante o início da nacionalidade portuguesa- ali funcionou, por exemplo, a primeira farmácia e escola pública do reino, onde tiveram a oportunidade de visitar a sepultura do pai de D. Dinis, tendo Isabel surpreendido os monges pela sua participação nas práticas religiosas juntamente aos monges mais respeitados, idosos e exercitados na virtude”*<sup>161</sup>.

---

<sup>160</sup> Vaz, Maria Máxima. *Por Terras de D. Dinis (crónica)*, 2013. Disponível em: <http://capeiaarraiana.pt/2013/11/24/d-dinis-medidas-politicas-com-vista-a-centralizacao-do-poder/>. Acesso em 20/05/2015.

<sup>161</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 58.

Depois de algumas viagens a Rainha engravidou-se de uma menina, que veio a se chamar Constança, nascendo a três de janeiro de 1290, em Beja. O rei olhava admirado sua esposa “*como se tivesse chegado à Guarda com as neves acarnadas na Estrela*”<sup>162</sup>. Tal fato decorreu após sete anos meio de sua chegada a Portugal<sup>163</sup>. A comemoração sucedeu em Alfeizerão com inúmeras festas e presentes como colheitas e a própria Vila de Sintra. Quanto ao outro filho, D. Afonso, nome dado em tributo ao avô paterno e bisavô materno, nasceu em 8 de fevereiro de 1290 em consenso a alguns estudiosos, ou 1291<sup>164</sup>.

Acaba por se tornar “*realidade um projeto tanto do rei D. Dinis, como dos eclesiásticos portugueses: a criação dos Estudos Gerais ou Universidade. Esta Universidade, cuja criação constituiu um dos maiores benefícios prestados por D. Dinis a Portugal, mereceu todo o apoio de D. Isabel*”<sup>165</sup>.

Há quem diga que “*o povo português compreendeu cabalmente quais teriam sido os sofrimentos de Isabel como mulher, esposa e santa e plasmou-os em numerosas lendas*”<sup>166</sup>. O nascimento dos filhos parece, de acordo, com os relatos de pesquisadores, ter reduzido as infidelidades do rei. Se por um lado, a rainha se demonstra compreensiva, e tratava-o com dignidade, e com amor que lhe tinha, por outro, sofria as penas de esposa. A admiração pelas atitudes de D. Isabel e confiança leva o esposo, em 1298, a indicá-la como tutora dos três bastardos: Afonso Sanches, Pedro Afonso e Fernando Sanches, com idades entre 9 e 18 anos, tendo Isabel assumido verdadeiro papel de mãe com os mesmos<sup>167</sup>.

Nessa conjuntura de possíveis infidelidades do marido aparecem algumas lendas. Conta-se que na região do Pinhal, D. Isabel cavalgava num corcel branco à procura do rei, nessas plantações próximas a Leiria. Outras histórias ponderam acerca da Aldeia do Amor, um local onde o rei teria se enamorado de uma donzela, num campo de papoulas, visitando-a sempre. Diante de tal acontecimento, a rainha mandou iluminar os caminhos por onde o esposo transporia para chegar a Leiria, fazendo compreender o desgosto de Isabel. “*Dinis exclamou: Até aqui cego vim. E a partir daquele momento chamou-se à povoação Cegovim, nome popularmente transformado em Cegodim, até chegar ao atual*

---

<sup>162</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 36.

<sup>163</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 56.

<sup>164</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>165</sup> Vaz, Maria Máxima. *Por Terras de D. Dinis (crónica)*, 2013. Disponível em: <http://capeiaarraiana.pt/2013/11/24/d-dinis-medidas-politicas-com-vista-a-centralizacao-do-poder/>. Acesso em 20/05/2015.

<sup>166</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 61-63.

<sup>167</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 57.

*Segodim*”<sup>168</sup>. O mesmo ter-se-ia passado em Lumiar, quando a rainha disse que teria ido ‘alumiar’ a realeza. Em Odivelas, nas adjacências de Lisboa, a rainha lhe censurou no tocante às amantes: “*Oh!, ide vê-las, senhor.*” Aí permanecem seus restos mortais.

Narra-se que a rainha possuía um pajem muito devoto e religioso, provavelmente vindo com ela de Aragão, em quem depositava sua confiança, encomendando-lhe a gestão de muitas esmolas. A honra que isto originava acendeu a inveja de outro cortesão, servidor do rei, que fez chegar à Corte que o indivíduo em questão era mais do um simples ajudante da rainha, o que suscitou a ira de D. Dinis que determinou a morte daquele, devendo ser atirado ao fogo. No entanto, pela sua santidade e proteção divina foi resguardado, uma vez que permaneceu na igreja enquanto era esperado pelos seus carrascos. Havia sido o invejoso confundido com aquele, vindo a morrer em seu lugar, queimado, quando foi constatar que as ordens do rei haviam sido cumpridas. O rei entende os desígnios de Deus e as virtudes de D. Isabel.

Diga-se que a coroa portuguesa assinou, em Alcanizes, um tratado importante com a coroa castelhana. Rezava o acordo que D. Dinis apoiaria a Fernando IV como rei de Castela. Esse episódio levou a novas desavenças entre ele e seu irmão, tendo em vista que o mesmo queria a proclamação do infante D. João, seu consogro e seu genro O Torto reinasse em Castela. Em 1299, Afonso, reúne suas tropas em Portalegre, permanecendo de maio a outubro. Diante das ameaças, D. Dinis chega a fazer seu testamento, dando poderes a D. Isabel, inclusive como tutora de seus filhos Constança e Afonso.

*“Apesar do seu apego às artes e à paz, Portugal esteve muitas vezes envolvido em lutas durante o seu reinado. Em 12 de Setembro de 1297 o Tratado de Alcañices com Castela confirmava-lhe a posse do Algarve e dava-lhe uma aliança entre Portugal e Castela. O acordo fixava os limites fronteiriços de Portugal, e estabelecia que a Portugal pertencia as povoações de Campo Maior, Olivença e territórios vizinhos, em troca de Aroche e Aracena. O rei de Castela abandonou ainda todas as pretensões sobre o Sabugal, Castelo Rodrigo, Almeida, Castelo Melhor, Monforte, Valência, Ferreira e Esparregal. O tratado estabelecia ainda dois casamentos reais entre portugueses e castelhanos: D. Constança (filha de D. Dinis) com D. Fernando IV, e D. Beatriz (irmã do rei castelhano) com o herdeiro do trono português, o futuro D. Afonso IV. D. Dinis convoca as suas primeiras cortes em Évora (1282). (...) Nos últimos anos do reinado de Dinis I, o seu filho, o futuro Afonso IV, rebelou-se contra o pai mais do que uma vez,*

---

<sup>168</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 63-65.

*sendo persuadido a submeter-se pela influência da sua mãe D. Isabel, filha de Pedro III de Aragão*”<sup>169</sup>.

D. Dinis, designado Rei Poeta e Rei Lavrador, teve ao lado de D. Isabel, inúmeros feitos. Foi um dos monarcas que mais criou obras, tendo fundado, inclusive, a Universidade, sendo esta a primeira, além de constituir a língua portuguesa como a oficial da corte, e libertar as Ordens Militares no território nacional de influências estrangeiras, prosseguindo com um sistemático acréscimo do centralismo régio durante os 46 anos de gestão sobre os reinos de Portugal e dos Algarves. Dentre os seus feitos está a responsabilidade por inúmeras reformas judiciais, forais.

Registre-se que D. Dinis e D. Isabel haviam se deslocado para os confins de Zamora, em uma grande proeza do rei, e não menos da sua esposa, sendo esse o Tratado de Alcanizes, estabelecendo os limites fronteiriços entre Castela e Portugal, assinalando a concretização do compromisso matrimonial entre o rei castelhano e Constança de Portugal, de oito anos de idade. A filha de Dinis e Isabel, D. Constança continuaria em Castela, oportunidade em que Dona Isabel se conduz para a fronteira de Fuente Guinaldo ao encalço da sua filha. Seguir para Castela e Aragão representa uma alegria para a rainha que pode rever suas terras e sua família. A participação da mesma em todos os atos não apenas relativos à regência do rei, todavia, a sua preocupação com o bem-estar dos seus levou-a naqueles idos, entre 20 de abril a 16 de maio, data pascoal, em 1303, a ensejar que seu esposo perpetrasse uma doação ao rei D. Fernando, seu então genro, na quantia de um milhão de maravedis, em Badajoz e Elvas.

D. Isabel repetidamente exibiu um papel preponderante nas negociações que tiveram fim em 1300, alcançando que o irmão de D. Dinis renunciasse Portalegre, Marvão, fronteiras estratégicas da Espanha, bem como Arronches, legado de seu pai, e em troca ficasse com Sintra e Ourem, além de Vila de Vide. Satisfeito com as conversações, o rei doa à esposa as terras de Leiria. Isabel absorvia-se com a paz do reino, e não encerrava adversidades com o cunhado<sup>170</sup>.

*“A 1 de junho, o infante D. João visitava pessoalmente os reis portugueses em Coimbra e solicitava a D. Dinis que acompanhado por D. Isabel, se apresentasse para assinar solenemente os ditos textos. De fato, a 10 de junho, os reis estavam em Viseu e, poucos dias depois, na Guarda. Houve alguma troca de notas e de mensagens orais, para*

---

<sup>169</sup> Disponível em: <http://historia-portugal.blogspot.pt/2013/11/a-dinastia-de-borgonha-1139-1385.html>. Acesso em 20/05/2015.

<sup>170</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 69.



*determinar o local das reuniões tripartidas, pois D. Dinis e Isabel preferiam efetuá-la em Castela, não muito distante de Portugal. Finalmente prevaleceu a opinião de Jaime II: seriam em Tarazona e Ágreda, em terras fronteiriças entre Aragão e Castela. (...) O monarca de Castela, com o infante D. João e outras personalidades, saiu ao encontro de Dinis, de D. Isabel e o seu cortejo nas imediações de Cuéllar, próximo de Valladolid. As duas caravanas dirigiam-se para Aragão. Quando chegaram a Sória, o castelhano deteve-se e os portugueses continuaram a sua viagem. Em 30 de julho, nos limites de Aragão, saiu ao encontro deles Jaime II, que havia uma semana os esperava em Tarazona”<sup>171</sup>.*

Em abril de 1314 D. Isabel outorgava seu testamento, talvez mesmo pelo desgosto de ter perdido a filha e o genro. Pretendia que sua sepultura fosse solidificada no mosteiro de Alcobaça. Ao contrário, D. Dinis elegera o mosteiro de Odivelas para ser enterrado, lugar de tantas dualidades nas mentes lusitanas, que concluíram ser o sítio onde ele haveria de ter cometido as maiores infidelidades, embora D. Isabel tenha ordenado que nessa localidade se contruísse uma capela, condizente com a que havia em Alcobaça, com uma ampla cruz de ouro. No seu testamento, consta seu desejo de ter seus restos mortais enterrados no mosteiro das clarissas, que mandara edificar, em Coimbra.

Um episódio expressivo sucedeu posteriormente à morte de D. Constança, sua filha. Quando a corte se deslocava de Santarém para Lisboa um eremita surgiu na estrada de Pontével, ansiando falar com a rainha, e, sendo impedido, gritou para a mesma que havia sonhado com sua filha e que esta carecia de orações. Não entendendo bem o que havia sucedido naquele instante, a rainha solicitou dos soldados maiores explicações. Estando em Azambuja, a Rainha Santa exigiu a busca daquele servo de Deus. E assim sendo, se dirigiu à aldeia daqueles confins, mas não se deparou com algum eremita, nem nas proximidades, o que enseja que seus dons mediúnicos captaram uma mensagem para orar pela alma daquela. Depois de fazê-lo, a rainha contou às aias que sonhara com Constança, que agradeceu as missas pela sua libertação.

Registre-se que foi em 1283 que D. Isabel percebeu concretizados suas aspirações de fundar e dotar um mosteiro de Clarissas, obtendo licença eclesiástica, sendo colocada a primeira pedra três anos mais tarde. Esse foi consagrado à Santa Clara e à Santa Isabel da Hungria. A Rainha Santa criou muitas obras sociais, amparando os mais miseráveis. Ademais desse mosteiro de Odivelas e de Santa Clara, e o de Santa Isabel, que detinha

---

<sup>171</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 67.

um hospital em anexo, em Guarda, contribuiu com a Igreja, e financiou o Hospital dos Inocentes de Santarém, destinado a crianças abandonadas. Se por um lado, dava de esmola aos mendigos que se espalhavam pelos caminhos, por outro, intentava, discretamente, cooperar com alguns nobres que haviam perdido suas fortunas, particularmente mulheres que careciam de sua misericórdia para não serem humilhadas publicamente, casando-as, então, e dando-lhes um dote ou facilitando a entrada delas para os conventos, quiçá legitimando as suas doações generosas aos mosteiros.

Retrata a Confraria de Santa Isabel, na obra *A coroa, o pão e as rosas que da “vasta rede de hospitais e casas de assistência instituídas ou patrocinadas por vontade régia de D. Isabel de Aragão são conhecidos o Hospital dos órfãos de Lisboa; o Hospício dos Inocentes de Santarém, para crianças enjeitadas; o Hospício de Leiria, destinado ao recolhimento de mulheres desamparadas; o Paço de Alenquer, transformado em Albergaria para acolhimento de viagens dos pobres e peregrinos; a Casa de Recolhimento de Torres Vedras, para mulheres que haviam sido pecadoras, fundado originalmente em Coimbra; o Hospital de Leiria, instituído para ajudar mulheres que vivam em pobreza envergonhada; deixando, ainda, inúmeras benesses econômicas às Gafarrias de Lisboa, Santarém, Óbidos, Leiria e Coimbra”*<sup>172</sup>.

Assim, o Hospital de Coimbra para as mulheres de má vida, e arrependidas, e os citados anteriormente, *“tinha outro recolhimento na vila, também sua, de Torres Novas, onde igualmente lhes dava de comer e de vestir, a fim de que deixassem tudo o que lhes fazia voltar a pecar. Costuma igualmente atribuir-se a Santa Isabel a fundação de Rocamador de Santa Maria do Amial, em Torres Vedras, e da Albergaria do Espírito Santo, em Alenquer. Tudo indica que se tratava de estabelecimentos existentes anteriormente. Talvez a confusão se deva a que foram revitalizados pelas generosas esmolas da Rainha Santa”*<sup>173</sup>. Acrescenta que *“outro tanto sucede, por exemplo, com as albergarias de Azueira ou de Estremoz e com as leprosarias (gafarias) de Óbidos e Leiria”*<sup>174</sup>. Nesse contexto, várias ordens foram beneficiadas pela rainha D. Isabel, como: franciscanos, mendicantes, carmelitas, clarissas e agostinhos.

Às suas expensas ergueu dois mosteiros: o de Clarissas em Coimbra e o de Almoester, de freiras cistercienses, em Santarém. A edificação do segundo foi iniciada pela senhora Beringueira Ayres que, conhecendo a generosidade da rainha, procurou

---

<sup>172</sup> AAVV. *A Coroa, o pão e as rosas*. Coimbra: Confraria da Rainha Santa Isabel, 2007, p. 98.

<sup>173</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 117.

<sup>174</sup> *Ibidem*, p. 119.

envolvê-la no seu projeto. A fundadora faleceu antes de concluir a obra. D. Isabel assumiu a construção do claustro, da enfermaria e de outras dependências. Certas vezes a Santa visitava o mosteiro e o benfeitorizava com donativos substanciais. No segundo testamento recomendou expressamente ao rei, seu filho, e aos seus descendentes, que velassem por este mosteiro<sup>175</sup>.

A Rainha Santa favoreceu díspares mosteiros e casas de caridade ainda que esses não fossem os que ela havia instituído. O Hospital para crianças de Lisboa e o de Roças; e hospital e albergarias do Senhorio do Reino de Portugal, além dos alimentos aos pobres, especialmente aos mosteiros de Santos, Chelas, Celas, Lourão, e Arouca, e recursos deixados à enfermaria de Santa Cruz, em Coimbra, e enfermaria do Mosteiro de Alcobaça. Em todas essas obras beneméritas, D. Isabel não apenas se deteve à criação das mesmas, mas velou pelo seu pleno exercício, munindo-as, perduravelmente, com donativos e cautelas jurídicas. Isabel zelava por elas, e identicamente por seus acolhidos, compartilhando a mesa com eles, na sua humildade.

Várias histórias revelam a mulher que foi mãe, esposa e benemérita dos pobres e doentes. A cena de Quinta Feira Santa vem revelar a misericórdia de D. Isabel ao lavar os pés de uma doente, e após enxugar-lhe com delicadeza os dedos que estavam putreficados, beijando-lhe as feridas. Ao regressar ao local onde vivia essa senhora verificou que a doença havia sido curada. Aos enfermos e carentes lhes obsequiava roupas, sapatos e outros gêneros que necessitavam, demonstrando seu amor pelo próximo. Certas circunstâncias são visíveis nas lendas de D. Margarida, freira no convento de Achelas, perto de Lisboa, que foi visitar a rainha. *“D. Isabel reparou no seu rosto macilento, em que transparecia grande dor, e indagou a causa. Margarida explicou que sofria de um grande inchaço por cima do estomago. A santa fez o sinal da Cruz e pousou a mão sobre o local da dor. Quando a religiosa regressou ao mosteiro, apercebeu-se de que o seu mal havia desaparecido”*<sup>176</sup>.

A propósito, alguns estudiosos divergem quanto ao uso ou não do hábito de religiosa, por D. Isabel. Para Manuel da Esperança<sup>177</sup> essa é uma das grandes incertezas que se tem quanto à vida da Rainha Santa. António Vasconcelos<sup>178</sup> afiança que o testamento deixado pela Rainha evidenciava a sua vontade em vestir o hábito das

---

<sup>175</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 119.

<sup>176</sup> *Ibidem*, p. 124.

<sup>177</sup> Esperança, Manuel da. *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de São Francisco na Província de Portugal...*, p. 272.

<sup>178</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, p. 102.

clarissas, depois da morte do marido, sem contudo, professar a fé como freira. Embora, a Cúria Romana, no ano de 1615, tenha ignorado essas disposições testamentárias, enunciando que D. Isabel havia professado a sua fé como religiosa.

Ademais da sua crença, seus conhecimentos para uma mulher de seu tempo similarmemente se descortinavam significativos, como bem procedera numa sexta-feira quando havia convidado vários leprosos para jantar com ela, e tendo um deles ficado para trás e sendo golpeado por um soldado, D. Isabel ofereceu a ele o seu apoio. Ela teria se valido de clara de ovos para conter a hemorragia em razão da pancada que levara o homem. Figanière recorda que *“o género de vida era, toda via, muito commum naquellas eras de viva fé, em que sinceramente se julgava ganhar o céo reprimindo os sentimentos e maltratando o corpo, já de per si sujeito a tantos e tão duros achaques”*<sup>179</sup>.

## **2.1 As assíduas disputas entre D. Dinis e seus filhos bastardos e legítimo**

As exequíveis infidelidades de D. Dinis I levaram-no a ter filho bastardo, a exemplo de Afonso, apelidado Sanches. Com as generosidades concedidas ao mesmo, o seu herdeiro legítimo, D. Afonso, permanecia descontente com o tratamento especial destinado àquele. Em 1298, o rei havia designado, em testamento, que D. Isabel fosse a legítima tutora do enteado. Certamente havia uma simpatia de D. Sanches por Santa Isabel, uma vez que fundara um Mosteiro de Clarissas, em Vila do Conde, aos moldes dela.

Estavam D. Dinis, a Rainha e o Infante em Frielas, Loures. Dez dias, posteriormente, pai e filho, em Torres Vedras colocaram a primeira e a segunda pedra destinada à construção de uma igreja dedicada a São Dionísio, em Porto Novo, em outubro de 1318. *“No termo de Torres Vedras tinham a herdade da Fanga da Fé, coisa pouca, e desde 1300 que senhoreava Leiria com todas as suas abas, um eirado lindo para ver o Lis sumir-se longe e a certeza de que ali ninguém mexia”*<sup>180</sup>. Registre-se que no reinado daquele uma dessas propriedades estava na posse da coroa, a Quinta da Rainha, mais conhecida por Quinta de Fanga da Fé, doada pelo rei a D. Isabel de Aragão, em 1298.

Em 1321, Afonso saiu de Coimbra e foi a Lisboa com pretexto de rezar a São Vicente, patrono da cidade, conquanto, na verdade, se aliasse a outros nobres que lhe

---

<sup>179</sup> Figanière, Frederico Francisco de la. *Memórias das Rainhas de Portugal...*, p. 198.

<sup>180</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 170.

instigavam ódio contra seu próprio pai. D. Dinis estava em Lumiar, cerca de Lisboa, tendo voltado de Santarém com a rainha Santa. Sabendo que seu filho havia infringido as normas impostas de não se aproximar dele a menos de oito léguas, dirigiu-se até Sintra. O rei, armado, decidiu capturar o filho. Isabel apercebendo-se do fato informou ao infante que seu pai estava em seu encalço e se pôs em oração. Assim, o infante se resguardou em Sintra e depois em Alvogas para se defender, tendo a rainha evitado uma chacina. Esse acontecimento acarretou consequências drásticas para D. Isabel, pois, tendo o rei ouvido os conselheiros decidiu-se por exilá-la e confiscar seus bens, uma vez que fruindo das terras poderia colocar mais uma vez a salvo o infante.

## **2.2A Rainha Santa: o exílio imposto por seu marido, D. Dinis**

A rainha Isabel embora sofrendo ao ser exilada, em Alenquer, jamais quis revoltar-se contra o rei, embora recebendo apoio de alguns cavaleiros. “*D. Isabel obedeceu resignada*”<sup>181</sup> sendo suspeita dos mais sórdidos atos como dar dinheiro ao filho para pagar os ladrões que o guardavam, etc<sup>182</sup>. Muitas lendas apareceram durante este afastamento. Uma delas seria a construção de um asilo e templo em honra do espírito santo, tendo tido a rainha um sonho que se converteria por milagre em realidade, sendo os alicerces do mesmo fundado por obra divina.

Note-se que estando no desterro e despojada de seus bens materiais Isabel irrefutavelmente não possuía condições financeiras de pagar os empregados para as suas edificações. Rezam as lendas que ao invés das esmolas se transfigurarem em flores, como outrora havia acontecido, as flores, agora, estendidas no meio das construções, demudavam-se em moedas para quitar as dívidas com os pedreiros. A procissão das velas é, todavia atribuída a Isabel, como invocação do Espírito Santo, sobretudo em Alenquer, difundida pelos franciscanos. Na noite antecedente a Pentecostes, os fiéis partiram do convento franciscano percorrendo todo o vilarejo, chegando à Igreja da Assunção de Triana, adjudicada também sua fundação a Santa Isabel. Existe um painel na Capela da Rainha Santa, no Castelo de Extremoz, mostrando o incidente da água convertida em vinho, ocorrida em Alenquer.

---

<sup>181</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 84.

<sup>182</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 54.

Pero-Sanz<sup>183</sup> elucida que Dornes seria a antiga Vila das Dores, na qual teria acontecido um milagre tocante à Santa Isabel. O mordomo da rainha, nas margens do rio Zererê, estando em caça, no norte do país, ouviu alguns gemidos que não soube identificar. Mais tarde, quando se encontrou com D. Isabel relatou-lhe o ocorrido. Para espanto de seu fiel servo, a rainha não se surpreendeu e deu-lhe ordens para que se deslocasse a determinado local, onde estaria a imagem de nossa senhora com o filho morto nos braços e em prantos. Nesse sítio de grande sofrimento foi erguida a igreja.

As margens do rio Alenquer novamente guardam histórias da Rainha Santa. Afirmam os moradores medievos que a mesma prestava serviços no hospital local e lavava as roupas sujas. A água que descia pelo rio e que havia transcorrido pelas suas mãos caridosas, concediam benefícios aos que ao bebê-la se saciavam da sede e ficavam livres das dores do corpo, fato que mobilizou os doentes da vila em peregrinação ao sítio. Depois de Alenquer D. Isabel seguiu para Guimarães na busca, sem sucesso, para que D. Dinis reatasse seus laços com o filho. Em outra tentativa, convenceu-o a acompanhá-la até Coimbra, junto com o primogênito de D. Dinis, Pedro Afonso, conde de Barcelos<sup>184</sup>. Dom Afonso consegue acordar com seu pai jurando-lhe fidelidade, em Leiria, seguindo, posteriormente para Lisboa em companhia desse e de D. Isabel, que tem de volta seus bens, ocorrendo o mesmo também a D. Pedro.

Mais uma vez a rainha viu-se envolvida, nos idos de 1323, em novéis conflitos entre o marido e seu filho, tendo partido para Alvalade no lombo de uma mula, sem seus cavaleiros para acudir o confronto, tendo como pretexto recordar as promessas feitas em Pombal por D. Afonso, acerca do respeito ao pai. Tal fato foi pintado artisticamente na Capela da Rainha Santa, no Castelo de Estremoz.

Esses confrontos acontecidos entre 1320 e 1324 tratam de contraposição do rei ao futuro Afonso IV. Este apreendia que D. Dinis, apoiado pelos nobres, e pelos seus conselheiros, almejava dar o trono a Afonso Sanches. Mais do que um confronto entre pai e filho essa contenda revelava-se um confronto entre mais abastados e menos privilegiados. D. Dinis, após falecer é sucedido, em 1325, por seu filho legítimo, Afonso IV de Portugal, apesar da oposição do seu favorito, o filho natural Afonso Sanches. Após ter caído em doença, em 1324, o rei D. Dinis solicitou que fosse transferido para Santarém e obteve a ajuda de Isabel e do filho. “*A declaração feita pela Rainha D. Isabel, em Santarém, a 2 de Janeiro de 1325, junto do marido gravemente enfermo de, após a morte*

---

<sup>183</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 114.

<sup>184</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 76.

*deste, ser sua intenção envergar o habito de clarissa e querer ser sepultada no mosteiro desta ordem em Coimbra, foi de primordial importância para o futuro desta casa religiosa*<sup>185</sup>.

### 2.3 O pós-morte de D. Dinis

Após o falecimento do rei, em 7 de janeiro de 1325, D. Afonso e a maior parte da corte dirigiram-se para Lisboa, tendo a rainha ficado uns tempos no Paço Real do mosteiro de Odivelas, não podendo se afastar das localidades para cumprir os últimos desejos do rei, em testamento<sup>186</sup>.

Tempos depois, a rainha segue em direção ao norte do país ensejando outras lendas a seu respeito. Em uma dessas teria bebido da água de um rio, com um gosto ruim, conferindo serem ‘certo má’, o que teria inspirado o nome a esse ribeirão conhecido hoje por Cértima. Aparecem outros mitos como a cura de uma menina cega ao cruzar Arrifana, cercania do Porto, expressada na Capela da Rainha Santa, no Castelo de Estremoz.

Note-se que a Rainha Santa abandonou as terras lusas, depois de cumprir as obrigações testamentárias, atravessando o Douro, passando a Raia do Minho, para adentrar a Galícia, e se dirigindo a Santiago de Compostela. Faltando uma légua para chegar, a Catedral de Santiago podia ser avistada. Ao chegar depõe suas armas e símbolos tanto de Portugal quanto da Espanha, passando a caminhar a pé em peregrinação. No dia de São Tiago, a Rainha Santa entregou seus régios presentes à igreja, em sinal da sua fé. *“A peregrinação era entendida como um exercício espiritual, sob a forma de jornada, em cuja essência se encontrava um aspecto ascético, porquanto submetia o peregrino às privações, perigos e sofrimentos de viagem (...)*<sup>187</sup>.

Articula Nemésio *“era uma viagem ao túmulo do apóstolo”*, que *“continuava esfíngico no seu cubo”*<sup>188</sup>. Entretanto, para Pero-Sanz<sup>189</sup> é mais viável que a rainha tenha ido a Santiago de Compostela apenas uma vez depois da morte do rei D. Dinis. *“O ano que se seguiu à morte del-rei gastou-o a Rainha Santa em sufragar a alma do mardio, em dar execução às disposições do seu testamento, como principal testamenteira que era,*

---

<sup>185</sup> Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra...*, p. 641.

<sup>186</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 78.

<sup>187</sup> *Ibidem*, p. 82.

<sup>188</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 65.

<sup>189</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 159.

*e em fazer a Santiago de Galiza uma peregrinação, para lucrar as indulgências de que se achava enriquecida a basílica do apóstolo*<sup>190</sup>.

Em 1325, após a morte de D. Dinis, a rainha Santa Isabel peregrinou a Santiago, seguindo seguramente uma rota muito semelhante aquela que está hoje marcada pelas setas amarelas, cruzando a recém-concluída ponte de Barcelos, evitando assim um desvio por Braga<sup>191</sup>.

Regressando a Portugal, pernoitou em Reguengo, junto a Valença do Minho, gerando alegria nos moradores, tendo ocorrido igualmente em Barcelos. Também teria cruzado pelas terras de Coimbra, até chegar a Odivelas, nos primeiros dias de 1326, e segundo Cunha<sup>192</sup> sendo precisamente no dia 7 de janeiro, em função das missas encomendadas para D. Dinis. Novamente, regressa a Coimbra. Nesse mesmo ano, a rainha adquire duas fontes de Pombal, instaladas no Mosteiro de Santa Cruz, e que mais tarde teriam se formado a fonte dos amores, que “*cantou os amores de Pedro e Inês*”<sup>193</sup>. O autor expõe que em troca dessas fontes D. Isabel concedeu posses e bens em Leiria, e os cônegos crúzios teriam se obrigado a rezar missa pela alma da rainha, após falecimento, no Convento de Santa Clara, e sustentar a Igreja de São Simão, criada por ela, naquela cidade.

D. Isabel havia adquirido alguns terrenos situados adjacentes ao Mosteiro de Santa Clara e Santa Isabel, a exemplo do Mosteiro de Santa Ana das Celas das Pontes. Uma de suas vontades foi que após a sua morte se arquitetasse o Hospital Santa Isabel, com função de albergaria para os mais carentes, que fora aprovado pelo Papa em 1322. Em consonância com vários estudiosos da temática, até 1330 a Rainha se dedicou a concluir as obras do Mosteiro de Santa Clara, bem como se atentou em deixar rendas para as noviças do convento tendo para tanto adquirido, em 1327, propriedades em Miranda, mais tarde sendo ampliadas com imóveis em Porto de Mós.

No que diz respeito à proximidade com a neta, sabe-se que ela ter-se-ia se feito acompanhar pela mesma até Sabugal para as bodas de D. Beatriz e D. Afonso. “*Em 17 de dezembro assinava-se nos Paços da Rainha e em sua presença, o contrato esponsalício entre Maria e seu primo Afonso XI de Castela, neto, igualmente de Isabel. Meses depois, a santa acompanhava a neta até Sabugal. Ali elas esperavam os reis portugueses, Afonso*

---

<sup>190</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, p. 154.

<sup>191</sup> Disponível em: <http://www.dobrarfronteiras.com/guia-caminho-portugues-santiago/www.dobrarfronteiras.com>. Acesso em 10/04/2015.

<sup>192</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 84.

<sup>193</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, p. 84.



e Beatriz, pais da noiva; e, todos juntos, deslocaram-se à povoação de Alfaiates onde também com a presença de D. Isabel se celebrou a real boda no dia 24 de junho de 1328<sup>194</sup>. O casamento ia mal o que engendrou a interferência da rainha que resolveu orientar o neto deslocando-se até Jerez de los Caballeros Badajóz.

A longa jornada da rainha esquadrinhou tantas lendas. Recordar-se que D. Isabel, em função dos inevitáveis alagamentos que calhavam no Mosteiro de Santa Clara a Velha, com muitas chuvas, teria buscado transferir o seu próprio túmulo para uma parte mais alta do convento. Depois de muitas tentativas em vão, chamou os empregados e se juntou a eles, com suas mãos, e, então, um milagre fez com que o jazido subisse misteriosamente. “O mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, enquanto símbolo ou signo de acontecimentos múltiplos, está investido de uma carga simbólica de cariz polissêmico. A sua constituição como “lugar monumental” de memória coletiva forjou-se essencialmente, em torno do culto à sua fundadora e, em larga medida, em redor da luta com as águas do Mondego.”<sup>195</sup>

## 2.4 Uma vida missionária

Agindo sempre com diplomacia e pacificação D. Isabel amenizou múltiplos conflitos, inclusive entre Leiria e Paredes, bem como mais tarde, se deslocou a Lisboa, em 1334, para apoiar as vítimas do terremoto, que arruinou a cidade. Conforme bem coloca Pero-Sanz “não se deve dar crédito à lenda tardia que lhe atribui uma segunda peregrinação à Compostela como mendicante nesses últimos anos. É, pelo contrário, mais admissível uma deslocação sua a Lisboa, no ano de 1334, em razão do terremoto, que destruiu parte da cidade. De acordo com seu estilo seria tradição, segundo a qual se apresentou ali para socorrer os necessitados e animar com sua presença os ânimos abatidos da população”<sup>196</sup>.

Havia grande preocupação, portanto, da rainha santa com relação aos beneméritos que havia instituído a vários hospitais e igrejas e que em suas disposições testamentárias havia legado rendas e mantimentos para muitos. A esse respeito Dom Afonso IV teria escrito a 15 de novembro de 1335 uma carta aos dirigentes da capela Santa Maria de Abade ordenando que guardassem as cartas que possuíam acerca dos danos “que se fazem

---

<sup>194</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 184.

<sup>195</sup> Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra...*, p. 105.

<sup>196</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 184.

*nos coutos e herdades da dita capela*”, atendendo aos desejos da mãe. Doação esta feita por D. Dinis, rei de Portugal em 10 de novembro de 1301<sup>197</sup>.

Beirão assevera que D. Isabel passou por São Vicente onde estava essa igreja. *“Por isso, após ter chegado a Barcelos na sua peregrinação a Santiago de Compostela, ocorrida no ano de 1325, não causa qualquer espécie de surpresa a sua visita a Santa Maria de Abade e a posterior passagem por Fragoso. A devoção a São Vicente, mártir, era acentuada na Idade Média”*. Diz que D. Isabel não deixaria de render homenagens a São Vicente, do qual era devota. *“A tradição e a lenda assim o testemunharam”*<sup>198</sup>.

Confirma Beirão *“Sem questionar a importância do caminho que, procedente de Barca do Lago, mais a poente, atravessava a freguesia, a história, a tradição, e a lenda demandam que se siga o rastro deixado por tão ilustre peregrina numa das suas deslocações. Isso implica tomar o caminho que de Rates ia para Barcelos, daqui para fragoso e depois continuar no Caminho do Norte.”*<sup>199</sup>

Essa igreja medieval de acordo com Beirão<sup>200</sup> estava situada entre as deslocações para vila de Barcelos e Fragoso, num caminho denominado Caminho da Vila, apresentando-se após alguns quilómetros da saída de Barcelos. Diga-se que *“junto à igreja encontra-se um nicho em forma de vieira, símbolo jacobeu que se encontra ao longo dos percursos de Compostela”*<sup>201</sup>, doada juntamente com a Ermida de São Vicente de Fragoso no mesmo ano pelo rei D. Dinis ao seu médico pessoal Mestre Martin, cónego da Sé de Braga e de Lisboa.

No entendimento de Beirão<sup>202</sup>, D. Isabel ter-se-ia deslocado a Santa Maria de Abade, em 1335, quando seu destino era Santiago de Compostela, ainda que o tenha feito de forma com que as pessoas não soubessem de sua viagem, tão-somente, D. Afonso, em época posterior. Tais fatos só puderam ser registrados porque ela escrevera uma carta dirigida a esse, para que cuidasse do Hospital para os pobres. Seria esta a sua segunda peregrinação a Santiago.

Em 1336, sai de Coimbra e vai a Estremoz em mais uma missão de paz, provavelmente a última de sua vida terrena. A rainha, embora debilitada e face às

---

<sup>197</sup> Beirão. José Joaquim Saleiro. *Fragoso: nos caminhos de Compostela - Santa Isabel peregrina de Santiago.Fragoso*. Barcelos, 2009, pp. 91 e 93.

<sup>198</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>199</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>200</sup> *Ibidem*, p. 61.

<sup>201</sup> *Ibidem*, p. 62.

<sup>202</sup> Beirão. José Joaquim Saleiro. *Fragoso: nos caminhos de Compostela - Santa Isabel peregrina de Santiago.Fragoso...*, p. 67.

condições de calor intenso do verão, não se abate e prossegue sua viagem cruzando 260 quilômetros de distância. Abeira-se a Estremoz completamente exausta, doente, ficando acamada desde o 1º de julho<sup>203</sup>.

Afonso IV estava descontente com as infidelidades de Afonso XI e as humilhações de D. Maria, sua filha. A gota d'água foi a autorização do casamento de D. Pedro com D. Constança Manuel, uma vez que a consequência seria o maior poderio de D. João Manuel, em Castela colocando em risco Portugal. D. Isabel parte, portanto, de Coimbra para apaziguar os conflitos tendo em vista a ameaça de Afonso IV em invadir Castela a partir de Estremoz, exigindo a saída de D. Constança.

Com idade avançada e um trajeto árduo, novamente sobre uma mula arriada, para chegar a Estremoz, D. Isabel penava, principalmente por causa de um tumor que lhe tomava o braço. Seus cavaleiros ansiavam que se fizesse uma pausa na travessia, mas “*a mula da Rainha era andeira*” e não quietava<sup>204</sup>. A infante veio falecer em 4 de julho de 1336, contudo, confessando-se, comungando na capela, e despedindo-se dos entres queridos, se pôs a rezar.

Foi sepultada por sua vontade no Convento de Santa Clara e, no século XVII, o seu corpo foi trasladado para o novo mosteiro fundado por D. João IV em substituição do antigo, ameaçado pelas águas do Mondego, e depositada num cofre de prata e cristal”.

## 2.5 Os milagres

O cortejo fúnebre seguiu para Coimbra aquiescendo o testamento da Rainha. O lento cortejo fúnebre se estendeu por sete dias consecutivos, segundo descreve o texto anônimo do século XIV conhecido por *Lenda* ou *Relação*. André Vauchez informa que assim “*desde cedo, a tradição isabelina integrou o tópico hagiográfico do perfume como prova de santidade, manifestado na integridade do corpo incorrupto, corpo que será exposto e venerado enquanto objeto sacralizado de um ritual que visa à eficácia do culto*”<sup>205</sup>.

Além dos feitos em vida, D. Isabel alcançou graças mesmo após falecer. Os seus restos mortais ao serem transportados para Coimbra ao invés de exalar odores esperados com a doença, tinha adversamente, “*a melhor fragrância e perfume que os homens*

---

<sup>203</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 96.

<sup>204</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 97.

<sup>205</sup> Vauchez, André. O Santo. In: *O Homem Medieval*, (dir.). Jacques Le Golf, 1987, p. 86.

pueram apreciar, quem se aproximasse do ataúde, dizia que tão nobre odor nunca ninguém tinha visto”. O corpo não apresentava sinais de decomposição<sup>206</sup>. Ao ser introduzido o caixão no mausoléu, Vasconcelos elucida sobre a história de um carpinteiro que foi salvo pela santa: “um carpinteiro que caía de grande altura, juntamente com uns caibros, sobre os quais estava, e que subitamente se despregavam, invoca a Rainha Santa, e os caibros, contra a lei da gravidade, voltam para cima com o dito carpinteiro e retomando a antiga posição novamente se fixam”<sup>207</sup>. Evento que teria se comprovado pelo depoimento de Domingos Machado, o próprio carpinteiro.

Uma das fábulas que se relata é que depois que o corpo de D. Isabel atravessou o Tejo, junto a Gavião, na Barca de Amieira do Tejo, jamais se ouviu falar em naufrágio. Nota-se nessa cidade um conjunto iconográfico mais extraordinário do século XVIII revelando os painéis em óleo e azulejos da Capela da Rainha Santa, no Castelo de Estremoz. Possivelmente, esta capela ocupe o mesmo local em que teria morrido D. Isabel.

Vasconcelos<sup>208</sup> alega que outros milagres foram registrados como a cura da paralisia de uma freira de Celas, o surgimento de leite no seio de uma senhora de quase cinquenta anos que pôde, desse modo alimentar o neto que padecia de fome, uma senhora que obteve a cura de uma angina e de outras doença que lhe afligiam, ainda a cura de Constança Annes, dentre outros contados. Esperança<sup>209</sup> corrobora essa ideia. Escreve Vasconcelos<sup>210</sup> que foi em 1517 que pela primeira vez se celebrou, no dia 4 de julho, morte de seu aniversário, festa em sua homenagem.

Ressalte-se que a Rainha Santa concedeu significativos favores que foram alcançados pela intercessão dela durante os 15 dias após seu sepultamento: cegos voltaram a ver, houve regresso de entes queridos, libertação de presos, e outros que foram se multiplicando e transformando em santuário a tumba da rainha. Os documentos certificativos de milagres foram reunidos pelo Bispo de Lamego e confessor de D. Isabel, sendo ele Dom Frei Salvado. Registre-se que decorreu uma aparição da santíssima Virgem Maria à Rainha Santa quando doente<sup>211</sup>.

---

<sup>206</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 187.

<sup>207</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, p. 53.

<sup>208</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>209</sup> Esperança, Manuel da. *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de São Francisco na Província de Portugal...*, pp. 33 e 34.

<sup>210</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, p. 131.

<sup>211</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 187.

A esposa de D. Dinis na verdade teve “*honras de culto bastante restritas*”<sup>212</sup>. Contudo, em 1556, esse culto ultrapassava os limites da Diocese de Coimbra e à capela real, e chegava a Braga, Porto, Viseu, Lamego, Portalegre e Algarve. Vasconcelos assevera que antes do século XVI a rainha santa não tinha culto solene na Espanha, e tão pouco seria reverenciada em sua terra natal. “*Esse esquecimento é tanto mais estranho, quando D. Isabel, mesmo depois de Rainha de Portugal, fora sempre dedicada ao bem-estar da pátria onde nascera, intervindo várias vezes beneficentemente nos negócios públicos não só de Aragão, mas também de Castela*”<sup>213</sup>.

D. Isabel foi canonizada, em 1625, depois de muitas expectativas, sobressaindo dois milagres: a incorruptibilidade do corpo e o milagre das rosas. Sendo esse último comum à rainha Santa Isabel de Hungria, sua parenta<sup>214</sup>. Anota António Vasconcelos que no processo de canonização, via um inquérito, “*feito na cidade de Coimbra por autoridade episcopal, foram ouvidas na igreja e Mosteiro de Santa Clara, onze testemunhas que afirmaram sob juramento haverem-se realizado nos últimos tempos, por intercessão da Santa Rainha, muito numerosos milagres, que elas presenciaram*”<sup>215</sup>. A petição para “*Instaurar o processo apostólico de canonização foi feita em nome del-rei D. Felipe III de Espanha e da rainha sua esposa, e apresentada ao sumo pontífice Paulo V em princípios talvez do mencionado ano de 1611*”<sup>216</sup>. O estudioso adiciona que embora tais milagres não tenham-se comprovado, e tendo decorrido 276 anos da morte de Isabel, buscou-se a colaboração de biógrafos e cronistas<sup>217</sup>.

Além dos milagres em vida praticados pela santa, depois de sua morte aparecem inúmeros outros. Diga-se que o corpo da Rainha Santa foi trasladado do Mosteiro de Santa Clara a Velha para o novo convento, a fim de se evitar novos riscos em relação ao volume das águas do rio, tendo sido edificado “*(...) não no ponto mais alto da colina, mas numa prega paralela, que breve sulco torrencial destaca, e que era conhecida por Monte Esperança. Assentou o comprido dormitório na cumeada e a igreja com o amplo claustro no começo da depressão, aonde ainda esta mal se acentuava.*”<sup>218</sup> Erguido próximo ao antigo referencial, porém, no alto.

---

<sup>212</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa)...*, pp. 138 e 139.

<sup>213</sup> *Ibidem*, p. 144.

<sup>214</sup> AAVV. *A Coroa, o pão e as rosas...*, p. 105.

<sup>215</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, p. 14.

<sup>216</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>217</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>218</sup> Correia, V., Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal...*, p. 76.

Diversas crenças foram instituídas em torno de Santa Isabel. Vasconcelos<sup>219</sup> indica que surgem práticas mais recentes quanto ao culto à rainha. Cita que até mesmo raspas das pedras do seu túmulo chegaram a ser usadas na tentativa de curar os enfermos. Também o pão oferecido à santa teria uma parte reservada para ser dissolvida em água e dar aos doentes, sem contar, todavia, o azeite da lâmpada de sua câmara mortuária, e as flores do sepulcro transformadas em óleo ajudando nas curas. Quando o exército português foi aniquilado na África, o rosto da estátua de D. Isabel, na sua esfinge, teria jorrado um grande suor.

Pelo “*alvará de 12 de dezembro de 1647 el-rei D. João IV ordenou a mudança do convento para o vizinho Monte Esperança, cujo nome lhe vinha da ermida de Nossa Senhora da Esperança, que nele estava situada*”<sup>220</sup>. O projeto foi elaborado pelo engenheiro-mor do Reino, o frade beneditino João Turriano e possivelmente o primeiro mestre-de-obras foi Domingos Freitas. A obra foi bastante onerosa e lenta sendo necessária a intervenção do Rei. D. Pedro em 1669 para que os trabalhos fossem adiantados devido às péssimas condições em que viviam as religiosas ainda no Mosteiro de Santa Clara a Velha.

Apesar da mudança das irmãs clarissas, no ano de 1677, o convento só estaria consagrado em 1696. O grande gosto de D. Isabel pela cidade de Coimbra provavelmente estava relacionado com a construção do novo mosteiro, detendo grande parte de seu tempo para transformá-lo numa realidade plausível, afastando todas as espécies de problemas vividos pelo anterior. Supervisionava desde a compra dos terrenos até os mínimos detalhes de funcionamento, bem como atribuição de rendas e bens para o sustento próprio e das monjas clarissas do Mosteiro de Zamora, na Espanha, que deviam colaborar para a formação das noviças, uma vez que tinham reputação ilibada<sup>221</sup>.

Esse era um dos grandes projetos de D. Isabel: a igreja de Santa Clara, sagrada em 1330. “*O convento, o claustro, sala do capítulo, cozinha e refeitório, que no dia da sua inauguração teve as rainhas D. Isabel e a nora, D. Beatriz, a servirem as refeições*”<sup>222</sup>. Relata-se, ademais que a rainha havia dado sua contribuição pessoal na decoração das colunas do claustro do convento de Santa Maria de Almoester, o qual financiou, além das obras de Coimbra, Leiria e Óbidos<sup>223</sup>. Lembra Vasconcelos que o Mosteiro de Santa Clara

---

<sup>219</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, pp. 111 e 116.

<sup>220</sup> *Ibidem*, p. 89.

<sup>221</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração ...*, p. 96

<sup>222</sup> *Ibidem*, p. 92.

<sup>223</sup> *Ibidem*, p. 93.

de Coimbra e seus anexos, foi “o berço onde desabrochou e se desenvolveu, e donde mais tarde irradiou por toda a igreja católica, o culto religioso da esposa de D. Dinis”<sup>224</sup>.

A morte de D. Isabel certamente percorreu por todos os reinos. Uma mulher de coragem e bondade, uma mãe e esposa fidedigna, uma rainha voltada a paz e o bem-estar de seus súditos. A causa do falecimento gera controvérsias, entre ser uma fístula no braço, ou uma infecção na corrente sanguínea, ou mesmo a peste. Seguindo o desejo da Rainha Santa, D. Afonso IV fez o traslado dos restos mortais para Coimbra, onde pretendia ser sepultada. “A entrada em Coimbra deu-se durante a tarde do dia 11 de julho, uma quinta-feira, oito dias após sua morte em Estremoz. Do esquife escorria abundante líquido libertado do corpo, a ponto de molhar aqueles que fizeram o seu transporte até o interior da igreja, estranhamente com poderes curativos e odor de rosas”<sup>225</sup>.

Ressalvamos a transladação do corpo da rainha Santa Isabel do antigo túmulo de pedra alocado no Coro Baixo do Mosteiro para um túmulo de vidro instalado no Coro Alto de Santa Clara-a-Nova. Na cerimônia realizada foram proferidas as seguintes palavras: “Sendo dedicada a rainha Santa Isabel de Portugal”<sup>226</sup>. Em virtude desta dedicação deveria chamar-se – mosteiro de Santa Isabel, contudo o costume impôs o título de Santa Clara. “Conservou-se neste túmulo o corpo da Rainha Santa desde sexta-feira 12 de julho de 1336, até á quarta-feira, 27 de outubro de 1677, em que foi extraído, a fim de ser dois dias depois solenemente trasladado com a comunidade clarissa para o novo mosteiro”<sup>227</sup>.

---

<sup>224</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, p. 63.

<sup>225</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração ...*, p. 100.

<sup>226</sup> Coelho, Maria Helena da Cruz. Esboço sobre a vida e obra de rainha Santa Isabel. In: *Revista Monumento*. Lisboa, p. 25.

<sup>227</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, p. 32.

## **PARTE II**

Os itinerários de D. Isabel: uma das mais populares rainhas de todos os tempos. As localidades a seguir foram traçadas tendo como alicerce determinados critérios:

### 1 – Critério de memória coletiva relativa à figura da Rainha Santa

Os locais elencados fazem parte da história da Rainha Santa Isabel, seja em forma de tradições, de lendas, de fatos comprovadamente históricos. Cada lugar nos remete de alguma forma à trajetória de vida de D. Isabel, seja no imaginário coletivo ou nos arquivos documentados acerca da mesma. Note-se, portanto, que a rota a ser traçada não engloba somente os locais por onde a rainha passou, mas todos aqueles que, de certo modo, nos remete a ela.

### 2 – Critério cronológico do suposto percurso das localidades visitadas pela Rainha Santa

São poucos os documentos que atestam com veracidade que D. Isabel tenha estado nos lugares descritos, e, ainda, quais seriam as datas exatas em que esses fatos ocorreram. Embora a ligação do nome da Rainha Santa com muitas localidades, não é possível, inequivocamente, afirmar se ela se fez presente em todos eles. Portanto, foi elaborada uma ordem cronológica dedutiva com base nos principais fatos de sua vida. Exemplo: Da vinda da Espanha até Portugal; episódios marcantes de sua vida, como intervenções em batalhas ou conflitos junto a Dom Dinis, exílio; morte de D. Dinis; pós morte de D. Dinis e viagem a Compostela; pós ida a Compostela e regresso a Portugal; até seu falecimento em Estremoz.

### 3 – Critério dedutivo da ordem cronológica

Note-se que mesmo que algumas datas se revelem exatas acerca de sua passagem em certas localidades, não se pode asseverar se estas teriam sido primeira, segunda ou terceira passagem da rainha. Assim, tem-se uma pseudo ordem cronológica, com um critério dedutivo.



#### 4 – Critério de classificação das cidades tendo em conta várias modalidades de turismo

Registre-se que a pesquisa realizada serviu como base de orientação para a rota traçada. Porém, em termos de divulgação turística, não há exigência de se seguir necessariamente uma ordem, devendo principiar, por exemplo, na Espanha, ou em Portugal. Esse pressuposto é óbvio tendo em vista que seria inviável que um turista estando em Lisboa, tivesse que se deslocar até a Espanha para iniciar seu percurso naquele local.

#### 5 – Critério de opção por parte do turista

Anote-se também que não se trata de um trajeto que tenha em vista apenas um público de peregrinos voltado para o turismo religioso percorrendo caminhos, estradas, etc. da mesma forma como D. Isabel os fez. Delimitar o percurso seria delimitar também a tipologia e o número de pessoas que fariam, então, esse grande caminho. Tais cidades elencadas destinam-se às várias espécies de turismo, a exemplo do patrimonial, cujas localidades podem ser visitadas de forma totalitária ou parcial. Esse caráter turístico amplo torna mais viável o percurso sugerido.

- Aragão (Nascimento/ abrange Saragoça) (1271 ou 1270 – datas distintas em relação ao seu nascimento. Passa a ser considerada como a mais correta, dentre os estudiosos, a data de 1271. Portanto, assumimos essa mesma posição.
- Aljaferia (Existem questionamentos para se determinar a moradia exata em que teria se verificado o nascimento de D. Isabel, sendo o mais provável o antigo castelo-palácio mouro da Aljaferia./ Porém não existe documentação fidedigna) (1271).
- Saragoça (A localidade reclama o privilégio de ser a terra natal) (1271).
- Sigena (Entre 1271 – 1280) Dona Isabel de Aragão poderia, ainda, ter passado algum tempo no Mosteiro feminino de Sigena, em Huesca, Aragão, levando em consideração o fato de que o casamento estava praticamente acertado em 12 de novembro de 1280).
- Barcelona (Os dois irmãos de D. Isabel nasceram após ela, em locais diversificados. Um em Valência e o outro em Barcelona. O pai de D. Isabel foi infante herdeiro do reino de Aragão, também de Valência, e do Condado de Barcelona). (1271) (Bodas – 11 de Fevereiro de (1281): cerimonia realizada no Palácio de Barcelona).

- Óbidos (24 de Abril de 1281 – Cerimonial que acontecia em Barcelona – a Vila de Óbidos estava entre os dotes da Coroa destinados à Rainha, sendo proclamado esse por D. Dinis.)
- Abrantes (24 de Abril de 1281 – Cerimonial que acontecia em Barcelona – D. Dinis reforçava sobre os dotes da Coroa destinados á Rainha, entre eles – Abrantes)
- Porto de Mós (24 de abril de 1281 – cerimonial que sobrevinha em Barcelona – D. Dinis reforçava sobre os dotes da Coroa destinados à Rainha, entre eles Porto de Mós).
- Castelo de Vila Viçosa (dote – 1281 – D. Dinis adjudicava como arras à D. Isabel) (carta pessoal da rainha - 1 missiva provenientes deste local).
- Castelo de Monforte (Chaves) (dote – 1281 – D. Dinis conferia como arras à D. Isabel).
- Castelo de Ourém (dote – 1281 – D. Dinis entregava como arras à D. Isabel).
- Castelo de Santa Maria da Feira (dote – 1281 – D. Dinis oferecia como arras à D. Isabel).
- Castelo de Gaia (dote – 1281 – D. Dinis adjudicava como arras à D. Isabel).
- Castelo de Lanhoso (dote – 1281 – D. Dinis apresentava como arras à D. Isabel).
- Castelo de Nóbrega (dote – 1281 – D. Dinis abonava como arras à D. Isabel).
- Castelo de Santo Estevão de Chaves (dote – 1281 – D. Dinis abonava como arras à D. Isabel).
- Castelo de Portel (dote – 1281 – D. Dinis oferecia como arras à D. Isabel).
- Castelo de Montalegre (dote – 1281 – D. Dinis confiava como arras à D. Isabel).
- Sintra (Castelo de Sintra) (dote – 1281 – D. Dinis entregava como arras à D. Isabel); ( D. Dinis doa a rainha a vila de Sintra – 9 de junho de 1285).
- Douro (vinda para Portugal – 1282).
- Ebro - Delta do Ebro (Percorreu na vinda para Portugal - maio de 1282).
- Teruel (trajeto na vinda para Portugal - 6 de maio de 1282).
- Daroca (trajeto na vinda para Portugal - 12 de maio de 1282).
- Castela (na chegada à raia de Castela/ despedida do irmão/ D. Isabel/ Trajeto na vinda para Portugal – 1282).
- Bragança (Procedendo tal caminho na sua vinda para Portugal – junho de 1282/ pausa no Convento de São Francisco).
- Trás-os-Montes (1282 – Percorreu trajeto ao sair de Bragança).
- Vila-Flor (1282 – Viajando a região de Trás-os-Montes, D. Isabel reparava que estava tudo em flor. Daí a lenda acerca do nome da localidade).
- Trancoso – (Local em que se deu o encontro com D. Dinis, no dia de São João Baptista – 24-VI-1282/ D. Dinis acrescenta a localidade ao dote também/ Permanência nessa paragem até finais de julho de 1282)

- Guarda (A corte se transfere para a cidade vizinha em meados de setembro de 1282); (meados de 1304: Presença da rainha nestas terras – resolução de conflitos).
- Viseu (26 de setembro de 1282/ Local de fixação da Corte); (meados de 1304 – Presença da rainha nestas terras – resolução de conflitos).
- Dão (Santa Comba Dão) (Certos autores defendem que após a estadia em Viseu, provavelmente, teriam encaminhado para outras terras vizinhas -setembro/outubro de 1282).
- Alva (Antes de 15 de outubro de 1282/ Fixação da corte nesse sítio).
- Reigoso (Antes de 15 outubro de 1282/ Encontrava-se a corte na localidade).
- Coimbra (outubro de 1282: Chega a corte nesta paragem, contudo D. Isabel continua em Coimbra até o final do ano); (Carta pessoal da rainha - 11 missivas provenientes desta localidade); (Presença da rainha em 1287); (Em 1283, a Rainha Santa obtém licença eclesiástica para fundar o Mosteiro de Santa Clara, cuja primeira pedra foi colocada em 1286, sendo esse um dos feitos mais destacáveis de Isabel de Aragão, tendo se dedicado a esse projeto intensamente).
- Póvoa da Rainha (1282 – Dona Isabel de Aragão teria passado pela localidade, o que culminou nesse nome para o povoado).
- Quintanilha (1282 - A rainha teria cruzado essas terras).
- Badajoz (Carta pessoal da rainha - 1 missiva surge do local); (A rainha esteve na cidade em 1287 durante conflitos do marido); (Presença de D. Isabel em abril/maio de 1303).
- Alfeizerão (D. Dinis realizou grandes festejos em homenagem à rainha – 9 de junho de 1285); (Presença da rainha em 1287).
- Santarém (Carta pessoal da rainha - 13 missivas provenientes desse lugar); (Está documentado que o rei e rainha lá estiveram em janeiro de 1285 provenientes de Lisboa); (Local de nascimento do filho de D. Isabel – 8 de Fevereiro de 1290 ou 1291 - divergências entre autores); (abril de 1321 – Presença da rainha).
- Moita (Julho de 1285 – presença da rainha nestas terras)
- Sabugal (1285 – Presença da rainha neste local); (1287-conversações entre Sancho e D. Dinis no Sabugal e a rainha a acompanhá-lo – 1287).
- Alcobaça (Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça); (Presença da rainha em 1287)
- Lisboa (Carta pessoal de Dona Isabel - 9 missivas provenientes deste sítio); (Documentado que no final de 1284 ou Janeiro de 1285, o rei e rainha saíram de Lisboa para se dirigir à Santarém); (Presença da rainha em 1287); (abril de 1321 – presença da rainha); (D. Dinis pede para ser transferido para Santarém em outubro de 1324 em razão

de se encontrar gravemente ferido. Com certeza, a rainha esteve presente vez que era esposa devotada).

- Alcanizes (12 de Setembro de 1297, o Tratado de Alcanizes – Presença de D. Isabel).
- Zamora (1297 - D. Isabel havia se deslocado para os confins de Zamora visando a concretização do Tratado de Alcanizes).
- Fuente Guinaldo (Presença de D. Isabel em 1298).
- Fanga da Fé (Quinta de Fanga da Fé, doada pelo rei a D. Isabel de Aragão, em 1298).
- Vide (Seia) (Negociações da Rainha Santa, buscando evitar conflitos, oferecendo em troca a vila– 1300).
- Elvas (Carta pessoal da rainha - 2 missivas provenientes da localidade); (1303 – Presença de D. Isabel em Elvas).
- Tarazona (1304 – Presença da rainha nestas terras).
- Ágreda (1304 – Presença da rainha nestas terras); (Agosto de 1304 – presença de D. Isabel).
- Torres Novas (1304 – D. Dinis entregava como doação à D. Isabel).
- Atouguia da Baleia (1307 - D. Dinis fazia concessão à D. Isabel).
- Azambuja (Episódio que se passa nesta localidade, após a morte de D. Constança, filha de D. Isabel – não possui data correta – a partir de 1313).
- Frielas (Carta pessoal da rainha - 2 missivas provenientes); (Em 5 de outubro de 1318 a rainha se achava nesse povoado).
- Alenquer (Carta pessoal da rainha - 1 missiva provenientes); (1321 – Desterro da Rainha Santa Isabel em Alenquer).
- Lumiar (Abril de 1321 – Presença da rainha).
- Pontével (Episódio que se passa nesta localidade, após a morte de D. Constança, filha de D. Isabel – não possui data correta – a partir de 1313).
- Pombal (Presença da rainha em maio de 1322).
- Guimarães (1322 – Presença da rainha nesta localidade).
- Alvalade (1323 na Batalha de Alvalade)
- Odivelas (Mosteiro aonde D. Dinis foi sepultado – consequentemente, presença da rainha no dia de seu funeral em 1325); (1314, D. Isabel lega uma capela ao mosteiro de Odivelas)
- Raia do Minho (1325 – Passagem da rainha na ida a Santiago de Compostela)
- Galícia (1325 – Passagem da rainha na ida a Santiago de Compostela)
- Barca do Lago (1325 – Passagem da rainha na ida a Santiago de Compostela)
- Fragoso (1325 - Teria passado pela localidade como peregrina à Santiago de Compostela).

- Rates (1325) – (Teria passado pela localidade como peregrina à Santiago de Compostela).
- Barcelos (1325) - Teria perpassado pela localidade como peregrina à Santiago de Compostela).
- Santa Maria de Abade de Neiva (1325) – (Teria passado pela localidade como peregrina à Santiago de Compostela).
- Santiago de Compostela (1325 – Ano de peregrinação de D. Isabel a Santiago de Compostela).
- Caminho da Vila (1325 - Teria passado a rainha pela localidade no regresso de Santiago de Compostela).
- Reguengo (junto a Valença do Minho) (1325 - Transcorrido pela localidade no regresso de Santiago de Compostela).
- Miranda (Miranda do Douro) (Adquiriu propriedades em Miranda no ano de 1327 – não confirma presença da Rainha Santa na localidade, porém, faz ligação à mesma).
- Alfaiates (24 de junho de 1328 – Presença de D. Isabel na localidade).
- Jerez de los Caballeros – Badajós (1330) (Presença de D. Isabel nesta localidade para visitar o neto).
- Estremóz (Carta pessoal da rainha - 1 missiva proveniente desta cidade); falecimento de D. Isabel em 4 de julho de 1336).
- Tejo (junto a Gavião na Barca de Amieira do Tejo) (Duas lendas são contadas. Lendas tardias, dos finais de 1500).
- Porto (Em 1556, o culto a Rainha Santa ultrapassava os limites da Diocese de Coimbra e à capela real, e chegava a Braga, Porto etc.) (lendas também surgiram nesta localidade – sem data).
- Mosteiro de Arouca – Arouca (A Rainha Santa favoreceu díspares mosteiros e casas de caridade ainda que esses não fossem os que ela havia instituído, a exemplo deste. Não possui registros de quando isto aconteceu).
- Arruda (Essa vila foi doada a Dona Isabel para usufruí-la durante sua vida, uma vez que pertencia à Casa das Rainhas. Arruda dos Vinhos fazia parte do Patrimônio Real, estando na pertença da Rainha Santa Isabel – sem data).
- Torres Vedras (Carta pessoal da rainha - 2 missivas oriunda desta localidade).
- Salvaterra dos Magos (Carta pessoal da rainha - 2 missivas provenientes desta localidade).
- Beja (Carta pessoal da rainha - 1 missiva proveniente do local)
- Fonte do Sabugo (Carta pessoal da rainha - 1 missiva advinda desta localidade).
- Beja (Carta pessoal da rainha - 1 missiva provenientes desta localidade).

- Fonte do Sabugo (Carta pessoal da rainha - 1 missiva procedida desta localidade).
- Leiria (Carta pessoal da rainha - 1 missiva originária desta localidade).
- Pinhel (Carta pessoal da rainha - 2 missivas provenientes dessa comunidade)
- Torres Vedras (Carta pessoal da rainha - 2 missivas provenientes desta localidade)
- Ansião (Povoações associadas à presença ou às memórias de D. Isabel/ sem data)
- Sangalhos (Povoações ligadas à presença ou às memórias de D. Isabel/ sem data).
- Cartaxo (Povoações associadas à presença ou às memórias de D. Isabel/ sem data).
- Pataias (Povoações associadas à presença ou às memórias de D. Isabel/ sem data).
- Almoester (Povoações associadas à presença ou às memórias de D. Isabel/ sem data).
- Vila das Dores (Nossa Senhora do Pranto – Dornes) (Lenda/ sem data certa).
- Pinhal (Lenda surgida na localidade – não possui data certa); (intervenção histórica de D. Dinis).
- Aldeia do Amor (Lenda – não possui data certa).
- Tomar (Lenda – não revela data determinada).
- Segodim (Lenda – não possui data certa).
- Azueira (Local beneficiado pela rainha/ sem data exata).
- Convento de Achelas (Desconhecimento de que tratar-se-ia de lenda ou um fato real; portanto, não há data confirmada).
- Arrifana (Lenda – não possui data certa); (Poderia ter passado pela cidade na ida a Santiago de Compostela – nada foi documentado).
- Águeda (Não há qualquer registro de passagem da rainha nesta localidade; contudo, existe uma capela dedicada a ela, que se mostra muito interessante para visitas turísticas)

## Aragão



Aragão compreende o médio vale do Rio Ebro. Limita-se com as comunidades autônomas de Castilla- La Mancha, Castela e Leão, Catalunha, La Rioja, Navarra e Comunidade Valenciana e com a França<sup>228</sup>.

O Reino de Aragão, contíguo com o Condado de Barcelona (Catalunha) formava a Coroa de Aragão, no século XII, ainda que permanecesse totalmente independente conservando suas instituições, foros e direitos até à Guerra da Sucessão Espanhola no século XVIII. Nesta localidade nasceu Dona Isabel, a Infanta Aragonesa, em 1271, no palácio de Aljaferia.

A Rainha Santa nasceu em Aragão, embora Saragoça tenha reclamado “*o privilégio de ser sua terra natal*”<sup>229</sup>, sendo o lugar de sua morada provavelmente o antigo palácio mouro da Alfajería.

## Aljaferia



Palácio da Aljaferia, em Aragão

O Palácio da Aljaferia está situado em Aragão, na Espanha, aonde D. Isabel nasceu, em 1271. Foi edificado na segunda metade do século XI, época de Al-Muqtadir, em Saragoça, como residência dos reis hudes, e reflete o esplendor alcançado pelo reino taia de Saraqusta, no seu apogeu<sup>230</sup>.

O pátio de Santa Isabel está localizado, centralmente, envolto por salões em seus extremos, destacando-se um belo jardim. Ela foi rainha consorte entre 1282 até 1325.

<sup>228</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arag%C3%A3o>). Acesso em 10/06/2015.

<sup>229</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 11-13.

<sup>230</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio\\_da\\_Aljafer%C3%ADa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio_da_Aljafer%C3%ADa)) Acesso em 12/04/2015.

A Rainha Santa nasceu em Aragão, embora Saragoça tenha reclamado “*o privilégio de ser sua terra natal*”, sendo o lugar de sua morada provavelmente o antigo palácio mouro da Alfajería<sup>231</sup>.

## Saragoça



**Vista Panorâmica de Saragoça - Espanha**

Saragoça é um município e a capital da província de Saragoça e da comunidade autônoma de Aragão, na Espanha. Incrustada às margens do rio Ebro, no centro de um grande vale com múltiplos cenários, desde desertos, (Las Bardenas), a bosques, prados, montanhas. Zaragoza está a meio do caminho entre Madrid, Barcelona, Valência, distando cerca de 300 km de cada uma das três. A sua igreja e catedral, a Basílica de Nossa Senhora do Pilar, foi recentemente considerada como um dos doze tesouros da Espanha<sup>232</sup>.

---

<sup>231</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 11-13.

<sup>232</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sarago%C3%A7a>. Acesso em 12/04/2015.





**Igreja barroca de Santa Isabel de Portugal (Saragoça)**

Isabel de Aragão nasceu no ano de 1269, no Palácio de Aljaferia, na cidade de Saragoça, na época capital do reino de Aragão. Era filha de Pedro III (O Grande), rei de Aragão e de D. Constância de Navarra. Em 1282, com tão somente 12 anos de idade ficou noiva e em 26 de Junho desse mesmo ano, Isabel de Aragão surgia em Portugal para casar com o rei “Lavrador”<sup>233</sup>.



**Palacio de la Aljafería – Espanha**

A Aljafería é um palácio fortificado construído na segunda metade do século XI, na época de Al-Muqtadir, em Saragoça, como residência dos reis hudes, e reflete o

---

<sup>233</sup> Disponível em: [http://www.cm-estremoz.pt/ad\\_conteudos//anexos/fls6\\_240211112356.pdf](http://www.cm-estremoz.pt/ad_conteudos//anexos/fls6_240211112356.pdf). Acesso em 13/04/2015.

esplendor alcançado pelo reino taifa de Saraqusta no momento de seu máximo apogeu político e cultural<sup>234</sup>.

É possível que D. Isabel tenha tido alguma ama, uma vez que sua família desfrutava de recursos. Alguns estudiosos salientam que a rainha teria vivido durante determinado tempo com o avô em Saragoça, e outros acreditam que em Barcelona. Poderia, ainda, ter morado algum tempo no mosteiro feminino de Sigena, em Huesca, Aragão<sup>235</sup>. A sua infância teria sofrido influências da sua tia-avó Isabel de Hungria, consagrada santa, e como ela, também demonstrava despreendimento das riquezas terrenas, além da admiração aos ensinamentos de São Francisco de Assis. Adiciona que ainda em criança lhe eram atribuídos “*o gosto das esmolas, das rezas e dos jejuns*”<sup>236</sup>.

## Sigena

Villanueva de Sigena é um município da Espanha na província de Huesca, comunidade autónoma de Aragão<sup>237</sup>.



**Convento de Villanueva de Sigena**

O Mosteiro de Santa Maria de Sigena trata-se de uma arquitetura espanhola estilo cisterciense, do século XII, edificada no município de Villanueva de Sigena (Monegros, Huesca) para Sancha de Castela, mormente a rainha consorte de D. Afonso II de Aragão, designado a uma ordem religiosa, tendo, ainda a função de hospital, para linhagens de

---

<sup>234</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel\\_de\\_Arag%C3%A3o,\\_Rainha\\_de\\_Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel_de_Arag%C3%A3o,_Rainha_de_Portugal)) Acesso em 13/04/2015.

<sup>235</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 16.

<sup>236</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 10.

<sup>237</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Villanueva\\_de\\_Sigena](http://pt.wikipedia.org/wiki/Villanueva_de_Sigena)). Acesso em 05/04/2015.

ricos homens aragoneses. Os documentos do mosteiro preservados hodiernamente, estão no Arquivo Histórico Provincial de Huesca; além das pinturas da casa do capítulo preservada no MNAC<sup>238</sup>.

É exequível que D. Isabel tenha tido alguma ama, uma vez que sua família desfrutava de recursos. Pesquisadores salientam que a mesma teria vivido durante certo tempo com o avô em Saragoça e outros, acreditam que em Barcelona. Confia Cunha que ela poderia ter morado por um tempo no mosteiro feminino de Sigena, em Huesca, Aragão. A sua infância teria sofrido influências da sua tia-avó Isabel de Hungria, consagrada santa, e como ela, demonstrava despreendimento das riquezas terrenas, e admiração aos ensinamentos de São Francisco de Assis<sup>239</sup>.

## Barcelona



Barcelona – Espanha

Barcelona é a maior cidade e a capital da comunidade autônoma da Catalunha, no nordeste da Espanha; é, todavia, a capital da comarca de Barcelonès e da província de Barcelona. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Barcelona>)

Em 11 de Fevereiro de 1282 com 12 anos, Isabel se casou por procuração com o soberano português D. Dinis, na cidade de Barcelona, tendo celebrado a boda ao passar a fronteira da Beira, em Trancoso, em 26 de Junho do mesmo ano, onde obteve o dote da *Casa das Rainhas*<sup>240</sup>.

---

<sup>238</sup> Disponível em: [http://es.wikipedia.org/wiki/Monasterio\\_de\\_Santa\\_Mar%C3%ADa\\_de\\_Sigena](http://es.wikipedia.org/wiki/Monasterio_de_Santa_Mar%C3%ADa_de_Sigena). Acesso em 05/04/2015.

<sup>239</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 16.

<sup>240</sup> Disponível em: <http://www.aaio.pt/public/ioand206.htm>. Acesso em 04/04/2015.

Isabel, filha de Dom Pedro III, o Grande, rei de Aragão, e de Dona Constança da Sicília, sua mulher, nasceu, segundo a tradição, e as pesquisas majoritárias, no dia 4 de junho do ano de 1271. Saragoça tem sido a localidade com a qual mais frequentemente se identifica o nascimento da infanta, embora alguns estudiosos se contraponham, defendendo que seria a cidade de Barcelona, tendo como alegação o fato de que, nesse mesmo ano de 1271, a corte aragonesa teria se estabelecido por alongado tempo<sup>241</sup>.

## Óbidos



A vila e as muralhas

Óbidos é uma vila portuguesa do distrito de Leiria, sub-região do Oeste, região Centro. O município é limitado a nordeste e leste por Caldas da Rainha, a sul pelo Bombarral, a sudoeste pela Lourinhã, a oeste por Peniche e a noroeste tem costa no oceano Atlântico. Óbidos denota cidadela, cidade fortificada<sup>242</sup>. Teve sua Carta Foral inicial em 1195, sob o reinado de D. Sancho I. Óbidos incorporava o dote de inúmeras rainhas de Portugal, a exemplo de Rainha Santa Isabel então, esposa de D. Dinis.



Castelo de Óbidos e suas muralhas

<sup>241</sup> Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor. *Dom Diniz...*, p. 56.

<sup>242</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93bidos\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93bidos_(Portugal)). Acesso em 20/05/2015.

As núpcias de D. Dinis e da Rainha Santa Isabel, em 1282, celebrou-se em Óbidos. A Vila foi doada como presente de casamento, passando a integrar o dote de todas as rainhas portuguesas até 1834. Em 1755, Óbidos sofre as agruras do terramoto. Nos anos de 1910/1950 houve o Restauro da Muralha<sup>243</sup>.

## **Abrantes**

Localizada no distrito de Santarém, antiga província do Ribatejo. Limites ao norte pelos municípios de Vila de Rei, Sardoal e Mação, a leste por Gavião, e ao sul por Ponte de Sor e a oeste por Chamusca, Constância, Vila Nova da Barquinha e Tomar<sup>244</sup>.



**Castelo de Abrantes – Portugal**



**Centro Histórico de Abrantes - Portugal**

Desde a época da Reconquista cristã o castelo teve suas defesas reestruturadas, para proteção da Linha do Tejo, resistindo, desta feita ao assédio das forças do Califado Almóada, com um novo cerco sob o reinado de D. Sancho I (1185-1211)<sup>245</sup>.

Posteriormente, D. Afonso III (1248-1279) conferiu-lhe extraordinárias adições na defesa, iniciadas em 1250 e concluídas entre 1300 e 1303, no reinado de D. Dinis (1279-1325), enfatizando a torre de Menagem e as muralhas. Esse rei presenteou a vila a sua esposa, D. Isabel de Aragão, sendo incluído, a partir de então, ao patrimônio das

<sup>243</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portuga...*, p. 17.

<sup>244</sup> Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Abrantes>) Acesso em 12/04/2015.

<sup>245</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Abrantes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Abrantes). Acesso em 30/04/2015.

rainhas de Portugal. Mais tarde, as instalações do castelo foram desativadas cedendo espaço a um presídio militar, com alterações nas estruturas<sup>246</sup>.



**Ponto Turístico - Monumento Igreja de Santa Maria do Castelo**

Reiterando, a localidade foi um dos presentes de casamento feito por Dom Dinis a Dona Isabel<sup>247</sup>.

### **Porto de Mós**



**Porto de Mós - panorâmica geral**

Porto de Mós é uma vila portuguesa pertencente ao distrito de Leiria, região Centro e sub-região do Pinhal Litoral. O município é circunscrito a norte por Leiria e por Batalha, a leste por Alcanena, a sul, Santarém e Rio Maior e a oeste por Alcobaça<sup>248</sup>.

---

<sup>246</sup> Disponível em: <http://www.igogo.pt/igreja-de-santa-maria-do-castelo-4/> Acesso em 12/03/2015.

<sup>247</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 25.

<sup>248</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto\\_de\\_M%C3%B3s](http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_de_M%C3%B3s). Acesso em 15/04/2015.

A vila recebeu foral de Dom Dinis em 1305. A nova Rainha recebe do marido significativa doação: Óbidos, Porto de Mós, Abrantes e mais 12 castelos<sup>249</sup>.

As cerimônias rituais e simbólicas da coroação do Imperador do Espírito Santo, introduzidas por D. Dinis e Santa Isabel, inspiravam-se nas antigas tradições dos templários e cistercienses. A partir de D. Dinis, o Espírito Santo tornou-se uma das principais devoções da Casa Real. Desse modo, a Festa do Império passou a se concretizar em todas as povoações da Rainha Santa como Alenquer, Torres Novas, Leiria, Porto de Mós, Óbidos ou Sintra, estendendo-se a todo o continente e pela África portuguesa, a Índia e os Arquipélagos da Madeira e dos Açores, donde passou mais tarde, e em grande parte por obra dos açorianos, ao Brasil e à América<sup>250</sup>.

### **Castelo de Vila Viçosa**



**Castelo de Vila Viçosa**

O Castelo de Vila Viçosa, no Alentejo, fica na freguesia da Conceição, na povoação e concelho de Vila Viçosa, Distrito de Évora. Vila Viçosa recebeu de D. Afonso III (1248-1279) a sua Carta de Foral, em 5 de Junho de 1270, embora possa ser mais antiga. Datará, dessa época, o início da construção de seu castelo, a que seu filho e sucessor, D. Dinis (1279-1325), dará um efetivo impulso, fazendo erguer a cerca da vila, e findando as obras do Castelo de Vila Viçosa, em 1290<sup>251</sup>.

---

<sup>249</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 25.

<sup>250</sup> Disponível em: <http://eduardoamarantesantos.blogspot.pt/2012/08/rainha-santa-isabel-d-dinis-e-o-culto.html>. Acesso em 20/02/2015.

<sup>251</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Vila\\_Vi%C3%A7osa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Vila_Vi%C3%A7osa). Acesso em 21/04/2015.

O rei D. Dinis (1279-1325) o doou como dote de casamento, à rainha Santa Isabel (1282)<sup>252</sup>.

Na alcáçova, fruto das numerosas intervenções posteriores, pouco restou da construção inicial<sup>253</sup>.

### **Castelo de Monforte (Chaves)**



**Castelo de Monforte do Rio Livre**

O Castelo de Monforte ou Castelo de Monforte de Rio Livre, em Trás-os-Montes, fica na freguesia de Águas Frias, povoação de Monforte, concelho de Chaves, distrito de Vila Real<sup>254</sup>.

Tem-se notícia desse castelo medieval desde o século XII. Em 1273 a povoação recebeu foral de D. Afonso III (1248-1279), época em que, provavelmente, as obras da edificação começaram. Hodiernamente, pode ser visitado tendo-se preservado uma parte do mesmo. As construções continuariam no reinado de seu filho e sucessor, D. Dinis (1279-1325), e com seu término em 1312, demonstraria uma sólida torre de menagem e muros reforçados por três torres. Nesse período se documenta a presença de um alcaide e uma urbanização da vila após a ampliação da cerca. Aquela recebeu foral de D. Afonso IV (1325-1357)<sup>255</sup>.

Por meio de uma carta de arras Isabel de Aragão auferiu de seu noivo, como dote, o Castelo de Monforte de Rio Livre<sup>256</sup>.

---

<sup>252</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 25.

<sup>253</sup> Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69862/>. Acesso em 12/04/2015.

<sup>254</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Monforte\\_%28Chaves%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Monforte_%28Chaves%29). Acesso em 11/03/2015.

<sup>255</sup> Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>. Acesso em 13/04/2015.

<sup>256</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 25.



## Castelo de Ourém



**Castelo de Ourém**

O Castelo de Ourém, popular Paço dos Condes de Ourém, fixa-se na cidade de mesmo nome, freguesia de Nossa Senhora das Misericórdias, concelho de Ourém, distrito de Santarém, em Portugal. Em posição estratégica sobre a vila medieval e a ribeira de Seiça, concebe um dos mais belos castelos portugueses<sup>257</sup>.

O rei D. Dinis (1279-1325) concedeu a vila e o respectivo castelo à sua esposa, a rainha Santa Isabel (1282). Em 1299 colocou-a nas mãos de Martin Lourenço de Cerveira com obrigação de os povoar<sup>258</sup>.

## Castelo de Santa Maria da Feira



**Castelo da Feira**

---

<sup>257</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Our%C3%A9m](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Our%C3%A9m). Acesso em 01/05/2015.

<sup>258</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 26.

O Castelo da Feira ou Castelo de Santa Maria da Feira e Castelo de Santa Maria está na freguesia e cidade da Feira, concelho de Santa Maria da Feira, distrito de Aveiro, em Portugal. Outrora cabeça da Terra de Santa Maria, *ex libris* da Feira, é visto como um dos exemplos mais completos da arquitetura militar medieval no país, uma vez que nele está contida uma vasta gama de elementos defensivos empregados no período<sup>259</sup>.

Em 1282, Dinis I de Portugal (1279-1325) incluiu-o entre os doze castelos assegurados como arras a sua consorte, a Rainha Santa Isabel. Mais tarde, ainda neste período, foi tomado pelas forças do infante D. Afonso, em luta contra o soberano, seu pai. Quando celebrada a paz entre ambos, por iniciativa da Rainha Santa (1322), o domínio deste castelo (entre outros) foi outorgado a D. Afonso, mediante o compromisso de respeito prestado por este último ao pai<sup>260</sup>.

## Castelo de Gaia



### Vila Nova de Gaia

O Castelo de Gaia estava encravado estrategicamente no alto de uma colina, em Gaia, na cidade de Vila Nova de Gaia, no distrito do Porto. Posteriormente à fundação do reino de Portugal, as duas povoações - Gaia e a Vila Nova - mantiveram-se autônomas. Gaia recebeu carta de foral passada pelo rei D. Afonso III, em 1255, seguindo-se Vila Nova, por D. Dinis, em 1288<sup>261</sup>.

A história registra a conquista do castelo pelo príncipe D. Afonso, filho de D. Dinis, em 4 de Janeiro de 1322. Anos passados, o príncipe D. Pedro, ao saber que seu pai, D. Afonso IV, havia autorizado a morte de D. Inês de Castro, entrou em combate versus

---

<sup>259</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Santa\\_Maria\\_da\\_Feira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Santa_Maria_da_Feira); [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1040](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1040). Acesso em 01/05/2015.

<sup>260</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 25.

<sup>261</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Gaia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Gaia). Acesso em 01/05/2015.

o pai e saqueou a região do Entre-Douro-e-Minho (1355-1357), tendo também se apoderado de Gaia e seu castelo<sup>262</sup>.

O rei Lavrador entrega a Dona Isabel como de presente de casamento o castelo de Gaia<sup>263</sup>.

### Castelo de Lanhoso



Castelo de Póvoa de Lanhoso

O Castelo de Lanhoso ou Castelo de Póvoa de Lanhoso, se fixa na freguesia de Póvoa de Lanhoso, concelho homônimo, distrito de Braga. Edificado taticamente no cume do Monte do Pilar - o maior monólito granítico do país -, isolado na divisa dos vales dos rios Ave e Cávado, mostra dentro dos seus muros um santuário seiscentista, empregando a própria pedra das antigas muralhas. À meia encosta, no seu acesso, restam vestígios de um remoto castro romanizado<sup>264</sup>.

O rei D. Dinis ofertou este castelo à D. Isabel como presente de casamento<sup>265</sup>.

---

<sup>262</sup> Disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5364](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5364). Acesso em 01/05/2015.

<sup>263</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 25.

<sup>264</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Lanhoso](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Lanhoso); <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70593/>. Acesso em 01/05/2015.

<sup>265</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 25.

## Castelo de Nóbrega



**Vista da Ponte da Barca**

Ponte da Barca é uma vila no Distrito de Viana do Castelo, ligada ao antigo Castelo de Nóbrega na região Norte e sub-região do Minho-Lima. O concelho é demarcado a norte por Arcos de Valdevez, a leste pela Espanha, a sul por Terras de Bouro e Vila Verde e a oeste por Ponte de Lima<sup>266</sup>.

Deve a sua nomação à "barca" que fazia a junção entre as duas margens do Rio Lima, usada muitas vezes por peregrinos a caminho de Santiago de Compostela, sendo ela erguida em meados do século XIV ensejando-lhe a denominação de S. João de Ponte da Barca (1450). Relevante local de romaria, notadamente no sítio do barral onde houvera as Aparições da Nossa Senhora da Paz em 1917<sup>267</sup>.

O castelo de Nóbrega faz parte de um dos presentes de casamento abonados por D. Dinis<sup>268</sup>.

---

<sup>266</sup> Disponível em: [http://alfarrabio.di.uminho.pt/lindoso/ponte\\_da\\_barca.htm](http://alfarrabio.di.uminho.pt/lindoso/ponte_da_barca.htm). Acesso em 01/05/2015.

<sup>267</sup> Disponível em: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/lindoso/castelo.htm>. Acesso em 01/05/2015.

<sup>268</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 25.

## Castelo de Santo Estevão de Chaves



Castelo de Santo Estevão

Santo Estevão é uma freguesia do concelho de Chaves. O Castelo de Santo Estêvão acha-se, nessa freguesia, no concelho de Chaves, distrito de Vila Real. Está centrado em uma posição estratégica sobre a povoação, a pouca distância do curso do rio Tâmega e da fronteira com a Espanha<sup>269</sup>.

D. Dinis, filho e sucessor de D. Afonso III, jazeu em Santo Estêvão aguardando pela sua noiva, D. Isabel, filha do Rei de Aragão, D. Pedro III. Pernoitaram na alcáçova do Castelo, a qual compreendia uma das casas ainda existentes na Quinta de Santa Isabel. As virtudes e a bondade da Rainha D. Isabel, a quem o povo apontava intervenções miraculosas a ponto de nominá-la Rainha-Santa, demudaram por completo as atitudes do seu real esposo, até à sua morte em 1325. Esse marco encontra-se classificado como Monumento Nacional desde 1939.

A Quinta de Santa Isabel fica situada na aldeia medieval de Santo Estêvão, e detém, ainda hoje, a altaneira, a praticamente milenária torre de menagem e a torre da Igreja. Algumas das suas dependências, hoje apartamentos destinados a turismo rural, constituíram no passado alcáçovas do seu quase milenar Castelo<sup>270</sup>.

O castelo de Santo Estevão foi um dos dotes de casamento auferidos pela Rainha Santa<sup>271</sup>.

---

<sup>269</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Santo\\_Est%C3%AAv%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Santo_Est%C3%AAv%C3%A3o). Acesso em 01/05/2015.

<sup>270</sup> Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71121/>. Acesso em 01/05/2015.

<sup>271</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 25.

## Castelo de Portel

O Castelo de Portel está situado em Évora, capital do Distrito de Évora, e da região do Alentejo e sub-região do Alentejo Central. É sede do quinto município mais extenso de Portugal. Está circunscrito a norte pelo município de Arraiolos, a nordeste por Estremoz, a leste pelo Redondo, a sudeste por Reguengos de Monsaraz, a sul por Portel, a sudoeste por Viana do Alentejo e a oeste por Montemor-o-Novo. Em 1986, o centro histórico da cidade foi declarado Património Mundial pela UNESCO<sup>272</sup>.



**Castelo de Portel**

D. Afonso III doou ao nobre João de Aboim essas terras, antes de 1257, embora a jurisdição tão somente tenha sido delimitada, em 1261, após determinadas contestações, quando autorizou-se a construção do castelo. Os trabalhos de edificação foram continuados sob o reinado de D. Dinis (1279-1325), quando, depois de falecido o nobre, surgiu contenda entre os herdeiros, sendo o mesmo revertido para a posse da Coroa, por escambo entre o soberano e a viúva de João de Aboim. A muralha é atribuída a D. Dinis.

Esse castelo também entrou nos dotes de casamento de D. Isabel<sup>273</sup>.

---

<sup>272</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Portel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Portel). Acesso em 01/06/2015.

<sup>273</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 25.

## Castelo de Montalegre



**Vista de Montalegre com seu Castelo**

O Castelo de Montalegre localiza-se na vila, Freguesia e Concelho de mesmo nome, Distrito de Vila Real. Esse domina a povoação, a poucos quilômetros da fronteira com a Galiza. Juntamente com o Castelo da Piconha, conexo de Tourém, e o Castelo de Portelo, em Sendim<sup>274</sup>.

Território compreendido nos domínios do reino de Portugal desde a sua independência, a povoação auferiu Carta de Foral de D. Afonso III (1248-1279), em 9 de Junho de 1273, tornando-se cabeça das chamadas Terras de Barroso, época em que a construção do castelo deve ter sido encetada, atravessando o reinado de D. Dinis (1279-1325), que garantiu à vila substanciais privilégios em 1289, visando o seu povoamento - para ser concluída, em 1331, no de D. Afonso IV (1325-1357), conforme inscrição epigráfica no sopé da torre sul<sup>275</sup>.

---

<sup>274</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Montalegre](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Montalegre). Acesso em 01/05/2015.

<sup>275</sup> Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70167/>. Acesso em 10/05/2015.



**Castelo de Montalegre - Torre de menagem**

Por meio de uma carta de arras, de 24 de abril de 1281, Isabel de Aragão auferiu de seu noivo, como dote o Castelo de Montalegr<sup>276</sup>e

### **Sintra (Castelo de Sintra)**



**Sintra – Portugal**

Sintra é uma vila portuguesa no Distrito de Lisboa, na região de Lisboa, sub-região da Grande Lisboa e na Área Metropolitana de Lisboa. O município é limitado a norte pelo município de Mafra, a leste por Loures, Odivelas e Amadora, a sudeste por Oeiras, a sul por Cascais e a oeste pelo oceano Atlântico. A Vila de Sintra abarca o sítio Paisagem Cultural de Sintra, Património Mundial da UNESCO e tem recusado ser elevada à categoria de cidade, apesar de ser sede do segundo mais populoso município em Portugal<sup>277</sup>.

---

<sup>276</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 25.

<sup>277</sup> Disponível em. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sintra>. Acesso em 01/05/2015.



As cerimónias rituais e simbólicas da coroação do Imperador do Espírito Santo, introduzidas por D. Dinis e D. Isabel, inspiravam-se nas antigas tradições dos templários e monges cistercienses. A partir de D. Dinis, o Espírito Santo tornou-se uma das principais devoções da Casa Real. Desse modo, a Festa do Império seria realizada em todas as povoações da Rainha Santa a exemplo de Alenquer, Torres Novas, Leiria, Porto de Mós, Óbidos ou Sintra, estendendo-se a todo o continente e pela África portuguesa, a Índia e principalmente os Arquipélagos da Madeira e dos Açores, donde passou mais tarde, e em grande parte por obra dos açorianos, ao Brasil e à América<sup>278</sup>.

Sintra está no rol das vilas recebidas por D. Isabel como dote de casamento contraído com o rei D. Dinis.

O Castelo de Sintra, popularmente conhecido como Castelo dos Mouros, encontra-se na vila de Sintra, freguesia de São Pedro de Penaferrim, concelho de Sintra, no distrito de Lisboa, em Portugal<sup>279</sup>.

O rei “poeta” (1279-1325) doou o castelo à sua esposa, a rainha Santa Isabel (1282)<sup>280</sup>.

## Douro



**Rio Douro**

O Douro é um rio que nasce na Espanha, na província de Sória, nos picos da Serra de Urbião (Sierra de Urbión), a 2.080 metros de altitude e atravessa o norte de Portugal. A foz do Douro é junto às cidades do Porto e Vila Nova de Gaia<sup>281</sup>.

---

<sup>278</sup> Disponível em: <http://eduardoamarantesantos.blogspot.pt/2012/08/rainha-santa-isabel-d-dinis-e-o-culto.html>. Acesso em 05/07/2015.

<sup>279</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_dos\\_Mouros\\_\(Sintra\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_dos_Mouros_(Sintra)) Acesso em 05/07/2015.

<sup>280</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 25.

<sup>281</sup> Disponível em: <http://www.douro-turismo.pt/>. Acesso em 05/07/2015.

D. Dinis governou o reino com pleno conhecimento do espaço, nas suas possibilidades ou carências, com a corte itinerária por todo o território. Apoiou-se num aparelho burocrático numeroso e especializado como os oficiais do fisco e da justiça, os contadores, os sobrejuizes, os meirinhos, os corregedores e os juizes. Com uma chancelaria organizada, consentiu registo dos atos da sua governança e deu forma a um *corpus* legislativo de mais de uma centena de leis que regulavam a justiça, a propriedade e a moral social<sup>282</sup>.

Em plena época de bodas, ao atravessar Trás-os-Montes, Isabel observara que tudo estava *em flor*<sup>283</sup>, surgindo uma lenda que veio compor o nome da localidade: Vila-Flor. Depois de descer até o Douro e atravessá-lo, os viajantes tiveram de subir de novo para se orientarem a Trancoso, onde os aguardavam D. Dinis e sua corte. Nas termas próximas de Trancoso conserva-se hodiernamente uma banheira de mármore em que, segundo reza a lenda, que D. Isabel se banharia antes de adentrar a vila<sup>284</sup>.

### **Ebro - Delta do Ebro**



**Rio Ebro**

O rio Ebro é um dos maiores da Espanha e da Península Ibérica. Surge em Fontibre, na Cordilheira Cantábrica (Cantábria) e percorre Miranda do Ebro, Logroño, Saragoça, Flix, Tortosa, Amposta terminando num delta, a desaguar no mar das Baleares (parte do mar Mediterrâneo), na província de Tarragona. Entra na província de Aragão e banha, dentre outras, a cidade de Zaragoza<sup>285</sup>.

---

<sup>282</sup> Disponível em: <http://pesquisa.adporto.pt/details?id=480176>. Acesso em 05/07/2015.

<sup>283</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 30.

<sup>284</sup> Disponível em: <http://www.cm-mdouro.pt/concelho/historia/>. Acesso em 05/07/2015.

<sup>285</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ebro>. Acesso em 05/07/2015.

A relação desta localidade se dá pela passagem da Rainha Santa quando dimanava da Espanha para Portugal após se casar com D. Dinis<sup>286</sup>.

## Teruel

Teruel (em aragonês Tergüel) é uma cidade localizada na região de Aragão, na Espanha, sendo, ainda a capital da província com o mesmo nome (Teruel Na Sierra de Albarracín nasce o rio Tejo. A sua altitude é de 915m, mostrando um clima de invernos frios e verões frescos e secos. Foi agraciada pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade<sup>287</sup>.

No correspondente à Rainha Santa, o estudo em tela afiança a sua passagem por Teruel, na vinda da Espanha à Portugal. A expedição destinada a escoltar a infanta D. Isabel se colocou a caminho rumo a Portugal, no mês de maio, tendo chegado às adjacências da foz do rio Ebro, um dos maiores da Espanha e da Península Ibérica, com nascedouro na cordilheira Cantábrica, local em que a Rainha Santa se despediu de seu patriarca D. Pedro. Note-se que, para sua proteção, face aos locais perigosos daqueles trajetos, D. Isabel teve a companhia do seu irmão progenitor D. Afonso, homónimo de seu cunhado, nos domínios de Aragão. Então passaram por Teruel e logo depois encontravam-se em Daroca<sup>288</sup>.

## Daroca



---

<sup>286</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 30.

<sup>287</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Teruel>. Acesso em 05/07/2015.

<sup>288</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 30.

Daroca é um município da Espanha, na província de Saragoça, comunidade autônoma de Aragão<sup>289</sup>.

A passagem da rainha por estas terras transcura na vinda da Espanha para Portugal seguidamente ao desposar D. Dinis: D. Isabel, ao se colocar em viagem, partiu de Barcelona em companhia de seu pai, D. Pedro III, se despedindo em Valência, seguiu até a Daroca, na fronteira com Castela, teve, ainda a companhia do irmão mais velho, o infante D. Afonso. Em território castelhano receberam homenagens de D. Sancho, que lhes assegurou a segurança da travessia e encarregou o irmão D. Jaime de o representar e os acompanhar durante a travessia de Castela em direção à fronteira portuguesa<sup>290</sup>.

## Castela

Castela é uma região espanhola. Dependendo dos autores e as épocas, considera-se composta de territórios diferentes. A sua evolução histórica fez ainda mais imprecisos os seus componentes: o Reino de Castela foi num primeiro momento um condado dependente do Reino de Leão até finalmente se separar deste. Posteriormente fez parte, juntamente com outros reinos, da Coroa de Castela<sup>291</sup>.

No estudo realizado a seguinte passagem por esta localidade é descrita: D. Isabel ao se colocar em viagem sai de Barcelona em companhia de seu pai, D. Pedro III, se despedindo em Valência, com a rainha seguindo “*até a Daroca, na fronteira com Castela, teve, ainda a companhia do irmão mais velho, o infante D. Afonso. Em território castelhano receberam homenagens de D. Sancho, que lhes assegurou a segurança da travessia e encarregou o irmão D. Jaime de o representar e os acompanhar durante a travessia de Castela em direção à fronteira portuguesa*”<sup>292</sup>.

---

<sup>289</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Daroca>. Acesso em 05/02/2015.

<sup>290</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 30.

<sup>291</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Reino\\_de\\_Castela](http://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_Castela);  
[http://www.rainhasantaisabel.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=123&Itemid=115](http://www.rainhasantaisabel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=123&Itemid=115).

Acesso em 05/05/2015.

<sup>292</sup> Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor. *Dom Diniz...*, p. 56.

## Bragança (Convento de São Francisco)



Bragança é capital do Distrito de Bragança, na sub-região de Alto Trás-os-Montes, na Região Norte de Portugal. O município se confronta a norte e leste pela Espanha, especificamente as províncias de Ourense e Zamora, a sudeste por Vimioso, a sudoeste por Macedo de Cavaleiros e a oeste por Vinhais. Em relação às outras capitais de distrito, Bragança é a que se situa mais a norte<sup>293</sup>.

O Castelo de Bragança situa-se na freguesia de Santa Maria, no centro histórico da cidade, concelho e distrito de Bragança. Sob o reinado de D. Dinis (1279-1325), determinou-se erguer um segundo perímetro amuralhado (1293), o que adverte a prosperidade do povoado. O seu sucessor, D. Afonso IV (1325-1357), ao subir ao trono, confiscou os bens de seu irmão ilegítimo, D. Afonso Sanches, que então residia na vila de Albuquerque. Defendendo os seus interesses, D. Afonso Sanches declarou guerra ao soberano e invadiu Portugal pela fronteira de Bragança, causando muitos problemas, inclusive, teria derramado o sangue da população, e destruído propriedades. A paz seria acordada, com dificuldade, pela viúva de D. Dinis, a Rainha Santa Isabel.

---

<sup>293</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Bragan%C3%A7a\\_%28Portugal%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bragan%C3%A7a_%28Portugal%29). Acesso em 05/03/2015.



**Castelo de Bragança - Torre de menagem**

O rei D. Sancho I de Portugal decretou que se repovoassem e reconstruíssem casas e fortaleza, com tal êxito que, em 1293, D. Dinis acrescentaria à vila um segundo pano de muralhas de proteção.



**Convento de São Francisco – Bragança**

O Convento de São Francisco de Bragança foi fundado em 1214, no local onde havia uma capela dedicada a Santa Catarina. Esse foi referendado no testamento de D. Afonso III, em 1271, com dotações financeiras ao mesmo<sup>294</sup>.

Pela sua situação geográfica periférica pertenceu às custódias de Portugal e da Galiza, no século XIII, à de Zamora, no século XIV, e à de Coimbra, a partir de 1380. O Convento foi beneficiado por D. Afonso III, foi visitado por D. Isabel, por temporada da viagem de Aragão para Portugal (pela qual passa por terras de Bragança) para desposar D. Dinis, que o contemplou no seu testamento.

---

<sup>294</sup> Disponível em: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1379959>. Acesso em 19/03/2015.

Registre-se que foi D. Afonso, cunhado da rainha de Portugal quem a teria recebido com todas as honras, na cidade de Bragança, com uma imensa comitiva que exprimia a alegria real de D. Dinis com o casamento, tendo concedido a D. Isabel de Aragão maiores dotes que outros pretendentes. Havia membros do clero e da nobreza<sup>295</sup>. A então esposa admirava-se dos novos lugares que estava atravessando, tão diferentes da sua terra natalícia. Provavelmente, ainda nos seus jovens anos, prontamente vislumbrava as suas obrigações e as terras que iria governar. *“A gente de Trás-os-Montes descobria os olhos da rainha com vidraças ao longe com umas luzinhas dentro (...)”*<sup>296</sup>. *“Uma rainha nascida em terras distantes e fadada, desde o berço para destinos misteriosos.”*<sup>297</sup>

*“Nos começos de Junho chegaram a Portugal, por terras de Bragança (...) Tudo indica que a rainha e seu séquito fizeram uma breve pausa para repouso no convento de São Francisco, em Bragança. (...) Ao atravessar Trás-os-Montes, Isabel observou que tudo estava em flore assegura uma lenda que veio daí o nome da localidade de Vila-Flor. Depois de descer ao Douro e de o atravessar, os viajantes tiveram de subir de novo para se dirigirem a Trancoso, onde os aguardavam finalmente D. Dinis e sua corte. Nas termas próximas de Trancoso conserva-se ainda hoje uma banheira de mármore em que, segundo reza a lenda, se teria banhado Isabel antes de entrar na vila”*<sup>298</sup>.

## **Trás-os-Montes**



### **Trás os Montes Portugal**

<sup>295</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p.45.

<sup>296</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 26.

<sup>297</sup> Cidraes, M. Lourdes. *O Mito da Rainha Santa...*, p. 174.

<sup>298</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 30-31.

Trás-os-Montes e Alto Douro é uma província de Portugal, com limites e atribuições, que foram alterando ao longo do tempo, correspondendo aos atuais distritos de Vila Real e Bragança. A sua capital é a cidade de Vila Real<sup>299</sup>. É uma das províncias lusas com maior número de emigrantes e uma das que mais sofrem com o despovoamento. Todavia, suas tradições mantêm-se avivadas<sup>300</sup>.

A vinda de D. Isabel para Portugal sucedeu de forma tranquila, até a sua chegada pela fronteira setentrional, Trás-os-Montes, embora as consequências das batalhas familiares travadas em sua terra, ainda se faziam presentes. Recebida com cantos e flores adornando sua passagem, a futura rainha de Portugal transpôs o rio Douro, às vezes em sua mula, outras em liteira, se dirigindo a Trancoso, onde o rei D. Dinis lhe aguardava com magnífica comitiva<sup>301</sup>.

## Vila-Flor



Vila-Flor



Igreja Matriz - Vila Flor, Bragança

Vila Flor é uma vila portuguesa, pertencente à Região Norte e sub-região do Alto Trás-os-Montes. São limites: a nordeste, o município de Macedo de Cavaleiros, a leste, Alfândega da Fé, a sudeste, Torre de Moncorvo, a sudoeste, Carrazeda de Ansiães e a noroeste, Mirandela<sup>302</sup>.

<sup>299</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tr%C3%AAs-os-Montes\\_e\\_Alto\\_Douro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tr%C3%AAs-os-Montes_e_Alto_Douro). Acesso em 19/03/2015.

<sup>300</sup> Disponível em: <http://rotasdeportugal.pt/tras-os-montes-alto-douro.htm>. Acesso em 19/03/2015.

<sup>301</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 30.

<sup>302</sup> Disponível em: <http://www.cm-vilafior.pt/>. Acesso em 19/05/2015.



Como estes, outros nomes de povoações são associados à presença ou a memórias de D. Isabel como Ansião, Almoster, Sangalhos, Cartaxo, Vila Flor, Pataias e Odivelas. Vila Flor conta, desde maio de 2015, com uma imagem da rainha Santa Isabel, elaborada pelo escultor Hélder de Carvalho, natural de Carrazeda de Ansiães. Vem somar com a de D. Dinis arquitetada à entrada da vila homenageando a história dos mesmos com relação ao local. O rei D. Dinis, chamado Rei Poeta ou Rei Lavrador, teria passado por este burgo até então chamado por “*Póvoa d’Álem Sabor*”, rebatizando-a, em 1286, de “Vila Flor”. Em 1295, D. Dinis ordenou que se erguesse, ao redor, uma cinta de muralhas, com cinco portas ou arcos. Apenas o Arco de D. Dinis está preservado. O chamado Castelo de Vila Flor localiza-se nessa freguesia, distrito de Bragança<sup>303</sup>.

Vila Flor foi fundada por volta do século XI, dentro da política de repovoamento do território promovida pelos reis de Castela. Sede de Concelho chamava-se “póvoa de além Sabor”, uma vez que se situava além daquele rio, com relação ao reino de Castela. O topónimo Vila Flor é referido documentalmente, pela primeira vez, no Foral passado por D. Dinis (1279-1325) elevando a povoação a vila, em 1286. Reza a tradição local que o soberano ficou impressionado com a exuberância da paisagem e a variedade das flores campestres, quando da sua passagem por lá, a caminho de recepcionar a sua noiva, D. Isabel. Em 1295, o soberano determinou erguer a cerca da vila<sup>304</sup>.

*“Nos começos de Junho chegaram a Portugal, por terras de Bragança (...) Tudo indica que a rainha e seu séquito fizeram uma breve pausa para repouso no convento de São Francisco, em Bragança. (...) Ao atravessar Trás-os-Montes, Isabel observou que tudo estava em flore assegura uma lenda que veio daí o nome da localidade de Vila-Flor.”*<sup>305</sup>

---

<sup>303</sup> Cidraes, M. Lourdes. *O Mito da Rainha Santa...*, p. 31.

<sup>304</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila\\_Flor](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Flor). Acesso em 19/03/2015.

<sup>305</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 30.

## Trancoso - Capela de São Bartolomeu



**Praça D. Dinis – Trancoso**

Trancoso é uma cidade portuguesa, do Distrito da Guarda, região Centro e sub-região da Beira Interior Norte. O município é limitado a norte por Penedono, a nordeste por Meda, a leste por Pinhel, a sul por Celorico da Beira, a sudoeste por Fornos de Algodres, a oeste por Aguiar da Beira e a noroeste por Sernancelhe<sup>306</sup>.

Terra fronteiriça, Trancoso foi cenário de batalhas marcantes relacionadas com a independência do reino. Recebeu enormes prerrogativas. D. Afonso Henriques concedeu-lhe a Carta de Foral e D. Afonso III a Carta de Feira. D. Dinis designa a edificação das muralhas, cujas cercas resguardam um burgo onde conviveram cristãos e judeus. Ao longo de toda a Idade Média, foi um lugar estratégico-militar extremamente importante.

Esta localização é de suma acuidade na história portuguesa, tendo sido o palco das bodas de D. Dinis com a Rainha Santa, D. Isabel de Aragão, em 1282, vindo a ser incluído entre os seus dotes. O século XIX é marcado, em Trancoso, por uma melhora urbanística, procedendo-se à ampliação da primitiva das muralhas da vila e, no seu interior, um esboço mais moderno, seccionando em ruas e quarteirões.

Para os turistas, o maior espetáculo pode ser presenciado entre os dias 25 e 26 de Junho, época em que se realiza a Festa das Bodas Reais do rei D. Dinis e da então Infanta Isabel de Aragão, sob os olhares de milhares de pessoas.

A Capela de São Bartolomeu, em Trancoso, foi reconstruída, certamente, sobre uma existente anteriormente. Datada de 1778, teria sido erguida em memória dos esponsais de D. Dinis com Isabel de Aragão, em 1282<sup>307</sup>.

---

<sup>306</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Trancoso>. Acesso em 19/03/2015.

<sup>307</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Capela\\_de\\_S%C3%A3o\\_Bartolomeu\\_%28Trancoso%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Capela_de_S%C3%A3o_Bartolomeu_%28Trancoso%29). Acesso em 19/05/2011.

“Nas termas próximas de Trancoso conserva-se ainda hoje uma banheira de mármore em que, segundo reza a lenda, se teria banhado Isabel antes de entrar na vila”.<sup>308</sup>

A cerimônia do casamento religioso, em consonância a Cunha<sup>309</sup> e Nemésio<sup>310</sup> se realizou na capela de São Bartolomeu, que estava localizada no exterior das muralhas locais. Argumenta-se que a data seria no dia de São João Batista levando em conta a sua religiosidade.

## **Guarda**

É uma cidade e sede de um município limitado a nordeste por Pinhel, a leste por Almeida, a sudeste pelo Sabugal, a sul por Belmonte e pela Covilhã, a oeste por Manteigas e por Gouveia e a noroeste por Celorico da Beira. É ainda a capital do Distrito da Guarda<sup>311</sup>.



**Porta da Vila (Castelo Bom)**

O Castelo de Bom localiza-se na freguesia e aldeia de Castelo Bom, no concelho de Almeida, distrito da Guarda, em Portugal. Ergue-se em posição dominante numa entrada rochosa, rompente ao rio Côa. Os domínios de Castelo Bom e seu castelo passaram para a Coroa portuguesa como dote da Rainha Santa quando de seu casamento com D. Dinis, em 1282, tendo o soberano lhe outorgado foral, em 1296.

---

<sup>308</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 30-31.

<sup>309</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 45.

<sup>310</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 29.

<sup>311</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guarda>. Acesso em 24/01/2015.

Para dar maior conforto à Rainha a corte “*transferiu-se primeiramente para a vizinha cidade da Guarda, onde em meados de Setembro, ainda se encontravam os reis. Em 26 desse mesmo mês estavam em Viseu. E, tendo passado por Alva e Reigoso, antes de 15 de outubro chegaram a Coimbra, que virá a ser uma das sedes relativamente estáveis da coroa, no âmbito da contínua itinerância régia. Costuma afirmar-se que a entrada solene do cortejo na cidade arrancou do mosteiro de Celas*”, sendo recebidos em cortejo pelos moradores, até o Paço de Alcáçova<sup>312</sup>.

## Viseu



### Viseu

Viseu é uma cidade da região Centro, contudo, está centrada na zona norte lusitana. Depois de Coimbra e Aveiro é a mais populosa da região. O município é limítrofe ao norte por Castro Daire, a nordeste por Vila Nova de Paiva, a leste por Sátão e Penalva do Castelo, a sudeste por Mangualde e Nelas, a sul por Carregal do Sal, a sudoeste por Tondela, a oeste por Vouzela e a noroeste por São Pedro do Sul<sup>313</sup>.

Um dos destaques de Viseu é a sua primordial Sé românica. As intervenções de restauro impetradas na construção deixaram-na sem as características originais, abrangendo estilos diferentes relativos aos séculos XII, XVI, XVII e XVIII, preservando-se o românico nas suas paredes e colunas. O brasão do bispo D. Diogo Ortiz pode ser observado no acabamento das naves laterais, exceto do transepto. Na ala Norte encontram-se as armas de Portugal e de Aragão, que segundo estudiosos, seriam em

---

<sup>312</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 35-40.

<sup>313</sup> Disponível em. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Viseu>. Acesso em 10/05/2015.

tributo à Rainha D. Isabel, esposa do rei D. Dinis, bem como flores, novamente, homenageando-a. A esfera armilar de D. Manuel resplandece no lado sul<sup>314</sup>.

Minute-se que D. Dinis e D. Isabel permaneceram na cidade de Trancoso até finais de julho de 1282. Posteriormente, para dar maior conforto à Rainha, a corte “*transferiu-se primeiramente para a vizinha cidade da Guarda, onde em meados de Setembro, ainda se encontravam os reis. Em 26 desse mesmo mês estavam em Viseu*”<sup>315</sup>

### **Dão (Santa Comba Dão)**

Santa Comba Dão é uma cidade do Distrito de Viseu, região Centro e sub-região do Dão-Lafões. Entre os rios Dão e Mondego, igualmente posiciona-se entre as cidades de Viseu e Coimbra, equidistante das duas. O rio Dão nasce na freguesia de Eirado, mais propriamente na Barranha, concelho de Aguiar da Beira, Distrito da Guarda, na região dos planaltos de Trancoso-Aguiar da Beira e que faz parte da Região do Planalto Beirão<sup>316</sup>.

Anote-se a relação da Rainha Santa com essa cidade. Nemésio<sup>317</sup> destaca que, além de Viseu, os mesmos ter se iam encaminhado para outras terras vizinhas, enquanto vindimavam no Dão. As estadias régias variavam, de acordo com o autor, em Lisboa, Coimbra, Leiria, Satarém. Cunha<sup>318</sup> inclui nessa rota transcorrida por D. Isabel, a vila de Avelãs, antes de se estabelecer em Coimbra, tendo permanecido todo o ano, se evadindo do frio da Beira.

### **Alva**

Vila Cova de Alva foi uma freguesia portuguesa do concelho de Arganil. Vila e sede de concelho, constituído por uma freguesia, até ao início do século XIX. Designou-se *Vila Cova de Sub-Avô* até 1924, e em 2013 foi agregada à freguesia de Anceriz, designando-se União das Freguesias de Vila Cova de Alva e Anceriz da qual é sede.

---

<sup>314</sup> Disponível em: <http://www.cm-viseu.pt/index.php/conhecer-viseu/historico/historia>. Acesso em 10/05/2015.

<sup>315</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 35-40.

<sup>316</sup> Disponível em: <http://www.cm-santacombadao.pt/template/menu-types/apresentacao-do-concelho.html> Acesso em 24/01/2015.

<sup>317</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 30.

<sup>318</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 47.

Registre-se que para dar maior conforto à Rainha, durante a vinda para Portugal após as bodas em Trancoso (1282), a corte “*transferiu-se primeiramente para a vizinha cidade da Guarda, onde em meados de Setembro, ainda se encontravam os reis. Em 26 desse mesmo mês estavam em Viseu. Tendo passado por Alva e Reigoso, antes de 15 de outubro chegaram a Coimbra, que virá a ser uma das sedes relativamente estáveis da coroa, no âmbito da contínua itinerância régia*”<sup>319</sup>.

## **Reigoso**



**Igreja Paroquial de Reigoso**

É uma antiga freguesia portuguesa do concelho de Oliveira de Frades. Foi extinta (agregada) pela reorganização administrativa de 2012/2013, sendo o seu território integrado na União das Freguesias de Destriz e Reigoso<sup>320</sup>.

Com relação à Rainha Santa e sua trajetória explica-se que para ensejar maior conforto à Rainha em sua chegada a Portugal, a corte passou por Alva, e em seguida por Reigoso e só depois chegaram a Coimbra<sup>321</sup>.

---

<sup>319</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 35-40.

<sup>320</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Reigoso\\_%28Oliveira\\_de\\_Frades%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Reigoso_%28Oliveira_de_Frades%29) Acesso em 24/01/2015.

<sup>321</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 35-40.

## Coimbra



Mosteiro de Santa Clara-a-Velha



Mosteiro de Santa Clara-a-Nova

Coimbra é capital do Distrito de Coimbra, da Região Centro de Portugal, da sub-região do Baixo Mondego e da Beira Litoral. Sendo o maior núcleo urbano, é centro de referência na região das Beiras<sup>322</sup>.



Coimbra

O feriado municipal ocorre a 4 de Julho, em memória a rainha D. Isabel, padroeira da cidade. A Rainha Santa faleceu, possivelmente pela peste, em Estremoz, a 4 de Julho de 1336, tendo deixado expresso em seu testamento o desejo de ser sepultada no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, no qual, em 1995, se procedeu uma escavação arqueológica, após ter estado por 400 anos parcialmente submerso pelo rio Mondego<sup>323</sup>. A propósito, em relação à localização do Mosteiro, “*O impacto visual e a articulação de um mosteiro ou de um convento com o sítio possuem a virtualidade de gerar valores sentimentais, variáveis entre a ostentação e o refúgio*”<sup>324</sup>.

<sup>322</sup> Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Coimbra> Acesso em 24/01/2015.

<sup>323</sup> Disponível em: [www.rainhasantaisabel.org/](http://www.rainhasantaisabel.org/). Acesso em 20/05/2015.

<sup>324</sup> Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra...*, p. 257.

Sendo uma viagem demorada para a trasladação do corpo da Rainha Santa havia o receio de o cadáver entrar em decomposição acelerada pela alta temperatura. No entanto, no longo transcurso, debaixo de um calor abrasador, o ataúde teve algumas rachaduras pelas quais escorria um líquido, que todos supuseram provir da decomposição cadavérica. Uma surpresa para os que transportavam o corpo: ao invés do mau cheiro esperado, um aroma suave vinha do ataúde. O seu marido, D. Dinis, repousa no Mosteiro de São Dinis em Odivelas.

Com a persistência das águas do Rio Mondego inundando o convento de Santa Clara-a-Velha, de Coimbra, percebeu-se que deveria ser edificado o convento de Santa-Clara-a-Nova, no século XVII, num local mais alto: o Monte Esperança, para onde se procedeu à trasladação do corpo da Rainha Santa, que permanece incorrupto no túmulo de prata e cristal, mandado fazer para abrigá-la em Santa Clara-a-Nova<sup>325</sup>.



**Mosteiro de Santa Cruz**

O mosteiro de Santa Cruz está centrado na freguesia de Santa Cruz, na cidade, concelho e distrito de Coimbra. Foi fundado, em 1131, pela Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, com o apoio de D. Afonso Henriques e de D. Sancho I, que nele se encontram sepultados. Ocorreram várias intervenções artísticas no mosteiro, particularmente na época manuelina, sendo esse um dos mais preciosos monumentos históricos e artísticos do país<sup>326</sup>.

---

<sup>325</sup> Correia, V., Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal...*, p. 76

<sup>326</sup> Disponível em: [http://www.monumrntos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2678](http://www.monumrntos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2678)) Acesso em 24/01/2015.



Depois da morte de D. Mor Dias, praticamente impedida pelos monges de Santa Cruz, de construir o mosteiro de Santa Clara, uma vez que seus bens acabariam ficando em legado para este novo mosteiro, D. Isabel conseguiu alvará para dar seguimento ao pretendido por D. Mor. Relata Macedo que “A deliberação tomada por D. Mor Dias de abandonar o mosteiro crúzio foi entendida como um acto de rebeldia”<sup>327</sup>. A Rainha Santa dedicou grande parte de seu tempo no edificar desse Mosteiro.

Durante as festas da Rainha Santa esta é trazida do Mosteiro de Santa Clara a Nova para o mosteiro de Santa Cruz.

É confirmada a presença de Isabel com as seguintes palavras “ (...) Antes de 15 de outubro chegaram a Coimbra, que virá a ser uma das sedes relativamente estáveis da coroa, no âmbito da contínua itinerância régia”<sup>328</sup>.

### Póvoa da Rainha



Igreja Rainha Santa Isabel



Mapa

É uma aldeia anexa da freguesia de Cativeiros, concelho de Gouveia, distrito da Guarda, na margem esquerda do Rio Mondego, limítrofe do concelho de Mangualde. O povoado teve origem no século XIII, recebendo forais manuelinos, posteriormente. Em 1523 foi concedido à vila o Foral da Terra e Comenda da Ordem de Avis<sup>329</sup>.

Por volta de 1260, Póvoa da Rainha era designada de Quinta de S. Marcos. Teria sido D. Isabel a responsável pelo nome da cidade quando naquela localidade passou a caminho de Coimbra, e pernoitado, vinda de Trancoso, onde se deram as cerimônias de núpcias entre ela e o rei D. Dinis, em 26 de Junho de 1282. Estão vivas na memória

<sup>327</sup> Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra...*, p. 270.

<sup>328</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 35-40.

<sup>329</sup> Disponível em: <http://wikimapia.org/4422704/pt/P%C3%B3voa-da-Rainha>. Acesso em 22/01/2015.

coletiva não apenas essa lenda, mas a história da velha casa em ruínas onde esteve, além da via romana que percorrera, ligando a Coimbra, pela ponte palhês. A instituição do nome Póvoa da Rainha, justifica a alegria de D. Isabel com as homenagens recebidas àquela época do povo humilde.

A localidade possui vários patrimônios relevantes a exemplo da Capela de S. Marcos, construída no século XVII, a Igreja Rainha Santa Isabel, construída na 2ª metade do século XX, em tributo a essa, bem como um a Festa da Rainha Santa, ovacionada no segundo fim de semana do mês de agosto.

## Quintanilha



### Travessia de Portugal Quintanilha (Bragança)

Quintanilha é uma aldeia e freguesia portuguesa do concelho de Bragança. Até 1853 pertenceu ao extinto concelho de Outeiro. O orago da freguesia é São Tomé e tem como localidades anexas Veigas e Réfega. A freguesia de Quintanilha, montanhosa e acidentada, situa-se no extremo oriental do concelho de Bragança. Trata-se de uma das mais formidáveis fronteiras com a Espanha, cujo marco limitador é rio Maças. A freguesia é composta pelos lugares de Quintanilha, Réfega e Veigas<sup>330</sup>.

Destaque-se que foi adjacente à capela de Nossa Senhora da Ribeira que a Corte portuguesa recebeu a Princesa Isabel de Aragão, a Rainha Santa, quando entrou em Portugal<sup>331</sup>.

---

<sup>330</sup> Disponível em: [http://www.cm-braganca.pt/uploads/writer\\_file/document/1271/Carateriza\\_o.pdf](http://www.cm-braganca.pt/uploads/writer_file/document/1271/Carateriza_o.pdf). Acesso em 22/01/2015.

<sup>331</sup> Disponível em: <http://www.rotaterrafrica.com/pages/199>. Acesso em 22/01/2015.

## Badajoz



**Porta de Palmas – Badajoz**

Cidade da Espanha, pertencente à comunidade autónoma de Estremadura, e da Comarca da Terra de Badajoz. Badajoz possui uma porção mais obsoleta denominada de Casco Antigo ou bairro histórico, onde se resguardam patrimônios classificados como bem de interesse cultural, destacando-se a alcáçova, a catedral, a igreja de São Domingos, as muralhas, o Real Mosteiro de Santa Ana, sem contar, ainda a Praça Alta, a Praça de Espanha e seus monumentos e património natural<sup>332</sup>.

Ao entregar a mão de sua filha D. Isabel de Aragão, ao rei D. Dinis, D. Pedro III de Aragão tinha em mente que a mesma deveria sair de casa como rainha levando em conta os grandiosos feitos daquele reino, bem como abraçar o reino português caracterizado por vitoriosos heróis e conquistadores, indo viver um tempo áureo naquela nova corte. Pelo Tratado de Badajoz, em 1267<sup>333</sup>, D. Dinis herda um território reconquistado incorporando-o ao todo. Mais tarde, em apoio a Fernando IV de Castela angaria reais benefícios, e cede a mão de sua filha D. Constança, unindo os dois reinos. D. Isabel viria, tempos depois, promover a concórdia entre forças travadas envolvendo seu irmão Jaime II de Aragão com o seu genro Fernando IV de Castela. Nesse contexto, erguer-se outro conflito de D. Dinis, com seu irmão Afonso, ao tentar afastá-lo de regiões fronteiriças de Vide, Arronches e Portalegre, em 1281, 1287, e 1299, tendo mais uma vez

---

<sup>332</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Badajoz>. Acesso em 22/01/2015.

<sup>333</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado\\_de\\_Badajoz\\_%281267%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Badajoz_%281267%29). Acesso em 22/05/2015.

D. Isabel como negociadora pela paz. Sob sua presença real, D. Dinis pronunciou próximo a Terragona, em 1304, sentença arbitral entre os reis de Aragão e Castela<sup>334</sup>.

Alem disso, expediu pelo menos uma carta de Badajoz<sup>335</sup>.

### **Alfeizerão**

Com a reforma administrativa de meados do século XIX, o concelho foi extinto e a freguesia anexada ao de São Martinho do Porto, e posteriormente suprimido. Passou, então, para o de Alcobaça, depois para o de Caldas da Rainha e, de novo, para o de Alcobaça, que permanece desde o início do século XX<sup>336</sup>.

Os caminhos percorridos pela rainha D. Isabel foram muitos, desde seguir o esposo nas suas jornadas até a intervenção no apaziguamento de conflitos principalmente entre Castela e Portugal, cujo encontro se deu no Sabugal. Para tanto, partiu de Lisboa, D. Dinis e D. Isabel, em finais de maio tendo passado por Alenquer, Torres Vedras, Moita, Óbidos, Alfeizerão, Alcobaça, Leiria, Coimbra, Gouveia e Guarda<sup>337</sup>.

### **Santarém**

Santarém é capital do Distrito de Santarém, possuindo limítrofes a norte pelos municípios de Porto de Mós, Alcanena e Torres Novas, a leste pela Golegã e pela Chamusca, a sudeste por Alpiarça e Almeirim, a sul pelo Cartaxo, a sudoeste pela Azambuja e a oeste por Rio Maior. Fazia parte da antiga província do Ribatejo. Foi conquistada por D. Afonso Henriques, em 15 de março de 1147, combatendo os mouros e a Taifa de Santarém. O local constituiu-se representativo no passado, tendo suportado inúmeras Cortes reais, perdendo terreno, depois para Lisboa<sup>338</sup>.

---

<sup>334</sup> Disponível em: <http://www.apoioescolaronline.net/noticias/tratado-de-badajoz-16-de-fevereiro-de-1267-2>. Acesso em 22/01/2015.

<sup>335</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 41.

<sup>336</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfeizer%C3%A3o>. Acesso em 22/01/2015.

<sup>337</sup> Cidraes, Maria Lourdes. Se bem se lembra nos lembrando (Memórias de Isabel e Dinis. In: *Nemésio, Nemésios. Um Saber Plural...*, p. 177.

<sup>338</sup> Disponível em: <http://www.cm-santarem.pt/Paginas/Default.aspx>. Acesso em 22/01/2015.



**Igreja de Santa Iria em Santarém**



**Padrão de Santa Iria – Ribeira de Santarém**

Dentre as muitas lendas locais, sobressai a de Santa Iria. Conta-se que a donzela ao refutar um nobre teria sido violada e seu corpo atirado ao rio. O milagre adveio quando seus restos alcançaram a Ribeira de Santarém e as águas se afastaram à sua volta. Devota de Santa Iria, D. Isabel de Aragão foi visitar o local, e outro milagre se repete com essa: as águas se abrem para que Santa Isabel chegue ao fundo do rio, na sepultura em que estava Iria. Como o episódio bíblico do Mar Vermelho, ao sair para as margens, as águas se juntam novamente, dando origem a mais um milagre: Santa Isabel faz com que as águas outra vez se arredem para salvar uma criança que ali havia entrado. A Igreja de Santa Iria, na freguesia de Santa Iria da Ribeira de Santarém, confinante ao rio Tejo, remonta ao século XII, marcada pelo barroco<sup>339</sup>.

Situado na Ribeira de Santarém, o Padrão de Santa Iria, construído em 1775, enseja histórias contadas pelos antigos que alegam que se o rio chegasse ao pescoço da santa, então a Baixa de Lisboa estaria inteiramente alagada. D. Dinis, ordenou que fosse erguida uma estátua à Santa Iria. Mais tarde acrescentaram-lhe a cantaria, que ainda hoje lá se encontra.

Posteriormente, em 1324, Santarém e seu castelo se colocaram a favor de outro Infante, D. Afonso, filho de D. Dinis (1279-1325), que se insurge contra o seu pai. Dominada a revolta pelas forças do monarca, este falece, a 7 de Janeiro de 1325, na localidade.

---

<sup>339</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 40-42.



**Vista geral da fachada sudeste do Convento de Santa Clara de Santarém**

A fundação do convento de Santa Clara, em Santarém, remonta a 1259, no reinado de D. Afonso III, quando as clarissas, provenientes de Lamego, decidem por se fixarem em Santarém. O edifício conventual estava pronto em 1264, tendo a igreja sido sagrada no ano seguinte<sup>340</sup>.

Embora inaugurado as obras avançaram no século XIII e na primeira metade do século XIV. Durante o reinado de D. Dinis, foram alcançados enormes benefícios patrocinados quer pela Rainha D. Isabel, quer pelo próprio rei. Particularmente importante na contribuição da edificação da obra, na fase inicial, teria sido D. Leonor Afonso, filha de D. Afonso III, então freira nesta casa. Em 1325, essa infanta foi enterrada na igreja do convento. O túmulo de Martim Afonso Chichorro, filho bastardo do mesmo rei, data de início do século XIV, estando, agora, na Igreja de São João de Alporão.

A Igreja de Santa Maria da Alcáçova posiciona-se no centro histórico de Santarém, junto das Portas do Sol e fez parte da história do monarca D. Dinis. Em 1280, este entregou o templo à Real Colegiada de Santa Maria da Alcáçova, em permuta das igrejas de Alcoentre e Tagarro<sup>341</sup>.

As estadias régias variavam, de acordo com o autor, em Lisboa, Coimbra, Leiria, Santarém. É incluído nessa rota transcorrida por D. Isabel, a vila de Avelãs, antes de se estabelecer em Coimbra, tendo permanecido todo o ano, evadindo do frio da Beira<sup>342</sup>.

---

<sup>340</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Convento\\_de\\_Santa\\_Clara\\_\(Santar%C3%A9m\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Convento_de_Santa_Clara_(Santar%C3%A9m)). Acesso em 22/05/2015.

<sup>341</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja\\_de\\_Santa\\_Maria\\_da\\_Alc%C3%A1%C3%A7ova\\_\(Santar%C3%A9m\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_Santa_Maria_da_Alc%C3%A1%C3%A7ova_(Santar%C3%A9m)). Acesso em 22/05/2015.

<sup>342</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 47.

Está documentado que pelo menos D. Dinis se encontrava em Santarém no dia 6 de março de 1284. Em janeiro de 1285, procedentes de Lisboa, chegavam, para passar uma temporada na mesma vila, tanto o rei como D. Isabel<sup>343</sup>.

Reitere-se, ainda, “a declaração feita pela Rainha D. Isabel, em Santarém, a 2 de Janeiro de 1325, junto do marido gravemente enfermo de, após a morte deste, ser sua intenção envergar o habito de clarissa e querer ser sepultada no mosteiro desta ordem em Coimbra, foi de primordial importância para o futuro desta casa religiosa”<sup>344</sup>.

## Moita

A Moita é uma vila portuguesa pertencente ao Distrito de Setúbal, região de Lisboa e sub-região da Península de Setúbal<sup>345</sup>.

Os caminhos percorridos pela rainha D. Isabel foram muitos, desde seguir o esposo nas suas jornadas até a intervenção no apaziguamento de conflitos principalmente entre Castela e Portugal, cujo encontro se deu no Sabugal. Para tanto, partiu de Lisboa, D. Dinis e D. Isabel, em finais de maio passando por Alenquer, Torres Vedras, Moita, Óbidos, Alfeizerão, Alcobaça, Leiria, Coimbra, Gouveia e Guarda<sup>346</sup>.

## Sabugal



**Castelo do Sabugal**

---

<sup>343</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 42.

<sup>344</sup> Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra...*, p. 641.

<sup>345</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Moita>. Acesso em 22/01/2015.

<sup>346</sup> Cidraes, Maria Lourdes. Se bem se lembra nos lembrando (Memórias de Isabel e Dinis. In: *Nemésio, Nemésios. Um Saber Plural...*, p. 177.

A cidade pertence ao Distrito da Guarda, região Centro e sub-região da Beira Interior Norte. O município é circunscrito a norte por Almeida, a leste pela Espanha, a sul por Penamacor, a sudoeste pelo Fundão, a oeste por Belmonte e a noroeste pela Guarda. Fica em Terras de Riba-Côa, assim como Pinhel, Almeida, Mêda e Figueira de Castelo Rodrigo<sup>347</sup>.

Atravessando o rio Côa está o Castelo, que em 1297, sob o reinado de D. Dinis, igualmente a outras posses de Riba-Côa, passou a ser da Coroa portuguesa.

De acordo com as lendas portuguesas, e essa seria uma das mais famosas, a Rainha Santa Isabel teria concebido um milagre ao transformar os pães escondidos sob a sua longa saia, destinados aos pobres, em rosas, quando o esposo, o rei D. Dinis, lhe surpreendera, saindo do Castelo de Sabugal, a praticar tal ato. Esse foi o milagre das rosas, quando em janeiro, pleno inverno, não seria possível que detivesse rosas<sup>348</sup>.

Os itinerários percorridos pela rainha D. Isabel foram muitos, desde acompanhar o esposo nas suas jornadas até a intervenção no apaziguamento de conflitos, principalmente, entre Castela e Portugal, cujo encontro se deu no Sabugal<sup>349</sup>.

### **Alcobaça (Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça)**



**Mosteiro de Alcobaça**



**Praça da República - Alcobaça**

Alcobaça é uma cidade portuguesa da sub-região do Oeste. Pertence ao distrito de Leiria, sendo circunscrito a norte pelo município da Marinha Grande, a leste por Leiria,

<sup>347</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sabugal>) Acesso em 22/03/2015.

<sup>348</sup> Disponível em: <http://www.antigaportugueza.pt/RainhaSantaIsabel>) Acesso em 22/01/2015.

<sup>349</sup> Cidraes, Maria Lourdes. Se bem se lembra nos lembrando (Memórias de Isabel e Dinis. In: *Nemésio, Nemésios. Um Saber Plural...*, p. 177.



Porto de Mós e Rio Maior, a sudoeste pelas Caldas da Rainha e a oeste pela Nazaré (que rodeia por três lados), tendo dois troços de costa atlântica, a noroeste e sudoeste<sup>350</sup>.

Com o Claustro do Silêncio ou Claustro de D. Dinis. Neste Mosteiro encontram-se as principais dependências do mesmo: a igreja, a Sala do Capítulo, o parlatório, a Sala dos Monges, o refeitório, a cozinha e, no piso superior, o dormitório. Representava um espaço de circulação, no qual os monges se deslocavam em silêncio. As galerias do piso térreo foram concluídas em 1311, pelo arquiteto Domingo Domingues e o mestre Diogo<sup>351</sup>.

O claustro Dom Dinis é o claustro principal do monumento, financiado pelo rei D. Afonso III por disposições testamentárias. A designação é uma homenagem ao primeiro monarca português letrado e voltado para as artes: o rei poeta.



**Claustro do Mosteiro de Alcobaça**

Está classificado como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO e como Monumento Nacional, desde 1910 (IPPAR). Em 7 de Julho de 2007. Foi eleito como uma das sete maravilhas de Portugal.

Os itinerários percorridos pela rainha D. Isabel foram muitos, desde acompanhar o esposo nas suas jornadas até a intervenção no apaziguamento de conflitos, principalmente, entre Castela e Portugal, cujo encontro se deu no Sabugal. Para tanto, partiu de Lisboa, D. Dinis e D. Isabel, em finais de maio tendo passado por Alenquer, Torres Vedras, Moita, Óbidos, Alfeizerão, Alcobaça, Leiria, Coimbra, Gouveia e Guarda<sup>352</sup>.

<sup>350</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcoba%C3%A7a\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcoba%C3%A7a_(Portugal)). Acesso em 22/01/2015.

<sup>351</sup> Disponível em: <http://www.mosteiralcobaca.pt/pt/index.php?s=white&pid=188>) Acesso em 02/03/2015.

<sup>352</sup> Cidraes, Maria Lourdes. Se bem se lembra nos lembrando (Memórias de Isabel e Dinis. In: *Nemésio, Nemésios. Um Saber Plural...*, p. 177.

## Lisboa

Lisboa, além de ser a capital de Portugal, é a cidade mais populosa do país e a 20.<sup>a</sup> área urbana mais populosa da União Europeia. Lisboa é a grande cidade e a capital mais a Ocidente do continente europeu, além de ser a única capital ao longo da costa atlântica dentre os países europeus<sup>353</sup>.

Classificada como Monumento Nacional a Muralha de D. Dinis é a única medieval, situada em Lisboa, tendo sido erguida, no século XIII, por D. Dinis, para defesa dos ataques da zona ribeirinha, estando em uso por 75 anos. Diversificadas obras se valeram, posteriormente, da solidez dessas muralhas para erguer, então, outros monumentos.



É possível compreender a tradição isabelina em Portugal: uma distribuição concentrada, com polos em Coimbra, Leiria, Alenquer, Lisboa e Estremoz e com dominância de lendas de caráter religioso, com exceção de Leiria onde existe o maior núcleo de lendas profanas. A memória da Rainha Santa irrompe, ainda, em desenho de menor grau, ligando Bragança a Coimbra e coincidindo com o percurso da entrada de Isabel de Aragão, em Portugal. Acrescente-se outro eixo maior que se estende de Lisboa a Valença passando por Coimbra e que pode se subdividido em dois segmentos: o primeiro, que vai de Lisboa a Coimbra segue o traçado da estrada régia medieval que diversas vezes D. Isabel teria percorrido; o segundo, que une Coimbra a Valença, coincide com a via principal do caminho jacobeu português, seguido na peregrinação a Santiago de Compostela<sup>354</sup>.

---

<sup>353</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisboa>. Acesso em 02/03/2015.

<sup>354</sup> Beirão, José Joaquim Saleiro. *Fragoso: nos caminhos de Compostela - Santa Isabel peregrina de Santiago.Fragoso...*, p. 111.

O momento da história que se insere a vida de D. Isabel a esta localidade é o fato de ter originado missivas, no caso, 9 em Lisboa. “A Rainha Santa ainda favoreceu díspares mosteiros e casas de caridade ainda que esses não fossem os que ela havia instituído. O Hospital para crianças de Lisboa e o de Roças; e hospital e albergarias do Senhorio do Reino de Portugal, além dos alimentos aos pobres, especialmente aos mosteiros de Santos, Chelas, Celas, Lourão, e Arouca, e recursos deixados à enfermaria de Santa Cruz, em Coimbra, e enfermaria do Mosteiro de Alcobaça. Em todas essas obras beneméritas, D. Isabel não apenas se deteve à criação das mesmas, mas velou pelo seu pleno exercício, munindo-as, perduravelmente, com donativos e cautelas jurídicas. Isabel zelava por elas, e identicamente por seus acolhidos, compartilhando a mesa com eles, na sua humildade”<sup>355</sup>.

## Alcanizes



Alcanizes é um município da Espanha, na província de Zamora, comunidade autônoma de Castela e Leão<sup>356</sup>.

Nessa povoação foi firmado, a 12 de Setembro de 1297, o Tratado de Alcanizes que fixou as fronteiras entre os reinos de Portugal e de Leão e Castela. Essas raianas, que suportaram poucas alterações até hoje, são as mais arcaicas da Europa. Os signatários foram D. Dinis, de Portugal e D. Fernando IV, de Leão e Castela quando do casamento da filha D. Constança<sup>357</sup>.

<sup>355</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 19.

<sup>356</sup> Disponível em: (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcanizes>. Acesso em 02/03/2015.

<sup>357</sup> Disponível em: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4186059>. Acesso em 02/03/2015.

Diga-se que a coroa portuguesa assinou, em Alcanizes, um tratado importante com a coroa castelhana. Rezava o acordo que D. Dinis apoiaria Fernando IV como rei de Castela. Esse episódio levou a novas desavenças entre ele e seu irmão, tendo em vista que o mesmo queria a proclamação do infante D. João, seu consogro e seu genro, O Torto, para reinar em Castela. Em 1299, Afonso reúne suas tropas em Portalegre, permanecendo de maio a outubro. Diante das ameaças, D. Dinis chega a fazer seu testamento, dando poderes a D. Isabel, inclusive como tutora de seus filhos Constança e Afonso.

Registre-se que D. Dinis e D. Isabel haviam se deslocado para os confins de Zamora, em um grande feito do rei, e não menos da sua esposa, sendo esse o Tratado de Alcanizes<sup>358</sup>, estabelecendo os limites fronteiriços entre Castela e Portugal, assinalando a concretização do compromisso matrimonial entre o rei castelhano e Constança de Portugal, de oito anos de idade<sup>359</sup>.

## **Zamora**

Samora (em castelhano, Zamora) é um município da província de Samora, na comunidade autônoma de Castela e Leão, na Espanha<sup>360</sup>.



**Catedral de El Salvador de Zamora**

D. Dinis e D. Isabel haviam deslocado, para os confins de Zamora, em um grande feito do rei, e não menos da sua esposa, sendo esse o Tratado de Alcanizes, estabelecendo os limites fronteiriços entre Castela e Portugal, assinalando a concretização do compromisso matrimonial entre o rei castelhano e Constança de Portugal, de oito anos de idade. Ainda com relação à de D. Isabel, lembre-se que as primeiras religiosas do

---

<sup>358</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado\\_de\\_Alcanizes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Alcanizes). Acesso em 02/02/2015.

<sup>359</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 69.

<sup>360</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Zamora>. Acesso em 02/02/2015.

convento de Santa Clara-a-Velha vieram de Zamora. A rainha teria conseguido estabelecer a paz no reino, através das negociações com o irmão de D. Dinis<sup>361</sup>.

## Fuente Guinaldo



Fuente Guinaldo



Ermita de San Fausto – Fuente Guinaldo

Fuenteguinaldo é um município da Espanha na província de Salamanca, comunidade autônoma de Castela e Leão<sup>362</sup>.

Antes de partir para esse local, a Rainha Santa esteve em Forcalhos, no Sabugal, de onde provém algumas lendas. Dentre elas a de uma casa que desapareceu. Tratava-se de um domicílio em ruínas que foi, depois, substituído por uma construção nova, na rua Capitão Martins. Diz-se que D. Isabel descansou nessa paragem seguindo, depois para Fuenteguinaldo, na Espanha, em 1298, para se encontrar com duas rainhas<sup>363</sup>.

Reza a lenda que um mensageiro real trazia notícias de D. Dinis para D. Isabel, comunicando à esposa que ela fosse se encontrar com a rainha-mãe de Castela, Maria de Molina e a filha Constança. Isabel, então, se colocou a cavalgar dirigindo-se para Fuente Guinaldo, fronteira de Castela, do outro lado do rio Côa que nasce nos Foios, Sabugal<sup>364</sup>.

---

<sup>361</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 74.

<sup>362</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fuenteguinaldo>. Acesso em 02/03/2015.

<sup>363</sup> Disponível em: <http://noticiasdosforcalhos.blogspot.pt/2005/09/42-lendas-rainha-santa-nos-forcalhos.html>. Acesso em 02/03/2015.

<sup>364</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 69.

## Fanga da Fé



### Freguesia da Encarnação

Encarnação, atual Fanga da Fé, é uma freguesia do concelho de Mafra. Localiza-se no extremo norte do concelho, tendo por limítrofes: a sul, as freguesias de Santo Isidoro e Azueira e Sobral da Abelheira (pertencentes ao mesmo município); a norte, a freguesia de São Pedro da Cadeira; e a leste, as de São Mamede da Ventosa e Freiria, todas pertencentes ao adjacente concelho de Torres Vedras. Constitui, por isso, o território mais setentrional, não apenas do respectivo concelho, como também da sub-região da Grande Lisboa e da Região de Lisboa<sup>365</sup>.

Estavam D. Dinis, a Rainha e o Infante em Frielas, Loures. Dez dias, posteriormente, pai e filho, em Torres Vedras colocaram a primeira e a segunda pedra destinada à construção de uma igreja dedicada a São Dionísio, em Porto Novo, em outubro de 1318. *“No termo de Torres Vedras tinham a herdade da Fanga da Fé, coisa pouca, e desde 1300 que senhoreava Leiria com todas as suas abas, um eirado lindo para ver o Lis sumir-se longe e a certeza de que ali ninguém mexia”*<sup>366</sup>. Registre-se que no reinado daquele uma dessas propriedades estava na posse da coroa, a Quinta da Rainha, mais conhecida por Quinta de Fanga da Fé, doada pelo rei a D. Isabel de Aragão, em 1298.

<sup>365</sup> Disponível em: <http://www.mafra.net/freguesias/encarnacao.php>. Acesso em 02/03/2015.

<sup>366</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 42.

## Vide (Seia)



Vide - Seia

Vide é uma aldeia pertencente à União das Freguesias de Vide e Cabeça, concelho de Seia. Está situada na zona centro do país, no Distrito da Guarda, no Parque Natural da Serra da Estrela, a 25 km da Torre. A aldeia da Vide tem múltiplos acessos sendo os principais a EN 230, que a liga a Oliveira do Hospital, e a EN 238, uma saída da EN 231, que a liga à Seia<sup>367</sup>.

Com relação a D. Isabel e a localidade, aquela novamente mostrou um papel preponderante nas negociações que tiveram fim em 1300, fazendo com que o irmão de D. Dinis renunciasse Portalegre, Marvão, fronteiras estratégicas da Espanha, bem como Arronches, legado de seu pai, e em troca ficasse com Sintra e Ourem, além de Vila de Vide. Satisfeito com as conversações o rei doa à esposa as terras de Leiria. Isabel absorvia-se com a paz do reino, e não encerrava adversidades com o cunhado<sup>368</sup>.

---

<sup>367</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Vide\\_%28Seia%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vide_%28Seia%29). Acesso em 15/05/2015.

<sup>368</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 69.

## Elvas



Elvas

Elvas é uma cidade raiana situada no Distrito de Portalegre, na região do Alentejo e na sub-região do Alto Alentejo. O município é limitado a norte por Arronches, a nordeste por Campo Maior, a sudeste pelos municípios espanhóis de Olivença e Badajoz, a sul pelo Alandroal e por Vila Viçosa e a oeste por Borba e por Monforte. Às portas de Espanha, dista cerca de 8 km da cidade de Badajoz. Elvas consistiu na mais formidável praça-forte da fronteira portuguesa, a cidade mais fortificada da Europa, tendo sido por isso cognominada "Rainha da Fronteira"<sup>369</sup>.

Trata-se de um município de aspectos turísticos sejam eles monumentais, museológicos, históricos, religiosos e até mesmo a nível económico. Património da Humanidade, Elvas é a capital do turismo do Alto Alentejo<sup>370</sup>.

Lembre-se que a Rainha Santa escreveu várias cartas pessoais, dentre as quais, cerca de cinquenta foram documentadas. Duas foram redigidas em Elvas. Assim como esses escritos, outros podem contribuir para identificar as vezes que D. Isabel teria pernoitado ou vivido em determinadas cidades<sup>371</sup>.

## Tarazona

---

<sup>369</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Elvas>. Acesso em 02/03/2015.

<sup>370</sup> Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/1367>. Acesso em 02/03/2015.

<sup>371</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 41.



Tarazona é um município da Espanha na província de Zaragoza, comunidade autônoma de Aragão<sup>372</sup>.



**Medieval town of Albarracín**

Os estudos revelam que este foi um local de passagem da rainha Santa. Em determinada altura, D. Dinis e Isabel queriam se reunir com outros monarcas e havia uma discórdia da cidade em que iriam se reunir. Pero-Sanz alude a este momento: *“Houve alguma troca de notas e de mensagens orais, para determinar o local das reuniões tripartidas, pois D. Dinis e Isabel preferiam efetuá-la em Castela, não muito distante de Portugal. Finalmente prevaleceu a opinião de Jaime II: seriam em Tarazona e Ágreda, em terras fronteiriças entre Aragão e Castela. O monarca de Castela, com o infante D. João e outras personalidades, saiu ao encontro de Dinis, Isabel e o seu cortejo nas imediações de Cuéllar, próximo de Valladolid. As duas caravanas dirigiam-se para Aragão. Quando chegaram a Soria, o castelhano deteve-se e os portugueses continuaram a sua viagem. Em 30 de julho, nos limites de Aragão, saiu ao encontro deles Jaime II, que havia uma semana os esperava em Tarazona”*<sup>373</sup>.

---

<sup>372</sup> Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Tarazona>. Acesso em 07/01/2015.

<sup>373</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 97.

## Ágreda



Vista Geral de Ágreda – Espanha

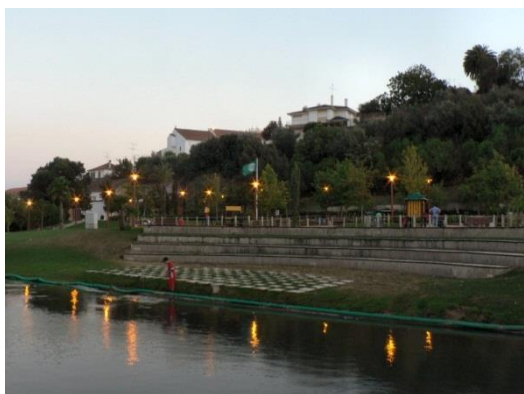
Município e cidade na província de Soria, Comunidade Autónoma de Castela e Leão, Espanha. Um sítio com muitos privilégios concedidos por monarcas, sendo palco de casamentos reais, convênios, reuniões e quartéis, tendo Ágreda possuído uma jurisdição própria, concedida pelo rei Alfonso X (1221-1284). Foi, ainda, na Idade Média, um reduto fronteiriço entre os reinos de Castela e Aragão, em cujas terras viviam em sintonia cristãos, judeus e mouros, sendo nesses termos, aclamada como "a cidade das três culturas"<sup>374</sup>.

Os estudos dizem que este foi um reduto em que a Rainha Santa esteve. Pois, em determinada altura, D. Dinis e Isabel queriam se reunir com outros monarcas e havia uma discórdia acerca da cidade em que se encontrariam. Nos é revelado este momento: *“Houve alguma troca de notas e de mensagens orais, para determinar o local das reuniões tripartidas, pois D. Dinis e Isabel preferiam efetuá-la em Castela, não muito distante de Portugal. Finalmente prevaleceu a opinião de Jaime II: seriam em Tarazona e Ágreda, em terras fronteiriças entre Aragão e Castela. O monarca de Castela, com o infante D. João e outras personalidades, saiu ao encontro de Dinis, Isabel e o seu cortejo nas imediações de Cuéllar, próximo de Valladolid. As duas caravanas dirigiam-se para Aragão. Quando chegaram a Soria, o castelhano deteve-se e os portugueses continuaram a sua viagem. Em 30 de julho, nos limites de Aragão, saiu ao encontro deles Jaime II, que havia uma semana os esperava em Tarazona”*<sup>375</sup>.

<sup>374</sup> Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/%C3%81greda>. Acesso em 07/01/2015.

<sup>375</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 97.

## Torres Novas



**Jardim das Rosas**

Torres Novas é uma cidade portuguesa situada no Distrito de Santarém, região Centro e sub-região do Médio Tejo. Pertencia à antiga província do Ribatejo. Está limitado a Noroeste pelo município de Ourém, a Leste por Tomar, Vila Nova da Barquinha e Entroncamento, a Sudeste pela Golegã, ao Sul, por Santarém e a Oeste, por Alcanena<sup>376</sup>.

A Feira Medieval de Torres Novas transporta-nos este ano de 1304 quando D. Dinis fez a doação da vila de Torres Novas à Rainha Santa D. Isabel. Nesse 24 de junho de 1304 assinala-se 22 anos desde que D. Dinis e D. Isabel se conheceram, quando a Infanta ultrapassara a fronteira da Espanha e ido às suas núpcias com o mesmo, em Trancoso. De acordo com as tradições locais, os festejos se repetiram durante os 32 anos que se seguiram, com a presença, tantas vezes, da Rainha Santa. O Hospital de Torres Novas recorda os feitos da santa e presta-lhe homenagem alcunhando o nome Santa Isabel<sup>377</sup>.

Na sexta-feira, pelo centro histórico, a Feira Medieval mobiliza a cidade, recriando o passado, recordando a vinda da Rainha D. Isabel à vila, quando a corte real se centrava em Santarém. A história seria repetida na festa, no imaginário coletivo de que o rei D. Dinis não teria ficado satisfeito com as andanças de D. Isabel, tendo se direcionado àquele lugarejo de propriedade de D. Isabel, convidando-a a retornar ao Paço de Santarém, numa outra viagem itinerante do reino. Na ocasião, a rainha teria desfrutado de uma ceia com os monges franciscanos e o alcaide, no palácio<sup>378</sup>.

---

<sup>376</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres\\_Novas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres_Novas). Acesso em 07/01/2015.

<sup>377</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 117.

<sup>378</sup> Disponível em: <http://www.oribatejo.pt/2013/06/26/feira-medieval-de-torres-novas-viaja-por-terras-da-rainha-santa/>. Acesso em 07/01/2015.

## Atouguia da Baleia

Atouguia da Baleia é uma freguesia portuguesa do concelho de Peniche, tendo por fronteira: a norte as freguesias da Ajuda e Ferrel, a este a freguesia de Serra d'El-Rei, e ao sul, o concelho da Lourinhã e a oeste, o Oceano Atlântico<sup>379</sup>.



**Castelo da Atouguia da Baleia**

As ruínas do Castelo de Atouguia da Baleia circunscrevem-se à freguesia e vila de Atouguia da Baleia, no concelho de Peniche, distrito de Leiria. Na foz do rio de São Domingos estava um dos mais relevantes portos do litoral português na Idade Média. Ressalte-se que foi sob o reinado de D. Dinis (1279-1325) que Atouguia auferiu uma feira anual, no dia 6 de novembro, data de seu orago, São Leonardo, alcançando o auge de sua afluência marítima, com atividade pesqueira e construção naval. Quando D. Dinis ascendeu ao trono de Portugal, afirma-se que possuía muitas casas em Atouguia. Em 1313, obtém o senhorio da vila, para, em seguida, doá-la a sua esposa, a rainha D. Isabel de Aragão. O rei reforçou as fronteiras das muralhas visando conter os piratas advindos do Norte da África, inclusive contratando um almirante genovês, para resolver esta questão. No século XIX o concelho foi abolido e incorporado na freguesia de Peniche. As muralhas do castelo, ainda, podem ser vislumbradas<sup>380</sup>.

---

<sup>379</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Atouguia\\_da\\_Baleia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Atouguia_da_Baleia). Acesso em 10/05/2015.

<sup>380</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Atouguia\\_da\\_Baleia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Atouguia_da_Baleia)); <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70851/>. Acesso em 10/05/2015.

Isabel de Aragão recebeu de seu noivo, D. Dinis, como dote rendas em numerário da vila de Atouguia da Baleia (1307). Eram ainda seus os reguengos de Gondomar, Rebordões, Codões, e igualmente, uma quinta em Torres Vedras e da lezíria da Atalaia<sup>381</sup>.

## **Azambuja**

Azambuja é uma vila no Distrito de Lisboa, limitada a norte pelo município de Rio Maior, a nordeste por Santarém, a leste pelo Cartaxo, a sueste por Salvaterra de Magos, a sul por Benavente e Vila Franca de Xira e a oeste por Alenquer e pelo Cadaval. Pertenceu à antiga província do Ribatejo. Até 2004, o concelho da Azambuja fez parte da Área Metropolitana de Lisboa<sup>382</sup>.

Registre-se um episódio expressivo que sucedeu, posteriormente, à morte de D. Constança, filha de D. Isabel. Quando a corte se deslocava de Santarém para Lisboa um eremita surgiu na estrada de Pontével, querendo falar com a rainha, e, sendo impedido, gritou para a mesma que havia sonhado com sua filha e que esta carecia de orações. Não entendendo bem o que havia sucedido, naquele instante, D. Isabel solicitou dos soldados maiores explicações. Estando em Azambuja, a Rainha Santa exigiu a busca daquele servo de Deus. Assim sendo, se conduziu à aldeia daqueles confins, mas não se deparou com algum eremita, nem nas proximidades, o que enseja a lenda que ela captara por seus dons, quiçá mediúnicos, uma mensagem para orar pela alma daquela. Depois de fazê-lo, a Rainha Santa contou às aias que sonhara com Constança, que agradeceu as missas pela sua libertação<sup>383</sup>.

## **Frielas**

Frielas é uma freguesia do concelho de Loures. Desde 2013, faz parte da nova União das Freguesias de Santo António dos Cavaleiros e Frielas<sup>384</sup>.

Os reis D. Afonso III e D. Dinis passaram em Frielas algumas temporadas, na Idade Média, tendo inclusivamente erigido um Paço, hoje em ruínas. Nessa cidade se

---

<sup>381</sup> Cidraes, Maria Lourdes. Se bem se lembra nos lembrando (Memórias de Isabel e Dinis. In: *Nemésio, Nemésios. Um Saber Plural...*, p. 177.

<sup>382</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Azambuja>. Acesso em 07/01/2015.

<sup>383</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 99.

<sup>384</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Frielas>. Acesso em 07/01/2015.

casaram, a 1 de Novembro de 1401, Afonso I, Duque de Bragança, com Beatriz Pereira de Alvim<sup>385</sup>.

Com relação à ligação da Rainha Santa a esta localidade se dá devido as missivas enviadas deste local conforme os estudos apontam<sup>386</sup>.

## Alenquer



Alenquer – Portugal

Alenquer é uma vila portuguesa pertencente ao Distrito de Lisboa, região Centro e sub-região do Oeste. É limitada a norte pelo município do Cadaval, a leste pela Azambuja, a sudeste por Vila Franca de Xira, a sul por Arruda dos Vinhos, a sudoeste por Sobral de Monte Agraço e a oeste por Torres Vedras. O primeiro Foral foi outorgado em 1212, e um outro, em 1302, por D. Dinis, reformado em 1510, por D. Manuel<sup>387</sup>.

Alenquer guarda tradições como a Festa do Divino Espírito Santo ligada ao nome da Rainha Santa Isabel, cuja data de aparecimento não obteve o consenso dos investigadores. Embora exista quem alegue que seria no ano de 1280, outros defendem ser anterior à rainha levando em cômputo os frades franciscanos. Há mesmo quem considere a data de 1326, época em que, provavelmente, foi realizada pela primeira vez no Convento de São Francisco. Poderia ter se iniciado, ainda, no Paço da Vila de Sintra<sup>388</sup>.

No entanto, foi no século XIV a institucionalização dessa festa inspirada nas crenças de D. Isabel, que convocou em 1296, no dia de Pentecostes, o clero, a nobreza e o povo, para tomarem parte das solenidades religiosas efetivadas na inauguração de uma

---

<sup>385</sup> Disponível em: <http://app.cmloures.pt/DAE/filecontrol/GaleriaMultimedia/Documento/Frietas.pdf> Acesso em 07/01/2015.

<sup>386</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 41.

<sup>387</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Alenquer\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alenquer_(Portugal)). Acesso em 07/01/2015.

<sup>388</sup> Disponível em: <http://www.radioalenquer.pt/?p=1934>. Acesso em 08/01/2015.

confraria, a que chamaram de Império, cujo objetivo era donatário aos pobres, em louvor ao Divino Espírito Santo. A solenidade se propagou tornando-se uma prática dos nobres naqueles idos<sup>389</sup>.

A Igreja do Espírito Santo, confinante ao rio Alenquer, na sua margem direita, vem do tempo da Rainha Isabel, esposa do Rei Dinis, viveu naquela cidade quando colocada no exílio pelo rei. A mando dela ter-se-ia construído a Ermida do Espírito Santo<sup>390</sup>.



**Igreja do Espírito Santo**

Escreve Guilherme João Carlos Henriques, em 1873, que existia uma cruz em pedra, datada de 1707, no caminho da igreja de São Pedro criada por volta de 1260. A cruz concebia o milagre de cada rosa que a Rainha Santa havia dado a cada pedreiro da Ermida do Espírito Santo, e que tinha se demudado em moeda de ouro.

Múltiplas igrejas prestam homenagem ao Divino Espírito Santo, a exemplo de Ota e da Atalaia, e as capelas em Aldeia Galega, Aldeia Gavinha e a do Arneiro. A Igreja do Espírito Santo de Atalaia possui entre os azulejos, do altar-mor, um que representa a Rainha Santa Isabel.

Retrata a Confraria de Santa Isabel, na obra *A coroa, o pão e as rosas* que da “vasta rede de hospitais e casas de assistência instituídas ou patrocinadas por vontade régia de D. Isabel de Aragão são conhecidos o Hospital dos órfãos de Lisboa; o Hospício dos Inocentes de Santarém, para crianças enjeitadas; o Hospício de Leiria, destinado ao recolhimento de mulheres desamparadas; o Paço de Alenquer, transformado em Albergaria para acolhimento de viagens dos pobres e peregrinos (...)”<sup>391</sup>.

---

<sup>389</sup> AAVV, *A Coroa, o pão e as rosas...*, p. 98.

<sup>390</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 74.

<sup>391</sup> AAVV, *A Coroa, o pão e as rosas...*, p. 98.

A rainha Isabel embora sofrendo ao ser exilada, em Alenquer, jamais quis revoltar-se contra o rei, embora recebendo apoio de alguns cavaleiros. “*D. Isabel obedeceu resignada*”<sup>392</sup>, sendo suspeita dos mais sórdidos atos como dar dinheiro ao filho para pagar os ladrões que o guardavam, etc<sup>393</sup>. Muitas lendas apareceram durante este afastamento. Exemplo seria a construção de um asilo e templo em honra ao espírito santo, tendo tido a rainha um sonho que se converteria por milagre em realidade, sendo os alicerces do mesmo fundado por obra divina.

Alem disso, ainda é documentado uma missiva proveniente desta localidade<sup>394</sup>.

## **Lumiar**

Lumiar é uma freguesia do concelho de Lisboa, pertencente à Zona Norte da capital. Existe uma praça alcunhada Rainha Santa, em Lumiar<sup>395</sup>.

Em 1312, D. Dinis procede ao inventário dos bens do Conde de Barcelos, indicando para D. Afonso Sanches, seu filho bastardo e genro do Conde, uma quinta e casa de Campo no Lumiar, denominada, posteriormente de Paços do Infante D. Afonso Sanches. No reinado de D. Afonso IV, esta residência nobre adquire a designação de Paço do Lumiar, mantida presentemente. A cidade conta com diversos patrimônios e monumentos históricos, mormente religiosos. Vários conventos e congregações foram mantidos com rendas concedidas por D. Dinis, em função do respeito tido pela esposa D. Isabel de Aragão<sup>396</sup>.

Muitas lendas envolvem a Rainha Santa. Ademais a do Cegodim, da Aldeia do Amor, surge a do Lumiar, possivelmente variantes da mesma história na qual D. Isabel, conhecendo as infidelidades do esposo, manda que lhe alumiem o caminho, quando do seu retorno ao castelo. O mesmo ter-se-ia passado em Lumiar, quando a rainha afirma que teria ido ‘alumiar’ a realeza. Em Odivelas, nas adjacências de Lisboa, a rainha lhe censurou no tocante às amantes: “*Oh!, ide vê-las, senhor.*” Aí permanecem seus restos mortais<sup>397</sup>.

---

<sup>392</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 74.

<sup>393</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 54.

<sup>394</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 41.

<sup>395</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lumiar>. Acesso em 09/01/2015.

<sup>396</sup> Disponível em: <https://musgueirasul.wordpress.com/2013/03/25/o-bairro-e-a-freguesia-do-lumiar/>. Acesso em 09/01/2015.

<sup>397</sup> Cidraes, Maria de Lurdes. *Isabel de Aragão, Rainha Santa: da História ao Mito*. Disponível em: <http://www.aaaio.pt/public/ioand206.htm>. Acesso em 22/05/2015.



## Pontével



Pontével é uma freguesia do concelho do Cartaxo. Tem como orago Nossa Senhora da Purificação ou Nossa Senhora das Candeias. Durante a Idade Média, a vila de Pontével era avaliada como sendo uma das mais rentáveis comendas da Ordem de Malta, o que atesta a sua autoridade<sup>398</sup>.

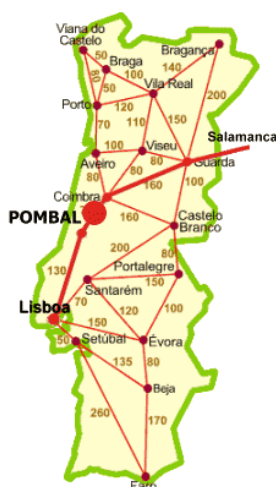
Um episódio significativo sucedeu depois da morte de D. Constança, filha de D. Isabel. Quando a corte se deslocava de Santarém para Lisboa um eremita surgiu na estrada de Pontével, querendo falar com a rainha, e, sendo impedido, gritou para a mesma que havia sonhado com sua filha e que esta carecia de orações. Não entendendo bem o que havia sucedido naquele instante, a rainha solicitou dos soldados maiores explicações. Estando em Azambuja, a Rainha Santa exigiu a busca daquele servo de Deus. E assim sendo, se dirigiu à aldeia daqueles confins, mas não se deparou com algum eremita, nem nas proximidades, o que enseja que seus dons mediúnicos captaram uma mensagem para orar pela alma daquela. Depois de fazê-lo, a rainha contou às aias que sonhara com Constança, que agradeceu as missas pela sua libertação<sup>399</sup>.

---

<sup>398</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pont%C3%A9vel>. Acesso em 15/05/2015.

<sup>399</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 97.

## Pombal



Pombal é uma cidade portuguesa que faz parte do Distrito de Leiria, região Centro e sub-região do Pinhal Litoral. Limita-se a Norte pelos municípios da Figueira da Foz e de Soure, a Este por Ansião e Alvaiázere, a Sudeste por Ourém, a Sudoeste por Leiria e a Oeste tem uma faixa de litoral no Oceano Atlântico<sup>400</sup>.

A vila de Pontével medieval apresentou acentuada importância, sendo uma das mais lucrativas comendas da Ordem de Malta. Não se sabe ao certo quando teria sido construída a igreja matriz, entretanto a referência mais antiga é 1302, quando o Prior da Ordem, D. Garcia Martins, apresentou como pároco daquela povoação o padre Pero Martins<sup>401</sup>.

Nos idos de 1323 a rainha viu-se envolvida, em novos conflitos entre o marido e seu filho, e viajou para Alvalade no lombo de uma mula, sem seus cavaleiros tentando acudir o confronto, tendo como pretexto recordar as promessas feitas em Pombal por D. Afonso, no tocante ao respeito ao pai. Tal fato foi pintado artisticamente na Capela da Rainha Santa, no Castelo de Estremoz<sup>402</sup>.

<sup>400</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pombal\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pombal_(Portugal)). Acesso em 09/01/2015.

<sup>401</sup> Disponível em: <http://www.cm-pombal.pt/>. Acesso em 09/01/2015.

<sup>402</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 84.

## Guimarães



Praça da Oliveira, no Centro histórico de Guimarães



Castelo de Guimarães

Guimarães é uma cidade portuguesa estabelecida no Distrito de Braga, região Norte e sub-região do Ave. O município é limitado a norte por Póvoa de Lanhoso, a leste por Fafe, a sul por Felgueiras, Vizela e Santo Tirso, a oeste por Vila Nova de Famalicão e a noroeste por Braga<sup>403</sup>.

Guimarães tem seu centro histórico tido como Património Cultural da Humanidade, tornando-a definitivamente um dos máximos centros turísticos da região.

Durante a Idade Média, a vila se expandiu, embora rodeada parcialmente por uma muralha defensiva, no reinado de D. Dinis. Entretanto as ordens mendicantes instalaram-se em Guimarães e auxiliaram a moldar a fisionomia da cidade<sup>404</sup>.

Com relação às muralhas de Guimarães ou cerca urbana, explique-se que em meados do século XIII dá-se início à sua construção pelo rei D. Afonso III. No reinado de D. Dinis, no ano de 1322, prosseguem essas obras com o esforço do mesmo. Em 1389, D. João unifica as parte alta e baixa, tornando-se Guimarães. Muitos vestígios da cerca desapareceram com o tempo<sup>405</sup>.

Com relação à Rainha Santa, expediu pelo menos uma carta de Guimarães, Alenquer, Leiria e Vila Viçosa<sup>406</sup>. Ainda em Guimarães, ela tenta reaproximar D. Dinis do filho, sem sucesso, conforme relatos<sup>407</sup>.

<sup>403</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guimar%C3%A3es>. Acesso em 09/01/2015.

<sup>404</sup> Disponível em: <http://www.portugal-live.net/P/places/guimaraes.html>. Acesso em 09/01/2015.

<sup>405</sup> Disponível em: <http://www.esarmento.uminho.pt/docs/ndat/pcaldas/PCaldas029.pdf>) Acesso em 09/01/2015.

<sup>406</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 41.

<sup>407</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 76.

## Alvalade

Alvalade é uma freguesia do concelho de Lisboa, pertencente à Zona Centro da capital<sup>408</sup>.

Em 1321 se travou a batalha de Alvalade entre D. Dinis e seu filho, o futuro D. Afonso IV, que ter-se-ia sentido ameaçado pela predileção do rei ao seu filho bastardo, Afonso Sanches, para o trono. A intervenção da rainha foi vital neste momento agindo como uma diplomata para assinalar a paz entre ambos. Esse fato abalou a saúde de Dom Dinis que estava sob os cuidados da corte já possuindo mais de 60 anos. D. Dinis regressa a Lisboa em pior estado, tendo todo o apoio de D. Isabel que permaneceu ao seu lado, época em que instituiu o seu testamento, 1322<sup>409</sup>.



**D. Afonso IV, 7º rei de Portugal e D. Dinis, 6º rei de Portugal**



**Rainha Santa Isabel (1323) Anfiteatro da Caixa Geral de Depósitos, ao ar livre, Freg. S. João de Deus**

Este padrão é patrimônio do Estado recordando a batalha de Alvalade quando D. Isabel pôs paz aos ânimos, em 1323. Na coluna observa-se uma cruz gravada, acoplada ao termo *Rainhas de Portugal* de Francisco da Fonseca Benevides. Foi a Rainha Santa Isabel a mandatária da construção desse padrão, em memória da pacificação ocorrida,

<sup>408</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Alvalade\\_\(Lisboa\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alvalade_(Lisboa)). Acesso em 12/01/2015.

<sup>409</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha\\_de\\_Alvalade](http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Alvalade). Acesso em 12/01/2015.

com seus préstimos, entre o seu marido D. Dinis e o seu filho D. Afonso IV, em vias de uma batalha<sup>410</sup>.

Mais uma vez a rainha viu-se envolvida, nos idos de 1323, em novéis conflitos entre o marido e seu filho, tendo partido para Alvalade no lombo de uma mula, sem seus cavaleiros para acudir o confronto, tendo como pretexto recordar as promessas feitas em Pombal por D. Afonso, acerca do respeito ao pai. Tal fato foi pintado artisticamente na Capela da Rainha Santa, no Castelo de Estremoz<sup>411</sup>.

## Odivelas



**Vista de Odivelas**



**Mosteiro de Odivelas**

Odivelas é uma cidade pertencente ao Distrito de Lisboa, região de Lisboa e sub-região da Grande Lisboa. Limitado a nordeste pelo município de Loures, a sudeste por Lisboa e a oeste, por Amadora e Sintra. Em 1998 criou-se o conselho em razão da separação de sete freguesias da zona sudoeste do concelho de Loures<sup>412</sup>.

O Castelo de Odivelas foi alicerçado sob as ordens de D. Dinis, com a planta dos arquitetos Antão e Afonso Martins, renomados mestres, tendo como finalidade atender os religiosos da Ordem de Cister, no século XIII. Na capela absidal jaz o túmulo D. Dinis. Em outra capela, ao lado da epístola, depara-se com o túmulo vazio de D. Maria Afonso, filha de D. Dinis. O infante D. João, filho de D. Afonso IV, tem seu túmulo guardado pela capela-mor<sup>413</sup>.

<sup>410</sup>

Disponível

em.

<http://www.lisboapatrimoniocultural.pt/artepublica/placasevocativas/pecas/Paginas/Rainha-Santa-Isabel.aspx>. Acesso em 12/01/2015.

<sup>411</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 76.

<sup>412</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Odivelas>. Acesso em 12/01/2015.

<sup>413</sup> Disponível em: [http://www.cm-odivelas.pt/anexos/bmdd/biografia\\_d\\_dinis.pdf](http://www.cm-odivelas.pt/anexos/bmdd/biografia_d_dinis.pdf). Acesso em 12/01/2015.



**Vista geral do Mosteiro de Odivelas**

Foi por vontade expressa em seu testamento, que o rei D. Dinis escolheu a Igreja do Mosteiro Cisterciense de Odivelas para sua última morada. Indicou inclusive o local: a meio, entre a capela-mor e o coro. O cortejo fúnebre partiu de Santarém até à Igreja do mosteiro. Concebendo a imagem da Rainha Santa Isabel está um quadro do século XVII, que mais recentemente, ganhou azulejos de açafates<sup>414</sup>.

Após o falecimento do rei, em 7 de janeiro de 1325, D. Afonso e a maior parte da corte dirigiram-se para Lisboa, tendo a rainha ficado uns tempos no Paço Real do mosteiro de Odivelas, não podendo se afastar das localidades para cumprir os últimos desejos do rei, em testamento<sup>415</sup>.

## **Raia do Minho**



**Alto Minho**

O Alto Minho no Norte de Portugal designava uma antiga região do Noroeste de Portugal, pertencente à província do Minho e que hoje é uma sub-região designada por

---

<sup>414</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 80.

<sup>415</sup> *Ibidem*, p. 81.

Minho-Lima. Corresponde geograficamente ao moderno distrito de Viana do Castelo; no entanto, nunca teve qualquer existência legal como província. Integrava em conjunto com o Baixo Minho, a província do Minho, e em conjunto com o Douro Litoral, o grande Entre-Douro-e-Minho. Era constituído por Arcos de Valdevez, Caminha, Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Valença, Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira<sup>416</sup>.

Duas ancestrais rotas cortam o Alto Minho: uma pelo interior e outra junto à orla marítima, perfazendo o Caminho Português de Santiago. Na rota do interior segue-se por Ponte de Lima até Valença, com 38 km integrando a estrada real (Porto-Barcelos-Ponte de Lima-Valença), considerada a espinha dorsal dos caminhos portugueses de Santiago, onde confluem quase todos os demais percursos. Desde o século XIV, milhares e milhares de pessoas cruzaram essa localidade, desde humildes viajantes, até nobres e reis como D. Afonso II, a Rainha Santa Isabel e o rei D. Manuel I, sendo a ponte romano/medieval de Ponte de Lima um ponto de passagem obrigatória e símbolo nacional do caminho português<sup>417</sup>.

O Caminho Português da Costa é uma variante do Caminho Central, que une o burgo portuense a demais concelhos costeiros do Litoral Norte, com a alternativa de ligação à Galiza transpondo o rio Minho em La Guardia (frente a Caminha), Goian (transpondo Vila Nova de Cerveira) ou mesmo a Tui (por Valença do Minho). O seu traçado surgiu com maior importância tão somente a partir do século XVIII, sendo empregado pelas populações costeiras e pelos que desembarcavam nos portos marítimos.

Note-se que a Rainha Santa abandonou as terras lusas, depois de cumprir as obrigações testamentárias, atravessando o Douro, passando a Raia do Minho, para adentrar a Galícia, se dirigindo a Santiago de Compostela<sup>418</sup>.

---

<sup>416</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio\\_Minho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Minho). Acesso em 12/01/2015.

<sup>417</sup> Disponível em: <http://www.altominho.pt/gca/?id=940>. Acesso em 12/01/2015.

<sup>418</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 82.

## Galícia



Fachada da Praça do Obradoiro da Catedral de Santiago de Compostela

A Galiza é uma comunidade autónoma espanhola situada no noroeste da península Ibérica, onde antigamente se situou a Galícia e o Reino da Galiza. É formada pelas províncias da Corunha, Lugo, Ourense e Pontevedra. Geograficamente, limita-se ao norte com o mar Cantábrico, ao sul com Portugal (Minho e Trás-os-Montes), a oeste com o oceano Atlântico e a leste com o Principado das Astúrias e Castela e Leão (províncias de Zamora e de Leão)<sup>419</sup>.

Ressalte que “*Em 1318 o rei D. Dinis resolveu ir em romaria a Compostela, para recolher-se em oração sobre o túmulo do Apóstolo São Tiago Maior. Perante o curioso silêncio das Crónicas e a inquestionável indiferença da historiografia portuguesa em relação a este episódio, pretende-se reconstruir, através das fontes a disposição, os tempos e as modalidades da jornada do monarca a Compostela. Nomeadamente, serão indagadas as motivações e as razões profundas deste ato de devoção pessoal do soberano, a fim de avaliar a sua carga simbólica e de contextualizar este gesto no âmbito das complexas dinâmicas de poder daqueles anos. Para isso, serão analisadas algumas iniciativas e ações concretas empreendidas por D. Dinis ao longo daquele mesmo ano no âmbito político, social, religioso, cultural, artístico e as relativas também à esfera pessoal do rei, interpretadas como diretas consequências da peregrinação a Compostela.*”<sup>420</sup> A Rainha Santa abandonou as terras lusas, depois de cumprir as

<sup>419</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gal%C3%A9cia>. Acesso em 27/01/2015.

<sup>420</sup> Vauchez, André. O Santo. In: *O Homem Medieval...*, p. 38.



obrigações testamentárias, atravessando o Douro, passando a Raia do Minho, para adentrar a Galícia, e se dirigindo a Santiago de Compostela. Faltando uma légua para chegar, a Catedral de Santiago já podia ser avistada. Ao chegar depõe suas armas e símbolos tanto de Portugal quanto da Espanha, passando a caminhar a pé em peregrinação. No dia de São Tiago, a Rainha Santa entregou seus régios presentes à igreja, em sinal da sua fé. “A peregrinação era entendida como um exercício espiritual, sob a forma de jornada, em cuja essência se encontrava um aspecto ascético, porquanto submetia o peregrino às privações, perigos e sofrimentos de viagem (...)”<sup>421</sup>.

### **Barca do Lago**

Conforme os estudos referentes à biografia de D. Isabel registra-se o fato a seguir, com relação ao suposto caminho que a mesma haveria percorrido até Santiago de Compostela.

Um dos estudos assevera que D. Isabel passou por São Vicente onde estava essa igreja. “Por isso, após ter chegado a Barcelos na sua peregrinação a Santiago de Compostela, ocorrida no ano de 1325, não causa qualquer espécie de surpresa a sua visita a Santa Maria de Abade e a posterior passagem por Fragoso. A devoção a São Vicente, mártir, era acentuada na Idade Média. D. Isabel não deixaria de render homenagens a São Vicente, do qual era devota. A tradição e a lenda assim o testemunharam”. Confirma ainda que: “Sem questionar a importância do caminho que, procedente de Barca do Lago, mais a poente, atravessava a freguesia, a história, a tradição, e a lenda demandam que se siga o rastro deixado por tão ilustre peregrina numa das suas deslocações. Isso implica tomar o caminho que de Rates ia para Barcelos, daqui para Fragoso e depois continuar no Caminho do Norte”<sup>422</sup>.

Embora seja comprovado pelos estudos que a cidade faça parte da história de Dona Isabel, não foram encontrados maiores detalhes.

---

<sup>421</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 82.

<sup>422</sup> Beirão, José Joaquim Saleiro. *Fragoso: nos caminhos de Compostela - Santa Isabel peregrina de Santiago.Fragoso...*, p. 67.

## Fragoso



### Fragoso

Fragoso é uma freguesia pertencente ao concelho de Barcelos e ao distrito de Braga<sup>423</sup>.

Segundo os estudos, constituem ainda hoje realidades históricas, a existência da chamada Fonte da Virtude, junto a um penedo bem como a existência do Tanque ou Poço de Santa Isabel, um e outro a poucos metros da Ermida de São Vicente. O Poço recolhia a água que provinha da Fonte da Virtude juntamente com a água do ribeiro dos Mouros; que permitia mergulho. Havia uma cruz em pedra no fundo do mesmo “*que será de cinco palmos de alto (...) que beijam de mergulho três vezes todos os doentes que nele se vão banhar, e tem por fé que dentro em nove dias ou saram da sua enfermidade ou morrem*”<sup>424</sup>.

Outra evidência é para a própria Fonte da Virtude. Contam as lendas que durante a sua peregrinação a Santiago de Compostela em 1325 D. Isabel junto à Ermida, a uns 160 metros da nascente, bateu com um bastão numa rocha e dela fez brotar água com que os dois se dessedentaram, mãe e filho. Escrevem alguns autores, como Teotônio da Fonseca, que tal água tem efeitos milagrosos; é retirada ainda sendo utilizada como água benta.

Fragoso fica próximo à Vila de Barcelos cujo nome era Valverde. A tradição popular anota que a Rainha Santa Isabel quando seguia na romaria em direção a Santiago de Galiza, indagou acerca do nome daquele sítio e ao saber chamar-se Valverde, percebendo-o tão cheio de pedras e áspero, respondeu: *Fragoso chamo eu!*

<sup>423</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Fragoso\\_%28Barcelos%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Fragoso_%28Barcelos%29). Acesso em 27/01/2015.

<sup>424</sup> Disponível em: <http://j2.web.simplesnet.pt/staisabel.htm>. Acesso em 27/01/2015.

Os estudos de Beirão<sup>425</sup> apontam, por um lado, para o costume de D. Manuel I, quanto a ser essa a rota escolhida para abeirar-se a Santiago de Compostela. Por outro, Rocha<sup>426</sup> contesta que o caminho de Lima obsequiava alguns pontos positivos como a ponte construída sobre o rio Cávado, entre 1325 e 1328, oito anos, iniciada anteriormente à morte de D. Isabel, que teria viajado até Compostela antes de falecer, em 1336.

Confirma Beirão: “*Sem questionar a importância do caminho que, procedente de Barca do Lago, mais a poente, atravessava a freguesia, a história, a tradição, e a lenda demandam que se siga o rastro deixado por tão ilustre peregrina numa das suas deslocações. Isso implica tomar o caminho que de Rates ia para Barcelos, daqui para fragoso e depois continuar no Caminho do Norte.*”<sup>427</sup>

A igreja medieval de acordo com Beirão<sup>428</sup> estava situada entre as deslocações para vila de Barcelos e Fragoso, em um curso denominado Caminho da Vila, apresentando-se após alguns quilómetros da saída de Barcelos. Diga-se que “*junto à igreja encontra-se um nicho em forma de vieira, símbolo jacobeu que se encontra ao longo dos percursos de Compostela*”<sup>429</sup>, doada juntamente com a Ermida de São Vicente de Fragoso no mesmo ano pelo rei D. Dinis ao seu médico pessoal Mestre Martin, cónego da Sé de Braga e de Lisboa.

Relata-se ser lenda a necessidade de mais água para suprir o lugarejo uma vez que existiam dois ribeiros de água permanente, um de cada lado da Ermida – Vilar e Mouros – que dão origem ao Ribeiro de S. Vicente que atravessa toda a freguesia. Constituem, todavia, realidades históricas a existência da chamada Fonte da Virtude, junto a um penedo, bem como a existência do Tanque ou Poço de Santa Isabel, uma e outro a poucos metros da Ermida<sup>430</sup>.

---

<sup>425</sup> Beirão. José Joaquim Saleiro. *Fragoso: nos caminhos de Compostela - Santa Isabel peregrina de Santiago.Fragoso...*, pp. 23-24.

<sup>426</sup> Lima, Cristina Maria Fiúza da Rocha Pereira de. “*Turismo Cultural: À descoberta do Castro de Sto. Estêvão da Facha - Um Percurso Pedestre no Caminho Português de Santiago*”. Dissertação de Mestrado em Património e Turismo Cultural, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 2011, p. 118.

<sup>427</sup> Beirão. José Joaquim Saleiro. *Fragoso: nos caminhos de Compostela - Santa Isabel peregrina de Santiago.Fragoso...*, p. 61.

<sup>428</sup> *Ibidem*.

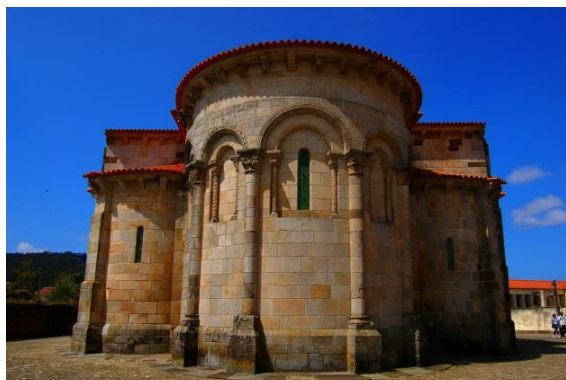
<sup>429</sup> *Ibidem*, p. 62.

<sup>430</sup> Disponível em: <http://j2.web.simplesnet.pt/staisabel.htm>. Acesso em 27/01/2015.

## Rates



Igreja de São Pedro de Rates



Igreja de São Pedro de Rates

Rates é uma freguesia do concelho da Póvoa de Varzim. Tem a sua sede na vila de São Pedro de Rates. Era um ponto de passagem de uma via romana, e aí começa um dos trilhos dos caminhos de Santiago, em Portugal. Na obra “As Mais Belas Vilas e Aldeias de Portugal”, é citada como uma das mais lindas vilas portuguesas<sup>431</sup>.

Encontra-se nessas paragens o Albergue de Peregrinos de São Pedro de Rates, o primeiro albergue em terras lusas para os peregrinos do Caminho Português de Santiago<sup>432</sup>.

Acerca dos estudos do itinerário percorrido pela Rainha Santa, sem questionar a importância do caminho que, procedente de Barca do Lago, mais a poente, atravessava a freguesia, a história, a tradição, e a lenda demandam que se siga o rastro deixado por tão ilustre peregrina numa das suas deslocções. Isso implica tomar o caminho que de Rates ia para Barcelos, daqui para fragoso e depois continuar no Caminho do Norte<sup>433</sup>.

---

<sup>431</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rates>. Acesso em 27/01/2015.

<sup>432</sup> Disponível em: <http://www.dobrarfronteiras.com/albergue-peregrinos-rates-caminho-portugues-santiago/>. Acesso em 27/01/2015.

<sup>433</sup> Beirão, José Joaquim Saleiro. *Fragoso: nos caminhos de Compostela - Santa Isabel peregrina de Santiago.Fragoso...*, p. 37.

## Barcelos



**Cidade de Barcelos**

Barcelos é uma cidade portuguesa no Distrito de Braga, região do Norte e sub-região do Cávado. Situada a norte do Porto, a cidade de Barcelos é notória pelas suas cerâmicas artesanais, de maneira especial pelo Galo de Barcelos, um colorido galo muitas vezes usado como símbolo de Portugal<sup>434</sup>.

À época da Reconquista cristã da península, a povoação foi apoderada pelos primeiros reis de Leão. Após as Inquirições, de 1220 e de 1226, passa a ser nominada de "Santa Maria de Barcelos", unida ao julgado de Neiva. Em 1298, D. Dinis (1279-1325) designou a sede de um condado, sendo o primeiro deles, conde de Barcelos, D. João Afonso de Meneses. O 3º Conde de Barcelos foi D. Pedro, filho bastardo de D. Dinis.



**Barcelos Torre da Porta Nova**

---

<sup>434</sup> Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Barcelos>. Acesso em 27/01/2015.

Com relação ao esboço acerca dos itinerários da Rainha Santa, Beirão assevera que D. Isabel passou por São Vicente, no local onde se achava essa igreja. *“Por isso, após ter chegado a Barcelos na sua peregrinação a Santiago de Compostela, ocorrida no ano de 1325, não causa qualquer espécie de surpresa a sua visita a Santa Maria de Abade e a posterior passagem por Fragoso. A devoção a São Vicente, mártir, era acentuada na Idade Média”*<sup>435</sup>. Diz que D. Isabel não deixaria de render homenagens a São Vicente, do qual era devota. *“A tradição e a lenda assim o testemunharam”*. Confirma ainda que *“sem questionar a importância do caminho que, procedente de Barca do Lago, mais a poente, atravessava a freguesia, a história, a tradição, e a lenda demandam que se siga o rastro deixado por tão ilustre peregrina numa das suas deslocções. Isso implica tomar o caminho que de Rates ia para Barcelos, daqui para fragoso e depois continuar no Caminho do Norte.”*<sup>436</sup>

A rainha Santa Isabel (1325) escolheu o seu trajeto até Santiago, *“seguindo seguramente uma rota muito semelhante aquela que está hoje marcada pelas setas amarelas, cruzando a recém-concluída ponte de Barcelos, evitando assim um desvio por Braga”*<sup>437</sup>.

### **Santa Maria de Abade de Neiva**

Abade de Neiva é uma freguesia portuguesa do concelho de Barcelos. Dista 4 km da sede do concelho. Foi fundada em 1152 pela rainha Mafalda de Saboia, mulher de D. Afonso I, que iniciou a construção de um sumptuoso mosteiro, que restou incompleto. O abade nomeado pela casa de Bragança era ouvidor perpétuo de Fragoso, nomeava juízes, respondia por seus atos, instituiu multas e impostos, dentre outros.

---

<sup>435</sup> Beirão, José Joaquim Saleiro. *Fragoso: nos caminhos de Compostela - Santa Isabel peregrina de Santiago.Fragoso...*, p. 44.

<sup>436</sup> *Ibidem*.

<sup>437</sup> Disponível em: <http://www.dobrarfronteiras.com/guia-caminho-portugues-santiago/>. Acesso em 27/01/2015.



**Igreja de Santa Maria de Abade de Neiva**

A Igreja de Santa Maria de Abade de Neiva localiza-se na freguesia de Abade de Neiva, concelho de Barcelos, distrito de Braga, em Portugal. A primitiva designação da paróquia era Abade, ou melhor, Santa Maria do Abade, constituindo-se em uma das paróquias da "terra" ou julgado medieval de Neiva. As Inquirições de 1220 referem-na, em latim, *Abade*<sup>438</sup>.

A primeira edificação foi alçada, em 1152, por iniciativa da rainha D. Mafalda de Saboia, esposa de D. Afonso Henriques, que entretanto não chegou a ver concluída em virtude de seu falecimento. Em 1220, a igreja pertencia ao padroado real. Em 1301, foi doada por Dinis de Portugal a Mestre Martinho, físico do rei e cónego da Sé de Braga.

Em relação à ligação entre a Rainha e o local estudos apontam que D. Isabel passou por São Vicente onde estava essa igreja. Por isso, após ter chegado a Barcelos na sua peregrinação a Santiago de Compostela, ocorrida no ano de 1325, não causa qualquer espécie de surpresa a sua visita a Santa Maria de Abade e a posterior passagem por Fragoso. A devoção a São Vicente, mártir, era acentuada na Idade Média. O pressuposto é de que D. Isabel não deixaria de render homenagens a São Vicente, do qual era devota. A tradição e a lenda assim o testemunharam. Confirmam pesquisas ainda que sem questionar a importância do caminho que, procedente de Barca do Lago, mais a ponte, atravessava a freguesia, a história, a tradição, e a lenda demandam que se siga o rastro deixado por tão ilustre peregrina numa das suas deslocações. Isso implica tomar o caminho que de Rates ia para Barcelos, daqui para Fragoso e depois continuar no Caminho do Norte.

---

<sup>438</sup> Disponível em: <http://www.abadedeneiva.maisbarcelos.pt/?vpath=/inicio/historia/>. Acesso em 12/12/2015.

Beirão assevera que D. Isabel passou por São Vicente onde estava essa igreja. “Por isso, após ter chegado a Barcelos na sua peregrinação a Santiago de Compostela, ocorrida no ano de 1325, não causa qualquer espécie de surpresa a sua visita a Santa Maria de Abade e a posterior passagem por Fragoso. A devoção a São Vicente, mártir, era acentuada na Idade Média”<sup>439</sup>. Afiança que D. Isabel não deixaria de render homenagens a São Vicente, do qual era devota.

No entendimento de Beirão<sup>440</sup> D. Isabel ter-se-ia se deslocado a Santa Maria de Abade, em 1335, quando seu destino era Santiago de Compostela, ainda que o tenha feito de forma com que as pessoas não soubessem de sua viagem, apenas, D. Afonso, em época posterior. Tais fatos só puderam ser registrados porque ela escrevera uma carta dirigida a esse, para que cuidasse do Hospital para os pobres. Seria esta a sua segunda peregrinação a Santiago.

Lembre-se da grande preocupação da rainha santa com relação aos beneméritos que havia instituído a vários hospitais e igrejas e que em suas disposições testamentárias havia legado rendas e mantimentos para muitos. A esse respeito Dom Afonso IV teria escrito a 15 de novembro de 1335 uma carta aos dirigentes da capela Santa Maria de Abade ordenando que guardassem as cartas que possuíam acerca dos danos “*que se fazem nos coutos e herdades da dita capela*”, atendendo aos desejos da mãe. Doação esta feita por D. Dinis, rei de Portugal em 10 de novembro de 1301<sup>441</sup>.

---

<sup>439</sup> Beirão. José Joaquim Saleiro. *Fragoso: nos caminhos de Compostela - Santa Isabel peregrina de Santiago.Fragoso...*, p. 44.

<sup>440</sup> *Ibidem*, p. 57.

<sup>441</sup> *Ibidem*, pp. 91-93.



## Santiago de Compostela



**Vista da fachada do Obradoiro da catedral e da parte traseira do Paço de Raxoi**      **Viernes Santo en Santiago de Compostela**

Santiago de Compostela é uma cidade e município no noroeste de Espanha. É capital da comunidade autónoma da Galícia pertencente à província da Corunha e comarca de Santiago. Reconhecida mundialmente como um dos destinos de peregrinação cristã mais respeitáveis do mundo, cuja popularidade, possivelmente, só é sobrepujada por Roma e Jerusalém. Ligada a esta tradição, que remonta à fundação da cidade no século IX, destaca-se a catedral de Santiago de fachada barroca, que alberga o túmulo de Santiago Maior, um dos apóstolos de Jesus Cristo. A visita a esse túmulo marca o fim da peregrinação, cujos percursos, os chamados Caminhos de Santiago ou Via Láctea, se estendem por toda a Europa Ocidental ao longo de milhares de quilômetros<sup>442</sup>. Alguns autores divergem a respeito dos caminhos que a Rainha Santa cruzou até Santiago e igualmente se a mesma os teria feito duas vezes (em 1325 e 1336) ou somente em 1325, após a morte do marido D. Dinis, quando peregrinou a Santiago, seguindo seguramente uma rota muito semelhante àquela que está, atualmente, marcada pelas setas amarelas, cruzando a recém-concluída Ponte de Barcelos, evitando portanto um desvio por Braga<sup>443</sup>.

Note-se que a Rainha Santa abandonou Portugal, depois de cumprir as obrigações testamentárias, atravessando o Douro, cruzando a Raia do Minho, para adentrar a Galícia, se conduzindo a Santiago de Compostela. Faltando uma légua para chegar, a Catedral de Santiago podia ser avistada. Ao aproximar do templo depõe suas armas e símbolos, tanto

---

<sup>442</sup> Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/347>. Acesso em 12/12/2015.

<sup>443</sup> Disponível em: <http://www.dobrarfronteiras.com/guia-caminho-portugue-santiago/www.dobrarfronteiras.com>. Acesso em 12/12/2015.

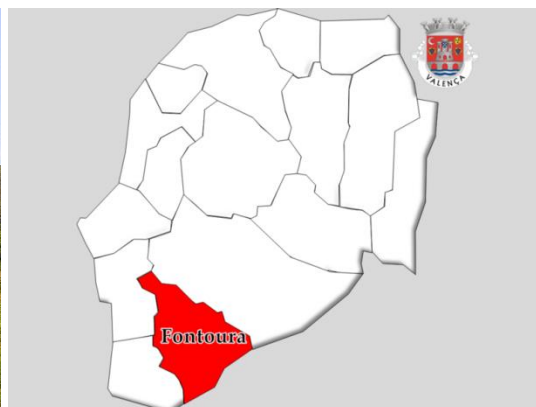
de Portugal quanto da Espanha, e principia uma peregrinação a pé. No dia de São Tiago, a Rainha Santa entregou seus régios presentes à igreja, em sinal da sua fé. “A peregrinação era entendida como um exercício espiritual, sob a forma de jornada, em cuja essência se encontrava um aspecto ascético, porquanto submetia o peregrino às privações, perigos e sofrimentos de viagem (...)”<sup>444</sup>.

Articula Nemésio “era uma viagem ao túmulo do apóstolo”, que “continuava esfíngico no seu cubo”<sup>445</sup>. Entretanto, para Pero-Sanz<sup>446</sup> é mais viável que a rainha tenha ido a Santiago de Compostela apenas uma vez depois da morte do rei D. Dinis. “O ano que se seguiu à morte del-rei gastou-o a Rainha Santa em sufragar a alma do mardio, em dar execução às disposições do seu testamento, como principal testamenteira que era, e em fazer a Santiago de Galiza uma peregrinação, para lucrar as indulgências de que se achava enriquecida a basílica do apóstolo”<sup>447</sup>.

### **Caminho da Vila**

Esta localidade está relacionada à figura de D. Isabel, pois, este sitio seria um caminho precípua de acesso a Santiago de Compostela. Caminho esse seguido pela Rainha Santa<sup>448</sup>.

### **Reguengo (junto a Valença do Minho)**



### **Igreja de Fontoura**

<sup>444</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 82.

<sup>445</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 85.

<sup>446</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 41.

<sup>447</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, p. 54.

<sup>448</sup> Beirão, José Joaquim Saleiro. *Fragoso: nos caminhos de Compostela - Santa Isabel peregrina de Santiago.Fragoso...*, p. 62.

Valença é cidade de fronteira, centrada nas adjacências do Rio Minho, e praticamente cercada de muralhas. Lembrando os vários reguengos em que a Rainha Santa teria percorrido ou dormido, sendo essas propriedades da Coroa, destaque-se Fontoura, uma freguesia portuguesa do concelho de Valença<sup>449</sup>.

Em Fontoura existem vestígios das peregrinações constantes, valendo-se dessa paragem para descanso ou reabastecimento. Um desses marcos é o Cruzeiro ou Retábulo do Nosso Senhor dos Caminhos, acatado como capital símbolo do Caminho Português para Santiago de Compostela.

Fontoura está distante apenas cerca de dez quilómetros da sede do Concelho. É constituída pelos lugares de Rio Torto, Ínsua, Casa Gonçalo, Boriz, Cortinhas, Reguengo, Bárrio, Prado, Valinha, Pereira, Portela, Gontomil, Grove, Maga, Outeiro e Paço.

A designação Fontoura advém de uma narrativa correlata a uma fonte situada acoplada à Casa Alta cujas águas, expunham partículas de ouro, sendo denominada Fonte d'Ouro. Por sua vez, o Reguengo, a terra da Coroa, está associado a outra lenda. O que se conta é que a rainha Santa Isabel pernoitou aquando do seu regresso de uma peregrinação a Santiago de Compostela. De acordo com documentos do Arquivo Nacional/Torre do Tombo: “*Em 1258, na lista das igrejas situadas no território de Entre Lima e Minho, elaborada por ocasião das Inquirições de D. Afonso III, São Miguel de Fontoura é citada como uma das igrejas pertencentes ao bispado de Tui. Em 1320, no catálogo das mesmas igrejas, mandado elaborar pelo rei D. Dinis, para pagamento de taxa, São Miguel de Fontoura foi taxada em 100 libras*”<sup>450</sup>. Era essa, portanto, mais uma das localidades rentáveis a D. Dinis, que lhe tinha direito por deter a Coroa.

Em 1325, após a morte de D. Dinis, a rainha Santa Isabel peregrinou a Santiago, seguindo seguramente uma rota semelhante aquela que está hoje marcada pelas setas amarelas, cruzando a recém-concluída ponte de Barcelos, evitando assim um desvio por Braga<sup>451</sup>.

Regressando a Portugal, pernoitou em Reguengo, junto a Valença do Minho, gerando alegria nos moradores, tendo ocorrido igualmente em Barcelos. Também teria cruzado pelas terras de Coimbra, até chegar a Odivelas, nos primeiros dias de 1326<sup>452</sup>.

---

<sup>449</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Valen%C3%A7a\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Valen%C3%A7a_(Portugal)) Acesso em 12/12/2015.

<sup>450</sup> Arquivo Nacional/Torre do Tombo

<sup>451</sup> Disponível em: <http://www.dobrarfronteiras.com/guia-caminho-portugues-santiago/www.dobrarfronteiras.com>. Acesso em 12/12/2015.

<sup>452</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 84.

## Miranda (Miranda do Douro)



**Barragem de Miranda**

Miranda do Douro, sede do concelho, está encravada em um espigão, em Trás-os-Montes, na margem direita do rio Douro, espaçando a província Portuguesa de Trás-os-Montes da província espanhola de Castilla y León. Foi de sumo valor na Idade Média por ser região fronteira. Provavelmente tendo sido atravessada determinadas vezes por D. Isabel<sup>453</sup>.

Registre-se o Tratado de Alcanizes, entre D. Dinis, rei de Portugal, e Fernando IV, de Leão e Castela, em 18 de dezembro de 1286, elevando-a a vila, uma das mais notáveis vilas, cercada, de Trás-os-Montes.

O castelo de Miranda do Douro foi remodelado pelos primeiros reis portugueses, entretanto, as batalhas travadas o arrasaram sendo preciso uma reedificação no reinado de D. Dinis, por volta de 1280, com estrutura resistente. Desta fortificação, classificada como Imóvel de Interesse Público, resta parte da muralha do século XVII, a envolver o núcleo antigo da cidade, a Torre de Menagem e, interior ao seu perímetro, a Sé de Miranda e os Paços Episcopais.

Em consonância com vários estudiosos da temática, até 1330 a Rainha se dedicou a concluir as obras do Mosteiro de Santa Clara, bem como se atentou em deixar rendas para as noviças do convento tendo para tanto adquirido, em 1327, propriedades em Miranda, mais tarde sendo ampliadas com imóveis em Porto de Mós. Claramente não este fato não significa sua estadia ou passagem nesta terra, porém significa que e alguma forma mesmo que longínqua fez parte de sua história<sup>454</sup>.

## Alfaiates

<sup>453</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Miranda\\_do\\_Douro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Miranda_do_Douro). Acesso em 12/12/2015.

<sup>454</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 184.

Alfaiates é uma freguesia do concelho do Sabugal. Foi vila e sede de concelho entre 1297 e 1836. Refere-se a um dos territórios que passou para a soberania portuguesa pelo Tratado de Alcanizes, em 1297. Aquando da extinção, as suas freguesias foram integradas nos concelhos do Sabugal e de Vilar Maior, este último suprimido<sup>455</sup>.

O momento de glória de Alfaiates remonta a 1327, ano em que a Infanta Maria, filha de D. Afonso IV, foi desposada pelo rei D. Afonso XI de Castela, na Igreja de S. Sebastião, celebrando três décadas de paz entre os reinos, no seguimento do Tratado de Alcanices.



**Igreja de Sacaparte**

A fundação da Igreja de Sacaparte é atribuída a D. Dinis e à Rainha Santa, apesar do fato de que a Aldeia da Ponte e outras terras das proximidades, estejam arraigadas tradições do culto do Espírito Santo. A propósito, alguns estudiosos afirmam que o milagre das rosas ocorreu em Alenquer. Similarmente em Sintra este culto foi precedentemente instituído. Não teria sido por acaso que Alfaiates, terra que foi da Rainha Santa, como Alenquer, esteja associada ao culto do Espírito Santo, que ainda tem reminiscências em Aldeia da Ponte.

O templo da Misericórdia guarda a imagem de Santa Isabel em espaço de evidência. Uma estátua de proporções quase natural, ornada com a coroa da realeza e as rosas do milagre. Lugar de devoção a Rainha Santa. O culto remonta séculos contemplando a veneração pela santidade. Além do mais, Alfaiates teria sido palco de visitas de D. Maria, filha de D. Afonso IV, casada com o monarca castelhano D. Afonso XI<sup>456</sup>.

---

<sup>455</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfaiates>. Acesso em 02/12/2015.

<sup>456</sup> Disponível em: <http://www.asbeiras.pt/2011/02/o-culto-a-rainha-santa-isabel-em-alfaiates/>. Acesso em 15/05/2015.



**Capela da Santa Casa da Misericórdia de Alfaiates**

*“Em 17 de dezembro assinava-se nos Paços da Rainha e em sua presença, o contrato esponsalício entre Maria e seu primo Afonso XI de Castela, neto, igualmente de Isabel. Meses depois, a santa acompanhava a neta até Sabugal. Ali elas esperavam os reis portugueses, Afonso e Beatriz, pais da noiva; e, todos juntos, deslocaram-se à povoação de Alfaiates onde também com a presença de D. Isabel se celebrou a real boda no dia 24 de junho de 1328.”<sup>457</sup>*

D. Dinis e a rainha Santa Isabel, além de fundadores da casa de Nossa Senhora da Sacaparte, foram os criadores da Capela da Consolação, o que terá ocorrido muito antes da origem da Casa de Alenquer uma vez que, a partir do seu primeiro encontro em terra portuguesa, estes reis mostraram-se coesos a Alfaiates por laços sentimentais muito fortes, podendo ser esta uma das razões das suas frequentes visitas ao Ribacôa. As muralhas de Alfaiates foram a proteção de uma legião de soldados romanos e têm dois mil anos de história. Entre as tradições locais configura-se o cativeiro do Rei Garcia, que ali esteve a ferros 18 anos e a lembrança, essa verídica, do casamento da Rainha Santa Isabel com D. Dinis de Portugal. O Santuário de Sacaparte, nas imediações da vila, é digno de nota.

---

<sup>457</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 184.

## Jerez de los Caballeros – Badajós



Castelo Templário



Muralha

É um município da Espanha, na província de Badajoz, comunidade autónoma da Estremadura. Com a conquista, em 1230, por Afonso IX de Leão com a ajuda dos templários, Jerez entrou no período cristão. Em 1240. Foi necessária uma campanha militar para garantir a segurança da zona. Preocupado com o perigo muçulmano, o rei de Leão doou a vila aos templários.

A dissolução da Ordem do Templo, em 1312, por bula do Papa Clemente V fez passar as suas possessões em território castelhano para a coroa. Contam as narrações populares que os templários resistiram e que no fim da luta morreram todos os cavaleiros degolados, o que deu o nome *Torre sangrenta* a um dos baluartes da muralha de Jerez. Nos anos que se seguiram o castelo passou para mãos portuguesas, que mantiveram a posse da fortaleza, até 1330.

Têm-se notícias históricas de que nessa localidade ocorreu uma intervenção diplomática de Isabel de Aragão, viúva do rei Dinis, propondo pacificar conflitos ocorridos no reino castelhano, entre sua neta, Maria Afonso de Portugal e o marido Rei Afonso XI de Castela e Leão<sup>458</sup>.

No que diz respeito à proximidade com a neta, sabe-se que ela ter-se-ia se feito acompanhar pela mesma até Sabugal para as bodas de D. Beatriz e D. Afonso. “*Em 17 de dezembro assinava-se nos Paços da Rainha e em sua presença, o contrato esponsalício entre Maria e seu primo Afonso XI de Castela, neto, igualmente de Isabel. Meses depois, a santa acompanhava a neta até Sabugal. Ali elas esperavam os reis portugueses, Afonso*

---

<sup>458</sup> Oliveira, Ana Maria Rodrigues. *Mulheres e fronteira na cronística medieval dionisina*. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4076.pdf>. P. 1586. Acesso em 02/12/2015.

e Beatriz, pais da noiva; e, todos juntos, deslocaram-se à povoação de Alfaiates onde também com a presença de D. Isabel se celebrou a real boda no dia 24 de junho de 1328.”<sup>459</sup> O casamento ia mal o que engendrou a interferência da rainha que resolveu orientar o neto deslocando-se até Jerez de los Caballeros Badajóz

## Estremóz



Vista aérea de Estremoz



Pousada de Estremoz

Estremoz está situada no Distrito de Évora, região Alentejo, sub-região Alentejo Central. Tem seus limites a norte pelos municípios de Sousel e Fronteira, a nordeste por Monforte, a sueste por Borba, a sul pelo Redondo e a oeste por Évora e por Arraiolos<sup>460</sup>.

Em 1336, a Rainha Santa Isabel, então com 65 anos, deslocou-se a Estremoz deixando o convento franciscano, em Coimbra, onde se recolheu depois de falecido D. Dinis, seu marido, no intuito de impedir uma guerra entre o seu filho Afonso IV e o rei de Castela Afonso XI. Afonso IV declarou guerra a Afonso XI, dentre outros motivos, pelos maus tratos que este infligia à sua esposa D. Maria (filha do rei português). A Rainha Santa Isabel colocou-se entre os dois exércitos desavindos, e de novo evitou a guerra tal como tinha acontecido em 1323 na batalha de Alvalade, entre as tropas de D. Dinis e as de D. Afonso IV. Morreu a Rainha Santa em Estremoz, no mesmo ano de sua ida (1336), jazendo enferma, talvez pela peste.

Com idade avançada e um trajeto árduo, novamente sobre uma mula arriada, para chegar a Estremoz, D. Isabel penava, principalmente por causa de um tumor que lhe

<sup>459</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 184.

<sup>460</sup> Disponível em. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estremoz>. Acesso em 02/12/2015.



tomava o braço. Seus cavaleiros ansiavam que se fizesse uma pausa na travessia, mas ela não queria<sup>461</sup>.



Capela (Quarto) da Rainha Santa Isabel – Castelo  
– Castelo



Capela (Quarto) da Rainha Santa Isabel

Em Estremoz está a Capela da Rainha Santa Isabel, justamente onde se situava o seu quarto<sup>462</sup>.

Existem vários painéis sobre a vida de D. Isabel: o “Milagre das águas do Tejo que se apartam”, o “Milagre da criança salva das águas” e a “Lenda da mulinha”. Telas que retratam: Milagre das rosas, Milagre do vinho e da água, Tomada de hábito da Rainha santa Isabel, Milagre da Arrifana ou cura da criança cega, A rainha com sua nora servindo as freiras de Santa Clara, Milagre da Aparição da Virgem. Retábulo com a retratação da Morte da Rainha Santa Isabel. No que toca à pintura do teto está a glorificação da Rainha Santa<sup>463</sup>

<sup>461</sup> Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa...*, p. 76.

<sup>462</sup> Disponível em: <http://www.cm-estremoz.pt/index.php?it=243&lang=1>. Acesso em 25/05/2015.

<sup>463</sup> Cidraes, Maria Lourdes. *Os painéis da Rainha. (Capela da Rainha Santa Isabel, do Castelo de Estremoz)*. Edições Colibri/Câmara Municipal de Estremoz, Lisboa, 2005, pp. 30-40.



Estremoz conserva outras memórias de Santa Isabel inscritas nas velhas pedras da cidade, como o Baluarte da Rainha Santa Isabel. Todos os anos, no início de julho, realizam-se festas da Rainha Santa com novena ou tríduo e procissão, concertos e festejos populares. Durante uma semana a primitiva imagem oferecida por D. João V fica exposta aos fiéis e os inúmeros turistas, culminando com a procissão de domingo<sup>464</sup>.

Nota-se nessa cidade um conjunto iconográfico mais extraordinário do século XVIII revelando os painéis em óleo e azulejos da Capela da Rainha Santa, no Castelo de Estremoz<sup>465</sup>. Possivelmente, esta capela ocupe o mesmo local em que teria morrido D. Isabel. Vasconcelos<sup>466</sup> alega que outros milagres foram registrados como a cura da paralisia de uma freira de Celas, o surgimento de leite no seio de uma senhora de quase cinquenta anos que pode, desse modo alimentar o neto que passava fome, uma senhora que foi sarada de uma angina e outras doenças, a cura de Constança Annes, dentre outros relatados. Esperança<sup>467</sup> corrobora essa ideia. Escreve Vasconcelos<sup>468</sup> que foi em 1517 que pela primeira vez se celebrou, no dia 4 de julho, morte de seu aniversário, festa em sua homenagem.

---

<sup>464</sup> Disponível em: <http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-capela-da-rainha-santa-isabel-20425>. Acesso em 10/06/2015.

<sup>465</sup> Cidraes, Maria Lourdes. *Os painéis da Rainha...*, pp .30-40.

<sup>466</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa)* ..., p. 54.

<sup>467</sup> Esperança, Manuel da. *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de São Francisco na Província de Portugal...*, p. 272.

<sup>468</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa)* ..., p. 131.

## Tejo (junto a Gavião na Barca de Amieira do Tejo)



**Castelo de Amieira do Tejo**

Amieira do Tejo é uma freguesia portuguesa do concelho de Nisa. Foi vila e sede de concelho, formado por uma freguesia, até ao início do século XIX. Possuía, em 1801, 857 habitantes. Denominou-se Amieira, até 1957<sup>469</sup>.

A lenda das Jans relacionadas à Rainha Santa Isabel é avultada nessa localidade. Entre os muitos passageiros, a barca da Amieira terá conduzido o corpo da infanta aragonesa no trajeto desde Amieira, até a margem do Tejo, uma vez que faleceu em Estremoz e seria enterrada em Coimbra. Contam as fábulas que a Rainha trajava um lindo vestido de linho tecido pelas Jans, que eram mulheres invisíveis a fiar um linho muito fino e sem nós. Uma lenda da região conta que quem quisesse uma peça tecida por estas fadas, teria de deixar de noite o linho e um bolo de farinha de trigo a cozer na lareira. Terminado o trabalho, estas desapareciam misteriosamente, carregando consigo o petisco.

Amieira era o mais respeitável porto do Tejo a montante de Abrantes, afixando, na Idade Média, a transposição de indivíduos, animais e mercadorias entre as terras do Alentejo e as da Beira. Consentia a ligação à estrada que se direcionava para Coimbra, ao longo do Tejo, passando por Abrantes. Nesse contexto, muitos moradores, bem como pesquisadores do assunto se propõem a afirmar que seria viável que a comitiva de D. Isabel de Aragão tivesse optado por esse trajeto, acercando-se a Amieira, certamente pelo caminho que, saindo de Estremoz, percorria por Sousel e pelo Crato. As lendas, as crenças concebem que desde a travessia de D. Isabel pelo local jamais se ouvira dizer de algum outro naufrágio, tendo em conta as dificuldades no percurso do rio Tejo<sup>470</sup>.

---

<sup>469</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Amieira\\_do\\_Tejo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Amieira_do_Tejo). Acesso em 02/12/2015.

<sup>470</sup> Pero-Sanz, José Miguel. Santa Isabel: Rainha de Portugal..., pp. 40-41.

## Porto



## Porto

Porto está situada no noroeste de Portugal, que é capital da região Norte e da Área Metropolitana do Porto, tendo sido a capital da província do Douro Litoral e da região de Entre Douro e Minho.

É a cidade que deu o nome a Portugal, no século 200 a.C quando se designava de *Portus Cale*, transformando-se, mais tarde, na capital do Condado Portucalense, de onde se formou Portugal e, posteriormente, o império, sobretudo por indivíduos da Região Norte.

A esposa de D. Dinis na verdade teve “*honras de culto bastante restritas*”<sup>471</sup>. Contudo, em 1556, esse culto ultrapassava os limites da Diocese de Coimbra e à capela real, e chegava a Braga, Porto, Viseu, Lamego, Portalegre e Algarve.

## Mosteiro de Arouca - Arouca



Vista superior do Mosteiro De Arouca



Mosteiro de Arouca

<sup>471</sup> Vasconcelos, António de. *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa) ...*, pp. 138-139.

O Mosteiro de Arouca está centrado na freguesia de Arouca, vila e concelho de mesmo nome da Área Metropolitana do Porto e da Região do Norte, situado no extremo nordeste do distrito de Aveiro<sup>472</sup>.

Foi fundado em homenagem a São Bento de Núrsia, na primeira metade do século X, sendo um acanhado mosteiro, que mais tarde, no século XII transformou-se em um convento feminino. Desse tão somente restaram algumas pedras, mesmo em função de um amplo incêndio. Certas obras foram resgatadas pelo Museu de Arte Sacra, onde prevalecem nos dias atuais. O Mosteiro foi praticamente construído ao longo dos séculos XVII e XVIII<sup>473</sup>.

A Rainha Santa beneficiou diversos mosteiros e casa de caridade ainda que esses não representasse os por ela instituídos. O Hospital para crianças de Lisboa e o de Roças; o hospital e albergarias do Senhorio do Reino de Portugal, além dos alimentos aos pobres, especialmente aos mosteiros de Santos, Chelas, Celas, Lourão, e Arouca, e recursos foram designados à enfermaria de Santa Cruz, em Coimbra e enfermaria do Mosteiro de Alcobça. Em todas essas obras beneméritas, D. Isabel não apenas se deteve à criação das mesmas, mas velou pelo seu pleno funcionamento, munindo-as, sempre, com donativos e cautelas jurídicas. Isabel zelava por elas, e também por seus acolhidos, compartilhando mesmo a mesa com eles, na sua humildade<sup>474</sup>.

## **Arruda**

Arruda dos Vinhos é uma vila portuguesa no Distrito de Lisboa, região Centro e sub-região do Oeste, município vizinho de Alenquer. A Ordem Religiosa e Militar de Santiago, em 1172, contribuiu para desenvolver a região instituindo, dentre outros, um convento no Sítio do Vilar, com finalidade de acolher as esposas dos Cavaleiros que partiam para Sul, durante a Reconquista<sup>475</sup>.

Essa vila foi doada a Dona Isabel para usufruí-la durante sua vida, uma vez que pertencia à Casa das Rainhas, e com a sua morte seria destinada para a monarca subsequente. Arruda dos Vinhos compunha parte do Patrimônio Real, estando na pertença

---

<sup>472</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro\\_de\\_Arouca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro_de_Arouca). Acesso em 02/12/2015.

<sup>473</sup> Disponível em: [http://www.geoparquearouca.com/?p=museus&sp=arte\\_sacra](http://www.geoparquearouca.com/?p=museus&sp=arte_sacra). Acesso em 02/12/2015.

<sup>474</sup> Pero-Sanz, José Miguel. Santa Isabel: Rainha de Portugal..., p. 119.

<sup>475</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Arruda\\_dos\\_Vinhos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arruda_dos_Vinhos). Acesso em 02/12/2015.

da Rainha Isabel. Alegam os estudiosos que poderia ter ocorrido escambo de terras entre a Rainha Dona Isabel e a rainha Dona Beatriz quanto a este povoado<sup>476</sup>.

## **Pinhel**

Pinhel pertence ao Distrito da Guarda, região Centro e sub-região da Beira Interior Norte. Limita-se ao norte pelo município de Vila Nova de Foz Côa, a nordeste por Figueira de Castelo Rodrigo, a leste por Almeida, a sul pela Guarda e a oeste por Celorico da Beira, Trancoso e Meda. O nome da cidade se dá um pretexto de ser uma região de pinheiros. Pinhel está nas cercanias da Espanha fato que a teria induzido a possuir uma das mais desenvolvidas fortificações, até à assinatura do Tratado de Alcanizes<sup>477</sup>.

O concelho de Pinhel recebeu foral de Dom Sancho I em 1209, detendo funções de organização militar e jurisdição. Deve-se a D. Dinis a reedificação do Castelo de Pinhel, constituído por duas torres, e a edificação da histórica muralha que rodeava a vila da época (atual zona histórica), organizada por seis portas - Vila, Santiago, S. João, Marrocos, Alvacar e Marialva<sup>478</sup>.



**Castelo de Pinhel – Torre de Menagem**

O Castelo de Pinhel fixa-se na cidade, freguesia e Concelho de mesmo nome, no Distrito da Guarda. Esse forte foi erguido junto à raia beirã e o reino de Leão, em tempos medievais, encravado na serra da Marofa, à margem esquerda do rio Côa. Faz parte do Ribacôa. Disputado ao reino de Leão por D. Dinis (1279-1325), a conquista definitiva da cora portuguesa adveio com o Tratado de Alcanices, em 1297. As fronteiras foram

---

<sup>476</sup> Disponível em: <http://www.cm-arruda.pt/>. Acesso em 02/12/2015.

<sup>477</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pinhel>. Acesso em 02/12/2015.

<sup>478</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/cmpinhel>. Acesso em 18/03/2015.

consolidadas e se reedificou o Castelo de Alfaiates, o Castelo de Almeida, o Castelo Bom, o Castelo Melhor, o Castelo Mendo, o Castelo Rodrigo, o Castelo de Pinhel, o Castelo do Sabugal e o Castelo de Vilar Maior. O castelo foi expandido, adquirindo, em 1282, grande parte das suas características atuais, com seis torres e cerca envolvendo a antiga vila. Recebeu classificação como Monumento Nacional, em meados do século XX<sup>479</sup>.

No tocante à passagem de D. Isabel foram coletados os dados que a mesma redigiu duas cartas em Pinhel, ou seja, essas comprovariam a sua ida a essa cidade, além de alguns registros bibliográficos<sup>480</sup>.

## **Torres Vedras**



**Castelo de Torres Vedras**

Torres Vedras é uma cidade portuguesa no Distrito de Lisboa, região Centro e sub-região do Oeste. Limitada a norte pelo município da Lourinhã, a nordeste pelo Cadaval, a leste por Alenquer, a sul por Sobral de Monte Agraço e Mafra e a oeste pelo oceano Atlântico<sup>481</sup>.

O Castelo Medieval de Torres Vedras recebeu as atenções de Dinis I de Portugal (1279-1325) que reforçou e lhe ampliou as defesas (1288), e de D. Fernando (1367-1383), que ordenou a reparação da cerca da vila (1373)<sup>482</sup>.

Determinados episódios nos remetem à Rainha Santa nesta localidade. A primeira é de que a Rainha teria enviado duas cartas deste sítio comprovando, assim, a sua passagem. Em segundo, estão os caminhos percorridos por D. Isabel na intervenção e

---

<sup>479</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Pinhel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Pinhel). Acesso em 18/03/2015.

<sup>480</sup> Pero-Sanz, José Miguel. Santa Isabel: Rainha de Portugal..., p. 41.

<sup>481</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres\\_Vedras](http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres_Vedras). Acesso em 18/03/2015.

<sup>482</sup> Disponível em: <http://www.historiadeportugal.info/castelo-de-torres-vedras/>. Acesso em 18/03/2015.

apaziguamento de conflitos entre Castela e Leão, acompanhada de seu marido. A biografia da Rainha Santa remete ao fato de que esta teria passado por Alenquer, Torres Vedras, Moita, Óbidos, Alfeizerão, Alcobaça, Leiria, Coimbra, Gouveia e Guarda, em uma destas tentativas de paz. Em terceiro lugar, nesse ponto se encontra a Casa de Recolhimento de Torres Vedras, patrocinada pela mesma<sup>483</sup>.

### Salvaterra dos Magos

Salvaterra de Magos é uma vila portuguesa pertencente ao Distrito de Santarém, e à antiga província do Ribatejo. O município tem fronteira a norte com o município de Almeirim, a leste e sul por Coruche, a sudoeste por Benavente e a noroeste pela Azambuja e pelo Cartaxo. É uma vila fértil e abastada em água. (<http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-salvaterra-de-magos-14760>)

A rainha D. Isabel, teria escrito duas cartas desse local<sup>484</sup>.

### Beja



Porta de Beja



Castelo de Beja

Beja é uma cidade pertencente à região do Alentejo e sub-região do Baixo Alentejo, sendo a capital do Distrito de Beja. O município é limítrofe ao norte pelos municípios de Cuba e Vidigueira, a leste por Serpa, a sul por Mértola e Castro Verde e a oeste por Aljustrel e Ferreira do Alentejo<sup>485</sup>.

Duas missivas da parte de D. Isabel teriam surgido desse local<sup>486</sup>.

---

<sup>483</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 41.

<sup>484</sup> *Ibidem*.

<sup>485</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Beja>. Acesso em 18/03/2015.

<sup>486</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 41.

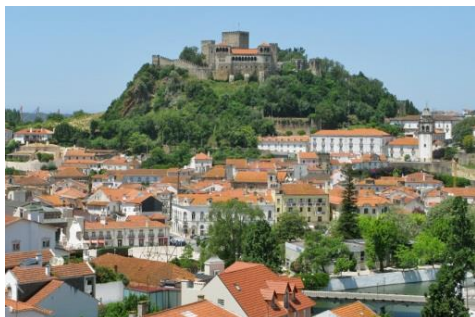


## Fonte do Sabugo

Sabugo é uma aldeia situada à meia encosta do Monte Marçabelo, com inúmeras tradições, e um passado industrial significativo, pertencente à União de Freguesias de Almargem do Bispo, Pero Pinheiro e Montelavar, Concelho de Sintra<sup>487</sup>.

Com relação a Rainha Santa, ela emitiu cartas de Fonte do Sabugo, o que atesta sua ida à cidade<sup>488</sup>.

## Leiria



Vista da cidade de Leiria



Castelo de Leiria

Leiria é uma cidade portuguesa, capital do distrito de Leiria, situada na região Centro e sub-região do Pinhal Litoral. O município tem limítrofes a norte/nordeste pelo concelho de Pombal, a leste pelo de Ourém, a sul pelos municípios de Batalha e Porto de Mós, a sudoeste pelo de Alcobaça, a oeste pelo concelho da Marinha Grande e a noroeste pelo Oceano Atlântico. Leiria fica a cerca de 55 km a sudoeste da cidade de Coimbra, sendo o principal centro urbano do Pinhal Litoral e da comunidade urbana de Leiria. É banhada pelos rios Lis e o seu afluente, o Lena, sendo o castelo de Leiria o seu monumento mais notável<sup>489</sup>.

Em 1142, Afonso Henriques concedeu o primeiro foral visando colonizar o local, com ampla parte da população habitando dentro das muralhas da cidade. No século XII, ultrapassam essas fronteiras e vão para a parte exterior. A mais antiga igreja de Leiria, a

---

<sup>487</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Sabugo\\_%28Almargem\\_do\\_Bispo%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sabugo_%28Almargem_do_Bispo%29). Acesso em 18/03/2015.

<sup>488</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 41.

<sup>489</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Leiria>. Acesso em 18/03/2015.

Igreja de São Pedro, alicerçada em estilo românico no século XII, servia a freguesia exterior às muralhas.

No Decorrer da Idade Média, a vila converteu-se em sede de muitas cortes, encontros políticos entre o rei e a nobreza. Datam de 1254 as primeiras cortes realizadas em Leiria, no reinado de D. Afonso III. Foi D. Dinis o responsável pela construção da torre de menagem do castelo, em 1324, transformando a fortaleza em Palácio<sup>490</sup>.

Castelo de Leiria: Depois de conquistar Leiria aos Mouros, D. Afonso Henriques mandou, em 1135, construir um castelo. Foi amuralhado em 1195, a mando de D. Sancho I, e com algumas ingerências de D. Dinis. As Invasões Francesas acarretaram muitos danos, contudo, sua beleza permaneceu resguardada.

Os itinerários percorridos pela rainha D. Isabel foram muitos, desde acompanhar o esposo nas suas jornadas até a intervenção no apaziguamento de conflitos, principalmente, entre Castela e Portugal, cujo encontro se deu no Sabugal. Para tanto, partiu de Lisboa, D. Dinis e D. Isabel, em finais de maio tendo passado por Alenquer, Torres Vedras, Moita, Óbidos, Alfeizerão, Alcobaça, Leiria, Coimbra, Gouveia e Guarda<sup>491</sup>.

## **Pinhel**

Pinhel pertence ao Distrito da Guarda, região Centro e sub-região da Beira Interior Norte. Limita-se ao norte pelo município de Vila Nova de Foz Côa, a nordeste por Figueira de Castelo Rodrigo, a leste por Almeida, a sul pela Guarda e a oeste por Celorico da Beira, Trancoso e Meda. O nome da cidade tem como fundamento ser uma região de pinheiros. Pinhel está nas cercanias da Espanha, fato que a teria levado a possuir uma das mais desenvolvidas fortificações, até à assinatura do Tratado de Alcanizes<sup>492</sup>.

O concelho de Pinhel recebeu foral de Dom Sancho I em 1209, detendo funções de organização militar e jurisdição. Deve-se a D. Dinis a reedificação do Castelo de Pinhel, constituído por duas torres, e a construção da histórica muralha que rodeava a vila da época (atual zona histórica), organizada por seis portas - Vila, Santiago, S. João, Marrocos, Alvacar e Marialva<sup>493</sup>.

---

<sup>490</sup> Disponível em: <http://www.cm-leiria.pt/pages/120>. Acesso em 18/03/2015.

<sup>491</sup> Cidraes, Maria de Lurdes; *Isabel de Aragão...*, p. 25.

<sup>492</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pinhel>. Acesso em 18/03/2015.

<sup>493</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/cmpinhel>. Acesso em 18/03/2015.



**Castelo de Pinhel – Torre de Menagem**

O Castelo de Pinhel localiza-se na cidade, freguesia e Concelho de mesma designação, no Distrito da Guarda. Esse forte foi arquitetado junto à raia beirã e o reino de Leão, em tempos medievais, encravado na serra da Marofa, à margem esquerda do rio Côa. Faz parte do Ribacôa. Disputado ao reino de Leão por D. Dinis (1279-1325), a conquista definitiva da cora portuguesa adveio com o Tratado de Alcanices, em 1297. As fronteiras foram consolidadas e se reedificou o Castelo de Alfaiates, o Castelo de Almeida, o Castelo Bom, o Castelo Melhor, o Castelo Mendo, o Castelo Rodrigo, o Castelo de Pinhel, o Castelo do Sabugal e o Castelo de Vilar Maior. Diga-se que o castelo foi expandido, adquirindo, em 1282, grande parte das suas características atuais, com seis torres e cerca envolvendo a antiga vila. O castelo foi classificado como Monumento Nacional, em meados do século XX<sup>494</sup>.

Dona Isabel de Aragão lavrou duas cartas em Pinhel, ou seja, essas comprovariam a sua ida a essa cidade, além de alguns registros bibliográficos<sup>495</sup>.

## **Ansião**

---

<sup>494</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Pinhel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Pinhel). Acesso em 18/03/2015.

<sup>495</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 41.



**Painel de Azulejos - Rainha Santa dando esmola a ancião.**

**Vila de Ansião - Portugal**

Ansião é um concelho rural com relevante tradição histórica. Após a conquista de Leiria, Santarém e Lisboa, D. Dinis confere documento para legalizar a região povoada pelos primeiros habitantes cristãos<sup>496</sup>.

Reza a lenda que a Rainha Santa, ao se deslocar entre Coimbra e Leiria, percorria este trajeto acudindo-se de uma estrada real que unia o Norte ao Sul do País. Nos tempos de primavera e de verão descia de sua mula e desfrutava das águas do rio Nabão. Em uma dessas ocasiões, ao prosseguir a viagem, teria deparado com um ancião pedinte ordenando que a comitiva se detivesse para oferecer esmolas a esse senhor. Assim, surgiu o nome: Ansião. Um painel em azulejos foi encomendado por Virgílio Rodrigues Valente, em 1937, reproduzindo esta cena. O painel é delimitado por cantarias e emoldura um antigo fontanário municipal<sup>497</sup>.

As águas que correm sob a Ponte santificaram-se e práticas milagrosas ocorreram desde então. Nessa zona, foi praticado o "banho santo", até poucos anos atrás, comumente entre os 29 de junho, dia de S. Pedro e 4 de julho, em que se presta homenagens à Rainha Santa Isabel, em dois tanques construídos para o efeito, um destinado às mulheres, e outro aos homens.

*“ (...) Nomes de povoações são associados à presença ou a memórias de D. Isabel: Ansião, Almoester, Sangalhos, Cartaxo, Vila Flor, Pataias e também esta cidade de Odivelas. Ansião recorda um velho ancião protegido pela rainha (...)”<sup>498</sup>.*

<sup>496</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ansi%C3%A3o>. Acesso em 21/03/2015.

<sup>497</sup> Disponível em: <http://www.descubra-ansiao.com/cultura-e-historia/patrimonio-civil/29/painel-de-azulejo-da-rainha-santa>. Acesso em 21/03/2015.

<sup>498</sup> Cidraes, Maria de Lurdes. Isabel de Aragão..., p. 34.

## Sangalhos



### Mapa

Freguesia do concelho de Anadia. Foi vila e sede de concelho desde a Idade Média, teve carta de foral, em 1514, Por D. Manuel I. Manteve-se como sede de concelho até à primeira metade do século XIX<sup>499</sup>.

É provável que as origens de Sangalhos antecedem os romanos, destacando-se os celtas e os túrdulos, na região do Vouga. Há divergências quanto à designação de Sangalhos, cujo nome poderia estar associado a São Galo, *Sanctus Gallus*, da época visigótica da paróquia, no século VII. Na Idade Média, o concelho de Sangalhos pertencia à terra de Vouga, cuja sede, conhecida como Burgo de Vouga, se situava no Marnel. Nos séculos XII/XIII, Sangalhos era uma das cardeais vilas da região, juntamente com Horta (Tamengos), Recardães e Óis da Ribeira. Depois do século XVI incide sua pertença à comarca e provedoria de Aveiro, e depois freguesia de Aveiro, no século XIX<sup>500</sup>.

Por carta de 10 de Março de 1338, D. Afonso IV doou a sua terra de Sangalhos ao Convento de Santa Clara de Coimbra, para pagamento parcial de certa quantia em dinheiro que sua mãe, mais tarde a Rainha Santa Isabel, deixara ao convento. Com a revolução liberal (1820-1835), a concessão de Sangalhos a Santa Clara foi anulada e os concelhos de Sangalhos e Avelãs do Caminho foram extintos. Avelãs do Caminho constituiu-se em freguesia independente (desmembrada da de Sangalhos) e foi desde logo integrada no concelho de Anadia. Por sua vez, a freguesia de Sangalhos foi integrada no concelho de Oliveira do Bairro, em seguida no de São Lourenço do Bairro e, finalmente (1853), no de Anadia.

<sup>499</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sangalhos>. Acesso em 21/03/2015.

<sup>500</sup> Disponível em: <http://www.freguesiadesangalhos.eu/>. Acesso em 21/03/2015.

“(…) Nomes de povoações são associados à presença ou a memórias de D. Isabel: Ansião, Almoater, Sangalhos, Cartaxo, Vila Flor, Pataias e também esta cidade de Odivelas”<sup>501</sup>.

## **Cartaxo**

O Cartaxo é uma cidade portuguesa do distrito de Santarém, está integrada na região do Alentejo e na sub-região da Lezíria do Tejo. Pertencia à Antiga Província do Ribatejo. Está limitado a norte pelo município de Santarém, a leste por Almeirim, a sudeste por Salvaterra de Magos e a oeste pela Azambuja<sup>502</sup>.

Em todas as épocas, o território do concelho do Cartaxo foi um respeitável ponto de passagem para o interior do país, quer por via fluvial, através do Rio Tejo, quer por via terrestre. Uma via romana, que partia de Lisboa (Olisipo) e passava por Alenquer (Lerabriga), comboiando para Santarém (Scallabis), atravessava o território do concelho.

Em 1312, o Cartaxo recebeu Carta de Foral, outorgada em Leiria pelo Rei D. Dinis, confirmada em 1487 por D. João II, em Santarém, e em 1496 por D. Manuel, também em Santarém. Foi palco da batalha de Ourique, em 1139<sup>503</sup>.

Segundo as lendas a designação do nome Cartaxo foi adjudicada a esta terra pela Rainha Santa Isabel que, numa viagem até ao Mosteiro de Almoater, terá parado para repousar e saciar a sua sede, vendo diversos pássaros a cantar chamados “cartaxos”. Encantada com este local tão agradável, a Rainha Santa Isabel terá ordenado que a terra, que até então se chamava “Lugar da Fonte”, passasse a receber a designação de “Lugar do Cartaxo”<sup>504</sup>

## **Pataias**

---

<sup>501</sup> Cidraes, Maria de Lurdes. *Isabel de Aragão...*, p. 36.

<sup>502</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cartaxo>. Acesso em 21/03/2015.

<sup>503</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Almoater\\_%28Santar%C3%A9m%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Almoater_%28Santar%C3%A9m%29). Acesso em 21/03/2015.

<sup>504</sup> Cidraes, Maria de Lurdes. *Isabel de Aragão...*, p. 80.



**Igreja Matriz de Pataias**



**Junta da Freguesia de Pataias**

Pataias foi uma freguesia do concelho de Alcobaça, elevada a vila a 16 de maio de 1984. Apesar de pertencer ao concelho de Alcobaça, mantém uma ligação especial à cidade vizinha da Marinha Grande, quer pela proximidade geográfica quer pela relação econômica, constituindo-se como uma extensão dos polos industriais marinhenses. Foi extinta em 2013, no âmbito de uma reforma administrativa nacional, e agregada à freguesia de Martingança, formando a União das Freguesias de Pataias e Martingança da qual é sede. Esta localidade fica a Norte do Concelho de Alcobaça e dela fazem parte as povoações de Pataias, Pataias-Gare, Pisões, Burinhosa, Ferraria, Mélvua, Paio de Baixo, Paredes da Vitória, Mina do Azeiche, Água de Medeiros, Pedra do Ouro, Légua, vale do Inácio, Boubã, Alva e, ainda uma extensa costa com praias magníficas<sup>505</sup>.

Diversas povoações são associadas à presença ou a memórias de D. Isabel: Ansião, Almoster, Sangalhos, Cartaxo, Vila Flor, Pataias e também esta cidade de Odivelas. Uma pequena lenda explica a formação do topónimo Pataias: indo a rainha de viagem com as suas aias as rodas da carruagem enterraram-se nas terras arenosas (noutra versão na lama de um ribeiro). Logo a rainha ordenou às suas damas, saindo da carruagem: "à pata aias"<sup>506</sup>.

## **Almoster**

---

<sup>505</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pataias>. Acesso em 21/03/2015.

<sup>506</sup> Cidraes, Maria de Lourdes. *Isabel de Aragão...*, p. 38.



**Convento de Santa Maria de Almoester**

Almoester é uma freguesia portuguesa do concelho de Santarém. O Convento de Santa Maria de Almoester situa-se em Almoester, freguesia do concelho de Santarém. Este convento gótico, fundado no século XIII e extinto em 1834, acolheu monjas da Ordem de Cister. A parte do conjunto que chegou aos dias atuais, incluindo a igreja e as ruínas do claustro, foi classificado como Monumento Nacional, em 1920<sup>507</sup>.

O Convento teve seus alicerces, em 1289, por D. Berengária Aires, aia da Rainha Santa Isabel e mulher de D. Rodrigo Garcia, atendendo o testamento da sua mãe, D. Sancha Pires. O edifício contou com a parceria da Rainha Santa (1310) que ordenou a construção do claustro e da enfermaria, e o amparou, mais tarde, com um testamento de cerca de mil libras<sup>508</sup>.

O edifício sofreu várias modificações ao longo dos séculos. Em 1834, com extinção das ordens religiosas, pereceu acentuada degradação, e em meados do século XX principia sua reestruturação, adquirindo as anteriores perspectivas arquitetônicas circenses. A igreja conta com um Claustro da Rainha Santa e painéis do século XVI e altares do século XVIII.

Cidraes revela que *“como estes, outros nomes de povoações são associados à presença ou a memórias de D. Isabel: Ansião, Almoester, Sangalhos, Cartaxo, Vila Flor, Pataias e também esta cidade de Odivelas”*<sup>509</sup>.

---

<sup>507</sup> Disponível em: <http://www.cm-santarem.pt/concelho/juntasdefreguesia/Paginas/Almoester.aspx>. Acesso em 21/03/2015.

<sup>508</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 119.

<sup>509</sup> Cidraes, Maria de Lourdes. *Isabel de Aragão...*, p. 38.



## Vila das Dores (Nossa Senhora do Pranto – Dornes)



A freguesia de Dornes foi designada, depois de extinta, de Nossa Senhora do Pranto. É uma localidade portuguesa do concelho de Ferreira do Zêzere, fazendo fronteira com Águas Belas, Beco e Paio Mendes, no extremo norte do distrito de Santarém. Integrada a Região de Turismo dos Templários. Tem-se notícia das mesma anteriormente ao século XIII com referências à Comenda Templária de Dornes<sup>510</sup>.

A designação “Dornes” procede de um manuscrito medieval existente na Biblioteca Nacional dispondo que essas terras pertenciam a Dona Isabel, cujo feitor chamado de Guilherme de Paiva, teria praticado muitos milagres. Em uma dessas oportunidades, arremeteu a sua capa sobre o Rio Zêzere e o atravessou sem sequer se molhar. Em outra ocasião, o mesmo fiel escudeiro havia presenciado um fato misterioso: um lamento triste vindo não se sabia de onde. Mais tarde, viria a desvendar o acontecido quando esteve, em Coimbra, com a Rainha Santa, que revelou o mistério: Santa Isabel sabia exatamente que se tratava de uma imagem de Nossa Senhora das Dores com o filho nos braços. Indicado por ela, Guilherme foi ao encalço da mesma, na Serra Vermelha, encontrando-a. A rainha Santa esteve nas terras do Zêzere e ordenou a instalação dos sinos da ermida numa capela naquelas proximidades, construídas pelos Templários. A capela com a sua torre sineira ainda existe, e a imagem achada, há muitos séculos, é venerada sob a designação de Nossa Senhora do Pranto<sup>511</sup>.

<sup>510</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dornes>. Acesso em 21/03/2015.

<sup>511</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 114.

## Pinhal

O Pinhal do Rei Mata Nacional de Leiria, ou Pinhal de Leiria é uma floresta portuguesa. Tem 11.080 ha, abrangendo as freguesias de Marinha Grande e Vieira de Leiria, sendo totalmente inserido no primeiro<sup>512</sup>.

Pinhal transformou-se em um centro de redes de fortalezas, desde os romanos. Contudo, foi o rei D. Dinis que a elevou à majestosa cidadela no início do século XIV. As muralhas primitivas ainda podem ser vislumbradas do mesmo modo que duas grandiosas torres quadrangulares, sendo que uma delas se destaca pela beleza de uma janela manuelina, que sobrou do castelo.

Na conjuntura de infidelidades de D. Dinis aparecem algumas lendas. Conta-se que na região do Pinhal, Isabel cavalgava num corcel branco à procura do rei, nessas plantações próximas a Leiria<sup>513</sup>.

## Aldeia do Amor



Amor é uma freguesia portuguesa do concelho de Leiria<sup>514</sup>.

Esta localidade envolve várias lendas. Dentre elas a que se avulta é da Rainha Santa Isabel, que estando em companhia de seu marido, D. Dinis, em demorada viagem à Leiria, pôde tomar conhecimento de que ele havia se apaixonado por uma camponesa.

---

<sup>512</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pinhal\\_de\\_Leiria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pinhal_de_Leiria). Acesso em 24/03/2015.

<sup>513</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 63-65.

<sup>514</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Amor\\_\(Leiria\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Amor_(Leiria)). Acesso em 21/03/2015.

Tantas seriam as visitas perpetradas por ele a esta donzela que o sítio passou a se designar Amor<sup>515</sup>.

## **Tomar**

Tomar pertence ao Distrito de Santarém, região Centro e sub-região do Médio Tejo. Compunha a antiga província do Ribatejo, hoje, entretanto sem qualquer significado político-administrativo<sup>516</sup>.

No tempo em que D. Dinis obtinha do papa João XXI a criação da Ordem de Cristo, a Rainha Santa Isabel fundava as Irmandades do Espírito Santo, que celebravam o Pentecostes. A Ordem prestou extraordinários serviços a Portugal e as Irmandades iniciaram um grande movimento de solidariedade Cristã. O Pentecostes evoca a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos e a celebração adapta reminiscências de rituais pagãos, alguns dos quais perduram na festa dos Tabuleiros, que carregam a Cruz de Cristo ou a pomba do espírito Santo. Sobrevém de quatro em quatro anos, no início de julho. Os festejos de Tomar, conhecidos pelo menos desde o século XVII, têm preservado rigorosamente os seus aspectos mais importantes. Perdido o ritual dos “Impérios” com a coroação dos Mordomos e Festeiros, guarda a tradição original. É o cortejo, a benção do pão, os pendões e as Coroas do Espírito Santo, a forma dos tabuleiros, o simbolismo da virgindade expresso pela alvura das vestes das raparigas que os transportam à cabeça, e a “Pêza”: um cerimonial de confraternização que persiste, na distribuição pelos pobres de pão benzido, carne e vinho<sup>517</sup>.

## **Segodim**

Segodim está situada na freguesia de Monte Real, concelho de Leiria.

Segundo a lenda, nessa paragem, a Rainha descontente com as infidelidades de D. Dinis resolveu fazer uma crítica ao marido determinando que, ao longo do caminho de sua volta, fossem instaladas luzes com cascas de caracol cheias de azeite e um cordão aceso para sinalizar ao mesmo. O Rei, ao ver os fulgores depositados no caminho, perturbado,

---

<sup>515</sup> Disponível em: <http://lendasdeportugal.no.sapo.pt/distritos/leiria.htm>. Acesso em 21/03/2015.

<sup>516</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tomar>. Acesso em 21/03/2015.

<sup>517</sup> Disponível em: <http://www.visitcentrodeportugal.com.pt/pt/events/festa-dos-tabuleiros/>. Acesso em 01/03/2015.

exclamou: Até que eu cego vi... Retorquiu-lhe a Rainha: - Cego vindes de Amor, meu senhor<sup>518</sup>.

## Azueira

Azueira e Sobral da Abelheira, oficialmente, União das Freguesias de Azueira e Sobral da Abelheira é uma freguesia do concelho de Mafra, desde 2012<sup>519</sup>.

Isabel de Aragão teria estado no local. O Hospital de Coimbra para as mulheres de má vida, e arrependidas, e os citados anteriormente, tinha outro recolhimento na vila, também sua, de Torres Novas, onde igualmente *lhes dava de comer e de vestir, a fim de que deixassem tudo o que lhes fazia voltar a pecar*. Costuma igualmente atribuir-se a Santa Isabel a fundação de Rocamador de Santa Maria do Amial, em Torres Vedras, e da Albergaria do Espírito Santo, em Alenquer. Tudo indica que se tratavam de estabelecimentos existentes anteriormente. Talvez a confusão se deva a que foram revitalizados pelas generosas esmolas da Rainha Santa. Outros exemplos seriam as albergarias de Azueira ou de Estremoz e com as leprosarias (gafarias) de Óbidos e Leiria<sup>520</sup>.

## Convento de Achelas

A Igreja de Chelas ou Antigo Convento de São Félix e Santo Adrião de Chelas foi construída na freguesia de Marvila, em Lisboa<sup>521</sup>.

Uma das lendas no tocante a esse sítio foi narrada por D. Margarida, freira no convento de Achelas, perto de Lisboa. Conta que D. Isabel, na ocasião, teria indagado a razão de tanta dor naquele rosto que estava a sua frente, mostrando alguma doença. Margarida respondeu que sofria de um grande inchaço por cima do estômago. A santa fez o sinal da Cruz e tocou com suas mãos o local da dor. Regressando ao mosteiro, a religiosa deu-se conta de que aquele mal havia desaparecido<sup>522</sup>. Este edifício monástico foi erguido pelos visigodos para abrigar e proteger as relíquias de São Félix, no século VII. D. Afonso Henrique ordenou a sua reedificação sendo entregue aos Templários. Ulteriormente

---

<sup>518</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 63-65.

<sup>519</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Azueira>. Acesso em 01/03/2015.

<sup>520</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, pp. 117-119.

<sup>521</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja\\_de\\_Chelas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_Chelas). Acesso em 11/03/2015.

<sup>522</sup> Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal...*, p. 212.

transformou-se em convento feminino, incidindo renovações no século XVI; e em 1757, após o terramoto de 1755, grande parte abalada da igreja foi reconstruída. Neste prédio sobressai o portal manuelino e a apreciável variedade de azulejos enxaquetados, de padrão, de albarada e de figura avulsa. O Arquivo Geral do Exército e o Arquivo Histórico Militar ocupam esse Monumento Nacional<sup>523</sup>.

## **Arrifana**

É uma vila e freguesia de Santa Maria da Feira, município da Área Metropolitana do Porto e da Região do Norte. Limita-se com Escapães, a norte, São João da Madeira e Cucujães, a sul, Milheirós de Poiares, a nascente, e Mosteiró e Fornos, a poente<sup>524</sup>.

Pertenceu à Ordem de Cristo logo depois da sua fundação, por D. Dinis, em 1319. A sede da primitiva igreja foi, nos tempos medievais, no lugar de Manhouce (pequeno agregado a poente), correspondendo ao nome designado da antiga freguesia.

Quando da sua peregrinação a Santiago de Compostela, D. Isabel ali pernoitando curou uma cega. Os habitantes celebram a Rainha Santa, com muitos festejos, no segundo domingo de Julho. Conta-se que nessas paragens morreu o Frei Pascoal, que deixou à freguesia (e guarda a Confraria do Santíssimo) uma cruz de pau, prometendo que, enquanto ela existisse, nunca a peste entraria em Arrifana<sup>525</sup>. O caminho português de Santiago de Compostela passa em frente à Igreja. Nesse largo observa-se algumas setas amarelas pintadas nos postes, indicando a direção correta para a peregrinação ao túmulo do Apóstolo.

Tempos depois, a rainha segue em direção ao norte do país ensejando outras lendas a seu respeito. Em uma dessas teria bebido da água de um rio, com um gosto ruim, conferindo serem ‘certo má’, o que teria colaborado para que o ribeirão se tornasse conhecido por Cértima. Revelam-se, ainda, mitos como a cura de uma menina cega ao passar por Arrifana, cercania do Porto, expressada na Capela da Rainha Santa, no Castelo de Estremoz<sup>526</sup>.

## **Águeda**

---

<sup>523</sup> Disponível em: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2518](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2518). Acesso em 22/04/2015.

<sup>524</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Arrifana\\_\(Santa\\_Maria\\_da\\_Feira\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arrifana_(Santa_Maria_da_Feira)) Acesso em 22/04/2015.

<sup>525</sup> Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração...*, p. 83.

<sup>526</sup> *Ibidem*, p. 113.

Pertence à Região de Aveiro na Região Centro e sub-região do Baixo Vouga. Antiga Borralha. O município é limitrofe a norte por Sever do Vouga, a nordeste por Oliveira de Frades e por Vouzela, a leste por Tondela, a sul por Mortágua e por Anadia, a sudoeste por Oliveira do Bairro, a oeste por Aveiro e a noroeste por Albergaria-a-Velha<sup>527</sup>.



**Capela da Rainha Santa**

A Capela da Rainha Santa ou do Vale Grande foi edificada a mando do Conde Sucena da Borralha (Serafim Rodrigues) e finalizada em 1907. A Capela apresenta planta longitudinal, composta por uma nave e por uma capela-mor mais baixa decomposta em dois tramos. Esta foi alicerçada no século XX sobre uma capela já existente, dedicada também à Rainha Santa, acrescentando-se um tramo na capela-mor e a sacristia. A fachada posterior revela um painel de azulejos representando a Rainha Santa Isabel. A anterior capela data do século XVIII<sup>528</sup>.

Elaborada em pedra da Ançã, a escultura da Rainha Santa e esteve exposta há longos anos no Museu Machado de Castro, em Coimbra. Não há comprovações que D. Isabel tenha estado nessa localidade, entretanto, como existe uma capela dedicada a ela, torna-se interessante uma visita à mesma.

---

<sup>527</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81gueda>. Acesso em 22/04/2015.

<sup>528</sup> Disponível em: <http://www.igogo.pt/capela-da-rainha-santa-capela-de-vale-grande/>. Acesso em 20/05/2015.

## **Síntese conclusiva: o significado material e simbólico dos itinerários percorridos pela Rainha Santa**

Ao longo do texto apresentamos os percursos transcorridos pela rainha D. Isabel ao longo de sua vida dinâmica junto ao rei D. Dinis. A pretensão foi suscitar e divulgar os possíveis itinerários (ver mapa, pp. 216 e 217) como uma possibilidade para se incrementar o turismo nacional, nos seus amplos aspectos, instituindo uma rota que não obedece a critérios rígidos, tão somente são locais escolhidos para facilitar a viagem do turista, que muitas vezes não conhece essa realidade. Contudo, tais itinerários revelam a história, a cultura, os monumentos arquitetônicos, o patrimônio natural, material e imaterial português, e que se encontram profundamente relacionados com a constituição das bases da organização sociopolítica e econômica portuguesa. O objetivo foi avaliar a importância e a vitalidade que exaspera a Rainha Santa neste contexto, ainda que, em muitos casos explicitados, Isabel de Aragão não tenha estado presente em determinada localidade, ou ainda, que a figura da Rainha Santa esteja relacionada ao imaginário coletivo, por meio de lendas, ou pelas lembranças de seus beneméritos.

A hipótese apresentada consistia em considerar D. Isabel como uma das grandes presenças femininas no cenário nacional, tendo legado inúmeros feitos, sobretudo na sociedade periférica portuguesa, mas igualmente junto às mulheres, damas, que perderam seus lugares nas cortes. Ressalte-se, todavia, a sua persistência em esquadrihar a união de várias gentes, inclusive sua família, na certeza de que a paz deveria prevalecer.

Compreendeu-se e se confirmou, por estudos bibliográficos, a ideia do valor que a Rainha Santa concebe não apenas para os seus fiéis e devotos, contudo, por Portugal, despontando-se uma mulher que se dedicou a amparar os pobres, e traçou metas políticas, vislumbrando um reino próspero e de paz. Uma rainha, que, a par de ter se consistido em uma mãe exemplar, foi esposa perfeita ao lado de D. Dinis. Apesar dos protótipos que foram assimilados em torno dela, é presumível abranger os seus beneméritos em vida, e os milagres efetivados posteriormente à sua morte, o que ter-lhe-ia ensejado a canonização.

A narrativa e a análise dos trajetos perpetrados por D. Isabel, na Idade Média, pode colaborar, face a uma perspectiva turística, para novos olhares acerca da cultura portuguesa, os vestígios de sua regência real, nomeadamente, manifestando uma visível sincronia com um turismo complexo, em suas variadas tipologias.

Torna-se incontestável que os itinerários forçosos sejam em Portugal: Alenquer, associado ao seu exílio; Estremoz, local onde a rainha faleceu; Trancoso, na qual realizaram-se as bodas com D. Dinis; Odivelas, lugar em que está sepultado o rei; Coimbra, local onde está o seu corpo santo, em um túmulo de cristal e prata, mais precisamente no Mosteiro de Santa Clara a Nova; pelas terras de Bragança, sítio em que se constataram diversos episódios com relação à rainha Santa; Santarém (com opção de Salvaterra dos Magos, Dornes, Cartaxo), bem como Leiria. Na Espanha, não se pode afastar Barcelona, Saragoça, Santiago de Compostela. Esse seria um trajeto mínimo para fundar esse turismo com base na história que se nos revela acerca da Rainha Santa.

Para tanto, traçamos duas rotas: a primeira que abrange os municípios em Portugal e a segunda em Espanha. Reiteramos que a rota traçada leva em consideração tão somente os lugares que dizem respeito à Rainha Santa, nas vertentes de património cultural, monumental, religioso, etc, contudo, cabe ao potencial turista escolher as cidades que mais lhes aprouver, ou que seja de seu interesse pessoal, ou ainda, que possuam características do tipo de turismo que se pretende empreender.

*Pela mão de Isabel* representa não apenas um turismo de residentes, mas sobremaneira de não-residentes.

*Pela mão de Isabel* é um projeto que tem o desígnio de valer-se dos itinerários percorridos pela Rainha Santa, que ao longo de tantos séculos, foi capaz de manter não somente a fé nessa santa, mas a admiração pela mulher que desbravou fronteiras e colaborou intensamente no traçar de políticas e estratégias para o país. Conforme diria Saramago “*A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre*”<sup>529</sup>.

---

<sup>529</sup> Saramago, José. *Viagem a Portugal*. Lisboa, Ed. Círculo de Leitores, Ed, Lisboa: Caminho, 1995, p. 387.





**Mapa da Espanha: Percurso: Início em Badajoz. Término em Santiago de Compostela.**



## Referências Bibliográficas

AAVV, *A Coroa, o pão e as rosas*. Coimbra: Confraria da Rainha Santa Isabel, 2007

Adrião, Victor Manuel. *Santiago de Compostela: Mistérios da Rota Portuguesa*. Lisboa: Dinapress. 1.ed., 2011.

Azevedo, José Correia de. *Inventário Artístico Ilustrado de Portugal*. Edições Nova Gesta. Lisboa.

Bayam, Joseph Pereyra. *Portugal Glorioso e ilustrado com a vida, e virtudes das bem aventuradas Rainhas Santas Sancha, Theresa, Mafalda, Isabel, e Joanna. Breve noticia dos seus milagres, de seus cultos, e trasladações*.v Lisboa, Na officina de Pedro Ferreyra, Livro IV, 1727.

Beirão, José Joaquim Saleiro. *Fragoso: nos caminhos de Compostela - Santa Isabel peregrina de Santiago*, Barcelos, 2009.

Brandão, Frei Francisco. *Relaçam da vida da gloriosa Santa Isabel, Rainha de Portugal, Monarquia Lusitana, 6ª parte, 1672*; ed. De José Joaquim Nunes, *Vida e milagres de D. Isabel, Rainha de Portugal*, Bol. da Academia das Ciências, Classe de Letras, LXIII, 1920.

Brásio, António. *Novos documentos para a história da Rainha Santa Isabel*. (Separata do Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra. v. XXIII). Coimbra: Coimbra Editora, 1957.

Cardoso, Pe. Luis. *Dicionário Geográfico ou Noticia Histórica de todas as Cidades, Vias, Lagares e Aldeias, Rios, Ribeiras e Serras do Reino de Portugal e Algarve (...)* 2 vol. Lisboa: Régia Oficina Silviana. Volume 1, 1741-1751.

Casado, António Herrera. *Guia de Campo de los Castillos de Guadalajara*. (Colección Tierra de Guadalajara, vol. 24, Guadalajara: Ediciones AACHE. *Castillos de España*, 1997.

\_\_\_\_\_. *Castillos y Fortalezas de Castilla - La Mancha*. (Colección Tierra de Castilla-La Mancha, vol. 1). Guadalajara: Ediciones AACHE, 2003.

Castillos de Guadalajara (Colección Obras Completas de Francisco Layna Serrano). Guadalajara: Ediciones AACHE, 1994.

Cidraes, Maria Lourdes. *Se bem se lembra nos lembrando (Memórias de Isabel e Dinis)* Universidade de Lisboa. In: Nemésio, Nemésios. *Um Saber Plural*. Edições Colibri, 2002.

\_\_\_\_\_. *Os painéis da Rainha*. (Capela da Rainha Santa Isabel, do Castelo de Estremoz). Edições Colibri/Câmara Municipal de Estremoz. Lisboa, 2005.

Coelho, Maria Helena da Cruz. *Esboço sobre a vida e obra de rainha Santa Isabel*. In: Revista Monumento.

Conrad-O'briain, Helen. Were Women Able to Read and Write in the Middle Ages? In: Harris, Stephen J.; Grigsby, Bryon L. (Eds.). *Misconceptions About the Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2008.

Correia, Vergílio; Gonçalves, Nogueira. *Inventário Artístico de Portugal*. Cidade de Coimbra, Academia Nacional de Belas Artes, 1947.

Corte-Real, Artur Manuel de Castro; Macedo, Francisco Pato de. Le cloître de Sainte-Claire-l'Ancienne de Coimbra (XIVe siècle). In: *Revue de l'art*, nº 133, 2001.

Corte-Real, Artur Manuel de Castro; Santos, Paulo Cesar Barreto A. Dos; Mourão, Teresa. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. *Intervenção arqueológica - 1995-1999*. Apresentação preliminar dos resultados, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. III, pp.9-29.

Cunha, Maria José. *Isabel: A mulher que reinou com o coração*. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2012.

De Lacerda, Dom Fernando Correa- Bispo do Porto. *História da vida, morte, milagres, canonização e trasladação de Santa Isabel, Sexta Rainha de Portugal*. Lisboa Occidental: Officina de Antonio de Sousa da Sylva. M.DCC.XXV.

Dendle, Peter. The Age of Faith” Everyone in the Middle Ages Believed in God. In: Harris, Stephen J.; Grigsby, Bryon L. (Eds.). *Misconceptions About the Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2008.

Dias, Pedro. *A arquitectura gótica portuguesa*. Lisboa, Editorial Estampa, 1994.

Duby, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Edições 70, 1971.

\_\_\_\_\_. A Mulher sob Custódia. In: Duby, Georges; Perrot, Michelle. (Dir.). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

Esperança, Manuel da. *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de São Francisco na Província de Portugal*. Tomo I, Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1956.

Estrela, Jorge. *Viagem de Cosme III de Médicis em Portugal no ano de 1669*. Editora: Fundação Mário Soares, 2013.

Figaniere, Frederico Francisco de la. *Memórias das Rainhas de Portugal*. Textos biográficos, Lisboa, Typhographia Universal, 1856.

Fonseca, Teotônio da. *O Conselho de Barcelos Aquém e Além Cávado*, Vol. I. Santa Casa de Misericórdia de Barcelos/ Câmara Municipal de Barcelos. Barcelos, 1987.

Gomes, Paulo Varela, *A fachada pseudo-frontal nas igrejas monásticas femininas portuguesas*, Conversas à volta dos Conventos, Virgínia Frois, coordenação da edição, Évora, Casa do Sul Editora, 2002.

Gomes, Paulo Varela, Rossa, Walter, *A Rotunda de Santa Maria de Celas, um caso tipológico singular*, Arte e Arquitectura das Abadias Cistercienses nos séculos XVI, XVII, e XVIII, Actas do Colóquio, Lisboa, IPPAR, 1996.

Lima, Cristina Maria Fiúza da Rocha Pereira de. “*Turismo Cultural: À descoberta do Castro de Sto. Estêvão da Facha - Um Percorso Pedestre no Caminho Português de Santiago*”. Dissertação de Mestrado em Património e Turismo Cultural, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 2011.

Macedo, Pato. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra Singular Mosteiro Mendicante*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento), 2006.

Marques, Gentil. *Lendas de Portugal*. Lisboa (Círculo de Leitores, [1962], Volume IV, 1997.

Marques, José. *Os santos dos caminhos portugueses*. Revista da Faculdade de Letras, III Série, vol. VII, História, Porto, 2006.

Martins, Mário. Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média. In: *Revista Portuguesa de História*. s.l.} v.2, 1951.

Mendeiros, José Filipe. *Rainha Santa, mãe da paz, da pátria e de Extremoz*. (Série História), 1988.

Monarquia Lusitana, parte V, livro XVII, fl. 263 vº e 264. Edição da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1976.

Moucheron, Conde de. *Isabel de Aragão- Biografia da Rainha Santa*. Tradução e notas de Pedro Gomes Barbosa, Lisboa: Ésquilo, 2008.

Nemésio, Vitorino. *Isabel de Aragão, Rainha Santa*. Lisboa: Texto Editores, 2011.

Nunes, José Joaquim. *Vida e milagres de Dona Isabel Rainha de Portugal* (texto do século XIV restituído à sua presumível forma primitiva e acompanhado de notas explicativas). Separata do Boletim da Classe de Letras, v. XIII. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1921.

\_\_\_\_\_. Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus boons feitos e milagres em sa vida e depouys da morte. *Boletim da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa XIII*, 1921; 1292-1384

Pero-Sanz, José Miguel. *Santa Isabel: Rainha de Portugal*. Aletheia Editores. Lisboa, 2014.

Pimentel, António Filipe. Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Das origens aos presentes trabalhos de recuperação. In: *Munda*, número 27, Coimbra: GAAC, 1994.

Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor. *Dom Diniz*. Rio de Mouro. Círculo de Leitores (Col. Reis de Portugal), 2005.

Pólo, Alejandro Blázquez. *História de la Villa de Fuenteguinaldo*, 1980.

Rema, Henrique Pinto. *Implantacion del Franciscanismo en Portugal, El Franciscanismo en la Peninsula Iberica, Balance y Perspectivas*, Actas do I Congresso Internacional AHEF, Barcelona, 2003, ed. De Maria de Mar Graña Cid, Barcelona, G.B.G. Editora, 2005.

Rodrigues, Sebastião Antunes. Rainha Santa: cartas inéditas e outros documentos. Coimbra. Separata do “Arquivo Coimbrão”- *Boletim da Biblioteca Municipal de Coimbra*, 1958.

Roger Chartier. *Formação social e habitus: uma leitura de Norbert Elias* (In a História Cultural), Lisboa: Difel, 1990

Ruschmann, Dóris. *Turismo e planeamento sustentável - a proteção do meio ambiente*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

Santana, Agustín y Esteves, Fernando. *Antropología del turismo*. (En Prat, Joan y Martínez, Ángel. Ensayos de antropologia cultural. Homenaje a Claudio Esteva-Fabregat). Barcelona: Ariel, 1996.

Sousa, Tereza Andrade e. *Lenda da Rainha D. Isabel* (Códice Iluminado 223 da Biblioteca Nacional. Introdução e leitura crítica. Separata da Revista da Biblioteca Nacional. S.2, v.2 (1), 1987.

Texto: *Pro Salute Animae: a peregrinação do rei D. Dinis a Compostela. Antecedentes e consequências* Giulia Rossi Vairo1 IHA, Universidade Nova de Lisboa.

Vasconcelos, António Garcia Ribeiro de. *Evolução do culto de D. Isabel de Aragão/esposa do rei lavrador/Dom Dinis de Portugal à Rainha Santa*. V 1-2. Coimbra. Universidade de Coimbra, 1984.

\_\_\_\_\_. *D. Isabel de Aragão: Rainha de Portugal*. Ilustrações de Marques Abreu. Porto. In-4º de 48 II. Págs. B. Gravuras, 1930.

### **Referências virtuais/eletrônicas**

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Arag%C3%A3o>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio\\_da\\_Aljafer%CA](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio_da_Aljafer%CA)

[http://www.cm-estremoz.pt/ad\\_conteudos//anexos/fls6\\_240211112356.pdf](http://www.cm-estremoz.pt/ad_conteudos//anexos/fls6_240211112356.pdf)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel\\_de\\_Arag%C3%A3o,\\_Rainha\\_de\\_Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel_de_Arag%C3%A3o,_Rainha_de_Portugal)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sarago%C3%A7a>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Barcelona>  
<http://www.aaio.pt/public/ioand206.htm>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Villanueva\\_de\\_Sigena](http://pt.wikipedia.org/wiki/Villanueva_de_Sigena)  
[http://es.wikipedia.org/wiki/Monasterio\\_de\\_Santa\\_Mar%C3%ADa\\_de\\_Sigena](http://es.wikipedia.org/wiki/Monasterio_de_Santa_Mar%C3%ADa_de_Sigena)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93bidos\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93bidos_(Portugal))  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_%C3%93bidos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_%C3%93bidos)  
<http://www.igogo.pt/igreja-de-santa-maria-do-castelo-4/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Abrantes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Abrantes)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto\\_de\\_M%C3%B3s](http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_de_M%C3%B3s)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Arruda\\_dos\\_Vinhos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arruda_dos_Vinhos)  
<http://www.cm-arruda.pt/>  
<https://arrudadosvinhos.wordpress.com/2012/11/12/casa-das-rainhas-rainha-isabel-de-aragao/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Vila\\_Vi%C3%A7osa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Vila_Vi%C3%A7osa)  
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69862/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Monforte\\_%28Chaves%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Monforte_%28Chaves%29)  
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Our%C3%A9m](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Our%C3%A9m)  
[http://www.ribatejo.com/ecos/ourem/orroteiro\\_1.html](http://www.ribatejo.com/ecos/ourem/orroteiro_1.html)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Santa\\_Maria\\_da\\_Feira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Santa_Maria_da_Feira)  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1040](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1040)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Gaia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Gaia)  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5364](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5364)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Lanhoso](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Lanhoso)  
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70593/>  
[http://alfarrabio.di.uminho.pt/lindoso/ponte\\_da\\_barca.htm](http://alfarrabio.di.uminho.pt/lindoso/ponte_da_barca.htm)  
<http://alfarrabio.di.uminho.pt/lindoso/castelo.htm>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Santo\\_Est%C3%A1v%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Santo_Est%C3%A1v%C3%A3o)  
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71121/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Portel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Portel)

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71148/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Montalegre](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Montalegre)  
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70167/>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sintra>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_dos\\_Mouros\\_\(Sintra\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_dos_Mouros_(Sintra))  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres\\_Novas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres_Novas)  
<http://www.oribatejo.pt/2013/06/26/feira-medieval-de-torres-novas-viaja-por-terras-da-rainha-santa/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel\\_de\\_Arag%C3%A3o,\\_Rainha\\_de\\_Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel_de_Arag%C3%A3o,_Rainha_de_Portugal)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gondomar>  
<http://www.cm-gondomar.pt/pages/34/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel\\_de\\_Arag%C3%A3o,\\_Rainha\\_de\\_Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel_de_Arag%C3%A3o,_Rainha_de_Portugal)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rebord%C3%B5es>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel\\_de\\_Arag%C3%A3o,\\_Rainha\\_de\\_Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel_de_Arag%C3%A3o,_Rainha_de_Portugal)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Atouguia\\_da\\_Baleia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Atouguia_da_Baleia)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Atouguia\\_da\\_Baleia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Atouguia_da_Baleia)  
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70851/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Reino\\_de\\_Castela](http://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_Castela)  
[http://www.rainhasantaisabel.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=123&Itemid=115](http://www.rainhasantaisabel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=123&Itemid=115)  
<http://www.douro-turismo.pt/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio\\_Douro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Douro)  
<http://pesquisa.adporto.pt/details?id=480176>  
<http://www.cm-mdouro.pt/concelho/historia/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tr%C3%AAs-os-Montes\\_e\\_Alto\\_Douro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tr%C3%AAs-os-Montes_e_Alto_Douro)  
<http://rotasdeportugal.pt/tras-os-montes-alto-douro.htm>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ebro>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Teruel>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Daroca>  
<http://www.douro-turismo.pt/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Bragan%C3%A7a\\_%28Portugal%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bragan%C3%A7a_%28Portugal%29)



<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1379959>  
<http://www.cm-vilafior.pt/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila\\_Flor](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Flor)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Beira\\_%28Portugal%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Beira_%28Portugal%29)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Vide](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Vide)  
<http://www.cm-castelo-vid.pt/pt/castelo-de-vid-informacao/boletim>  
<http://www.cm-portalegre.pt/pt/>  
<http://www.cm-portalegre.pt/pt/concelho/um-pouco-de-historia>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Portalegre](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Portalegre)  
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70706/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Vide\\_%28Seia%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vide_%28Seia%29)  
<http://wikimapia.org/4422704/pt/P%C3%B3voa-da-Rainha>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3voa\\_da\\_Rainha](http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3voa_da_Rainha)  
<http://www.rotaterrafría.com/pages/199>  
[http://www.cm-braganca.pt/uploads/writer\\_file/document/1271/Carateriza\\_o.pdf](http://www.cm-braganca.pt/uploads/writer_file/document/1271/Carateriza_o.pdf)  
<http://5l-henrique.blogspot.pt/2010/12/quintanilha-terra-de-contrabando-e-de.html>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Trancoso>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Capela\\_de\\_S%C3%A3o\\_Bartolomeu\\_%28Trancoso%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Capela_de_S%C3%A3o_Bartolomeu_%28Trancoso%29)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Guarda>  
<http://www.mun-guarda.pt/Portal/default.aspx>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Viseu>  
<https://www.facebook.com/municipioviseu>  
<http://www.cm-viseu.pt/index.php/conhecer-viseu/historico/historia>  
<http://www.cm-santacombadao.pt/template/menu-types/apresentacao-do-concelho.html>  
<http://aldeiasdoxisto.pt/aldeia/vila-cova-de-alva>  
<http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-a-17011>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Reigoso\\_%28Oliveira\\_de\\_Frades%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Reigoso_%28Oliveira_de_Frades%29)  
<http://www.cm-montalegre.pt/showFreg.php?Id=25>  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2807](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2807)  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2678](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2678)  
<http://www.rainhasantaisabel.org/>  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4234](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4234)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Convento\\_de\\_Santos-o-Novo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Convento_de_Santos-o-Novo)

<http://geneall.net/pt/forum/160774/mosteiro-de-santos-comendadeiras-de-santiago-comendadeiras-de-santos/>

<http://www.cm-lisboa.pt/visitar/cidade>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisboa>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Azambuja>

[http://www.cm-azambuja.pt/index.php?option=com\\_k2&view=item&layout=item&id=173&Itemid=428](http://www.cm-azambuja.pt/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=173&Itemid=428)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Sabugo\\_%28Almargem\\_do\\_Bispo%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sabugo_%28Almargem_do_Bispo%29)

<http://www.cm-santarem.pt/Paginas/Default.aspx>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Santar%C3%A9m\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Santar%C3%A9m_(Portugal))

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja\\_de\\_Santa\\_Maria\\_da\\_Alc%C3%A1%C3%A7ova\\_\(Santar%C3%A9m\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_Santa_Maria_da_Alc%C3%A1%C3%A7ova_(Santar%C3%A9m))

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Convento\\_de\\_Santa\\_Clara\\_\(Santar%C3%A9m\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Convento_de_Santa_Clara_(Santar%C3%A9m))

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Elvas>

<http://whc.unesco.org/en/list/1367>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Frielas>

<http://app.cm-loures.pt/DAE/filecontrol/GaleriaMultimedia/Documento/Frielas.pdf>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pinhel>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Pinhel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Pinhel)

<https://www.facebook.com/cmpinhel>

<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4186059>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcanizes>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado\\_de\\_Alcanizes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Alcanizes)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres\\_Vedras](http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres_Vedras)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Torres\\_Vedras](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Torres_Vedras)

<http://www.historiadeportugal.info/castelo-de-torres-vedras/>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Salvaterra\\_de\\_Magos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Salvaterra_de_Magos)

<https://www.facebook.com/places/O-que-fazer-em-Salvaterra-de-Magos/110428578985288/>

<http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-salvaterra-de-magos-14760>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Badajoz>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado\\_de\\_Badajoz\\_%281267%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Badajoz_%281267%29)

<http://www.apoioescolaronline.net/noticias/tratado-de-badajoz-16-de-fevereiro-de-1267-2>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Beja>

<http://www.cm-beja.pt/viewturismo.do2?numero=1245>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Sabugo\\_%28Almargem\\_do\\_Bispo%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sabugo_%28Almargem_do_Bispo%29)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Alenquer\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alenquer_(Portugal))

<http://carlosnogueira.tripod.com/id22.html>

[http://www.portugal-linha.pt/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=256](http://www.portugal-linha.pt/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=256)

<http://www.radioalenquer.pt/?p=1934>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tomar>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Moita>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfeizer%C3%A3o>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcoba%C3%A7a\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcoba%C3%A7a_(Portugal))

<http://www.mosteiroalcobaca.pt/pt/index.php?s=white&pid=188>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Leiria>

<http://www.cm-leiria.pt/pages/120>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Gouveia\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gouveia_(Portugal))

<http://www.cm-gouveia.pt/visitargouveia/Paginas/default.aspx>

<http://www.descubra-ansiao.com/cultura-e-historia/patrimonio-civil/29/painel-de-azulejo-da-rainha-santa>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ansi%C3%A3o>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sangalhos>

<http://www.freguesiadesangalhos.eu/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cartaxo>

<http://www.aaaio.pt/public/ioand206.htm>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Almoster\\_%28Santar%C3%A9m%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Almoster_%28Santar%C3%A9m%29)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pataias>

<http://www.aaaio.pt/public/ioand206.htm>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Almoster\\_%28Santar%C3%A9m%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Almoster_%28Santar%C3%A9m%29)

<http://www.cm-santarem.pt/concelho/juntasdefreguesia/Paginas/Almoster.aspx>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Pinhal\\_de\\_Leiria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pinhal_de_Leiria)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Amor\\_\(Leiria\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Amor_(Leiria))

<http://lendasdeportugal.no.sapo.pt/distritos/leiria.htm>

<http://lendasdeportugal.no.sapo.pt/distritos/leiria.htm>

<http://www.memoriaportuguesa.com/segodim>  
<http://www.roadonmap.com/pt/como-chegar-a%20/Segodim,leiria>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lumiar>  
<https://musgueirasul.wordpress.com/2013/03/25/o-bairro-e-a-freguesia-do-lumiar/>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Zamora>  
<http://historia-portugal.blogspot.pt/2013/11/a-dinastia-de-borgonha-1139-1385.html>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fuenteguinaldo>  
<http://noticiasdosforcalhos.blogspot.pt/2005/09/42-lendas-rainha-santa-nos-forcalhos.html>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfaiates>  
<http://www.asbeiras.pt/2011/02/o-culto-a-rainha-santa-isabel-em-alfaiates/>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B3ria>  
<http://es.wikipedia.org/wiki/Tarazona>  
<http://es.wikipedia.org/wiki/%C3%81greda>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcoba%C3%A7a\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcoba%C3%A7a_(Portugal))  
<http://www.mosteiroalcobaca.pt/pt/index.php?s=white&pid=188>  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4719](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4719)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Azueira>  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2518](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2518)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja\\_de\\_Chelas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_Chelas)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro\\_de\\_Arouca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro_de_Arouca)  
[http://www.geoparquearouca.com/?p=museus&sp=arte\\_sacra](http://www.geoparquearouca.com/?p=museus&sp=arte_sacra)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila\\_do\\_Conde](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_do_Conde)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Convento\\_de\\_Santa\\_Clara\\_\(Vila\\_do\\_Conde\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Convento_de_Santa_Clara_(Vila_do_Conde))  
[http://www.cm-viladoconde.pt/PageGen.aspx?WMCM\\_PaginaId=41066](http://www.cm-viladoconde.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=41066)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81gueda>  
<http://www.igogo.pt/capela-da-rainha-santa-capela-de-vale-grande/>  
<http://www.mafra.net/freguesias/encarnacao.php>  
<http://www.cm-mafra.pt/Turismo1/Concelho1/freguesias1/encarnacao1/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Alvalade\\_\(Lisboa\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alvalade_(Lisboa))  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha\\_de\\_Alvalade](http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Alvalade)  
<http://www.aaaio.pt/public/ioand206.htm>  
<http://www.lisboapatrimoniocultural.pt/artepublica/placasevocativas/pecas/Paginas/Rainha-Santa-Isabel.aspx>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Dornes>  
<http://www.zezerepedia.com/pagina-inicial/wiki/igreja-matriz-de-nossa-senhora-do-pranto>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Guimar%C3%A3es>  
<http://www.portugal-live.net/P/places/guimaraes.html>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Odivelas>  
<http://www.aaaio.pt/public/ioand206.htm>  
<http://sidneipereiraoliveira.blogspot.pt/p/historias-de-odivelas.html>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro\\_de\\_S%C3%A3o\\_Dinis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro_de_S%C3%A3o_Dinis)  
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70250/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Arrifana\\_\(Santa\\_Maria\\_da\\_Feira\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arrifana_(Santa_Maria_da_Feira))  
[http://www.ccdr-n.pt/sites/default/files/ficheiros\\_ccdrn/institucional/mapa\\_norte.jpg](http://www.ccdr-n.pt/sites/default/files/ficheiros_ccdrn/institucional/mapa_norte.jpg)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto>  
<http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/default.aspx>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio\\_Minho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Minho)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gal%C3%A9cia>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Fragoso\\_%28Barcelos%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Fragoso_%28Barcelos%29)  
<http://j2.web.simplesnet.pt/staisabel.htm>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Valen%C3%A7a\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Valen%C3%A7a_(Portugal))  
<Http://www.dobrarfronteiras.com/guia-caminho-portugues-santiago/www.dobrarfronteiras.com>  
[http://www.cm-valenca.pt/portal/page/valenca/portal\\_municipal](http://www.cm-valenca.pt/portal/page/valenca/portal_municipal)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Valen%C3%A7a\\_%28Portugal%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Valen%C3%A7a_%28Portugal%29)  
[http://www.dobrarfronteiras.com/guia-caminho-portugues-santiago/www.dobrarfronteiras.com\).](http://www.dobrarfronteiras.com/guia-caminho-portugues-santiago/www.dobrarfronteiras.com)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Barcelos>  
<http://www.cm-barcelos.pt/>  
<http://www.abadedeneiva.maisbarcelos.pt/?vpath=/inicio/historia/>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rates>  
<http://www.dobrarfronteiras.com/albergue-peregrinos-rates-caminho-portugues-santiago/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Pombal\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pombal_(Portugal))  
<http://www.cm-pombal.pt/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pont%C3%A9vel>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Miranda\\_do\\_Douro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Miranda_do_Douro)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sabugal>  
<http://www.antigaportugueza.pt/RainhaSantaIsabel>  
<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4076.pdf>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jerez\\_de\\_los\\_Caballeros](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jerez_de_los_Caballeros)  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Paredes>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Leiria>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Leiria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Leiria)  
<http://lendasdeportugal.no.sapo.pt/distritos/leiria.htm>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Estremoz>  
<http://www.cm-estremoz.pt/index.php?it=243&lang=1>  
<http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-capela-da-rainha-santa-isabel-20425>  
<https://katiaesteves.wordpress.com/caminho-portugues-ou-via-lusitana/>  
[http://www.rabacal.net/attachments/061\\_brochura\\_caminhos\\_santiago.pdf](http://www.rabacal.net/attachments/061_brochura_caminhos_santiago.pdf)  
<http://www.lendarium.org/biblio/lendas-de-portugal/>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio\\_Tejo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Tejo)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Amieira\\_do\\_Tejo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Amieira_do_Tejo)  
<http://cathedral.lnec.pt/publicacoes/a4.pdf>

SILVA, André. UC. História e Geografia de Portugal II. Geografia de Portugal - Características Geomorfológicas do Território: Unidades Geomorfológicas Regionais. Geografia de Portugal 2 IPS-ESE ME12C Síntese do relevo português: site: [http://www.geografia7.com/uploads/3/1/4/8/3148044/geomorfologia\\_de\\_portugal.pdf](http://www.geografia7.com/uploads/3/1/4/8/3148044/geomorfologia_de_portugal.pdf).